

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

MARCELLA FURTADO RODRIGUES

**Poder e resistência em telerreportagens da Globo Minas
(1973 - 1980) presentes no acervo do MIS BH**

São Paulo
2021

MARCELLA FURTADO RODRIGUES

**Poder e resistência em telerreportagens da Globo Minas
(1973 - 1980) presentes no acervo do MIS BH**

Versão original

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Linha de pesquisa “História, Teoria e Crítica”, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do Título de Doutora em Meios e Processos Audiovisuais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Victorio Morettin

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Rodrigues, Marcella Furtado

Poder e resistência em telerreportagens da Globo Minas (1973 - 1980) presentes no acervo do MIS BH / Marcella Furtado Rodrigues; orientador, Eduardo Victorio Morettin. - São Paulo, 2021.
335 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão original

1. Arquivo. 2. Telejornalismo. 3. Globo. 4. Ditadura. 5. Belo Horizonte. I. Morettin, Eduardo Victorio. II. Título.

791.45

CDD 21.ed. -

Nome: RODRIGUES, Marcella Furtado

Título: Poder e resistência em telerreportagens da Globo Minas (1973 - 1980) presentes no acervo do MIS BH

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Linha de pesquisa “História, Teoria e Crítica”, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do Título de Doutora em Meios e Processos Audiovisuais.

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr.	Eduardo Victorio Morettin
Instituição:	ECA/USP
Julgamento:	_____
Profa. Dra.	Rosana de Lima Soares
Instituição:	ECA/USP
Julgamento:	_____
Prof. Dr.	Marcos Francisco Napolitano de
Instituição:	EugênioFFLCH/USP
Julgamento	_____
Profa. Dra.	Luciana Quillet Heymann
Instituição:	Fiocruz
Julgamento:	_____
Prof. Dr.	Rodrigo Patto Sá Motta
Instituição:	FAFICH/UFMG
Julgamento:	_____

Agradecimentos

A Deus por me dar forças e me amparar especialmente nos momentos mais desafiadores desta caminhada pelo doutorado.

Ao meu orientador Eduardo Victorio Morettin, por acreditar na minha pesquisa e me acolher como sua orientanda. Por todas as sugestões, correções e indicações que me fez ao longo de todos estes anos. Agradeço por ser tão cuidadoso com meu texto. Obrigada por me desafiar e me instigar a fazer melhor.

À USP e ao PPGMPA, pela acolhida e por me darem a oportunidade de desenvolver esta pesquisa. A todos os professores e funcionários da ECA e do PPGMPA que contribuíram com a minha trajetória aqui.

A todos os colegas orientandos do Morettin com quem convivi durante estes anos e também aos colegas do grupo de pesquisa “História e Audiovisual: circularidades e formas de comunicação”. As leituras e contribuições de cada um de vocês foram muito importantes para o amadurecimento do texto da tese. Um agradecimento especial ao Rodrigo Archangelo, pelas leituras atentas e sugestões sempre preciosas.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, professores Marcos Napolitano e Eugênio Bucci, pelas contribuições essenciais para que eu fizesse os ajustes e rearranjos necessários ao aprimoramento desta pesquisa.

Ao Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte, pelo apoio a este trabalho e por me permitir ficar tão próxima deste acervo. Agradeço a todos os colegas do MIS BH (em especial Darlene, Isabel, Moacir, Siomara e Soraia) pelo apoio e contribuições tão importantes. Pollyanna e Raquel, muito obrigada pela ajuda na exploração deste acervo.

Agradeço a todos que gentilmente me concederam entrevistas durante a realização deste trabalho: Vilma Fazito, Claudio Ramos, Eduardo Simbalista, Magda Neves, Betinho Duarte, Samira Zaidan, Eduardo da Motta e Albuquerque e Eduardo Palhares.

Aos meus tios Fernanda (*in memoriam*) e João, que tenho como grandes referências de ensino e pesquisa, e que sempre apoiaram minhas aventuras acadêmicas.

A todos os familiares e amigos que estiveram na torcida por mim.

Ao meu pai (*in memoriam*) que tinha tanto orgulho de dizer que a filha fazia doutorado na USP. A pandemia o tirou de nós em fevereiro de 2021, pouco antes que eu pudesse concluir esta jornada. De onde você estiver papai, espero que esteja orgulhoso de mim!

À minha mãe, pela base que sempre me deu e que me permitiu chegar até aqui. Por tudo que fez e faz por mim. Por se preocupar e entender todo o tempo que eu precisei me dedicar. Por seu amor incondicional.

À minha querida Simone, que deu apoio de todas as formas possíveis para que eu ingressasse, permanecesse e concluísse o doutorado. Você esteve ao meu lado em todos os desafios que apareceram ao longo destes anos. E foram muitos. Se não fosse por você eu simplesmente não estaria aqui. A minha gratidão é muito maior do que eu consigo colocar nestas linhas. Nunca vou esquecer. Com todo meu amor: muito muito obrigada!

Resumo

A proposta da tese de doutorado "Poder e resistência em telerreportagens da Globo Minas (1973 - 1980) presentes no acervo do MIS BH" foi analisar a representação de eventos relacionados ao período militar a partir de reportagens televisivas realizadas pela Rede Globo Minas na capital do estado entre 1973 e 1980, material que se encontra sob a guarda do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte (MIS BH). A análise buscou mostrar nuances da cobertura feita pela emissora global, indicando registros que foram escolhidos e detalhes que foram silenciados na edição final das reportagens exibidas pela TV e que trazem indícios da postura editorial da Globo Minas diante dos eventos de apoio e contestação às ações do regime militar em Belo Horizonte. Nossa hipótese era de que na cobertura dos ritos oficiais a emissora fomentava uma 'unanimidade imaginária' do governo militar na capital mineira, enquanto ao registrar as atividades de resistência ao regime, assumia uma postura conciliadora, atenuando ou omitindo da edição final das telerreportagens elementos que indicavam a ação repressiva do governo frente aos movimentos retratados. Analisando o conteúdo integral dos rolos de película, que é todo o material produzido durante o trabalho de rua, percebeu-se muitas vezes que as equipes de reportagem buscavam cobrir as várias nuances dos acontecimentos retratados, inclusive aquelas que revelavam as fragilidades do regime. No entanto, quando este material chegava até os editores, estes (na grande maioria das vezes) atuavam defendendo os interesses da empresa jornalística acima do interesse público: os registros feitos pelas equipes de reportagem eram 'formatados' de modo a diminuir as tensões entre o regime e aqueles que lhe faziam oposição. Após a verificação do conjunto de imagens de cada rolo, perceber o que foi selecionado e o que foi preterido pela edição nos forneceu um importante indício do que os responsáveis pelo jornalismo da Globo Minas queriam mostrar e o que eles escolheram ocultar. A narrativa construída nas telerreportagens da Rede Globo Minas analisadas ao longo desta pesquisa confirma uma posição de alinhamento da emissora com os governos do período militar e a fuga do embate direto com o regime. São escolhas editoriais como essas que revelam a posição assumida pela Rede Globo durante a ditadura militar, ora em apoio ao regime, ora 'neutra'. Forjando uma posição imparcial, com uma pretensa produção 'isenta' da notícia, acabaram por contribuir com a naturalização do estado de exceção.

Palavras-chave: Arquivo. Telejornalismo. Globo. Ditadura. Belo Horizonte.

Abstract

The proposal of the thesis "Power and resistance in Globo Minas telereports (1973 - 1980) present in the MIS BH collection" was to analyze the representation of events related to the military period based on television reports carried out by Rede Globo Minas in the capital of state between 1973 and 1980, material that is under the custody of the Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte (MIS BH). The analysis sought to show nuances of the coverage made by the Global broadcaster, indicating records that were chosen and details that were silenced in the final edition of the reports shown on TV and that bring evidence of Globo Minas' editorial posture in the face of events supporting and contesting the actions of the military regime in Belo Horizonte. Our hypothesis was that in the coverage of official rites, the station fostered an 'imaginary unanimity' of the military government in the capital of Minas Gerais, while recording the activities of resistance to the regime, it assumed a conciliatory posture, attenuating or omitting from the final edition of the telereports elements that indicated the government's repressive action against the movements portrayed. Analyzing the full content of the film reels, which is all the material produced during the street work, it was often noticed that the reporting teams sought to cover the various nuances of the events portrayed, including those that revealed the regime's weaknesses. However, when this material reached the editors, they (most of the time) acted defending the interests of the journalistic company above the public interest: the records made by the reporting teams were 'formatted' in order to reduce the tensions between the regime and those who opposed it. After checking the set of images of each roll, realizing what was selected and what was left out by the edition provided us with an important indication of what those responsible for journalism at Globo Minas wanted to show and what they chose to hide. The narrative constructed in Rede Globo Minas telereports analyzed throughout this research confirms the station's position of alignment with the governments of the military period and the avoidance of direct confrontation with the regime. Editorial choices like these reveal the position taken by Rede Globo during the military dictatorship, sometimes in support of the regime, sometimes 'neutral'. Pretending an impartial position, with a supposedly 'exempt' production of the news, they ended up contributing to the naturalization of the state of exception.

Keywords: Archive. Television journalism. Globo. Dictatorship. Belo Horizonte.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1. Os rituais do poder na capital mineira	37
1.1. Os aniversários da 'Revolução'	38
1.2. Os presidentes militares em Belo Horizonte	48
1.2.1. Reportagens Não Editadas sobre a visita de Geisel a BH em maio de 1977.	76
1.2.2. Registros do candidato e presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo.	109
Capítulo 2. Movimentos pela Anistia em Belo Horizonte: Ações e Reações	128
2.1. O Movimento Feminino pela Anistia e o Comitê Brasileiro pela Anistia em Minas Gerais	129
2.2. Os movimentos pela Anistia nas reportagens da Rede Globo Minas	132
2.3. A imprensa alternativa na TV Globo Minas	199
Capítulo 3. O movimento estudantil e o autoritarismo do regime militar pela ótica da Globo Minas	231
3.1. Ameaças e ataques sofridos pelo movimento estudantil	236
3.2. Prisões arbitrárias de estudantes	253
3.3. O movimento estudantil secundarista em ação	280
Considerações finais	305
Referências	311
ANEXO A - Filmes do Fundo Globo Minas utilizados na pesquisa	331
ANEXO B - Entrevistas realizadas durante o desenvolvimento da tese	334
ANEXO C - Informações localizadas na base digital de fichas Globo sobre telerreportagens com o tema 'aniversário da revolução'	335

Introdução

A proposta da tese de doutorado "Poder e resistência em telerreportagens da Globo Minas (1973 - 1980) presentes no acervo do MIS BH" foi a de analisar a representação de eventos relacionados ao período militar a partir de reportagens televisivas realizadas pela Rede Globo Minas na capital do estado entre 1973 e 1980, material que se encontra sob a guarda¹ do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte (MIS BH).

Nosso recorte espacial se deve ao fato de BH ser a capital de Minas Gerais e o centro político da região. O recorte temporal definido justifica-se pela disponibilidade de materiais relacionados a cada um dos três temas escolhidos para esta pesquisa, detalhados mais à frente.

A análise buscará mostrar nuances da cobertura feita pela emissora global, indicando registros que foram escolhidos e detalhes que foram silenciados na edição final das reportagens exibidas pela TV e que trazem indícios da postura editorial da Globo Minas diante dos eventos de apoio e contestação às ações do regime militar em Belo Horizonte. Nossa hipótese é de que na cobertura dos ritos oficiais a emissora fomentou uma 'unanimidade imaginária' do governo militar na capital mineira, enquanto ao registrar as atividades de resistência ao regime, assumiu uma postura conciliadora, atenuando ou omitindo da edição final das reportagens elementos que indicavam a ação repressiva do governo frente aos movimentos retratados.

O MIS BH, fundado em 1995 como Centro de Referência Audiovisual (CRAV), é um órgão ligado à Fundação Municipal de Cultura, da Prefeitura de Belo Horizonte. O Museu faz um trabalho contínuo de identificação e tratamento físico das películas cinematográficas que fazem parte do Fundo Globo, como foi nomeado na instituição o conjunto de reportagens produzidas pela TV Globo Minas de 1968 a 1983.

Este trabalho possui em seu escopo telerreportagens que, em sua maioria, estão identificadas pelo título, data de produção e a sigla do telejornal no qual teriam sido veiculadas. Todas as reportagens do Fundo Globo encontram-se em rolos de película em 16mm. Por este motivo, ao longo da pesquisa nos referiremos a elas também pelos

¹ Há um termo de doação do acervo Globo para o Centro de Referência Audiovisual (CRAV), antigo nome do MIS BH, datado de 07 de junho de 2002. O documento foi assinado por um representante da TV Globo Minas e pelo então coordenador do CRAV. No entanto, o trâmite de doação do acervo para a Prefeitura de Belo Horizonte (que envolve uma extensa documentação complementar) nunca foi concluído. As reportagens da Globo Minas estão disponíveis para consulta local na sede do MIS BH.

nomes 'matéria', 'rolo', 'filme', 'registro audiovisual', 'película' e 'fita'². A maior parte dos filmes³ do Fundo Globo ainda não passou por revisão física e apenas uma parcela deles foi assistida desde que o acervo chegou à instituição em 2002. Pelas condições das películas e ressecamento das fitas durex que fazem suas emendas, o conjunto geral dos rolos provavelmente só foi visionado à época da gravação e exibição das reportagens. Desta forma, são filmes que em sua maioria ainda não tiveram seu conteúdo acessado no século XXI.

Analisar estes arquivos audiovisuais nos dá a possibilidade de conhecer eventos diversos relacionados ao período da ditadura militar, perceber como estes acontecimentos foram registrados pelas equipes de reportagem e de que forma estes registros foram preparados para serem exibidos na TV e, ao mesmo tempo, notar eventuais tensões neste trabalho de reportagem televisiva. A tese é uma oportunidade de socializar estes filmes que, embora estejam disponíveis para acesso público, ainda foram pouco explorados pela instituição que detém sua guarda e conseqüentemente por outros pesquisadores interessados no tema. Sou servidora efetiva no MIS BH desde 2010 e não tenho conhecimento de pesquisas acadêmicas que tenham feito uso deste acervo para análise da construção narrativa audiovisual⁴. São registros singulares que a partir da divulgação desta pesquisa terão maior possibilidade de apropriação pública.

A proposta é tirar os filmes de mais de 40 anos de silêncio. Ver, ouvir e perceber o que ficou por tanto tempo adormecido nos arquivos. Conforme reflete Anita Leandro no texto "Montagem e História. Uma arqueologia das imagens da repressão", neste processo é importante perceber que "o arquivo mobiliza não tanto a linguagem ou as ideias, que, segundo Foucault, dissolvem os acontecimentos, mas os ouvidos, a

² Em entrevista para o projeto "100 anos de cinema 100 anos de BH" (realizado pelo CRAV em 1995), o projetorista, cineasta, produtor e colecionador mineiro Armando Sábato utiliza a todo momento a palavra 'fita' para se referir ao filme em película, nomenclatura que também adotaremos nesta pesquisa.

³ O Fundo Globo no MIS BH é composto pelos seguintes itens: filmes com identificação: 29.363; filmes sem identificação: 8.370; total: 37.733; fichas catalográficas com título, data e sinopse: 57.675.

⁴ Em 2012 o então graduando Ramon Vieira Santos pesquisou parte do acervo do CRAV (inclusive alguns rolos do Fundo Globo) para seu trabalho de conclusão de curso na graduação em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pela Escola de Belas Artes/Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Minas Gerais. Intitulada "Conservação Preventiva e Acervo Fílmico: um olhar ao acervo do Centro de Referência Audiovisual", a pesquisa era voltada para a materialidade do rolo de película, não para o sentido do filme. Em 2018, a pesquisadora Renata Cristina Silva (ex estagiária do CRAV/MIS BH) pesquisou o conteúdo de algumas reportagens do Fundo Globo para obter informações sobre as mobilizações populares que se deram entre 1975 e 1979 na cidade de Contagem (MG) em protesto pela poluição provocada pela Companhia Cimento Portland Itaú. Na pesquisa foram utilizadas telerreportagens Globo, entre outras fontes como jornais impressos e revistas. A dissertação "POLUIÇÃO DO AR E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS / O caso da fábrica Itaú – Contagem – Minas Gerais (1975-88)" foi defendida junto ao Programa de Pós-graduação em História da UFMG.

capacidade de escuta de um murmúrio inaudível, arquivado com o documento e que o projeta no futuro" (2015, p. 5). Entender o contexto em que essas imagens foram produzidas e ressignificá-las no presente é um dos desafios propostos a esta pesquisa. Leandro também comenta a natureza desses registros do passado: "os arquivos não trazem de volta o passado em estado bruto, mas suas ruínas. O que faz com que eles testemunhem sobre a presença dos homens no tempo são as coisas ditas e caladas, os enunciados que o documento revela (...)". Nesse sentido, ao analisar os filmes, é fundamental observar para além do que está em quadro, do que pode ser visto e ouvido. Precisamos observar os silêncios, as ausências, os enquadramentos interrompidos e também o que é visto de relance. Perceber como o objeto da filmagem se relaciona com seu entorno e com os realizadores do registro, tanto os repórteres quanto os câmeras. Identificar também a produção de sentido que orientava a edição das reportagens, selecionando a partir do material bruto o que seria levado ao público e o que seria ocultado. São movimentos muitas vezes singelos que demandaram um olhar aguçado para recuperar suas lacunas e os "fragmentos de uma história ainda a ser escrita" (LEANDRO, 2016, p. 108). Nossa proposta, portanto, é perceber as lacunas deixadas (não necessariamente preenchê-las) e mostrar a potência narrativa desses registros.

Outra característica própria das imagens em movimento que pretendemos aproveitar nas análises desenvolvidas por esta pesquisa é a observação de detalhes que poderiam passar despercebidos em um relato escrito, mas que no audiovisual ganham força e criam outras possibilidades de interpretação para os eventos registrados. Sobre esta característica peculiar dos materiais fílmicos, no texto "O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro", Eduardo Morettin ressalta como a obra do historiador francês reflete sobre aspectos relevantes que podem ser observados em documentos audiovisuais, "como risos, gestos e gritos, sempre considerados "produtos de um discurso tido como fútil e subalterno, [que] escapavam do olhar do historiador, por razões tanto sociológicas e ideológicas como técnicas"" (2007, p. 47).

A pesquisa neste acervo ajudará a tornar públicos imagens e sons arquivados assim que foram produzidos, visto que as reportagens que iam efetivamente ao ar tinham duração média entre 50 segundos e 1 minuto (em casos especiais, 2 a 3 minutos), enquanto alguns registros encontrados entre os rolos do Fundo Globo no MIS BH chegam a 10 minutos. Em consulta verbal⁵ junto ao setor de Acervo da TV Globo

⁵ Informação verbal passada por Fabianne Maia, então supervisora executiva de Acervo da TV Globo Minas, em 13 de fevereiro de 2019.

Minas, recebemos a informação de que eles não possuem cópias dos rolos que estão depositados no MIS BH e também não têm as reportagens finalizadas dos filmes que integram o Fundo Globo, nem mesmo os scripts⁶ que apresentaram essas matérias quando de sua exibição na TV.

As características do Fundo Globo no Museu da Imagem e do Som de BH

Acreditamos ser importante historiar e apresentar as características do Fundo Globo no MIS BH a fim de que o leitor avalie, por um lado, as condições em que esta pesquisa foi realizada e, por outro, tenha informações sobre a natureza e características deste acervo.

O Fundo Globo Minas é composto por reportagens em película feitas entre 1968 e 1983 e pelas fichas catalográficas a elas relacionadas, como já dissemos. A TV Globo Minas foi inaugurada em 1968 como uma sucursal da Rede Globo. Naquele momento, embora a tecnologia do videoteipe já existisse, as câmeras eram grandes e pesadas, e as reportagens de rua demandavam agilidade. Por este motivo, as matérias eram gravadas com câmeras de película, equipamentos mais leves e considerados ágeis à época. Inicialmente eram utilizadas câmeras dos modelos Bell & Howell e Bolex, que no entanto não gravavam som. Em seguida passaram a ser utilizadas câmeras Auricon, que gravavam som diretamente na película, primeiro pelo sistema óptico e posteriormente pelo sistema magnético. Por fim, foram utilizadas câmeras CP (Cinema Products), também com gravação de som magnético diretamente na película⁷. Em quase todos os filmes selecionados para esta pesquisa encontraremos som magnético, à exceção de um rolo de 1973 sobre a vinda do General Médici a Belo Horizonte.

Em entrevista concedida a mim, realizada no dia 05 de outubro de 2018, a jornalista Vilma Fazito⁸ recordou que na época das reportagens gravadas em película as

⁶ O script de um telejornal é uma lauda (eletrônica ou de papel) que traz informações como a data, o nome do telejornal, o editor responsável pela escrita daquele documento, o tema da matéria, o tempo de duração do VT e o texto a ser lido pelos apresentadores antes e depois da veiculação das reportagens dentro do telejornal. Ver ABREU.

⁷ Ver PROJETO MEMÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2004.

⁸ Entrevista realizada por Marcella Furtado em 05 de outubro de 2018. Vilma Fazito (Belo Horizonte/MG, 1951 -) foi repórter da TV Globo Minas de 1977 a 1986. Também foi chefe de produção do programa “A Voz do Brasil” em Brasília; subeditora de agropecuária do jornal **Estado de Minas**; chefe do Departamento de Comunicação do Banco do Estado de Minas Gerais; assessora-chefe de comunicação da Câmara Municipal de Belo Horizonte, da Secretaria de Estado da Agricultura do Estado de Minas Gerais, da Fundação Clóvis Salgado (Palácio das Artes) e diretora de promoção da Belotur. Desde 1999 coordena a agência Fazito Comunicação. Ver FAZITO.

equipes de rua eram compostas pelos seguintes profissionais: o(a) repórter, que normalmente chefiava a equipe, o cinegrafista, o auxiliar de cinegrafista e o motorista. As câmeras gravavam até 10 minutos de filme (equivalente a 120 metros de película). Depois que a equipe de reportagem voltava à redação, o filme era revelado em um laboratório dentro da própria emissora. O rolo seguia para a montagem na moviola, processo normalmente feito pelo montador com o acompanhamento do editor do jornal. Para exibição dos filmes era utilizado um equipamento chamado telecine, que projetava em positivo rolos que estivessem em negativo. A grande maioria dos filmes que compõem o Fundo Globo até 1980 são negativos em preto e branco⁹. Todos os filmes P&B analisados nesta pesquisa estavam originalmente em negativo. Como veremos ao longo dos capítulos, há algumas exceções de filmes coloridos antes de 1980. De 1980 a 1983, os filmes passam a ser positivos e coloridos¹⁰. Depois disso, com o advento de câmeras mais leves e ágeis, a Globo Minas adotou o videoteipe também para reportagens de rua. O acervo que se encontra no MIS BH compõe-se somente de reportagens em película.

Cada rolo arquivado no setor de *Arquivo e Pesquisa* da Globo Minas gerou uma ou mais fichas catalográficas (documentação não-fílmica - Imagem 01) com informações sobre ele, tais como título, sinopse, o número da caixa onde a reportagem ficaria guardada, data de filmagem e de exibição, tipo de som, metragem e tempo total. Algumas fichas trazem apenas parte destes dados. Elas eram preenchidas com base no script da matéria que foi ao ar e no relatório do repórter responsável, ou seja, os funcionários do *Arquivo e Pesquisa* não assistiam os rolos no momento em que estes estavam sendo arquivados. Por este motivo, alguns filmes trazem informações para além do que está descrito nas sinopses. Da mesma forma, algumas fichas contêm dados que não estão nos rolos. Não obstante, as sinopses constituem-se de leituras dos eventos registrados nas telerreportagens, leituras essas que necessariamente passam pelo olhar da TV Globo Minas sobre eles.

⁹ Em casos excepcionais são encontrados rolos positivos em preto e branco entre as reportagens produzidas até 1980.

¹⁰ O livro sobre o *Jornal Nacional* relata que a partir de 1973, as reportagens do JN passaram a ser produzidas regularmente com filme colorido o que indica, certamente, a importância do telejornal na grade da emissora. Ver PROJETO MEMÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2004, p.52.

Os funcionários do *Arquivo e Pesquisa* não assistiam os filmes, conforme nos foi relatado por Claudio Ramos¹¹, membro do setor de 1977 a 1996. A organização das mesmas se dava por um índice remissivo, razão pela qual às vezes um mesmo rolo possui mais de uma ficha. Por exemplo, uma reportagem sobre o Movimento Feminino pela Anistia com duas entrevistadas geraria pelo menos 3 fichas: uma com o nome do movimento, e outras duas remetendo ao nome de cada uma das entrevistadas.

Imagem 01 - Exemplo de ficha catalográfica utilizada para arquivamento das reportagens no setor *Arquivo e Pesquisa* da Globo Minas

PRONTO SOCORRO DOS DIREITOS HUMANANOS		CAIXA Nº
LANÇAMENTO		
		Data Filmagem
		19-05-79
SINOPSE : CENAS DO PESSOAL REUNIDO. ALBERTO DUARTE, PRES. DO COMITÊ BRAS. PELA ANISTIA EXPLICA COMO VAI FUNCIONAR O PRONTO-SOCORRO.		FILME Nº
		SON \$MAG NEG
		SCRIPT Nº
		JH
		TIPO
		EXIBIDO EM :
		NEG. :
		POS. :
		METR. :
		TEMP. :
		SOM
625.06 - 2.000 - 12/78		

FONTE: Acervo MIS BH.

Concomitante ao preenchimento das fichas, a equipe do *Arquivo e Pesquisa* identificava os rolos com o título, o jornal de veiculação, a data, a cromia (P&B ou cor) e o tipo de som escritos em uma pequena tira de papel que era grudada à ponta do filme por um durex (Imagens 02 e 03). Em alguns casos, com o passar dos anos, o durex que prendia os títulos aos rolos acabou se ressecando e soltou. Em consequência disso, diversos filmes perderam a identificação.

¹¹ Claudio Ramos (Buriti/MA, 12 de dezembro de 1946 -) graduou-se em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade pela UFMG em 1975. Trabalhou no setor de *Arquivo e Pesquisa* da TV Globo Minas de 1977 a 1996. Entrevistamos Claudio Ramos no dia 26 de fevereiro de 2019.

Imagem 02 - Exemplo de identificação do rolo de reportagem



Imagem 03 - Exemplo de rolo de reportagem do Fundo Globo



FONTE: produção da própria autora.

O conjunto de fichas catalográficas entregue pela Rede Globo Minas ao CRAV junto às películas traz a sinopse da maior parte das reportagens. É em função dos títulos e sinopses que podemos ter uma ideia do conteúdo mesmo antes do filme ser visionado. No entanto, é na projeção dos rolos que se revelam personagens, cenários e situações do cotidiano daquele período em Belo Horizonte, relatos e registros que até então só haviam sido identificados na imprensa escrita, como fomos descobrindo em nossas pesquisas em jornais da época.

É raro encontrar acervos televisivos disponibilizados para acesso público no Brasil. A maioria dos acervos que conseguiram sobreviver às ações do tempo e do homem estão guardados em instituições que não disponibilizam materiais para consultas externas. Algumas exceções são parte do acervo audiovisual remanescente da TV Tupi, que passou por processamento técnico e digitalização na Cinema Brasileira (São Paulo/SP) e no Arquivo Nacional (Rio de Janeiro/RJ). Em Belo Horizonte, até o momento da elaboração deste trabalho, a informação que temos é que o acervo audiovisual da TV Itacolomi¹² se perdeu quase integralmente, restando nos arquivos dos

¹² Também pertencente ao grupo Diários Associados, como as TVs Tupi do Rio e de São Paulo, a TV Itacolomi foi inaugurada em Belo Horizonte no dia 08 de novembro de 1955, onde funcionou até 18 de julho de 1980, quando teve seu transmissor lacrado, a exemplo do que ocorreu com a TV Tupi na mesma data.

Diários Associados 921 rolinhos de película¹³ com reportagens e comerciais veiculados pela emissora na década de 1970, mas que por ora não se encontram disponíveis para acesso.

Quanto aos arquivos da Rede Globo, temos conhecimento do trabalho feito pela Fundação Joaquim Nabuco (Recife/PE), que preserva parte do acervo jornalístico da TV Globo Nordeste com cerca de 40 mil reportagens em película de 16 mm. Tivemos acesso a um sucinto relatório de tratamento deste acervo que entre 2015 e 2016 foi todo higienizado, telecinado e acondicionado em novos estojos¹⁴. A natureza do material da TV Globo Nordeste é muito semelhante ao acervo da TV Globo Minas que hoje se encontra no MIS BH, ambos disponíveis para acesso público. À exceção dos casos citados, desconhecemos outros arquivos de TV que estejam abertos ao público para consulta e pesquisa.

Esta pesquisa joga luz sobre reportagens (em sua grande maioria) assistidas apenas no momento de sua exibição. Na intensidade do registro audiovisual, estes filmes revelam fatos marcantes, personagens de destaque e anônimos, e o clima que permeou aqueles anos na capital de Minas.

Antes de apresentarmos a metodologia do trabalho a ser desenvolvido ao longo desta pesquisa, detalharemos como chegamos ao conjunto de reportagens que serão analisadas nos próximos capítulos.

Quando ingressamos com o projeto no PPGMPA, nosso objetivo era “localizar e analisar cinejornais e reportagens televisivas realizadas entre o ano de 1964 e o ano de 1983 em Belo Horizonte e que façam referência a pessoas e/ou eventos relacionados ao período militar”. Ao longo da pesquisa verificamos que não seria possível prospectar o acervo na velocidade imaginada. O projeto original era relativamente amplo e, pouco tempo após nosso ingresso no PPGMPA, vimos que seria necessário definir um novo escopo. Inicialmente retiramos os cinejornais e posteriormente delimitamos um recorte temporal e temático para a análise proposta sobre o Fundo Globo.

Em 2013 fui designada para assumir as ações educativas do CRAV (atual MIS BH). Desde então não participo do trabalho de processamento de acervo, embora eu sempre tenha mantido contato com o setor, especialmente porque faço o atendimento das demandas de pesquisadores que procuram imagens na instituição. Muitos

¹³ Este material em película foi emprestado ao Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte para ser telecinado como ação de contrapartida pelo empréstimo de acervo feito pelos Diários Associados para a exposição "TV Itacolomi - A Pioneira de Minas", inaugurada pelo MIS BH em dezembro de 2018.

¹⁴ Estas ações foram realizadas pela Maristela Filmes com patrocínio da própria Rede Globo.

consulentes já fizeram pesquisas no MIS BH em busca de imagens canônicas sobre o período militar na capital mineira, especialmente cenas de protestos de rua em 1968 e ações da polícia contra manifestantes. Também buscaram imagens da luta pela anistia na cidade e as manifestações pelas Diretas Já (1984), ano este que não é contemplado pelo acervo Globo ou nenhum outro fundo existente no Museu. Como servidora do MIS BH, eu fiz o atendimento a esses consulentes. Mas o Museu não possuía (e ainda não possui) a organização dos filmes em conjuntos tão detalhados de temas, como por exemplo "filmes sobre o movimento estudantil" ou "filmes sobre o movimentos pela anistia". No entanto, a partir de palavras chave conseguimos chegar a alguns títulos para apresentar aos consulentes (filmes que foram incorporados inclusive a esta pesquisa). Na maioria das vezes os consulentes acabavam se frustrando porque buscavam imagens canônicas que não estavam ali. Além do mais, percebemos que entender o contexto daqueles registros era importante para potencializar o acervo. Decidimos então fazer uma pesquisa paralela e independente do trabalho realizado pela instituição, de modo que pudéssemos conhecer melhor os filmes produzidos no período. Como eu estava envolvida em outras atividades do MIS BH, vi no doutorado a possibilidade de me aproximar novamente do acervo, ainda que essa aproximação tivesse que se dar fora do meu horário de trabalho, como de fato ocorreu em todos esses anos de desenvolvimento da pesquisa. Uma parte do interesse reside, portanto, nesta esfera de atuação profissional, ligada ao melhor conhecimento e difusão do acervo da instituição onde trabalho desde 2010. Esperamos que esta pesquisa aponte caminhos teórico-metodológicos para o tratamento do Fundo Globo no MIS BH, embora no presente eu não veja a instituição com fôlego para qualquer aprofundamento no trabalho com este acervo, o que revela ainda maior necessidade de que pesquisadores externos investiguem essas telerreportagens.

Conforme inventário mais recente do acervo do MIS BH, no Fundo Globo há 37.733 (trinta e sete mil, setecentos e trinta e três) rolos de película. Destes, 4.958 filmes estão emendados em grandes rolões. Os rolões foram feitos pela equipe do CRAV que recebeu o acervo, visando menor ocupação de espaço. Não foi feito um agrupamento temático das reportagens. Para que se soubesse quais rolos ficariam em cada estojo, os títulos foram retirados da ponta dos filmes e colados na parte interna da tampa do estojo. A equipe que chegou ao CRAV a partir de 2010 (eu inclusa) identificou que este agrupamento em rolões não foi um procedimento correto nem para

fins de preservação, nem para fins de consulta. Sendo assim, os rolões começaram a ser defeitos e os filmes incluídos em estojos separados por assunto.

Além dos rolões, há outras 8.370 fitas sem qualquer identificação (aquelas que perderam os títulos) e 6.694 identificadas por códigos, que ainda precisam ser cruzados com os códigos inscritos nas fichas para então serem organizados por títulos e datas. Como é parte do acervo que está em processamento, os rolões, os filmes sem identificação e os filmes com identificação por código não puderam ser considerados para esta pesquisa.

Há uma observação importante a ser feita. A maioria das reportagens realizadas entre 1968 e 1973 estão entre os filmes sem identificação ou com identificação por código, o que nos levou a priorizar o material já identificado e separado por temas, ou seja, as reportagens produzidas de 1974 a 1983. Há uma exceção para uma reportagem de 1973 que foi incluída no capítulo 1.

Nossa pesquisa partiu então do acervo Globo já processado pela equipe do Museu da Imagem e do Som de BH, que corresponde a 17.711 (dezessete mil, setecentos e onze) rolos que já possuíam identificação, ou foram identificados após o visionamento no MIS BH. No Museu, este conjunto foi separado em filmes em positivo (6.402) e filmes em negativo (11.309) e acondicionado em estojos de acordo com o tema identificado pela equipe (Imagens 04 a 07).

No MIS BH, as reportagens do Fundo Globo foram divididas entre os temas que listamos a seguir: abastecimento, acidentes, agropecuária, alimentação, artes e costumes, assistência social, bairros, centro urbano, chuvas, cidades do interior, comunicação, crianças, economia, educação, eleições, entrevistas, esportes, exposições, festas e eventos, forças armadas, funerais, futebol, geral, indústria e comércio, infraestrutura, justiça, lazer, literatura, meio ambiente, moradia, música, polícia, política, profissões, religião, saneamento, saúde, seminários e congressos, sindicatos, teatro, transportes e veterinária. Os filmes que buscávamos estavam espalhados entre diversos assuntos desta lista, como por exemplo: polícia, política, justiça, entrevistas, festas e eventos, educação, exposição, acidentes e história.

Tínhamos então duas listas disponibilizadas pelo Museu aos consulentes: uma com os 6.402 filmes em positivo e outra com os 11.309 filmes em negativo. Todos com informação de título, data e telejornal onde a reportagem teria sido veiculada (estes dois

últimos dados não constavam nos filmes com título atribuído). Estas listas ainda não estavam com as sinopses dos filmes¹⁵. Destas duas listas, verificamos item por item.

Imagem 04 - Reserva técnica dos rolos em positivo do Fundo Globo no MIS BH



Imagem 05 - Reserva técnica dos rolos em negativo do Fundo Globo no MIS BH



Imagem 06 - Estojos com identificação dos temas das reportagens



Imagem 07 - Exemplo de como os filmes ficam acondicionados em cada estojo



FONTE: produção da própria autora.

Neste amplo universo temático, em um primeiro momento selecionamos os filmes que em seus títulos traziam indícios de acontecimentos que estivessem alinhados ou em luta contra a ditadura militar na capital mineira. Nesta perspectiva indiciária, buscamos expressões como o nome de pessoas, eventos ou movimentos que refletissem algum aspecto do período, como, por exemplo: nomes de presidentes militares ou de pessoas que se destacaram em sua oposição à ditadura; eventos como manifestações,

¹⁵ Atualmente este trabalho de inclusão das sinopses nas listas de filmes do Fundo Globo já está sendo feito pela equipe do Museu da Imagem e do Som de BH.

reuniões públicas, assembleias, protestos, celebrações ao regime; os movimentos pela anistia, associações de estudantes etc. Chegamos inicialmente a uma lista de 1.009 filmes selecionados apenas pelo título. Obviamente neste processo corremos o risco de ter deixado para trás rolos que não tivessem qualquer indício no título, mas conteúdo importante para o recorte que estávamos procurando. Entretanto, da forma como esta primeira triagem foi feita, acreditamos que minimizamos ao máximo essa possibilidade. Com a lista de 1.009 filmes em mãos, partimos para a inserção das sinopses, que naturalmente nos levaria a uma nova peneira.

As fichas catalográficas fazem parte da documentação não-fílmica que chegou ao Museu junto com as reportagens Globo. Em verdade, elas foram a única documentação correlata aos filmes enviada pela emissora. Durante a pesquisa, como já foi dito, fizemos contato com a TV Globo Minas buscando outros documentos, como os scripts ou os espelhos¹⁶ dos telejornais daquela época, mas fomos informados de que aquele material não existia mais¹⁷. A Globo não tem nem mesmo cópia do acervo de reportagens que está no MIS BH, visto que periodicamente eles recorrem ao Fundo Globo quando precisam de imagens de arquivo sobre determinados temas.

Em 2012, foi criada na intranet do Museu uma base¹⁸ para digitação das fichas catalográficas da Globo. Em 2013 o conteúdo de todas as 57.675 fichas que chegaram ao MIS BH junto com os rolos já estava inserido na base. Assim, tornou-se possível utilizar o sistema para fazer buscas a partir de palavras-chave e datas. Com este recurso, inserimos a sinopse nos 1.009 filmes que tínhamos separado inicialmente. Cientes do conteúdo da sinopse, eliminamos da lista mais 469 filmes que não pareciam relacionados ao contexto da ditadura militar na capital mineira. Restaram 540 filmes, que dividimos nos seguintes temas: anistia, artes e costumes, artes visuais, cinema, comportamento, economia, educação, imprensa, institucional, Jorge Defensor¹⁹, literatura, militares, movimento estudantil, música, polícia, política, religião, ritos oficiais, sindicatos e teatro. Alguns dos temas indicados aqui não existiam na

¹⁶ O espelho de um telejornal traz a sequência de entradas prevista para a edição daquele programa: ordem de apresentação das reportagens, entradas ao vivo de repórteres, intervalos, notas lidas pelos apresentadores e qualquer outro item que venha a compor o noticiário. É um guia, o esqueleto do telejornal. Ver MORAES, 2016.

¹⁷ Como exemplos de documentos desta natureza que foram preservados estão os textos de locução lidos pelos apresentadores da TV Tupi, material que integra o acervo da emissora armazenado pela Cinemateca Brasileira. Ver RESGATE.

¹⁸ Ver CRAV - Cadastro de Fichas.

¹⁹ Em 1977, o operário Jorge Defensor foi preso e torturado pela polícia em uma delegacia da Cidade Industrial (Contagem/MG). Ele era suspeito pelo furto de um rádio a pilha. O operário ficou paraplégico e o caso ganhou ampla repercussão na mídia.

classificação mais genérica feita pelo Museu da Imagem e do Som de BH, mas foram criados por acreditarmos que eles organizariam melhor as reportagens dentro do assunto geral que engloba esta pesquisa, que é a ditadura militar. Por exemplo, o tema 'anistia' não existe na classificação do Museu, e quase todas as reportagens identificadas com este tema estavam em 'política'. Além de 'anistia', criamos também os temas 'artes visuais' e 'cinema' (no Museu agrupados em 'artes e costumes'), 'comportamento', 'imprensa', 'institucional' (reportagens que mostram as dependências da própria Globo Minas), 'Jorge Defensor', 'militares', 'movimento estudantil' e 'ritos oficiais'.

O recorte ainda estava amplo. Fizemos então uma escolha baseada no volume de material disponível em cada tema e na vontade que tínhamos de investigar determinados assuntos, mesmo reconhecendo a importância de todos. Retiramos da pesquisa então os temas: artes e costumes, artes visuais, cinema, comportamento, economia, Jorge Defensor, literatura, música, religião e sindicatos, que correspondiam a 87 rolos.

Como o Fundo Globo no MIS BH ainda está em processo de identificação, é provável que no futuro apareçam novas telerreportagens relacionadas tanto aos temas que elegemos para a tese quanto aos demais assuntos. Por este motivo, sempre trabalhamos na perspectiva de que esta é uma pesquisa exploratória inicial, que esperamos abrir caminhos para que outros pesquisadores realizem novas investigações, com olhares diversos sobre este rico acervo televisivo que se encontra sob a guarda do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte.

Estabelecemos então a seguinte metodologia para preparação do material a ser visionado: análise física em mesa enroladeira de todos os rolos pré-selecionados, fazendo o registro fotográfico de pelo menos um fotograma das principais cenas de cada reportagem. Posteriormente os filmes seriam assistidos e gravados em câmera digital durante a projeção na moviola. Desta forma, aqueles que efetivamente fossem incluídos na pesquisa poderiam ser visionados mais vezes, já em seu formato digital, sem gerar um desgaste maior para o rolo original.

Partimos para a análise física com documentação fotográfica das reportagens pré-selecionadas. Deste montante (453 filmes), uma pequena parte (cerca de 20 a 30 rolos) já havia passado por análise quando preparados para o atendimento a consultantes do Museu. No entanto, como parte de nossa metodologia consistia em fazer o registro fotográfico das diferentes cenas de cada rolo, optamos por fazer a revisão física de todas as reportagens selecionadas, inclusive daquelas que já tinham sido analisadas pela equipe do Museu.

Durante o visionamento, descobrimos filmes que estavam com a identificação incorreta e também reportagens que pareciam pertinentes pelo título e sinopse, mas que o conteúdo não se mostrava afim à nossa proposta. Como é possível deduzir, trata-se de um trabalho moroso e minucioso, o que nos levou a diminuir um pouco mais o corpus documental da pesquisa, visto que ainda tínhamos um recorte amplo de temas e, conseqüentemente, de filmes a prospectar em um tempo limitado.

Antes da redução do corpus da pesquisa, chegamos a identificar e documentar em parecer técnico²⁰ as condições físicas (e de projeção) de 318 rolos (dos 453 pré-selecionados), gerando mais de 5 mil registros fotográficos de fotogramas. Todas as 318 reportagens foram assistidas e gravadas na moviola que existe no Museu da Imagem e do Som de BH. Com a necessária redução do corpus documental da pesquisa, chegamos aos temas anistia, movimento estudantil e ritos oficiais, os quais acreditamos que nos permitiriam entender a forma como os eventos eram representados e noticiados, bem como avaliar eventuais tensões entre os materiais exibidos e os que foram descartados. Os três temas totalizam 44 reportagens, sobre as quais nos debruçaremos nos capítulos desta tese.

O rolo de película tal como sai da câmera não possui nenhuma emenda. A maioria dos filmes do Fundo Globo Minas possui emendas com durex. Os mais antigos (até 1973 aproximadamente) normalmente apresentam emendas com cola. Ao assistirmos as telerreportagens, percebíamos que algumas perguntas feitas pelos repórteres haviam sido suprimidas e as respostas dos entrevistados pareciam ter passado por algum tipo de edição. Na grande maioria das vezes as sonoras (entrevistas) não são apresentadas na íntegra, mas sim divididas em trechos diferentes do rolo. Há também enquadramentos de câmera que se repetem em vários momentos. As cenas em si não são repetidas, mas é como se uma mesma tomada tivesse sido separada em duas (ou mais) partes que foram inseridas em pontos distintos do filme. Nas imagens a seguir trazemos exemplos destas cenas semelhantes apresentadas separadamente:

²⁰ O parecer técnico (também chamado de análise física) é um relatório redigido durante a análise do rolo na mesa enroladeira. Nele são inseridas informações como o título do rolo, a data (se houver), o código do material (relacionado à natureza da película), o tipo de som, o formato da janela, a metragem do rolo, a porcentagem de encolhimento, o número de emendas, o volume de perfurações rompidas, de riscos, de abaulamento do rolo e de desprendimento de som magnético (a esses quatro últimos quesitos são atribuídos graus de 0 a 3 - 0 para inexistente e 3 para muito frequente). Ao final da análise, atribui-se o grau técnico do rolo (também de 0 a 3) e indica-se se o rolo é projetável ou não. No processamento de acervo do Fundo Globo realizado pelo MIS BH é feita a análise física de cada rolo. No entanto, até o momento da elaboração deste trabalho, o Museu não adota como procedimento o registro fotográfico das cenas que compõem as telerreportagens, ação que incorporamos à metodologia de preparação do material a ser analisado na tese.

Imagem 08 - Fotograma da primeira parte do rolo "Anistia de 45 – Reunião e bomba" (JH), de 19 de abril de 1978



Imagem 09 - Fotograma da segunda parte do rolo "Anistia de 45 – Reunião e bomba" (JH), de 19 de abril de 1978



Imagem 10 - Fotograma da primeira parte do rolo "Jornal *Em Tempo* Bombardeado" (JN), de 18 de agosto de 1978



Imagem 11 - Fotograma da segunda parte do rolo "Jornal *Em Tempo* Bombardeado" (JN), de 18 de agosto de 1978



FONTE: Acervo MIS BH.

As fitas também são compostas por cenas de bastidores, perguntas e passagens repetidas pelos repórteres e outros tipos de erros de gravação. Nenhuma reportagem do Fundo Globo possui crédito e raras vezes são encontrados textos de cobertura gravados em *off*²¹. Há rolos com 1 minuto de duração (ou até menos) e há rolos com 4 ou 5 minutos (média geral do acervo), sendo que alguns chegam a 10 minutos, uma duração incomum para uma matéria apresentada no telejornalismo diário.

Por todas essas características, o Museu da Imagem e do Som de BH sempre trabalhou com a hipótese de que esses rolos não seriam a reportagem finalizada, mas sim um estágio intermediário entre o que foi de fato gravado e o que possivelmente foi veiculado na TV. Havia a impressão de que neste primeiro corte era feita uma tentativa de ordenação e organização das informações visando um posterior refinamento para exibição das reportagens na televisão. Mas, sendo assim, ficavam algumas questões: se

²¹ Fora do quadro de imagem.

este era o estágio intermediário, por que essas matérias não haviam sido finalizadas para exibição? Ou ainda: se estas filmagens resultaram em reportagens editadas, onde estariam as matérias finalizadas e exibidas? As imagens suscitavam muitas interrogações.

Com essas mesmas indagações feitas pela equipe do Museu também iniciamos este projeto. Era necessário entender a natureza destas imagens e tentar descobrir o que efetivamente teria chegado para o público. Mas se não tínhamos os scripts nem os espelhos dos telejornais, como saber o que de fato foi exibido?

No final de fevereiro de 2019, às vésperas da banca de qualificação (já com o texto entregue) entrevistei Claudio Ramos, ex-funcionário do setor de *Arquivo e Pesquisa* da Globo Minas. A entrevista foi reveladora, pois mudou todo o nosso olhar sobre o acervo Globo e sobre a metodologia com a qual iríamos trabalhar a partir dali. Claudio nos revelou que após a exibição do jornal, as reportagens que tinham sido editadas e projetadas voltavam para o rolo onde estavam as sobras do material, de modo que na primeira parte do filme ficava a matéria editada e exibida, e depois dela, as sobras da edição²². Após esta revelação, entendemos também porque os filmes possuíam emendas com durex dos dois lados da película até certo ponto e emendas em apenas um lado a partir de determinado momento. Onde havia durex em apenas um lado eram as sobras, porque para se projetar um filme e evitar que ele se solte no meio da projeção é importante colocar emendas de durex nos dois lados da película ou então fazer uma emenda com cola, como encontramos em alguns casos.

Como estávamos analisando todos os filmes na mesa enroladeira, ao verificarmos o tipo de emenda já poderíamos perceber até que ponto era matéria editada e a partir de quando eram sobras. Poderíamos, importante dizer. Acontece que só conseguimos esta informação preciosa quando já havíamos passado a maioria dos rolos pela mesa enroladeira. No processo de preparação para a projeção é usual substituir as emendas ressecadas ou fazer o complemento com durex naqueles pontos onde há emenda em apenas um lado. Sendo assim, a observação do tipo de emenda não nos traria nenhum indício nos filmes que já haviam passado por análise física.

²² Conforme o relato de Claudio: "*Depois da matéria ida [sic] ao ar, você retorna com o material que foi editado, retorna, emenda no filmezinho, fica editado, entendeu, e com as sobras que foi tirado dali. Então de repente o filme fica, você não vai nem entender, porque foi tirado diversas partes né, ele não tira sempre do mesmo lugar, mas você vai ter sempre a edição daquela matéria*" (informação verbal). Entrevistei Claudio Ramos no dia 26 de fevereiro de 2019.

Como também não tínhamos os scripts, que nos permitiriam ter uma ideia das imagens que foram ao ar (e como elas foram apresentadas no jornal), seria necessário um olhar muito aguçado e sensível para perceber durante o visionamento dos filmes até onde iria o trecho editado e onde começavam as sobras.

Sabendo que as reportagens editadas estavam no início dos rolos e as sobras na parte final, passamos a assistir os filmes tentando entender o que diferenciavam estes dois momentos das fitas. A primeira parte normalmente apresentava maior refinamento nas transições, com planos mais curtos e dinâmicos. Na segunda parte dos rolos, as transições eram mais perceptíveis. Além disso, havia repetições de passagens feitas pelos repórteres, imagens tremidas, cenas de bastidores, planos do chão, do carro de reportagens, entre outras características que indicavam que esta parte do filme poderia ser caracterizada como sobras. Muitas vezes há um pedaço de filme em branco separando a matéria editada das sobras, provavelmente parte da ponta que era usada no rolo quando este era inserido no equipamento de projeção.

A compreensão do que era a reportagem editada e o que era material de arquivo apontou para uma outra indagação que se tornou crucial nesta pesquisa: entre o leque de imagens e sons registrados, por que alguns foram escolhidos e outros preteridos? E ainda: o que essa escolha revelava sobre os responsáveis pela produção e veiculação destas imagens? Tentar responder a estas questões tornou-se então um de nossos principais objetivos nesta pesquisa. Como boa parte do conteúdo dos rolos consiste em sobras de imagem, ou seja, material que nunca foi exibido publicamente, o acervo ganha ainda mais potência. Uma das preocupações deste trabalho será investigar as razões que relegaram parte deste acervo ao silêncio.

Sem a possibilidade de consulta aos scripts, tampouco a presença de créditos com os nomes de entrevistados, tínhamos disponível para análise os rolos e como apoio as fichas catalográficas, as quais localizamos para quase todos os filmes selecionados. Porém, as sinopses contidas nas fichas normalmente são muito sucintas. Raras vezes é encontrado um detalhamento maior do assunto. Em nossa metodologia, optamos então por uma pesquisa complementar em jornais da época. Conhecendo as datas dos filmes Globo, buscamos por reportagens impressas na expectativa de que elas trouxessem um maior detalhamento dos eventos registrados nas imagens em movimento. Para tanto,

utilizamos principalmente dois periódicos: o **Estado de Minas**²³ (disponível em versão física na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais) e **O Globo**, que conseguimos pesquisar online²⁴, formato que buscamos especialmente após o fechamento da Biblioteca em 2020 em virtude da pandemia de Covid-19. Ao buscarmos informações neste último, não deixamos de nos atentar para o fato de que é um periódico que pertence ao mesmo grupo da Rede Globo Minas. Neste sentido, é provável que tenham linhas editoriais semelhantes. Embora estejamos atentos a este aspecto, não nos debruçaremos sobre ele, por entendermos que o paralelo por si só já suscitaria uma outra pesquisa, diferente da que nos propusemos a realizar.

Neste processo de contextualização das imagens, também utilizamos dados encontrados em livros, teses, dissertações e no relatório da Comissão da Verdade em Minas Gerais²⁵, entre outras fontes e referências. As informações destes documentos e bibliografia foram essenciais para conhecermos os nomes de alguns personagens e principalmente o contexto dos eventos relatados nas telerreportagens. Fizemos também o uso do Google Maps, interpondo passado e presente para entender onde os cinegrafistas estavam posicionados em algumas tomadas e onde ocorreram eventos que tiveram as ruas como cenário. Em alguns casos não foi possível localizar reportagens ou qualquer documento que agregasse informações para o que era encontrado nos rolos, o que não nos impediu de fazer uma análise detalhada das cenas.

Nas notas, vamos trazer uma pequena biografia de cada personagem citado ao longo dos capítulos, mesmo aqueles que presumimos serem mais conhecidos, como os presidentes do período englobado por esta pesquisa. Para a grande maioria das biografias utilizaremos os dados disponibilizados no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Gostaríamos que todos que acessassem a tese, no presente ou no futuro, pudessem compartilhar das mesmas informações. Por exemplo, este trabalho poderá ser buscado por pesquisadores estrangeiros que estejam estudando acervos televisivos ou acervos regionais e que não necessariamente conhecem a História do Brasil. Nas mini biografias trazidas em nota optamos por mencionar a trajetória dos personagens antes, durante e depois da Ditadura Militar, por avaliarmos que o percurso anterior e posterior destes

²³ Pertencente aos Diários Associados, o jornal **Estado de Minas** é um dos mais importantes jornais impressos de Minas Gerais. Circula diariamente. Foi fundado em 07 de março de 1928. Ver 90 ANOS, 2018.

²⁴ Ver ACERVO **O GLOBO**, 1996-2020.

²⁵ Ver MINAS GERAIS, 2017.

personagens são importantes para entender seu papel no período coberto por esta pesquisa.

Uma fonte essencial para esta pesquisa foram alguns dos personagens que aparecem em reportagens da Globo Minas e que tivemos a oportunidade de entrevistar²⁶ entre os anos de 2018 e 2021. Durante os encontros, além de mostrar-lhes os filmes, também aproveitamos para conversar sobre a atuação deles naquele período, o que nos ajudou não só a entender um pouco mais sobre o contexto das reportagens, como também do próprio regime militar em Belo Horizonte. Conforme já mencionado, entrevistamos Claudio Ramos (funcionário do *Arquivo e Pesquisa* da Globo Minas à época), Vilma Fazito (repórter da TV Globo Minas de 1977 a 1986) e Eduardo Simbalista, editor regional de jornalismo da Globo Minas de maio de 1978 a janeiro de 1981. Ainda conversamos com Magda Neves e Betinho Duarte, integrantes dos movimentos pela anistia em Belo Horizonte, e Samira Zaidan, Eduardo da Motta e Albuquerque e Eduardo Palhares, que fizeram parte do movimento estudantil na cidade no período abordado pela tese. À exceção do funcionário do *Arquivo e Pesquisa* e do editor regional de jornalismo da TV Globo Minas, todos os demais entrevistados aparecem em pelo menos uma das reportagens analisadas neste trabalho.

No decorrer dos capítulos, faremos, em síntese, uma análise da composição sonora e visual de cada filme, buscando indicar ao leitor como os eventos foram registrados pelas reportagens. O caráter descritivo das cenas e a inserção de fotogramas ao longo dos capítulos permitirá ao leitor acesso ao conteúdo das telerreportagens, ainda que um acesso mediado, visto que este acervo só está disponível para consulta local. Neste sentido, a descrição detalhada dos filmes funciona também como documentação deste material.

Apresentaremos os títulos e datas das matérias quando estas informações estiverem disponíveis junto a cada rolo. Também serão reproduzidas as sinopses dos filmes que tiverem sido catalogados na base de fichas da Rede Globo Minas. Quando não houver a indicação do telejornal onde a reportagem teria sido apresentada é porque este dado não consta na identificação do filme nem na ficha catalográfica do rolo. Também inseriremos os fotogramas das cenas chave e transcreveremos os sons que estiverem audíveis e se mostrarem relevantes para a investigação proposta. A análise dos filmes será acompanhada por informações levantadas a partir da bibliografia

²⁶ A lista das entrevistas realizadas, suas respectivas datas e suportes estão indicadas no ANEXO B.

pesquisada e dados colhidos nos jornais **Estado de Minas** e **O Globo**. Além disso, apresentaremos informações obtidas durante as entrevistas. Tentaremos traçar pequenas biografias dos personagens envolvidos, para melhor compreendermos a natureza da participação deles nos eventos registrados.

A identificação das reportagens selecionadas indica que elas foram veiculadas em telejornais nacionais (*Jornal Hoje* - JH, *Jornal Nacional* - JN e *Jornal da Globo* - JG) e regionais (*Jornal das Sete* - JS e *Jornalismo Eletrônico* - JE). Veiculado de segunda a sábado no horário do almoço, o JH foi criado em 21 de abril de 1971 como um noticiário local exibido apenas para o Rio de Janeiro. Seu objetivo era ser "uma revista eletrônica voltada para o público feminino". Em 1974 passa a ser transmitido para todo o país, contando com a participação de repórteres de outras praças, inclusive Belo Horizonte. A partir de 1981 o JH ganha um perfil mais noticioso. No entanto, o *Jornal Hoje* é caracterizado pela própria emissora como um noticiário com "linguagem leve e informal"²⁷. Criado em 1º de setembro de 1969, o *Jornal Nacional* foi o "primeiro telejornal do país a ser transmitido em rede nacional"²⁸. Nas principais sucursais da Rede Globo, o JN contava com apresentadores próprios. Em Belo Horizonte, o apresentador era Oliveira Duarte. O *Jornal Nacional* é o principal telejornal da Globo e líder de audiência no horário nobre. O *Jornal da Globo* é o último noticiário da programação da emissora. O telejornal teve uma primeira versão de 02 de abril de 1979 a 06 de março de 1981. A edição que permanece no ar teve sua estreia em 02 de agosto de 1982²⁹.

De âmbito regional, o *Jornal das Sete* ficou no ar de 02 de abril de 1979 a 1º de janeiro de 1983. Antes de sua criação, as principais notícias de cada capital eram apresentadas no início ou final do JN: "Em determinado ponto do noticiário, sem que o telespectador percebesse, desfazia-se a rede e cada estado entrava com o seu noticiário local"³⁰. Dessa forma, o tempo para desenvolvimento das matérias era curto, o que motivou a criação do *Jornal das Sete*, com 15 minutos de duração, produzido pelas equipes regionais de cada estado. O JS ampliou as perspectivas de trabalho para o telejornalismo local. Com isso, o JN ficou mais voltado para assuntos de "espectro nacional e internacional". Com o fim do *Jornal das Sete*, em Minas Gerais entrou no ar

²⁷ Ver JORNAL HOJE, 2021.

²⁸ Ver JORNAL NACIONAL, 2021.

²⁹ Ver JORNAL DA GLOBO, 2021.

³⁰ Ver JORNAL DAS SETE, 2021.

o MGTV³¹ (em 03 de janeiro de 1983), a exemplo do que ocorreu em outras praças. De acordo com o portal MEMÓRIA GLOBO, o *Jornalismo Eletrônico* "era produzido em edições locais, em preto e branco, no Rio de Janeiro, em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Recife. Em 1977, o programa passou a ter dois minutos de duração"³². O portal traz ainda a informação de que o JE teria ficado no ar de 08 de março de 1976 a 16 de dezembro de 1978, sendo veiculado de segunda a sábado às 21h50. Em Belo Horizonte, o noticiário era apresentado por Gilson Humberto tendo José Geraldo como editor.

Em oito reportagens selecionadas para esta pesquisa localizamos a expressão "NE". Claudio Ramos levantou a possibilidade de que a sigla "NE" se referisse a 'Não Editado'. Após a análise dos filmes com a notação "NE", identificamos que de fato são materiais que não passaram por edição e provavelmente nunca foram projetados.

Reconhecemos que a ausência dos espelhos e dos scripts são lacunas que não conseguiremos preencher apenas com a análise do material fílmico e cotejamento deste com as outras fontes de informação disponíveis. No entanto, acreditamos que a compreensão das escolhas feitas no momento de preparação do material a ser exibido já nos trará importantes indícios do posicionamento da TV Globo Minas enquanto um dos principais veículos de comunicação na capital mineira nas décadas de 1970 e 1980.

Em seu Volume 4, o relatório da Comissão da Verdade em Minas Gerais aborda o modus operandi da censura à imprensa no estado. A Infantaria Divisionária da 4ª Região Militar (ID-4), sediada em Minas, elaborou um documento que ficou conhecido como "Manual de Instruções do ID-4". Datado de 16 de dezembro de 1968, o manual tinha como finalidade "reformular normas e orientações para a execução da Censura na área do ID-4", conforme indicado em suas páginas iniciais. Ainda de acordo com o documento, a censura deveria atuar visando os seguintes objetivos: "A - Obter da Imprensa total respeito à Revolução de Março de 64, que é irreversível e visa à consolidação da Democracia" e "B - Evitar a publicação de notícias tendenciosas, vagas ou falsas" (MINAS GERAIS, 2017, v.4, p. 239). As proibições indicadas no Manual englobavam notícias dos campos político, econômico e psicossocial:

No campo político, eram proibidas notícias que promovessem a "luta de classes" ou a "desmoralização do governo ou das instituições"; que dessem voz "aos cassados"; que abalasses a "confiança no governo" ou que

³¹ Ver MGTV, 2021. Em Belo Horizonte, a partir de 2017 os noticiários locais passaram a se chamar MG1 e MG2.

³² Ver JORNALISMO ELETRÔNICO, 2021.

comprometessem a “imagem democrática do País no exterior”. No campo econômico, as restrições diziam respeito às informações que pudessem “tumuluar” essa área ou “comprometer a imagem econômica” do Brasil. No campo psicossocial, eram enumeradas restrições às notícias que pudessem provocar a “desarmonia entre as Forças Armadas” e os demais poderes e instituições; que divulgassem prisões ou atos de censura, sem que fossem fornecidas ou autorizadas por fontes oficiais, ou, ainda, que relatassem atividades estudantis de natureza política (MINAS GERAIS, 2017, v. 4, p. 239-240).

O relatório da Comissão da Verdade também descreve a censura em relação à imprensa 'falada', como era o caso das emissoras de televisão:

O censor precisava solicitar “duas vias do noticiário” para realizar o seu trabalho. Recebidas as cópias, ele acompanhava a emissão radiofônica e, caso os textos fossem adulterados, “contrariando as normas, o censor dever[ia] desligar a chave-geral, tirando a estação do ar”. O mesmo procedimento era prescrito para as emissoras televisivas (MINAS GERAIS, 2017, v. 4, p. 240).

Como veremos especialmente nos capítulos que abordam as reportagens sobre o movimento estudantil e os movimentos pela anistia, alguns registros não aproveitados pela edição passam por temas indicados como 'proibidos' no manual do ID-4. No entanto, a partir de meados da década de 1970, a presença de censores nas redações deixa de ser uma constante. Os temas 'proibidos' já estão relativamente internalizados pelas equipes dos diversos veículos de imprensa. A partir de então, tornava-se frequente a autocensura, quando eram evitadas certas pautas ou buscava-se uma abordagem mais superficial de temas sensíveis ao regime. A COVEMG conversou com diversos jornalistas que atuaram no período e sintetizou o que eles caracterizaram como 'autocensura':

poderia ser o cerceamento do trabalho do repórter/jornalista a partir do controle exercido dentro da hierarquia do veículo por editores, diretores e proprietários; poderia também ser o exercício da censura autoimposta pelo profissional que já havia incorporado à sua rotina o conhecimento de assuntos, personagens e até palavras que eram consideradas subversivas e que, portanto, estavam banidas das publicações de maneira bem-marcada e definida (MINAS GERAIS, 2017, v. 4, p. 228).

Vilma Fazito nos contou um pouco sobre a redação da emissora naqueles anos: *"Era um período em que a ditadura ainda existia mas os censores não estavam mais nas redações, porque quando eu entrei já não existia mais essa figura do censor na redação. Mas de certa forma, você tinha que obedecer as normas do que a empresa falava, né?!"*. Quando a pergunto sobre quem era o responsável por essas 'normas', ela responde:

Normalmente eram os editores. Principalmente o editor geral que quando eu entrei era o Walfrido de Gramont³³ que, eh, ele andou... ele não aceitava muito essas ordens do Rio de Janeiro. Porque o Rio de Janeiro sempre foi a nossa matriz, né?! Mas Belo Horizonte nessa época, é interessante observar, Belo Horizonte era uma praça que era meio independente. Nem tudo que a gente fazia aqui tinha que ser aprovado pelo Rio de Janeiro. [...] Quando eu entrei, como eu era uma pessoa progressista, e ele [Walfrido de Gramont] também, ele se sentiu... achou que eu podia dar uma certa força pra ele. A gente fazia reportagens mais reais mesmo, entendeu?! E não entrar naquele jogo da TV Globo que já existia na época, entendeu?! Então, por exemplo, você não podia... o que que vinha do Rio de Janeiro né?! Embora a gente tivesse uma certa autonomia. Mas você não podia falar o termo 'ditadura', você não podia usar este termo de jeito nenhum. Você não podia usar o termo 'anistia'. Você não podia usar o termo 'greve'. A gente tinha... era orientado a falar em paralisação. E você assim... tinha que ter um cuidado muito grande, ao fazer a reportagem, porque é o seguinte: você mostrava o fato, o que que estava acontecendo. Mas quando chegava na redação, o editor que era orientado pra poder fazer aquela reportagem da forma que a instituição, que a empresa gostaria que saísse, ele mudava muita coisa do que você fazia né?!

Entrevistamos também Eduardo Simbalista³⁴, editor regional de jornalismo da TV Globo Minas de 1978 a 1981. Junto a ele buscamos informações sobre a constituição das equipes de reportagem, a decisão pelas pautas, questões técnicas relacionadas à produção de matérias em película etc. Quando questionado se havia censura no jornalismo da Rede Globo Minas, Simbalista é ponderado:

Ostensiva e abertamente, não. Cabe entender o momento específico dos anos 78, 79 e 80: na economia, começava a década perdida resultante da segunda crise do petróleo e, na política, vivia-se a "abertura lenta, gradual e segura" que pautou a transição do último governo militar, do general Geisel para o general Figueiredo. A história trata o período como "processo de redemocratização", com todas as implicações e riscos de uma ditadura militar em distensão. (...) A televisão brasileira era fonte primária e dominante da informação para a maioria da população. A audiência da TV era de 80 a 90% nalgumas noites. Daí haver algum cuidado, informando o

³³ Walfrido de Grammont (Botucatu/SP, 1947 - Belo Horizonte/MG, 1980) era editor chefe do telejornal global *Bom Dia São Paulo* em 1977. Tornou-se editor regional da Central Globo de Jornalismo da TV Globo Minas substituindo Hélio Oliveira. Walfrido era um dos 11 filhos da compositora Elena Rodrigues de Grammont e do topógrafo Walfrido de Grammont. Entre seus irmãos estão os jornalistas Júlio e Helena de Grammont e a cantora e compositora Eliane de Grammont. Foi sucedido no cargo de editor-chefe do jornalismo da TV Globo Minas por Eduardo Simbalista, que atuava na sucursal do **Jornal do Brasil** em BH.

³⁴ Eduardo Simbalista (Belo Horizonte/MG, 1945 -) foi editor regional de jornalismo da TV Globo Minas de maio de 1978 a janeiro de 1981, quando foi promovido a editor chefe do Jornal Nacional no Rio de Janeiro, cargo que ocupou até 1984. Em Minas, contava com uma equipe de aproximadamente 60 pessoas, que fazia a cobertura do estado para os telejornais de rede e os locais. Durante sua atuação como editor regional em BH, acompanhou a chegada da cor na programação da emissora e também a aquisição das primeiras unidades portáteis de captação, edição e transmissão de imagem e som: o videoteipe chegava para aposentar a tecnologia da película na produção das telerreportagens. Após o período na Globo Rio, participou da implantação da Tele Montecarlo (emissora italiana sediada em Monte Carlo/Mônaco/França). Quando retornou ao Brasil, tornou-se diretor nacional de jornalismo do Sistema Globo de Rádio. Posteriormente, foi diretor de comunicação da Coca-Cola. Informações obtidas em entrevista concedida a Marcella Furtado por e-mail nos dias 05 e 06 de fevereiro de 2019 e na página MEMÓRIA GLOBO (EDUARDO, 2002).

que era relevante, avançando aqui e ali, dando maior ou menor destaque, mas sempre resistindo. Os fatos não tinham opinião, falavam por si. No fim de 78, extingue-se o AI-5³⁵ e, em 79, Figueiredo assume e assina a Lei da Anistia³⁶. Cobrimos inúmeras manifestações pró-anistia, liderados pela OAB e que atraiu várias lideranças civis e religiosas mineiras muitas vezes em telejornais locais e algumas vezes em telejornais nacionais. O ministro da Justiça à época, Ibrahim Abi-Ackel, mineiro de Manhuaçu, passava frequentemente os fins de semana em Belo Horizonte, o que nos dava a oportunidade de repercutir oficialmente alguns fatos³⁷.

Quanto à afirmação de Simbalista de que "*Os fatos não tinham opinião, falavam por si*", é importante lembrarmos que há uma grande diferença entre os fatos e a cobertura dos fatos. A deliberação sobre o que entra na pauta dos telejornais, a definição dos entrevistados e do enfoque da matéria, a escolha dos ângulos de gravação e trechos de sonoras que vão a compor a reportagem editada, são todas decisões que revelam a forma como aquela empresa jornalística quer noticiar determinado fato. Essas 'escolhas' são realizadas dentro de contextos extremamente complexos, a partir de negociações e interesses diversos. Na imprensa os fatos definitivamente nunca poderão falar por si só: eles sempre serão enunciados por 'alguém'.

Para dimensionarmos a abrangência da Rede Globo no período pesquisado é importante lembrarmos como a expansão da emissora de Roberto Marinho pelo país (incluindo o estado de Minas Gerais) se deu em decorrência de políticas adotadas pelo regime militar. A 'integração nacional' possibilitada pela transmissão em rede traria vantagens tanto para as TVs quanto para o governo.

Como exemplo do investimento dos militares na promoção da integração nacional pela comunicação, em 1965, a Embratel é inaugurada. Tal feito, a partir de 1969, possibilitou a constituição de redes nacionais de televisão no país, propagada em microondas. Em primeiro de setembro de 1969, vai ao ar o Jornal Nacional, o primeiro programa televisivo transmitido para todo o país, graças à infra-estrutura tecnológica fornecida pela estatal. Além da TV Globo do Rio de Janeiro, de São Paulo (1966) e de Belo Horizonte (1968), outras estações de TV integravam a rede: Brasília (1971) e Recife (1972). (...) Empresários e militares viram vantagens na "integração" do território nacional. Enquanto os militares quiseram a unificação política das consciências e das fronteiras do território nacional, o outro grupo vislumbrava a integração do mercado de consumo (SACRAMENTO, 2008, p. 82-83).

³⁵ BRASIL, 1968

³⁶ A Lei da Anistia (Lei Nº 6.683) foi promulgada no dia 28 de agosto de 1979. A partir desta data, conforme determina o Artigo 1º da Lei, seria "concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexo com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos Servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário, aos Militares e aos dirigentes e representantes sindicais, unidos com fundamento em Atos Institucionais e Complementares" (BRASIL, 1979). No capítulo 2 discutiremos o processo que culminou na promulgação da Lei da Anistia.

³⁷ Entrevista concedida a Marcella Furtado por e-mail nos dias 05 e 06 de fevereiro de 2019.

O investimento feito pelo governo federal teria um preço e a Globo estava disposta a pagar:

no caso da TV Globo, a estratégia adotada foi a de se submeter à Ideologia da Segurança Nacional e à censura ao mesmo tempo em que se transformava na principal emissora de televisão no Brasil. Para que essa estratégia tivesse sucesso, era preciso estabelecer um pacto com os militares, através do qual a TV controlava a produção de conteúdos de seus programas em troca do apoio do governo para a construção da infra-estrutura necessária para a consolidação da indústria televisiva e apoio político para aprovação da legislação de seu interesse (GOMES, 2010, p. 8).

O 'pacto' entre a Globo e o regime militar permitiu o crescimento vertiginoso da rede, que, associado a uma estruturação técnica de ponta, a colocaria em lugar privilegiado entre as emissoras de TV do país. Os índices de audiência refletem tal expansão e são importantes para compreendermos a cobertura da Globo naquele momento. Infelizmente não conseguimos dados regionais, mas a média nacional nos ajudará a entender a importância e o alcance da narrativa construída nos telejornais do grupo. Entre 1977 e 1980, a Rede Globo recebeu 85% do total de recursos investidos em publicidade na televisão brasileira no período. Em 1980, a Globo tinha uma média nacional de 70% de audiência (JAMBEIRO, 2001, p. 98).

Abordamos até aqui a natureza do Fundo Globo no MIS BH e detalhamos nossa metodologia de trabalho tanto para acesso aos filmes quanto para o desenvolvimento da análise ao longo dos próximos três capítulos. Faremos a seguir uma sucinta apresentação de cada capítulo a partir dos três temas que elegemos para a pesquisa: anistia, movimento estudantil e rituais oficiais. Este último tema será abordado no capítulo 1, no qual teremos a oportunidade de conhecer coberturas que trazem um olhar quase 'oficial' sobre os eventos retratados. Nos capítulos 2 e 3 traremos o contraponto ao 'oficial', com o registro de eventos e personagens que colocavam em cheque o aparente consenso apresentado no capítulo 1.

O primeiro capítulo da tese abordará reportagens que mostram a cobertura de rituais oficiais e visitas presidenciais à capital mineira durante a ditadura militar. Neste conjunto estão filmes que mostram passagens dos generais-presidentes pela capital mineira entre os anos de 1973 e 1980. Há também dois registros de celebrações pelo aniversário da 'revolução' em Belo Horizonte. A partir deste material, buscaremos

analisar como a narrativa dos 'rituais do poder'³⁸ durante a ditadura militar foi construída pela TV Globo Minas, observando em cada filme a presença de elementos que ajudaram a constituir um imaginário positivo sobre os governos daquele período.

Ao mesmo tempo em que fazia o registro do 'oficial', a TV Globo Minas também se ocupava da cobertura factual de eventos relacionados aos movimentos pela anistia e ao movimento estudantil em Belo Horizonte.

No capítulo 2 trabalharemos com as reportagens que envolveram a luta pela anistia na capital mineira. São matérias que mostram desde as primeiras atividades do Movimento Feminino pela Anistia em BH, ainda no ano de 1977, até registros em 1980. Nas últimas reportagens do capítulo veremos que a promulgação da Lei da Anistia (Lei 6.683, de 28 de agosto de 1979) não interrompeu o esforço pelo esclarecimento de torturas, mortes e desaparecimentos perpetrados pelo regime militar. Também teve continuidade a luta pelas liberdades democráticas, pelo direito de organização e expressão e pelo fim do aparato repressivo. Haverá uma seção dedicada às telereportagens sobre episódios envolvendo a imprensa alternativa e que tiveram participação direta de integrantes dos movimentos pela anistia em Belo Horizonte. À exceção destas últimas matérias, que serão analisadas à parte, os demais rolos do capítulo serão apresentados em ordem cronológica, de modo que seja possível perceber o percurso dos movimentos pela anistia em Belo Horizonte, algumas conquistas e desafios ao longo de sua trajetória.

O terceiro e último capítulo abordará a cobertura de eventos que tensionam a relação entre os estudantes e o regime militar na capital mineira. Apresentaremos as reportagens sobre o movimento estudantil em três diferentes conjuntos: no primeiro deles, analisaremos registros de ameaças e ataques a bomba sofridos nos espaços de reunião e organização dos estudantes (Diretório Central dos Estudantes e Diretório Acadêmico); no segundo conjunto, filmes que mostram estudantes que foram presos e também matérias sobre a mobilização das entidades representativas dos alunos diante da prisão arbitrária de uma acadêmica da Universidade Federal de Minas Gerais em março de 1979; por fim abordaremos manifestações realizadas por estudantes secundaristas de

³⁸ Trabalharemos aqui com o conceito de 'ritual do poder' conforme desenvolvido por Paulo Emílio Salles Gomes em "A Expressão Social dos Filmes Documentais no Cinema Mudo Brasileiro (1898-1930)". In: CALIL, Carlos Augusto.; MACHADO, Maria Teresa. **Paulo Emílio**: um intelectual na linha de frente. [Rio de Janeiro]: EMBRAFILME; São Paulo: Brasiliense, 1986. 401 p. pp. 323-30. Conforme indica Arthur Autran no texto "Paulo Emílio e a constituição das bases da pesquisa histórica sobre cinema no Brasil", o conceito de "ritual do poder" trabalhado por Paulo Emílio "englobava o registro das atividades das grandes autoridades da República – especialmente o presidente" (2003-2004, p. 120). Trata-se, portanto, de tradição longa no campo do audiovisual brasileiro.

Belo Horizonte em 1980 em protesto pela demissão de um professor que havia sido preso no DOPS e indiciado na Lei de Segurança Nacional por participar da greve dos trabalhadores em educação no estado de Minas naquele ano.

Em alguns rolos do capítulo 2 veremos personagens do movimento estudantil e em algumas reportagens do capítulo 3 aparecerão membros dos movimentos pela anistia em BH. Com isso teremos a oportunidade de identificar ações conjuntas e a parceria entre estes dois movimentos na luta contra o estado de exceção. No ANEXO A traremos a lista completa dos filmes do Fundo Globo Minas utilizados na pesquisa, relacionados por capítulo e em ordem de aparição na tese.

Importante pontuarmos que esta investigação foi desenvolvida na linha de pesquisa “História, Teoria e Crítica”, portanto o diálogo com a História irá perpassar toda a tese. Mas é um trabalho desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Meios e Processos Audiovisuais por uma profissional de uma instituição museológica com formação em Comunicação e Cinema, sendo a análise da construção audiovisual o principal foco desta investigação. Sabemos que há inúmeras possibilidades de abordagem (e esperamos que outros trabalhos sobre este acervo sejam desenvolvidos), mas esta perspectiva foi a que escolhemos.

Após a análise dos conteúdos de cada rolo, especialmente no cotejamento entre o material editado e as sobras de imagem, esperamos perceber o que as narrativas criadas pela TV Globo Minas naquele momento indicam sobre o posicionamento da emissora mineira do Grupo Globo diante dos eventos em apoio ou contestação ao regime militar em Belo Horizonte.

No projeto de ingresso propusemos localizar e analisar cinejornais e reportagens televisivas realizadas entre o ano de 1964 e o ano de 1983 em Belo Horizonte e que fizessem referência a pessoas e/ou eventos relacionados ao período militar. Na análise de registros que apresentassem posições tanto de apoio quanto de oposição ao regime, objetivávamos mostrar como estes documentos audiovisuais revelavam aspectos sociais, vivências e o clima que permeava a vida na cidade durante aqueles anos de ditadura. As indicações e contribuições de meu orientador Prof. Dr. Eduardo Morettin e as sugestões

feitas a partir da leitura dos capítulos durante as reuniões de orientação foram fundamentais para o amadurecimento do projeto com o qual ingressei no PPGMPA. Considero que a tese aqui apresentada é fruto de todas essas contribuições. Tudo que aprendi no doutorado me trouxe um outro olhar sobre este acervo com o qual convivi por tantos anos.

Capítulo 1. Os rituais do poder na capital mineira

Nos capítulos em que apresentaremos as reportagens sobre os movimentos pela anistia e o movimento estudantil em Belo Horizonte durante a ditadura militar (1964-1985), analisaremos a representação de acontecimentos e personagens que exemplificam a luta contra o regime vivido naqueles anos. São reportagens mostrando a face do dissenso que tanto incomodava o governo militar.

Neste capítulo sobre os rituais do poder, apresentaremos a face do consenso, que tal como a outra face, é igualmente importante para entender porque o país viveu uma ditadura militar por 21 anos. Analisaremos aqui como a TV Globo Minas representou eventos políticos entre 1973 e 1980, ajudando a legitimar e fortalecer um imaginário favorável a um regime ditatorial que se iniciou com um golpe civil-militar em 1964.

Para análise neste capítulo, selecionamos filmes que em seus títulos traziam os nomes de presidentes militares que estiveram em Belo Horizonte em compromissos oficiais ou filmes que indicassem algum tipo de celebração ao regime, como é o caso das reportagens intituladas "Aniversário da Revolução". A partir desta seleção, criamos dois blocos para a apresentação das reportagens: em um deles estão os filmes que registraram as visitas de presidentes militares à capital mineira, ressaltando como esses eventos mobilizavam a capital e a população da cidade e do estado. No outro bloco serão abordados os registros de eventos oficiais que remetesse a celebrações simbólicas realizadas para reforçar um imaginário de apoio ao governo imposto, como eram as reportagens denominadas nos arquivos da Globo Minas como "Aniversário da Revolução".

Em todos os filmes, como apontamos na introdução, vamos analisar a construção da narrativa audiovisual, indicando inclusões e exclusões de cenas que acabam por revelar intencionalidades no discurso jornalístico, às vezes muito sutis, em outras, extremamente evidentes. Esta análise mostra-se fundamental para entender a narrativa construída pela TV Globo Minas sobre os eventos e personagens registrados nas telerreportagens. Especialmente nos rolos a serem apresentados neste capítulo, será importante observar elementos de identificação com o regime militar que eram reforçados pela narrativa jornalística construída.

No Fundo Globo também há rolos com registros dos presidentes militares em outras cidades de Minas, que optamos por deixar de fora da pesquisa, visto que nosso recorte espacial é a cidade de Belo Horizonte. No entanto, acreditamos que seja

interessante pelo menos citar tais reportagens. Nos filmes localizados, Geisel é o presidente mais registrado: "Geisel - visita a Ipatinga" (JN - 30/09/1975); "Açominas - Implantação - Fita simbólica - Máquinas - Autoridades" (18/02/1976) e "Implantação da Açominas" (JN - 18/02/1976) - Ouro Branco; "FIAT - Inauguração - Geisel - 10 minutos" (NE - 09/07/1976) - Betim; "Geisel - Ozanam" (JN - 14/09/1978) - Uberlândia; "Cidade de Araxá - Arafertil" (NE - 30/10/1978); "Universidade Federal de Viçosa - Visita de Geisel - GM" (24/01/1979); "Cidade de São Gotardo - Visita de Geisel - GM" (27/01/1979). Há também duas reportagens no interior de Minas durante o último governo militar, a saber: "Aureliano Chaves - Presidente em Exercício" (J? - 17/10/1981) - Três Pontas e "Cidade de Poços de Caldas - Visita Presidente Figueiredo" (J? - 07/05/1982).

1.1. Os aniversários da 'Revolução'

Iniciaremos as análises do capítulo pelo bloco das celebrações à 'Revolução'. São duas reportagens que, embora não abordem visitas presidenciais, estão diretamente relacionadas ao governo instaurado, e são bastante significativas ao revelarem um imaginário sobre o período. O sentido é percebido já no nome com o qual ambas as reportagens foram registradas no arquivo da TV Globo Minas: "Aniversário da Revolução". A nomenclatura utilizada e o fato do evento entrar na pauta da cobertura do jornalismo já indicam o posicionamento assumido pela emissora: "os discursos em torno do golpe expressam os valores ideológicos dos jornais e seus donos" (NAPOLITANO, 2017, p. 350).

Promovidas pelo governo do Estado, as celebrações reforçam o imaginário de que os movimentos que culminaram com o golpe em 31 de março de 1964 representaram a libertação do país da ameaça comunista, que acreditava-se iminente. Tal vitória deveria ser lembrada e celebrada, de modo a reiterar para a população a grandeza dos atos que levaram à deposição do presidente João Goulart³⁹. Desde o golpe

³⁹ João Belchior Marques Goulart (São Borja/RS/Brasil, 1º de março de 1919 - Mercedes/Argentina, 6 de dezembro de 1976) era conterrâneo de Getúlio Vargas, que se tornou uma importante influência e referência em sua carreira política. No Rio Grande do Sul, foi deputado estadual (1947-1950) pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Pelo mesmo partido, tornou-se deputado federal em 1951. Em junho de 1953 foi nomeado Ministro do Trabalho, cargo que exerceu até fevereiro de 1954. Foi vice-presidente durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960). Em 1961, assumiu como vice de Jânio Quadros. Com a renúncia deste, foi empossado na presidência da república em 7 de setembro de 1961. Foi destituído do cargo após o golpe militar de 31 de março de 1964. Asilou-se no Uruguai. Teve seus direitos políticos cassados após a publicação do Ato Institucional nº 1 (AI-1). Sem ter conseguido

em 1964, a 'Revolução' foi (e ainda é) celebrada, seja com ritos, seja com publicações alusivas ao 31 de março. Passando por alguns textos e discursos publicados e proferidos por ocasião dos aniversários, percebe-se em geral uma tentativa de colocar a 'revolução' como 'um marco para a democracia brasileira'⁴⁰. A legitimação do golpe foi e continua sendo a busca dos defensores do regime. Em artigo intitulado "Os discursos de celebração da 'Revolução de 1964'", a pesquisadora Lucileide Costa Cardoso descreve que

Os aniversários da 'revolução de 1964' são momentos de ampla produção e difusão de escritos que buscam sentido para o passado. O general Walter Pires de Carvalho e Albuquerque, ministro do Exército do governo Figueiredo, por exemplo, publicou em 1984 um artigo comemorativo do vigésimo aniversário da "Revolução Democrática de 31 de Março de 1964". O significado histórico e a autenticidade cívica do Movimento residiam, para ele, no apoio de diversos segmentos da sociedade em salvaguardar o país da imposição de um "regime totalitário à feição comunista" (2011, p. 126).

Os ritos, símbolos e discursos proferidos nos registros sobre os 'aniversários da revolução' que analisaremos a seguir estão inseridos neste contexto de exaltação do movimento civil-militar de 1964 como a salvação do país de uma ditadura de esquerda.

Pautar a comemoração do aniversário da revolução é uma forma da TV legitimar o evento e o governo instaurado a partir dele. Utilizar a palavra 'revolução' na classificação da reportagem é respaldar uma nomenclatura criada pelos militares para caracterizar o regime imposto.

Importante considerarmos o contexto das celebrações do golpe aqui apresentadas, matérias gravadas no dia 31 de março em dois anos consecutivos: 1975 e 1976. Nas eleições de 1974, o governo sofreu diversas 'derrotas' para o partido da oposição (MDB), em uma clara demonstração da insatisfação popular com o regime imposto 10 anos antes. Sendo assim, era necessário restabelecer conexões com a sociedade civil:

Com o resultado das eleições, o regime percebeu que seu autismo palaciano e castrense em relação aos setores mais amplos da sociedade, poderia colocar em risco a "estabilidade" política e social tão defendidas. Principalmente porque, apesar da derrota da esquerda armada, novos grupos sociais se mobilizavam com um discurso crítico ao regime (Igrejas, sindicatos, associações profissionais e culturais). Naquele contexto, a imprensa liberal foi vista como uma ponte confiável entre regime e sociedade pelos ideólogos

regressar ao país, faleceu em circunstâncias misteriosas na cidade Argentina de Mercedes, no ano de 1976. Ver JOÃO, 2020.

⁴⁰ Conforme Ordem do Dia Alusiva ao 31 de Março de 1964, publicada no site do Ministério da Defesa/Governo Federal em 2020. Ver ORDEM, 2020.

da abertura, como Golbery do Couto e Silva⁴¹. Estes se fiavam na tradição liberal conservadora dos jornais, dispostos a deixar o ambiente político o mais calmo possível para uma transição negociada, diante da possibilidade das lutas democráticas se radicalizarem na sociedade civil (NAPOLITANO, 2017, p. 357).

No texto acima citado, o historiador Marcos Napolitano mostra como a partir de meados dos anos 1970 os editoriais de diversos periódicos passaram a fazer um 'balanço crítico do regime' por ocasião dos aniversários da 'revolução'. "*O Globo*, por outro lado, manteve o tom governista e adesista, mesmo a partir deste período" (NAPOLITANO, 2017, p. 357). Como sabemos, a TV Globo Minas pertence ao mesmo grupo que gerencia o jornal **O Globo**. Sendo assim, não é de se surpreender que o 'tom' percebido no impresso também seja visto na cobertura da emissora mineira. Passemos então à análise das telerreportagens.

Com 5 minutos e 06 segundos de duração, o filme "Aniversário da Revolução" (JH) de 31 de março de 1975 foi catalogado no acervo da TV Globo Minas com as seguintes informações:

Título:

Aniversário da revolução de 1964.

Sinopse:

Cenas que mostram missa celebrada em comemoração à revolução de 64 (1964), na Capela Santana do Palácio da Liberdade⁴², com a presença do governador Aureliano Chaves e autoridades e solenidades na praça, com revista às tropas e hasteamento de bandeiras.

A fita começa com imagens da missa celebrada na capela indicada pela sinopse. A celebração é conduzida por Dom Serafim Fernandes de Araújo⁴³ (Imagem 12), à

⁴¹ Golbery do Couto e Silva (Rio Grande/RS, 21 de agosto de 1911 - São Paulo/SP, 18 de setembro de 1987) teve sólida formação militar. Em 1944 integrou a Força Expedicionária Brasileira (FEB) como oficial de informações no *front* da 2ª Guerra Mundial. Em março de 1956 foi promovido a coronel. Em janeiro de 1961 (governo de Jânio Quadros), assumiu as funções de chefe de gabinete da secretaria geral do Conselho de Segurança Nacional. Com a posse de João Goulart em setembro daquele ano, Golbery pediu transferência para a reserva. Afastou-se da ativa com a patente de general de divisão. Passa a coordenar o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS), criado oficialmente em novembro de 1961. Foi nomeado o primeiro chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) em junho de 1964, no governo de Humberto Castelo Branco. Em março de 1967 tornou-se ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), cargo que ocupou até o fim do governo Costa e Silva em 1969. Em março de 1974, já na gestão Geisel, Golbery foi nomeado ministro-chefe do Gabinete Civil, posto que manteve no governo de João Baptista Figueiredo até 6 de agosto de 1981. Golbery teve grande influência no pensamento e nas articulações feitas pelo governo durante todo o regime militar. Ver SILVA, GOLBERI DO COUTO E - VERBETE, 2009.

⁴² A Capela fica na verdade junto ao antigo Palácio dos Despachos, hoje (2021) Casa Fiat de Cultura.

⁴³ Dom Serafim Fernandes de Araújo (Minas Novas/MG, 13 de agosto de 1924 - Belo Horizonte/MG, 8 de outubro de 2019) foi bispo auxiliar de Belo Horizonte (1959-1982) e arcebispo coadjutor da capital (1982-1986). Sucedeu dom João Resende Costa no governo da Arquidiocese de BH em 5 de fevereiro de 1986 e foi sucedido por dom Walmor Oliveira de Azevedo em 26 de março de 2004. Também foi reitor da Universidade Católica de Minas Gerais de 1960 a 1981. Ver CARDEAL.

época bispo auxiliar de Belo Horizonte. Ele está no altar, acompanhado por dois assistentes.

O segundo plano apresenta imagens do público presente na capela. Na primeira fileira estão o governador Aureliano Chaves⁴⁴ e sua esposa, Vivi Chaves (Imagem 13). Na segunda fileira é possível identificar o vice-governador Ozanam Coelho⁴⁵ e o presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, deputado João Ferraz⁴⁶ (Imagem 14). A capela está cheia. De acordo com matéria publicada no jornal **O Globo**⁴⁷, estavam presentes "o Secretariado do Estado, o Comandante da IV Brigada de Infantaria, General Sílvio Otávio do Espírito Santo, e comandantes de unidades do Exército, Aeronáutica e Polícia Militar".

Imagem 12 - Dom Serafim Fernandes de Araújo (Bispo Auxiliar de Belo Horizonte) conduz a cerimônia na Capela de Santana



Imagem 13 - Na primeira fileira da capela estão o governador Aureliano e sua esposa, Vivi Chaves



⁴⁴ Aureliano Chaves (Três Pontas/MG, 13 de janeiro de 1929 - Belo Horizonte/MG, 30 de abril de 2003) foi deputado estadual (1961 a 1962 / 1963 a 1967). Inicialmente ligado à UDN, filiou-se à Arena com a implantação do bipartidarismo. Em 1966 foi eleito deputado federal, cargo que exerceu até 1975. Foi governador de Minas de 15 de março de 1975 a 5 de julho de 1978, quando entregou o governo do estado ao vice-governador Ozanam Coelho para concorrer ao cargo de vice presidente na chapa de João Baptista Figueiredo. No ano de 1981 assumiu a presidência por 49 dias depois que Figueiredo sofreu um infarto. Foi ministro das Minas e Energia no governo de José Sarney. Em 1989 lançou-se candidato à presidência pelo PFL, ficando na nona posição. Ver CHAVES, 2009.

⁴⁵ Levindo Ozanam Coelho (Ubá/MG, 17 de maio de 1914 - 30 de março de 1984) foi prefeito de Ubá de 1939 a 1946. Exerceu o cargo de deputado estadual na legenda do PSD (1955-1959). Tornou-se deputado federal em 1959, sendo reeleito em 1962, 1966 (já filiado à Arena) e 1970. Em 1975 tomou posse como vice-governador de Minas. Assumiu o governo do estado em 1978, quando o titular Aureliano deixou o cargo para concorrer à vice-presidência da república na chapa de João Baptista Figueiredo. Em 1982 foi eleito deputado federal pelo Partido Democrático Social (PDS). Ver COELHO, 2009.

⁴⁶ João de Araújo Ferraz (Belo Horizonte/MG, 29 de setembro de 1920 - 27 de outubro de 2010) foi deputado estadual por Minas Gerais de 1967 a 1987 (eleito inicialmente pela Arena e a partir de 1982 pelo PDS). Exerceu a presidência da Assembleia Legislativa de 1975 a 1977. Ver MORRE EX, 2010.

⁴⁷ MINAS ressalta o esforço para humanizar o desenvolvimento. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º abr. 1975, p. 7.

Imagem 14 - A capela está cheia. Entre as autoridades presentes, vemos também o vice-governador de Minas, Ozanam Coelho (olhando para baixo), e o presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, deputado João Ferraz (no canto direito da imagem)



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Aniversário da Revolução" (31 de março de 1975).

FONTE: Acervo MIS BH.

O terceiro plano mostra estudantes sobre a calçada de uma rua nas proximidades do Palácio da Liberdade (Imagem 15). Como eles estão uniformizados, intui-se que a ida à solenidade foi organizada pela própria escola, como parte das atividades didáticas, visto que a data caiu em uma segunda-feira. Um plano ao final do rolo identificará que os jovens são alunos do Colégio Estadual Ordem e Progresso (atual Escola Estadual Ordem e Progresso), entidade ligada à Polícia Civil de Minas Gerais. Policiais militares estão próximos aos adolescentes e movimentam-se para resguardar que eles não ultrapassem o limite da calçada.

No plano seguinte, acompanhado de um soldado, o governador passa a tropa em revista na rua em frente ao Palácio dos Despachos (Imagem 16). Em determinado momento ele para de frente à tropa, e faz uma reverência curvando a parte superior do corpo. Em seguida, há imagens do Palácio da Liberdade. Embora seja um plano distante, é possível ver pessoas na escadaria frontal do edifício. Aureliano Chaves começa a hastear uma bandeira enquanto ouve-se uma banda (fora de quadro) executar o hino nacional. Há um corte e a sequência continua com um plano aproximado do governador realizando o hasteamento (Imagem 17). A próxima cena mostra em primeiro plano três estátuas que ficam nos jardins do Palácio. Entre duas delas, vê-se ao fundo a bandeira nacional sendo erguida. O hino acaba e a bandeira chega ao topo do mastro.

Imagem 15 - Alunos presentes à cerimônia são acompanhados de perto por policiais militares



Imagem 16 - O governador Aureliano Chaves
passa a tropa em revista.
Ao fundo, o Palácio dos Despachos



Imagem 17 - Aureliano realiza o hasteamento da
bandeira enquanto o hino nacional é executado



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Aniversário da Revolução" (31 de março de 1975).
FONTE: Acervo MIS BH.

Aos 51 segundos de filme, a fita começa a repetir as cenas na mesma ordem apresentada anteriormente, mas com planos mais longos. Supõe-se que a partir deste ponto, sejam as sobras de imagens não utilizadas na edição final da reportagem. A ordem dos planos é a seguinte: Dom Serafim realizando a celebração, o governador e sua esposa na primeira fila, cenas do segundo banco em diante, um primeiro plano do governador durante a celebração. Em seguida, imagens do governador passando a tropa

em revista (há um corte exatamente no ponto onde se encaixaria a cena que foi utilizada no início do rolo). Há também cenas de soldados marchando em frente ao Palácio da Liberdade, novamente a bandeira sendo hasteada e então planos não aproveitados de uma numerosa tropa de soldados na rua em frente à sede do governo.

Um orador⁴⁸ discursa ao microfone. Pela gravação intermitente e com som ambiente, não é possível compreender a fala em sua totalidade, mas algumas expressões são assimiladas, tais como: 'emancipação nacional', 'solo mineiro', 'revolução', 'regime democrático'.

O penúltimo plano do filme mostra novamente os alunos na calçada, e por fim há um plano de estudantes carregando uma faixa com os seguintes dizeres: "COLÉGIO ESTADUAL ORDEM E PROGRESSO - POLÍCIA CIVIL" (Imagem 18). O filme acaba.

Imagem 18 - Alunos presentes ao evento carregam faixa com a identificação da escola.



Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme "Aniversário da Revolução" (31 de março de 1975).

FONTE: Acervo MIS BH.

Neste mesmo conjunto de celebrações, há também o filme "Aniversário da Revolução" (JN) de 31 de março de 1976. Não localizamos a ficha de cadastro deste

⁴⁸ De acordo com o jornal **O Globo**, o orador é o professor Jayme Peconick. Ver MINAS, 1975.

rolo na documentação correlata da TV Globo Minas. Conforme veremos, a cerimônia guarda muitas semelhanças com aquela realizada no ano anterior, à exceção da celebração religiosa, que, se aconteceu, em 1976 não foi filmada pela TV Globo Minas.

Com 3 minutos e 41 segundos de duração, o filme começa com imagens de soldados da Polícia Militar carregando as bandeiras do Brasil e de Minas Gerais (Imagem 19). A seguir, em frente ao Palácio da Liberdade, um militar dá início ao hasteamento da bandeira nacional (Imagem 20). Há um plano curto das bandeiras do Brasil e do estado já hasteadas e, em seguida, uma imagem em primeiro plano do governador Aureliano Chaves e do vice Ozanam Coelho acompanhando a cerimônia. Atrás deles há um homem que não foi possível identificar (Imagem 21). A seguir, o mesmo militar que fez o hasteamento discursa ao microfone (Imagem 22). Próximo a ele estão as autoridades citadas há pouco, e também Luiz Verano⁴⁹, prefeito de Belo Horizonte, que havia tomado posse em 10 de abril do ano anterior. Há uma cena curta de aplausos por parte dos presentes, e, na sequência, planos de soldados em marcha: primeiro eles passam pela mesma rua da reportagem anterior, tendo ao fundo o Palácio dos Despachos (Imagem 23); há um plano detalhe mostrando as botas dos soldados enquanto marcham; em seguida, a câmera mostra o governador Aureliano Chaves. Do seu lado direito, o militar que discursou. À sua esquerda, o presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, deputado João Ferraz (Imagem 24). Entre o governador e a câmera, a tropa passa desfilando. Até este momento do filme, os planos são curtos, revelando uma edição bem dinâmica.

As cenas que compõem o rolo a partir dos 36 segundos de filme caracterizam-se como sobras de imagens, tanto pela duração dos planos quanto pelos cortes menos suaves entre eles, indicando serem materiais não trabalhados pela edição.

⁴⁹ Nomeado pelo governador Aureliano Chaves, Luiz Verano (Itajubá/MG, 10 de março de 1912 - 27 de junho de 1998) foi prefeito de Belo Horizonte de 10 de abril de 1975 a 3 de abril de 1979. Com formação em Engenharia Mecânica Eletricista, trabalhou em diversas companhias até ingressar na Usiminas em 1958. Na empresa, ocupou diversos cargos e foi um dos idealizadores da Usiminas Mecânica - USIMEC, sendo seu primeiro presidente em 1975. No mesmo ano, foi designado pelo governador do estado para o cargo de Secretário da Indústria, Comércio e Turismo, e, em seguida, para o cargo de prefeito da capital mineira. Ver FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1987.

Imagem 19 - Soldados da PM performam rito com as bandeiras de Minas e do Brasil



Imagem 20 - Militar faz o hasteamento da bandeira nacional



Planos do material editado para a reportagem.

Imagem 21 - O governador Aureliano Chaves (direita) e o vice Ozanam Coelho (esquerda). Ao fundo, autoridade não identificada



Imagem 22 - Militar discursa durante a cerimônia. Ao fundo (de terno escuro), o prefeito de Belo Horizonte, Luiz Verano



Planos do material editado para a reportagem.

Imagem 23 - Tropa desfila em rua adjacente ao Palácio da Liberdade. Ao fundo, o Palácio dos Despachos



Plano do material editado para a reportagem.

Imagem 24 - Aureliano acompanha o desfile das tropas ao lado de um militar e do presidente da ALMG, deputado João Ferraz



Este fotograma pertence ao trecho não editado da reportagem, mas o plano é semelhante ao que compõe a matéria editada.

Fotogramas extraídos do filme "Aniversário da Revolução" (31 de março de 1976).

FONTE: Acervo MIS BH.

Na sequência do rolo, há novos trechos de sequências já exibidas anteriormente: a cerimônia com as bandeiras, outros excertos do discurso do militar ao microfone, cenas das autoridades civis e militares presentes e o desfile das tropas. O discurso é gravado de forma fragmentada, mas ainda assim é possível ouvir frases como "*engrandeceu a força moral dos brasileiros inconformados*" e "*Minas Gerais, a heroica terra do mártir da inconfidência*".

A partir dos 3 minutos e 22 segundos, há imagens de crianças com uniformes escolares (Imagens 25 e 26). São esses planos que compõem o filme até o fim. A princípio, seria presumível que estas cenas estivessem na reportagem editada, mesmo porque a matéria feita no ano anterior mostrava estudantes presentes na solenidade. No entanto, esmiuçando a filmagem de 1976, percebe-se que a gravação das crianças foi feita provavelmente em algum momento de intervalo do desfile, porque elas aparecem conversando, rindo e brincando entre si. As risadas durante um evento oficial certamente não seriam bem vistas se incluídas na edição final da matéria, e talvez por isso estas cenas não tenham sido escolhidas.

Imagem 25



Imagem 26



Crianças uniformizadas presentes na celebração do 31 de março.
No registro feito, os estudantes aparecem rindo e conversando descontraídos.

Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Aniversário da Revolução" (31 de março de 1976).
FONTE: Acervo MIS BH.

Localizamos na base digital de fichas Globo⁵⁰ mais treze reportagens⁵¹ envolvendo o mesmo tema destes dois primeiros filmes e que teriam sido produzidas e/ou veiculadas na Globo Minas entre os anos de 1969 e 1978. Esses treze rolos não

⁵⁰ Criada no Centro de Referência Audiovisual (atual MIS BH) para digitação do conteúdo das fichas de arquivamento/catalogação produzidas no *Arquivo e Pesquisa* da TV Globo Minas. Ver Introdução, p. 20.

⁵¹ Os títulos, datas e sinopses das 13 reportagens estão listados no ANEXO C deste trabalho.

foram localizados no acervo da TV mantido pelo Museu. No entanto, a existência das fichas revela indícios da constante presença dos registros destes aniversários na programação dos telejornais da emissora. As sinopses das 13 reportagens reafirmam a dimensão vista nos dois filmes analisados: organização de eventos diversos em celebração ao 31 de março, a presença constante de militares, homenagens a autoridades, discursos, cerimônias religiosas e o ritual do hasteamento de bandeiras.

Nas duas reportagens analisadas, a cobertura da celebração do 'aniversário da revolução' por si só já consiste em uma tentativa de reforçar no imaginário do telespectador mineiro a ideia de que a destituição do governo de João Goulart foi legítima e digna de ser celebrada. Além da própria inclusão da solenidade na pauta, o que já indica um posicionamento editorial do telejornalismo da Globo Minas, as matérias também trazem elementos que reforçam simbolismos cultivados durante a ditadura.

O hasteamento da bandeira e a execução do hino brasileiro são ritos reiterados nessas e em várias outras reportagens deste capítulo. A presença de militares também fica muito evidente nas matérias editadas. Eles estão presentes em suas mais diversas graduações, desde soldados desfilando a militares de alta patente que aparecem ao lado do governador.

Já a participação popular é vista apenas nas cenas que mostram estudantes uniformizados (no caso do primeiro filme, alunos de uma escola estadual ligada à polícia civil), não constituindo-se de uma presença que poderia ser considerada espontânea. Embora curtas, as matérias reforçam o compromisso do governo estadual com os militares e os princípios da 'revolução'.

1.2. Os presidentes militares em Belo Horizonte

Analisaremos agora as reportagens que compõem o segundo bloco, nas quais foram feitos registros de visitas de presidentes militares a Belo Horizonte.

É justificável que a visita de um presidente receba ampla cobertura e destaque nos jornais, incluindo aí os televisivos. Não obstante, é necessário apontar as diferenças na duração das reportagens dedicadas a estes eventos daquelas que cobrem os assuntos abordados nos outros capítulos. Também nos parece óbvio que as coberturas de visitas presidenciais ganhem repercussão nacional, com a divulgação das reportagens no *Jornal Nacional*, o jornalístico mais abrangente da emissora, dado que também justificaria a

maior extensão das matérias. No entanto, buscaremos refletir sobre a projeção dada a essas reportagens em relação àquelas que ficariam apenas no âmbito dos telejornais locais.

A Globo Minas começou suas atividades em Belo Horizonte no ano de 1968, quando o país era governado por Artur da Costa e Silva⁵². No entanto, não foi localizado nenhum filme que tenha registrado qualquer passagem de Costa e Silva pela cidade. As reportagens com presidentes militares começam com Emílio Garrastazu Médici⁵³.

O primeiro rolo possui como título atribuído o nome "Presidente Médici inaugura Plano Nacional de Água Potável em BH" (sem data). No Fundo Globo Minas existente no MIS BH, esta é a única reportagem localizada envolvendo o presidente Médici. No entanto, como boa parte do acervo do período 1968-1973 ainda não foi processado e identificado, pode ser que futuramente sejam encontrados novos registros. Este filme foi identificado durante processamento de acervo no Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte. Nele não constava a identificação que normalmente as reportagens da TV Globo Minas possuem, que é um pedaço de papel preso por um durex na ponta do rolo. Desta forma, a equipe do setor responsável pelo processamento assistiu a fita e atribuiu um título a partir da verificação do tema. Pela ausência do título original, ainda não havia sido identificada a data da reportagem, nem a sinopse que teria sido elaborada na TV Globo Minas. Durante esta pesquisa, a partir das informações levantadas, podemos afirmar que os eventos registrados na fita ocorreram no dia 21 de

⁵² Artur da Costa e Silva (Taquari/RS, 3 de outubro de 1899 - Rio de Janeiro/RJ, 17 de dezembro de 1969) teve extensa carreira militar. Foi promovido a general de exército em 1961. Participou ativamente dos movimentos que culminaram no golpe civil-militar de 31 de março de 1964. Logo após o golpe foi empossado oficialmente no Ministério da Guerra. Em 3 de outubro de 1966, Costa e Silva e Pedro Aleixo foram eleitos pelo Congresso Nacional para os cargos de presidente e vice, respectivamente. Na ocasião, o MDB (partido opositor) se retirou do plenário, abstando-se de participar do processo eleitoral. Empossado em março de 1967, foi o presidente responsável pela promulgação do AI-5. Adoeceu em agosto de 1969 e assim precisou afastar-se da presidência. Uma junta militar escolheu o nome do general Emílio Garrastazu Médici para sucedê-lo. Ver SILVA, COSTA E – VERBETE, 2009.

⁵³ Emílio Garrastazu Médici (Bajé/RS, 4 de dezembro de 1905 - Rio de Janeiro/RJ, 9 de outubro de 1985) foi o terceiro presidente do período militar. Com formação e carreira militar, tornou-se comandante da Academia Militar das Agulhas Negras em janeiro de 1963, posto que ocupava quando ocorreu o golpe em 1964. Estabelecido o novo regime, Médici foi nomeado adido militar em Washington pelo ministro da Guerra Costa e Silva. Quando Costa e Silva assume a presidência, em março de 1967, Médici torna-se chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), cargo que ocupou até abril de 1969, quando tornou-se comandante do III Exército em Porto Alegre. Com o afastamento do presidente Costa e Silva, que havia sofrido um derrame, Médici foi escolhido pelo Congresso como seu sucessor, tomando posse em 30 de outubro de 1969. Permaneceu na presidência até 15 de março de 1974. Como se sabe, seu governo ficou caracterizado por grande crescimento econômico, política desenvolvimentista e centralizadora. Também foi o período com maior e mais violenta repressão aos movimentos de oposição. Ver MÉDICI, 2009.

agosto de 1973. Com a data reconhecida, localizamos na base de fichas do Fundo Globo no MIS BH as seguintes informações, que correspondem ao filme em questão:

Título: Medici Emilio Garrastazu

Sinopse: Cenas mostrando aspectos da visita do presidente Medici a Belo Horizonte, aparecendo-o a chegada no aeroporto da Pampulha acompanhado de sua esposa Scyla⁵⁴ Medici.

Data Filmagem: 21/08/1973

Conforme o jornal **O Globo**⁵⁵, o Sistema do Rio das Velhas inaugurado em 21 de agosto de 1973 daria um reforço diário de 260 milhões de litros ao abastecimento de água de Belo Horizonte. Importante dizer que à época, a capital de Minas tinha sérios problemas de saneamento básico, com fornecimento irregular de água em todas as regiões da cidade e ausência de esgoto para boa parte da população (40% dos habitantes tinham acesso ao sistema de esgoto em 1967). No final da década de 1960 a cidade sofreu um colapso sanitário, com alta incidência de gastroenterite e esquistossomose, principalmente em crianças (MESQUITA, 2013). Em 1973, a inauguração do Sistema do Rio das Velhas e a criação pelo governo estadual da Companhia Mineira de Água e Esgotos - COMAG (que deu origem à Companhia de Saneamento de Minas Gerais - COPASA) são considerados marcos fundamentais na melhoria do abastecimento de água e coleta de esgoto em BH.

Não há indicação do jornal onde a reportagem teria sido veiculada. O rolo possui 9 minutos e 58 segundos de duração. Provavelmente para a cobertura da visita foi gasto um rolo inteiro de película virgem, que normalmente possuía 10 minutos de duração. Deste total, os primeiros 3 minutos e meio compõem material editado, e o restante do filme, material de arquivo. Conforme será visto adiante, vários filmes deste capítulo possuem duração próxima a 10 minutos, revelando a importância dada à cobertura das visitas presidenciais em contraposição a outros temas, aos quais era dedicado menor tempo de gravação e, conseqüentemente, menor tempo de reportagem editada.

A fita começa com imagens de um helicóptero no ar, aparentemente se aproximando do pouso, dada a baixa altitude. No próximo plano, um avião taxia pela pista do Aeroporto da Pampulha. Na cena seguinte, soldados enfileirados em continência aguardam a descida dos primeiros passageiros. A próxima sequência mostra a mesma cena em um plano frontal da escada de saída do avião. Ao fundo da imagem, estão o presidente Emílio Garrastazu Médici e a primeira dama Scylla Médici (Imagem

⁵⁴ O erro na grafia do nome da primeira-dama consta na ficha original de arquivamento da Globo Minas.

⁵⁵ PRESIDENTE inaugura sistema do rio das Velhas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 ago. 1973, p. 3.

27). Eles estão parados, como se aguardassem algum sinal para então caminharem entre os soldados enfileirados. O momento da passagem pelos soldados não é apresentado no filme. No plano seguinte, o presidente e a primeira-dama cumprimentam autoridades que os esperam na pista do aeroporto, entre elas o governador de Minas Gerais, Rondon Pacheco, importante político da época, apoiador do golpe civil-militar em 1964 e por muitos anos membro da base parlamentar de sustentação à política do governo ditatorial⁵⁶ (Imagem 28). Conforme matéria publicada no jornal **O Globo**⁵⁷, entre as autoridades que aguardavam a chegada do presidente no aeroporto da Pampulha, além do governador e do Ministro do Interior, José Costa Cavalcanti⁵⁸, estavam também todos os Secretários de Estado de Minas Gerais. Como o filme os mostra muito rapidamente, não é possível identificá-los individualmente na reportagem que teria sido editada para a TV⁵⁹.

A seguir, de dentro de um carro oficial, o presidente acena para um pequeno grupo de pessoas que está na rua, do lado de fora do aeroporto (Imagem 29). Batedores de polícia acompanham o carro. A cena seguinte foi feita a partir de um veículo em movimento, provavelmente o carro de reportagem acompanhando a comitiva do presidente⁶⁰. Enquanto passam pela Avenida Afonso Pena (no centro da capital mineira), a câmera enquadra uma faixa que fora afixada de um dos lados da avenida até

⁵⁶ Rondon Pacheco (Uberlândia/MG, 31 de julho de 1919 - 4 de julho de 2016) foi eleito deputado federal por Minas Gerais por 4 mandatos consecutivos (1951-1966) na legenda da União Democrática Nacional (UDN). Com a instauração do bipartidarismo em 1966, filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena), pela qual foi reeleito deputado federal naquele ano. Permaneceu na Câmara até 1967, quando assumiu a chefia do Gabinete Civil da Presidência da República no momento em que Costa e Silva tomou posse. Voltou ao mandato parlamentar em 1969 (ano em que Médici assumiu o governo), permanecendo no mesmo até 1971. Em novembro de 1969, Pacheco assumiu a presidência da Arena, por indicação de Médici. Deixou a coordenação do partido em 1970, após ser eleito governador de Minas, sem concorrente (vale notar que a eleição já era indireta). Ocupou este cargo de 1971 a 1975. Em 1982, filiado ao Partido Democrático Social (PDS), foi eleito novamente deputado federal, cumprindo mandato entre 1983 e 1987. Ausentou-se da votação da Emenda Dante de Oliveira (em 25 de abril de 1984), que propunha o restabelecimento das eleições diretas para a Presidência da República. Em 1986, disputou uma vaga de senador constituinte pelo PDS, sem êxito, encerrando suas disputas por cargos eletivos. Ver PACHECO, 2009.

⁵⁷ PRESIDENTE inaugura sistema do rio das Velhas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 ago. 1973, p. 3.

⁵⁸ José Costa Cavalcanti (Fortaleza/CE, 6 de janeiro de 1918 - Rio de Janeiro/RJ, 10 de agosto de 1991) era tenente-coronel do exército quando iniciou sua vida política. Foi deputado federal por Pernambuco (1963-1967), ministro das Minas e Energia do governo Costa e Silva (1967-1969) e ministro do Interior nos governos Costa e Silva e Médici (1969-1974). Em 1968, foi signatário do AI-5, como todos os demais ministros. Foi ainda presidente da Itaipu Binacional (1974-1985) e da Eletrobrás (1980-1985). Ver CAVALCANTI, 2009.

⁵⁹ Conforme apontamos na Introdução, a grande maioria das telerreportagens do Fundo Globo não possui o áudio do texto de cobertura, item normalmente inserido no processo de edição e que poderia nos auxiliar na identificação de personagens, locais e eventos registrados.

⁶⁰ Não é possível afirmar categoricamente, mas o posicionamento do carro de reportagem da TV Globo Minas em relação à comitiva presidencial indica que a emissora obteve permissão para realizar a cobertura da visita em uma posição de destaque.

o canteiro central, onde é possível ler: "O MOVIMENTO COMUNITÁRIO do Bairro São GERALDO Saúda Presidente MÉDICI" (Imagem 30). A faixa provavelmente é mais um gesto de agradecimento pela inauguração do Sistema, vislumbrando uma possível melhora no abastecimento de água que tanto afligia a população da capital mineira (especialmente a mais carente, como no bairro em questão), do que uma manifestação de apoio ao governo militar. Importante lembrar que naquele momento os movimentos de bairro já exerciam importante papel nas reivindicações por melhorias na qualidade de vida da população urbana periférica, que havia aumentado consideravelmente desde os anos 1950. A partir de 1974, com o fim do milagre econômico e o início de um processo de distensão, a luta dos movimentos de bairro se intensificaria na busca por soluções aos problemas do cotidiano, necessariamente ligados ao contexto econômico, social e político do país⁶¹.

Na Avenida Afonso Pena a movimentação de carros e pedestres parece tranquila e não há qualquer sinal de mobilização popular pela passagem da comitiva presidencial. No entanto, a reportagem do jornal **O Globo**⁶² do dia seguinte relatou que no centro da capital mineira o presidente fora saudado por 20 mil escolares. Além disso, em sua passagem pela Avenida Antônio Carlos (que faz a ligação entre o Aeroporto da Pampulha e a região central), 15 mil crianças teriam o recebido acenando bandeirinhas. A única imagem que ilustra a matéria é uma fotografia do presidente ouvindo o discurso feito pelo governador de Minas na Associação Comercial, atividade realizada na tarde daquele 21 de agosto de 1973. Se a mobilização mencionada pelo jornal impresso de fato ocorreu, ela não foi registrada pela equipe da TV, nem teve destaque n'**O Globo**.

Voltando à telerreportagem, no local onde ocorre a inauguração do Sistema do Rio das Velhas (Nova Lima - região metropolitana de BH), um plano americano mostra o presidente hasteando a bandeira do Brasil (Imagem 31). A câmera faz um *zoom out*. Ouve-se uma banda que executa o hino nacional. É o primeiro trecho sonoro da fita. Na sequência seguinte, o presidente descerra uma placa (Imagem 32), a qual transcrevemos parcialmente a seguir:

Ministério do Interior
 Departamento Nacional de Obras de Saneamento
 /ilegível/ DFOS
 Estado de Minas Gerais
 Prefeitura de Belo Horizonte
 DEMAÉ

⁶¹ Ver MOVIMENTOS.

⁶² PRESIDENTE inaugura sistema do rio das Velhas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 ago. 1973, p. 3.

Convênio - BNDS - BNH - BCEMG - PBH - DEMA
 Abastecimento de água de Belo Horizonte
 Sistema do Rio das Velhas⁶³

No restante da placa há uma lista com os nomes das seções que compõem o Sistema inaugurado, como 'Tomada de Água', 'Elevatória de Baixo Recalque', 'Estação de Tratamento', entre outras (Imagem 33). A partir deste ponto, a legibilidade da placa fica ruim.

Assim que a placa é descerrada, os presentes aplaudem e a banda imediatamente começa a tocar "Pra Frente Brasil"⁶⁴, música criada para a copa do mundo de futebol em 1970 e que foi incorporada pelo Governo Médici em cerimônias deste tipo, no intuito de alimentar o imaginário de um país unido e em franco progresso.

Imagem 27 - O presidente Emílio Garrastazu Médici e a primeira-dama Scylla Médici em sua chegada à capital mineira



Imagem 28 - À esquerda da imagem, o governador Rondon Pacheco (de óculos escuros) recebe o presidente no Aeroporto da Pampulha



Imagem 29 - Médici acena para o público do lado de fora do Aeroporto



Imagem 30 - Faixa de boas vindas ao presidente na Avenida Afonso Pena, região central de BH



⁶³ O Sistema está localizado no município de Nova Lima, a aproximadamente 27 quilômetros do centro de BH. Nova Lima compõe a região metropolitana da capital.

⁶⁴ Composta por Miguel Gustavo, a canção foi música tema da seleção brasileira na disputa da Copa do Mundo de futebol em 1970. Ver 90 MILHÕES, 2015-2017.

Imagem 31 - Médici faz o hasteamento da bandeira do Brasil ao som do hino nacional, na primeira vez em que o som é ouvido na fita. Detalhe para o som óptico⁶⁵ na borda do fotograma.



Imagem 32 - O presidente descerra a placa de inauguração do Sistema do Rio das Velhas.



Imagem 33 - Detalhe da placa da imagem anterior. Este fotograma faz parte das cenas que constam ao final do rolo



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Presidente Médici inaugura Plano Nacional de Água Potável em BH" (atribuído) (21 de agosto de 1973).
FONTE: Acervo MIS BH.

A construção deste imaginário de um país em progresso já vinha sendo trabalhada desde fins da década de 1960. A sistematização da propaganda oficial do governo militar ocorreria a partir de janeiro de 1968 com a criação da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), que teria como sucessora a Assessoria de Relações Públicas (ARP). De acordo com Odair de Abreu Lima, a atuação da Assessoria entre 1968 e 1974 pode ser dividida em duas fases:

uma primeira fase (1968-69) quando a criação dava seus primeiros passos com certa crise de identidade, e procurava definir os rumos para ações mais concretas em torno dos objetivos estabelecidos em seu regimento inicial, e

⁶⁵ A grande maioria dos filmes que compõem o Fundo Globo no MIS BH possui som magnético. No entanto, parte dos rolos mais antigos (final da década de 1960, início da década de 1970) apresenta som óptico. Tal característica se deve provavelmente aos diferentes tipos de câmera utilizados pelo telejornalismo da Globo naqueles anos, conforme apontamos anteriormente. Ver Introdução, p. 12.

uma segunda fase (1969-74), em que se destaca uma ação mais vigorosa, com uma produção mais frenética de propaganda embalada com a conjuntura política favorável determinada pelo chamado “milagre econômico” e com o aproveitamento político da recente conquista do tricampeonato de futebol no México em 1970 (1998⁶⁶, *apud* CASTRO NETTO, 2018, p. 83).

Nesta fase mais vigorosa, a Assessoria teve uma intensa produção, entre publicações, adesivos, cartazes, *jingles* e *spots*, documentários para o cinema e filmetes para a televisão, estes últimos em um total de 170 (CASTRO NETTO, 2018, p. 83-84). Conforme aponta David Antônio de Castro Netto,

O sucesso da AERP deve-se a duas explicações. A primeira é conjuntural. Aqueles foram exatamente os anos do “milagre econômico brasileiro”, o crescimento de 11% ao ano, que parecia transformar as expectativas do “Brasil potência” em realidade. A euforia econômica era alimentada pelo sucesso esportivo, não apenas o tricampeonato mundial em 1970, mas uma série de conquistas parecia demonstrar a superação do subdesenvolvimento econômico e social (2018, p. 84).

As obras de infraestrutura eram um dos principais eixos da política desenvolvimentista do governo Médici. Como se vê na reportagem de 1973 aqui apresentada, a inauguração deste tipo de obra era festivamente divulgada junto a *slogans*, *jingles*, e outros recursos propagandísticos gerados por um coordenado projeto de comunicação:

O país, comparado a um imenso canteiro de obras, foi tomado por incontida euforia desenvolvimentista. Martelavam-se os *slogans* otimistas, animando, encorajando, em mensagens positivas e ufanistas: *Pra frente, Brasil; Ninguém mais segura este país, Brasil, terra de oportunidades; Brasil, potência emergente* (REIS, 2000, p. 56-57).

Os elementos que aparecem na matéria editada sobre a cobertura da visita do presidente Médici apenas reforçam um projeto de comunicação e a construção de um imaginário que já vinham sendo trabalhados internamente pela Assessoria de Relações Públicas do governo. Percebe-se, portanto, uma identidade entre o discurso veiculado pela emissora de televisão e a propaganda governista. O crescimento econômico alcançado naquele período facilitava o trabalho de exaltação dos feitos do regime e a omissão de seus erros. Se a gestão Médici ficou caracterizada por grande crescimento econômico, política desenvolvimentista e centralizadora, não obstante, foi o período com maior e mais violenta repressão aos movimentos de oposição.

⁶⁶ LIMA, Odair de Abreu. **A tentação do consenso**: o trabalho da AERP e o uso dos meios de comunicação como fontes de legitimação dos governos militares (1964 – 1974). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da PUC – São Paulo, 1998.

Na sequência do filme, há o plano de um palanque, com a presença de várias autoridades (Imagem 34). À frente estão o presidente, o governador de Minas Gerais e o Ministro do Interior. É ele quem discursa:

*Senhoras e senhores,
Acaba a vossa excelência, o presidente, de descerrar a placa comemorativa da inauguração do Sistema do Rio das Velhas para o abastecimento de água da Grande Belo Horizonte.*

Imagem 34 - Médici, Rondon Pacheco e autoridades acompanham o discurso de Costa Cavalcanti, Ministro do Interior



Plano do material editado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme "Presidente Médici inaugura Plano Nacional de Água Potável em BH" (atribuído) (21 de agosto de 1973).
FONTE: Acervo MIS BH.

No plano a seguir, o filme volta a mostrar Belo Horizonte. Em uma rua do centro da cidade há um outdoor de agradecimento a Médici onde está escrito: "Obrigado, Presidente. O RIO JÁ É NOSSO". Na assinatura do painel, as frases: "Um pouco de você. Um pouco de cada um. Nossa BH" (Imagem 35). "Nossa BH" era o slogan da gestão do prefeito Oswaldo Pieruccetti⁶⁷ (1971-1975), da ARENA.

⁶⁷ Oswaldo Pieruccetti, (Patrocínio/MG, 18 de julho de 1909 - Belo Horizonte/MG, 26 de janeiro de 1990) foi advogado e político. Filiado à UDN (União Democrática Nacional), foi eleito prefeito de Araguari/MG em 1948. Em 1950 foi eleito deputado estadual, sendo reeleito em 1954 e 1958. Foi nomeado prefeito de Belo Horizonte para o período de 1965 a 1967 durante o governo de Magalhães Pinto. Ocupou novamente o cargo de prefeito da capital de 1971 a 1975, designado pelo governador Rondon Pacheco. Ver SALLES, [2011?].

Em seguida, uma cena da fachada do Hotel Del Rey⁶⁸, onde o presidente ficaria hospedado, no centro da capital. Um plano exhibe o vidro da entrada com o nome do hotel. No reflexo do vidro, a imagem do outdoor apresentado anteriormente.

A seguir, o plano de outra faixa de agradecimento afixada na esquina da Rua Goiás com Avenida Álvares Cabral, também de frente ao Hotel Del Rey. Desta vez, a homenagem é feita ao presidente e também ao governador: "MÉDICI e RONDON COLOCARAM MINAS NO CAMINHO DO DESENVOLVIMENTO".

Na sequência, um helicóptero aparece sobrevoando o céu. No plano seguinte, a câmera (posicionada na calçada, próximo à entrada do Hotel) mostra a chegada da comitiva (carros oficiais e batedores), que sai da Rua Goiás (passando por baixo da faixa mencionada anteriormente - Imagem 36) e entra no primeiro quarteirão da Avenida Augusto de Lima, exatamente onde fica o Del Rey.

A próxima cena exhibe um dos carros oficiais parado na porta do Hotel. Há policiais militares na calçada. Em meio a um grupo de 15 a 20 homens de terno, o presidente entra no Del Rey (Imagem 37). Nesta sequência há alguns cortes, o que indica um trabalho de edição do material bruto, mas a câmera mantém praticamente a mesma posição, permanecendo na calçada em frente à portaria do edifício. No hall de entrada do Hotel, Médici aperta a mão de alguns homens que o aguardam e se abaixa para cumprimentar uma criança⁶⁹. Planos breves mostram outras autoridades (entre elas, militares) chegando ao local.

Na cena seguinte, um plano da rua. Os carros oficiais e as motocicletas dos batedores estão estacionadas no meio da via, fechando a pista da Avenida Augusto de Lima no trecho em frente ao Hotel. Há mais um plano do trânsito, e, em seguida, a imagem de um prédio onde várias pessoas nas janelas acompanham a movimentação na região (Imagem 38).

A seguir, nova sequência de planos curtos dos carros estacionados na rua e da movimentação na porta do hotel (Imagem 39). Aos 2 minutos e 40 segundos, vários homens de terno e militares deixam o Del Rey. A câmera se detém no governador Rondon Pacheco, que cumprimenta duas crianças (Imagem 40) e uma mulher. Na cena

⁶⁸ O edifício do Hotel Del Rey se localiza na Avenida Augusto de Lima, 30, Centro, esquina com Rua Goiás. O prédio hoje (2021) está alugado para a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e abriga diversas secretarias de governo, dentre elas a Secretaria Municipal de Cultura.

⁶⁹ A matéria do jornal **O Globo** também cita a aproximação da criança. Segundo o texto, tratava-se de uma menina de 10 anos que entregou ao presidente um documento em que pedia um aumento correspondente a 135% do salário mínimo do Estado para seu pai, um funcionário da Secretaria da Fazenda. Ver PRESIDENTE inaugura sistema do rio das Velhas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 ago. 1973, p. 3.

seguinte, um plano breve do governador concedendo entrevista a um repórter de outro veículo de comunicação.

Imagem 35 - Outdoor com mensagem da Prefeitura de Belo Horizonte para o presidente Médici



Imagem 36 - Faixa no caminho da comitiva presidencial exalta a busca pelo desenvolvimento por parte dos governos estadual e federal



Imagem 37 - General Médici chega ao Hotel Del Rey



Imagem 38 - Curiosos observam a movimentação a partir de um prédio próximo ao hotel



Imagem 39 - Carros oficiais estacionados na porta do hotel



Imagem 40 - Crianças abordam o governador Rondon Pacheco



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Presidente Médici inaugura Plano Nacional de Água Potável em BH" (atribuído) (21 de agosto de 1973).
FONTE: Acervo MIS BH.

A câmera mostra um pequeno grupo de curiosos que se aglomera nas proximidades do hotel. Há mais algumas cenas das pessoas nas janelas. Um homem hasteia a bandeira do Brasil no mezanino externo do Del Rey. No plano seguinte, vê-se um pequeno grupo de populares na rua. Eles olham para o alto, na direção do edifício do Hotel. Policiais militares estão próximos a eles, indicando o controle sobre toda e qualquer presença popular (Imagem 41). Um plano de conjunto da entrada do Del Rey mostra outra faixa afixada na Avenida Augusto de Lima, em frente ao Hotel. Nela está escrito: "NOSSA BH RECEBE FELIZ O SEU PRESIDENTE" (Imagem 42). Embora não esteja assinada, a faixa provavelmente é de autoria da Prefeitura de Belo Horizonte, pelo uso da expressão "Nossa BH", já citada anteriormente. A câmera faz uma panorâmica para a direita, movendo-se a partir desta última faixa, passando pelo Hotel e em seguida apresentando uma outra faixa afixada na Rua Goiás, que margeia uma das laterais do Del Rey. Nela pode-se ler: "O RIO JÁ É NOSSO. OBRIGADO PRESIDENTE" (Imagem 43). A câmera faz uma nova panorâmica, agora vertical, percorrendo do alto do Hotel até o nível da entrada da rua. Na cena seguinte, o plano mostra novamente o mezanino exterior, onde a bandeira do estado de Minas Gerais é hasteada. Há então um plano mais aberto da pequena multidão de curiosos presente no entorno do Del Rey (Imagem 44). Deste ponto em diante serão exibidas imagens que caracterizam-se como as sobras das cenas apresentadas até então, com planos mais longos, cortes menos elaborados (que correspondem à interrupção da filmagem por parte do cinegrafista) e ruídos na gravação do som ambiente (com comentários da própria equipe de reportagem). Sendo assim, acreditamos que a matéria editada termina no plano externo dos populares nos arredores do Hotel.

Imagem 41 - Curiosos na rua observam a movimentação no Hotel. Policiais acompanham os populares.



Imagem 42 - Faixa em frente ao Hotel mostra mais uma saudação da Prefeitura a Médici: "NOSSA BH RECEBE FELIZ O SEU PRESIDENTE"



Imagem 43 - Outro agradecimento
na rua lateral do Del Rey



Imagem 44 - Pequena multidão e carros no meio
da via modificam o cenário nas proximidades do
Hotel onde o presidente estava hospedado



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Presidente Médici inaugura
Plano Nacional de Água Potável em BH" (atribuído) (21 de agosto de 1973).
FONTE: Acervo MIS BH.

A partir deste momento do filme, como se trata de sobras de imagens, optaremos por um menor detalhamento, buscando apenas pontuar elementos que foram preteridos e que de alguma forma possam contribuir para a análise que aqui buscamos.

Aos 8 minutos e 50 segundos de rolo, dois planos que curiosamente ficaram fora da edição final da reportagem. São imagens de uma rua nos arredores do aeroporto. Há uma pequena aglomeração de mulheres, meninos e meninas que assistem a passagem da comitiva do presidente. Uniformizadas, as crianças balançam bandeirolas. Algumas seguram uma bandeira de pano com uma estrela ao centro. Outras seguram uma faixa do Grupo Escolar Kennedy (Imagem 45). Esta é a única mobilização 'popular' que a telerreportagem mostra durante a recepção da comitiva. Embora significativa pela presença das crianças, o 'Brasil do futuro', a manifestação é numericamente muito tímida, diferentemente do que será visto nos filmes que mostram as recepções organizadas para o presidente Geisel, nas quais a presença de crianças também é recorrente.

Um detalhe que vale a pena ser considerado é que até hoje existe uma Vila Militar no entorno do Aeroporto da Pampulha, ou seja, as casas próximas ao aeroporto são habitadas por militares e suas famílias. Algumas destas famílias integram o grupo de curiosos que observa a passagem da comitiva junto às crianças do Grupo Escolar Kennedy (Imagem 46).

A reportagem editada organiza momentos da visita presidencial que juntos parecem criar um imaginário de progresso e união do país, e de apoio popular ao

governo Médici. Exemplo disso são os diversos planos de faixas e *outdoors* inseridos na matéria finalizada, que mesclam saudações e agradecimentos ao presidente. O apoio 'popular' está representado por estes painéis, distribuídos estrategicamente em pontos da cidade de Belo Horizonte que seriam percorridos pela comitiva presidencial.

Imagem 45 - Crianças de um grupo escolar e mulheres posicionam-se para recepcionar a comitiva presidencial



Imagem 46 - Moradores da vila militar (posicionados atrás do muro) também aguardavam a passagem da comitiva



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Presidente Médici inaugura Plano Nacional de Água Potável em BH" (atribuído) (21 de agosto de 1973).

FONTE: Acervo MIS BH.

À exceção de um pequeno conjunto de alunos do Grupo Escolar Kennedy que aguardava a comitiva do lado de fora do aeroporto, a reportagem não mostra uma maior mobilização dos belo-horizontinos para a recepção do presidente, diferentemente do que será visto em outras matérias neste capítulo. Ao contrário do que é mencionado pela matéria do jornal impresso (citada anteriormente), na telerreportagem parece bem reduzido o número de populares que acompanha a passagem de Médici pela capital mineira, aparentemente mais motivados pela curiosidade do que para demonstrar apoio ao general.

O trecho em que Médici acena para o público do lado de fora do Aeroporto é muito breve, mesmo porque um plano mais longo e detalhado revelaria o que a análise de um fotograma nos permitiu perceber: aguardavam o presidente poucas pessoas. No local da inauguração não há populares, apenas políticos, técnicos e autoridades civis e militares. Além daquele pequeno grupo na saída do aeroporto, populares voltarão a aparecer nos arredores do Hotel Del Rey, em número também reduzido e de forma muito tímida. As pessoas parecem mais interessadas em observar toda a movimentação incomum que a visita do presidente acarreta (como a presença dos batedores, os carros

oficiais, o constante policiamento) do que efetivamente demonstrar algum apoio ao governo Médici. Nas faixas em que a "Nossa BH" faz agradecimentos ao presidente há uma tentativa de expressar gratidão e unidade por parte da população belo-horizontina, mas o povo de fato não está presente, e a aparente unidade é apenas uma construção do governo municipal arenista.

Elementos como nacionalismo e patriotismo também são reforçados no filme. Exemplo disso é a cena do hasteamento da bandeira feito pelo próprio presidente ao som do hino nacional, e também a sequência do descerramento da placa de inauguração do Sistema do Rio das Velhas, seguida pela execução da música-tema "Pra Frente Brasil". O hasteamento e as músicas faziam parte do rito de inauguração, mas a escolha destes elementos para compor a reportagem editada não é ocasional. Sobre o Sistema inaugurado, muito pouco se fala. A maior explicação a respeito seria dada no trecho do discurso do Ministro do Interior que não foi utilizado na edição final. Apesar disso, de acordo com os elementos já indicados, as noções de progresso e a busca pelo desenvolvimento da nação por parte do governo federal estão pontuadas em vários momentos da matéria finalizada.

O apoio da grande imprensa associado à propaganda oficial foram instrumentos fundamentais para a elaboração e fortalecimento de uma imagem positiva do governo militar junto à população. A construção desse imaginário foi muito bem sucedida naqueles primeiros anos da década de 1970. Conforme lembra Marcos Napolitano,

para a imensa maioria da população pouco envolvida com a ideologia revolucionária da esquerda e sem uma opinião política muito clara e coerente, o Brasil vivia tempos gloriosos no começo dos anos 1970: pleno emprego, consumo farto com créditos a perder de vista, frenesi na bolsa de valores, tricampeão do mundo de futebol. Grandes obras "faraônicas" eram veiculadas pela mídia e pela propaganda oficial como exemplos de que o gigante havia despertado, como a Ponte Rio-Niterói, a Usina de Itaipu e a Rodovia Transamazônica. Para os mais pobres, a fartura, ainda que concentrada, fazia sobrar algumas migalhas. Era a materialização do projeto Brasil Grande Potência, o auge da utopia autoritária da ditadura, que não deixou de seduzir grande parte da população e da mídia (2014, p. 160-161).

Passamos então à mais antiga reportagem localizada no acervo com imagens do presidente Ernesto Geisel⁷⁰ na capital mineira. O título da matéria é "Geisel" (JN), de 17

⁷⁰ Com sólida carreira militar, Ernesto Geisel (Bento Gonçalves/RS, 3 de agosto de 1907 - Rio de Janeiro/RJ, 12 de setembro de 1996) foi promovido a general de brigada em 1960. Em fevereiro de 1961 (governo Jânio Quadros) tornou-se oficial de gabinete do ministro da Guerra, marechal Odílio Denis. Em abril do mesmo ano seria nomeado para chefiar o Comando Militar de Brasília e a 11ª Região Militar. Pouco depois da renúncia de Jânio, em agosto de 1961, Pascoal Ranieri Mazzilli (presidente da Câmara dos Deputados) assumiu a presidência da República e nomeou Geisel para a chefia do seu Gabinete

de fevereiro de 1976, e ela foi cadastrada no setor de arquivo da Globo Minas com a seguinte sinopse:

Cenas mostrando aspectos do general Ernesto Geisel, aparecendo o presidente em desfile pela cidade, revista às tropas e assinatura de convênios no Palácio, por ocasião da implantação da Açominas. Aparece ainda entrevista com o Ministro Nascimento e Silva, sobre o menor excepcional, que vai ser expulso de um prédio, em Ipanema. Discurso do presidente Geisel.

Para contextualizar o assunto da reportagem da Globo Minas, traremos informações sobre a cobertura da visita presidencial a Belo Horizonte feita pelo jornal carioca **O Globo**⁷¹ do dia 18 de fevereiro de 1976, em matéria de capa e também em uma página inteira do periódico⁷².

O impresso faz um relato sobre a chegada do presidente no Aeroporto da Pampulha, a recepção festiva da comitiva presidencial por populares nas ruas da cidade e a chegada de Geisel ao Hotel Del Rey, ainda na manhã daquela terça-feira, 17 de fevereiro de 1976. **O Globo** também traz informações sobre a participação de Geisel na solenidade de assinatura de 20 convênios, na tarde do dia 17, no Palácio da Liberdade, sede do governo do Estado. Os convênios envolviam o investimento de recursos federais em projetos relacionados à agricultura, assistência social, educação, indústria, infraestrutura e mineração em Minas Gerais. Ainda na tarde do dia 17, o presidente teve audiências com autoridades militares, a mesa diretora da Assembleia Legislativa, o prefeito de Belo Horizonte (Luiz Verano), representantes da Associação Comercial e da Federação das Indústrias, líderes sindicais, o governador e seu secretariado. O jornal adianta ainda que naquela quarta-feira, dia 18 de fevereiro de 1976, a programação de atividades do presidente envolvia a ida até Ouro Branco, cidade localizada a 140

Militar, posição que Geisel ocupou até a posse de João Goulart na presidência da república em 7 de setembro de 1961. Geisel e outros oficiais de alta patente ligados à Escola Superior de Guerra participaram dos movimentos e alinhamentos que resultaram no golpe de 1964 e na consequente tomada de poder pelos militares. Em 15 de abril daquele ano, Castelo Branco assumiu a presidência da república e nomeou Geisel como chefe do seu Gabinete Militar, cargo que ocupou até o final do governo daquele (em março de 1967), sendo posteriormente nomeado ministro do Superior Tribunal Militar (STM). Em 1969 aposentou-se do STM e foi nomeado para a presidência da Petrobrás, no início do governo Médici. Em 15 de março de 1974, tomou posse na presidência da república, cargo que ocupou até 15 de março de 1979. Ver GEISEL, 2009.

⁷¹ Conforme já mencionado, utilizamos as informações disponíveis no jornal **O Globo** pela impossibilidade de acesso ao **Estado de Minas**, em virtude do fechamento da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais em 2020 em decorrência da pandemia de Covid-19. No entanto, vislumbramos que um estudo comparativo entre a cobertura das telerreportagens e a cobertura do impresso (visto que ambos são veículos do *Grupo Globo*) seria um campo interessante para pesquisas futuras.

⁷² GEISEL diz que não há luta de classes no Brasil. MAGALHÃES: visita refletirá no pleito. MANIFESTAÇÃO de cem mil pessoas. A EMOÇÃO e os agradecimentos. IMPORTÂNCIA dos convênios assinados. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 fev. 1976, p. 3.

quilômetros da capital, para a cerimônia de colocação da primeira estaca na área em que seria construída a usina siderúrgica Açominas. A usina entraria em efetiva operação apenas no início de 1985, sendo privatizada em setembro de 1993 (COSTA; COSTA, 1997). Em 1976, o lançamento da Açominas estava inserido no contexto da política econômica do governo federal, como demonstra Marcos Napolitano:

Mesmo com a crise do petróleo no final de 1973, e seu impacto na economia mundial, o regime militar não abriu mão da política desenvolvimentista. Entretanto, ela seria reorientada do ponto de vista econômico e administrativo, materializando-se no II Plano Nacional de Desenvolvimento, concebido para superar gargalos na indústria de base, no fornecimento de energia e de insumos (2014, p. 170).

A presença do presidente da república na cerimônia de lançamento da 'estaca inicial' da usina era uma tentativa de dar visibilidade à política econômica da gestão Geisel, que buscou (sem sucesso) manter o crescimento observado no início da década de 1970. A exaltação do caráter desenvolvimentista da economia no regime militar não seria a única motivação da visita do general a Minas. **O Globo** também faz uma análise política da visita, lembrando que, para além das assinaturas e lançamentos previstos, a mobilização criada e a presença de Geisel buscavam um fortalecimento da imagem da Arena, visando resultados mais positivos para o partido nas eleições municipais que seriam realizadas naquele ano. Essa intencionalidade da visita fica evidenciada nas falas de dois arenistas publicadas no jornal. Para o deputado federal José Bonifácio⁷³ (Arena/MG): "a grande recepção que o presidente Geisel teve, mostra que a situação na capital mineira, onde a oposição tem sido vencedora, sofreu uma mudança em termos políticos". O outro depoimento publicado na matéria é do deputado Nelson Marchesan⁷⁴, secretário-geral da Arena, segundo o qual a viagem do presidente Geisel era "uma prova do apoio do Governo ao partido que lhe dá sustentação política, para que ele possa recuperar sua posição majoritária em algumas regiões onde o MDB conseguiu crescer consideravelmente".

⁷³ José Bonifácio Lafayette de Andrada (Barbacena/MG, 1º de maio de 1904 - Belo Horizonte/MG, 18 de fevereiro de 1986) foi prefeito de Barbacena de 1931 a 1934. Neste último ano, elegeu-se deputado estadual, ocupando o cargo até 1937, quando os órgãos legislativos do país foram fechados com a instauração do Estado Novo. Em 1945 foi eleito deputado federal pela União Democrática Nacional, tomando posse em 1946. Foi deputado federal por 8 mandatos consecutivos (a partir de 1966 pela Arena) tendo sido líder do partido na Câmara em várias oportunidades. Ver BONIFÁCIO, 2009.

⁷⁴ Nelson Marchezan (Santa Maria/RS, 4 de maio de 1938 - Pantano Grande/RS, 11 de fevereiro de 2002) elegeu-se vereador em sua cidade natal em 1959 e em 1963 tornou-se deputado estadual pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Reelegeu-se em 1966 e 1970, já filiado à Arena. Em 1974, elegeu-se deputado federal. Em setembro de 1975 tornou-se secretário-geral do partido. Em 1978, 1982, 1994 e 1998 foi reeleito ao mandato federal. Ver MARCHEZAN, 2009.

Conforme exposto nos depoimentos acima reproduzidos, a mobilização criada em torno da visita de Geisel a Belo Horizonte em fevereiro de 1976 tinha relação direta com as eleições municipais que ocorreriam naquele ano. O partido do governo tentava melhorar sua popularidade para não ser surpreendido como ocorrera em 1974.

As eleições indiretas para governador e vice e a nomeação dos prefeitos das capitais foram estabelecidas pelo Ato Institucional nº 3, de 5 de fevereiro de 1966⁷⁵. As eleições para vereadores, deputados estaduais e federais e senadores permaneceram por sufrágio direto⁷⁶. Ainda assim, o governo imaginava ter o controle do processo eleitoral, mas o pleito de 1974, quando o golpe completou 10 anos, mostraria o contrário, como afirma Napolitano:

As eleições legislativas de 1974 eram vistas como estratégicas para o governo. Disposto a testar a resposta da sociedade ao "diálogo" proposto e aferir a internalização dos valores do regime, o governo deixou correr uma campanha relativamente livre. Temas importantes, veiculados pelo Programa do MDB, foram debatidos com amplo uso dos meios de comunicação e do horário eleitoral. Com as eleições realizadas com relativa liberdade de debate, o resultado foi alentador para a oposição. Ela obteve 50% dos votos para o Senado (contra 37% da Arena) e 37% para a Câmara (contra 40% da Arena). Mais do que isso, saiu vitoriosa nas grandes cidades e nos estados mais desenvolvidos. Conseguiu a maioria das assembleias legislativas de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Acre e Amazonas. Fez 16 dos 22 senadores eleitos, e 165 dos 364 deputados federais (na legislatura anterior, tinha apenas 87). Com mais de um terço no Congresso, o MDB poderia bloquear emendas constitucionais, complicando o projeto de "institucionalizar o regime", atrapalhando, assim, o projeto de distensão (2014, p. 246).

Feita essa contextualização necessária, passamos agora à análise da telerreportagem. O rolo localizado no acervo do MIS BH possui 4 minutos e 43 segundos. A sinopse cadastrada descreve os eventos que se deram ao longo do dia 17 de fevereiro. No entanto, como veremos no detalhamento apresentado a seguir, as imagens que compõem o rolo abrangem o período da chegada de Geisel no aeroporto até sua entrada no Hotel Del Rey. Os eventos da tarde do dia 17, descritos na sinopse, não estão registrados no rolo localizado no acervo do MIS BH.

A fita tem início com a imagem de Geisel sendo cumprimentado por homens e mulheres na pista do Aeroporto da Pampulha, momentos depois de sua chegada em solo mineiro (Imagem 47). Entre as autoridades que recebem o general está o governador

⁷⁵ BRASIL, 1966.

⁷⁶ REIS, 1997.

Aureliano Chaves e o deputado federal Francelino Pereira⁷⁷, presidente da Arena. Segundo o jornal **O Globo**, também recepcionaram o presidente os ministros do Interior e da Agricultura, o presidente do Senado (Magalhães Pinto⁷⁸), militares e 'mais de cem personalidades'⁷⁹. A reportagem do impresso informa ainda que o general estava acompanhado pelos ministros da Justiça, Educação e Previdência Social e pelo chefe do Gabinete Militar da Presidência.

Geisel tem a companhia de sua esposa, Lucy Geisel, e sua filha, Amália Lucy Geisel. Conforme visto nas telerreportagens já apresentadas neste capítulo, em vários eventos os políticos eram acompanhados por suas esposas. No filme anterior, Médici está com a primeira-dama na chegada a Belo Horizonte. Na missa celebrada durante as comemorações do aniversário da 'revolução' em 1975, Aureliano Chaves tem a companhia da mulher. No entanto, é no frequente registro dos políticos em contato com crianças que percebe-se de forma mais evidente uma tentativa de 'humanização' de sua figura. Nas passagens de Geisel por BH há vários desses momentos.

Na próxima cena do rolo, Geisel e Aureliano caminham em direção à saída do aeroporto. No plano seguinte, já no centro de Belo Horizonte, uma banda marcha pela Avenida Afonso Pena. Uma jovem está à frente da fanfarra conduzindo a bandeira do Brasil. A seguir, uma panorâmica horizontal apresenta os rostos de jovens que acompanham a passagem dos músicos. Há mais um plano da fanfarra. Vê-se que o chão

⁷⁷ Quando ainda era estudante de Direito, Francelino Pereira dos Santos (Angical/PI, 2 de julho de 1921 - Belo Horizonte/MG, 21 de dezembro de 2017) filiou-se à União Democrática Nacional (UDN). Nessa legenda, foi eleito vereador em Belo Horizonte no ano de 1958, e deputado federal em 1962. À época mantinha grande afinidade com o então governador de Minas, Magalhães Pinto. Com a instauração do bipartidarismo, filiou-se à Arena, pela qual foi reeleito deputado federal em 1966, 1970 e 1974. Em agosto de 1975, foi escolhido por Geisel para a presidência do partido governista. No final de março de 1978, rompeu politicamente com Magalhães Pinto, tendo inclusive distribuído uma nota oficial do partido atacando o ex-governador mineiro, que se posicionara contra o lançamento de Figueiredo como candidato à presidência. Em setembro de 1978, Francelino foi eleito governador pelo Colégio Eleitoral mineiro, assumindo o cargo de 15 de março de 1979 a 15 de março de 1983. Entre 1983 e 1984 foi presidente da Companhia Aços Especiais Itabira (Acesita). Em 1985, assumiu a vice-presidência do Banco do Brasil, cargo que ocupou até 1990. Em 1994, elegeu-se senador pelo Partido da Frente Liberal (PFL). Retirou-se da vida pública em 2003. Ver PEREIRA, 2009.

⁷⁸ José de Magalhães Pinto (Santo Antônio do Monte/MG, 1909 - Rio de Janeiro/RJ, 1996) foi um dos fundadores do Banco Nacional de Minas Gerais em 1944. Em 1974, a instituição tornou-se o terceiro maior banco brasileiro. Em 1945, Magalhães Pinto foi eleito deputado para a Assembleia Nacional Constituinte pela UDN, sendo reeleito em 1950, 1954 e 1958. Destacou-se como uma das lideranças do partido, tornando-se seu presidente em 1959. Em 1960, elegeu-se governador de Minas. A partir de 1961 exerceu forte oposição a João Goulart, participando ativamente das articulações que levaram à deposição do presidente. Em 1966 filiou-se à Arena e foi eleito deputado federal. Em 1967 assumiu o Ministério das Relações Exteriores no governo Costa e Silva. Foi um dos subscritores do AI-5. Elegeu-se senador em 1970 e em 1975 tornou-se presidente do Senado. Em 1978 elegeu-se novamente deputado federal, sendo reeleito em 1982, já pelo Partido Democrático Social (PDS). Em 1985, após sofrer um derrame, afastou-se da Câmara em definitivo. Ver MAGALHÃES, 2020.

⁷⁹ MANIFESTAÇÃO de cem mil pessoas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 fev. 1976, p. 3.

possui bastante papel picado (Imagem 48). O jornal **O Globo** do dia 18 de fevereiro de 1976 (uma quarta-feira) traz um detalhamento da recepção ao presidente nas ruas da capital mineira no dia anterior:

Em uma das maiores manifestações populares a um presidente da República, em Belo Horizonte, cerca de cem mil pessoas saíram às ruas da cidade, na manhã de ontem, para saudar o presidente Geisel, à cuja passagem, nas principais avenidas do centro, caíam papéis picados e se ouviam sons de fanfarras e sinos repicando. O comércio fechou suas portas⁸⁰.

São exibidas mais cenas do público que observa a passagem da fanfarra, que nesse momento toca a marchinha "Ta-hí (Pra Você Gostar de Mim)⁸¹". As pessoas se aglomeram na calçada e também ocupam parte da Avenida (Imagem 49). A população nas ruas da cidade é de fato numerosa, conforme comentado na matéria do impresso. Afixada no alto da via está uma faixa dirigida ao general: "Conte com Minas, Presidente" (Imagem 50).

Nos planos seguintes, do ponto de vista da rua, a câmera mostra as pessoas que acompanham a movimentação a partir de varandas e janelas dos edifícios localizados na Avenida Afonso Pena (Imagens 51 e 52). As cenas mostram as lojas fechadas, gesto que provavelmente ocorreu a pedido da prefeitura. É possível ver papéis caindo do alto dos prédios à medida que a câmera se movimenta em panorâmica. Fora de quadro, ouve-se uma voz amplificada por um alto-falante que tece comentários a respeito da visita. Sobre este detalhe da recepção ao presidente, o jornal **O Globo** relata que

Os alto-falantes colocados ao longo do trajeto percorrido pelo presidente e sua caravana transmitiam não apenas músicas - principalmente sambas e marchinhas carnavalescas - mas também mensagens políticas. Um locutor lia saudações ao presidente e itens dos principais convênios que seriam assinados⁸².

A presença do locutor é estratégica. Com sua oratória, ele organiza o evento para os presentes, explicando as razões da visita presidencial naquele dia, e também atua como um animador, como se preparasse o público para receber o general.

⁸⁰ MANIFESTAÇÃO de cem mil pessoas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1976, p. 3.

⁸¹ Marcha-canção escrita por Joubert de Carvalho e gravada por Carmen Miranda em 1930.

⁸² A EMOÇÃO e os agradecimentos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1976, p. 3.

Imagem 47 - General Geisel cumprimenta autoridades e personalidades em sua chegada no Aeroporto da Pampulha



Imagem 48 - Fanfarra se apresenta na Avenida Afonso Pena em meio a uma chuva de papel picado



Imagem 49 - Movimentação intensa marca a espera da passagem da comitiva

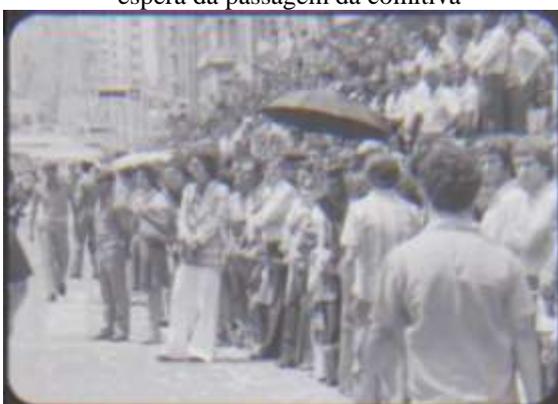


Imagem 50 - Atrás de um cordão de isolamento, o público acompanha apresentação de fanfarras enquanto aguarda a passagem da comitiva de Geisel



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Geisel" (17 de fevereiro de 1976).

FONTE: Acervo MIS BH.

Um plano do Edifício Clemente de Faria (Avenida Afonso Pena, 726) mostra que a câmera da TV grava a partir da Praça Sete de Setembro, no coração da cidade. São exibidas mais imagens da avenida tomada pelo público em uma de suas margens e no canteiro central. A câmera faz uma panorâmica descendo a fachada de um prédio, na qual se vê todas as varandas ocupadas por pessoas que aguardam a passagem da comitiva (Imagem 53). O movimento de câmera chega até a calçada onde uma multidão está aglomerada. Provavelmente foram colocadas plataformas no passeio, pois as pessoas estão posicionadas como se estivessem em uma arquibancada (Imagem 54). No momento em que a câmera grava imagens do público, um grupo de crianças uniformizadas balança bandeirolas do estado de Minas (Imagem 55). Conforme veremos adiante, a presença dos estudantes foi organizada pelo governo estadual, da

mesma forma que julgamos ter ocorrido nas celebrações dos aniversários da 'revolução' que vimos nos primeiros filmes do capítulo.

Imagem 51 - Público se aglomera nas varandas e marquises dos prédios na Avenida Afonso Pena



Imagem 52 - Conforme indicado no jornal **O Globo**, naquela terça-feira o comércio fechou as portas durante a passagem da comitiva



Imagem 53 - As varandas dos prédios se tornaram local privilegiado para observação da passagem da comitiva



Imagem 54 - Um tipo de arquibancada foi montada nos calçadões da Avenida Afonso Pena para que o povo pudesse assistir o desfile



Imagem 55 - Nas plataformas colocadas em frente à Igreja São José, crianças agitam bandeirolas enquanto aguardam o carro do presidente



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Geisel" (17 de fevereiro de 1976).

FONTE: Acervo MIS BH.

Este conjunto de cenas revela a intenção de se mostrar como a visita presidencial mobilizou o público no centro de Belo Horizonte: a fanfarra, o papel picado, as pessoas nos prédios e nas ruas, música, bandeiras, todos esses elementos combinados no filme editado ajudam a forjar o clima da cidade naquele dia. Pela reportagem do jornal **O Globo** é possível entender como a mobilização do público teve interferência direta do governo de Minas, inclusive financeira, conforme relatado neste trecho:

A multidão de umas cem mil pessoas que o saudou ao longo dos 11 quilômetros que separam o Aeroporto da Pampulha do centro da cidade incluía muitas caravanas vindas de cidades do interior e representações estudantis e sindicais. O Governo estadual havia cedido ônibus para trazer do interior 15 mil estudantes⁸³.

A campanha empreendida pelo governo estadual também está registrada em reportagem da Rede Globo Minas do dia 13 de fevereiro de 1976, intitulada "Aureliano convoca povo para visita de Geisel" (JN). Veiculada no principal telejornal da emissora, a reportagem foi cadastrada com a seguinte sinopse:

Cenas mostrando aspectos do governador Aureliano Chaves de Mendonça, que fala ao povo convidando para uma concentração à espera do presidente Geisel.

A fita traz uma sonora com o governador em primeiro plano segurando o microfone e falando diretamente para a câmera (Imagem 56). Ele faz um chamado ao povo mineiro, conforme transcrição a seguir:

Algumas iniciativas sonhadas pelos mineiros de muitos anos se concretizarão com a visita do presidente Ernesto Geisel. Eu estou certo de que os mineiros saberão retribuir com uma recepção calorosa pro [sic] presidente Ernesto Geisel.

A fala de Aureliano termina aos 25 segundos. Depois há imagens de uma reunião do governador com jornalistas (Imagem 57). O assunto envolve irrigação e aumento da produtividade da terra. Aos 45 segundos há um corte mais perceptível. A partir daí os planos são mais longos, o que nos leva a crer que foram ao ar apenas os 45 segundos iniciais do rolo.

Nos registros feitos pela Globo Minas, Aureliano Chaves mostra-se comprometido com as ideias e pilares do regime militar. Enquanto governador do Estado, é ele quem preside as celebrações nas duas reportagens intituladas "Aniversário da Revolução", analisadas no início do capítulo. Vale lembrar que Aureliano se tornaria

⁸³ A EMOÇÃO e os agradecimentos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1976, p. 3.

vice-presidente da República no mandato do general João Baptista de Figueiredo⁸⁴ (1979-1985).

Imagem 56 - Aureliano Chaves utiliza a TV para convocar o público a receber o general Geisel na visita que aconteceria dali a 4 dias



Imagem 57 - O governador discursa aos jornalistas durante coletiva



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Aureliano convoca povo para visita de Geisel" (13 de fevereiro de 1976).
FONTE: Acervo MIS BH.

Voltando ao filme "Geisel", do dia 17 de fevereiro de 1976, quando a reportagem está em 1 minuto e 42 segundos, é exibida a primeira cena da comitiva presidencial na Avenida Afonso Pena (Imagem 58). Os carros oficiais se aproximam acompanhados pelos batedores de polícia.

Neste instante, crianças agitam as bandeirolas intensamente e esticam-se na tentativa de que sua visão possa alcançar a chegada da comitiva, recebida ao som de "Oh! Minas Gerais"⁸⁵, canção representativa do estado, embora ainda não reconhecida oficialmente como hino. O plano mostra a comitiva de frente, se aproximando desde o fundo da imagem. Além da faixa indicada anteriormente ("Conte com Minas, Presidente"), também pode ser vista a faixa "Geisel, Aureliano, Verano e você: TRABALHO DE EQUIPE", que reforça o propósito de consolidar a imagem dos arenistas.

⁸⁴ Promovido a tenente-coronel em 1958, João Baptista de Oliveira Figueiredo (Rio de Janeiro/RJ, 15 de janeiro de 1918 - 24 de dezembro de 1999) atuou no Conselho de Segurança Nacional em 1961, durante o curto governo de Jânio Quadros. Em agosto de 1964 chegou ao posto de coronel, tornando-se chefe da agência do Serviço Nacional de Informações (SNI) no Rio de Janeiro. Foi promovido a general de brigada em março de 1969. No governo Médici assumiu a chefia do Gabinete Militar e no governo Geisel, a chefia do SNI (1974). Promovido a general de exército em 1978, no mesmo ano foi eleito presidente da república pelo Colégio Eleitoral. Assumiu o governo em 15 de março de 1979, reafirmando seu compromisso de fazer do país uma democracia. Foi o último presidente do período militar (1964-1985), permanecendo no cargo até 15 de março de 1985. Ver FIGUEIREDO, 2009.

⁸⁵ "Oh! Minas Gerais" possui letra de José Duda de Moraes em parceria com Manoel Araújo.

Imagem 58 - Comitiva do general Geisel desfila pela Avenida Afonso Pena, no Centro de Belo Horizonte. Limitadas pelos cordões de isolamento, as pessoas esticam o pescoço para tentarem ver os carros oficiais.



Plano do material editado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme "Geisel" (17 de fevereiro de 1976).
FONTE: Acervo MIS BH.

No próximo plano, a posição da câmera se altera. Quando a comitiva estava distante, a câmera fora posicionada no centro da avenida. No momento em que a comitiva se aproxima, a câmera é deslocada para perto da calçada. É feita uma panorâmica do público em plano médio. A próxima cena enquadra a janela de um dos carros oficiais em movimento. O presidente está com o braço para fora do veículo acenando para o público que assiste sua passagem. Um plano detalhe mostra que as bandeirolas que as crianças agitam são miniaturas da bandeira do estado de Minas Gerais. Na cena seguinte, parte da comitiva já passou e os carros oficiais são filmados por trás.

Na sequência, um plano da entrada do Hotel Del Rey (o mesmo que recebera Médici). Há uma multidão do lado de fora, entre crianças e adultos (Imagem 59), evidenciando uma notável diferença de público em relação à visita de Médici apresentada na reportagem de 1973.

A partir dos 2 minutos e 31 segundos até o fim, o filme é composto por uma série de cenas desordenadas temporalmente, filmagem de passagens repetidas, planos curtíssimos e gravações com muitos ruídos fora de quadro, além dos cortes mais perceptíveis. Por todas essas características, acreditamos que desta parte em diante estejam as sobras do que não foi utilizado na edição final da reportagem.

Imagem 59 - População se aglomera na porta do Hotel Del Rey, onde o presidente ficaria hospedado com sua família.



Plano do material editado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme "Geisel" (17 de fevereiro de 1976).

FONTE: Acervo MIS BH.

Após assistir o filme completo, percebemos que a sinopse cadastrada (ver p. 63) não corresponde integralmente ao rolo localizado. Se a reportagem da sinopse foi veiculada no *Jornal Nacional*, fazendo um apanhado dos acontecimentos do dia, a matéria aqui editada - aparentemente os primeiros 2 minutos e 30 segundos - pode ter ido ao ar em algum noticiário veiculado entre a hora do almoço e o jornal da noite⁸⁶.

Também localizamos no acervo do MIS BH um outro filme do dia 17 de fevereiro, intitulado "Luiz Verano e Geisel" (JN), cadastrado com a seguinte sinopse:

Cenas mostrando aspectos do prefeito Luiz Verano, que fala sobre o encontro com Geisel, e os planos de obras da prefeitura.

O rolo possui duração de 2 minutos e constitui-se integralmente por uma sonora em primeiro plano com o prefeito Luiz Verano, na qual ele aborda temas discutidos durante sua audiência com o general Ernesto Geisel durante a visita deste a Belo Horizonte. Entre os temas discutidos está a liberação do limite de endividamento da

⁸⁶ As imagens do rolo assistido foram gravadas entre 10h55 (chegada de Geisel no aeroporto) e 11h30 (chegada do presidente ao Hotel Del Rey), conforme horários indicados no jornal **O Globo**.

Prefeitura, "para que ela possa mais rapidamente atacar o seu plano de obras", de acordo com as palavras do prefeito. Esta fala se encerra aos 18 segundos. Depois há um intervalo de 2 segundos de filme em branco, e na sequência, Verano cita a palavra 'obras' mais duas vezes, referindo-se a ações na região metropolitana e também nas regiões periféricas da capital. Este trecho termina em 1 minuto e 8 segundos de rolo. A partir deste ponto, os cortes ficam mais visíveis, indicando que provavelmente o restante do filme não foi aproveitado na edição.

Ao final do rolo, Luiz Verano menciona um pedido do presidente em relação às eleições municipais daquele ano, corroborando o caráter da visita como uma grande ação de fortalecimento da imagem da Arena para o pleito de novembro de 1976 (como estava indicado nos relatos do jornal **O Globo** que inserimos anteriormente). Conforme depoimento do prefeito de Belo Horizonte:

Evidentemente sua excelência demonstrou uma confiança muito grande na... no resultado das eleições e [o prefeito sorri, faz uma pausa e olha para longe (Imagem 60), como se procurasse as palavras para completar a resposta] declarou que espera que a prefeitura e o prefeito trabalhem de modo a conduzir o povo para uma vitória do nosso partido.

A fala pausada e hesitante do prefeito transparecem uma certa pressão para que o partido do governo fosse bem sucedido nas eleições que ocorreriam naquele ano de 1976. Vale lembrar que esta sonora encontra-se ao final do rolo, no trecho não selecionado para ir ao ar.

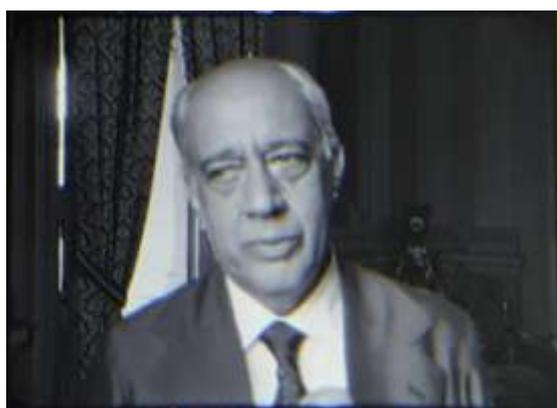


Imagem 60 - Luiz Verano (prefeito de Belo Horizonte) faz uma pausa enquanto escolhe as palavras para explicar como o presidente espera que ele trabalhe para que a Arena seja bem sucedida nas eleições municipais daquele ano.

Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme
"Luiz Verano e Geisel"
(17 de fevereiro de 1976).
FONTE: Acervo MIS BH.

Sobre as atividades relacionadas à visita presidencial no dia 18 de fevereiro de 1976, especialmente o lançamento da pedra fundamental da Açominas, foram localizadas duas reportagens no Fundo Globo, conforme títulos e sinopses que expomos a seguir:

Título: Açominas - Implantação - Fita simbólica - Máquinas - Autoridades⁸⁷

Sinopse:

Implantação Açominas. Presidente Geisel, Aureliano governador de Minas, presidente da Açominas e demais autoridades em Ouro Branco, na implantação da Açominas. Máquinas - Placa de implantação, tubo. Pré edição do acontecimento. Presidente Figueiredo⁸⁸ etc.

Título: Implantação da Açominas (JN)

Sinopse:

Cenas mostrando aspectos da chegada do presidente Geisel à cidade de Ouro Branco, descerrando a placa de inauguração, aparecendo o ministro Severo Gomes e o secretário Fagundes Neto. Aparece o presidente ao lado do governador no palanque, várias pessoas.

Como estas reportagens referem-se a coberturas fora de Belo Horizonte, o que foge do escopo desta pesquisa, não procederemos à análise das mesmas, mas consideramos importante citá-las, para que seja possível entender a dimensão da cobertura da visita presidencial por parte da Globo Minas naqueles dias.

Entre 1973 (ano da reportagem que mostra a chegada de Médici) e 1976 (quando foi feita a matéria sobre a visita de Geisel a BH em fevereiro), muita coisa mudou no cenário político nacional, com destaque para o fim do 'milagre econômico' e também o êxito alcançado pelo MDB nas eleições de 1974. Além de mudanças na legislação eleitoral visando minar a possibilidade de repetição do sucesso que o MDB tivera no pleito de 1974, o partido governista também buscou aparecer mais naquelas cidades onde a Arena tinha perdido espaço para o MDB. Se nas chegadas de Médici e Geisel há semelhanças na recepção que ambos tiveram no aeroporto da Pampulha, o cenário nas ruas da cidade seria bem diferente, pelo menos na perspectiva da TV Globo Minas.

No filme de 1973, o 'apoio popular' a Médici estava construído nas faixas e *outdoors* confeccionados em sua maioria por iniciativa do executivo municipal. Em 1976, as pessoas foram 'convocadas' para irem às suas. Ainda que arranjado, o apoio agora tinha uma face, e a TV se empenhou em mostrá-la. São imagens de crianças, adultos e jovens apresentadas em primeiro plano, planos de conjunto e planos gerais, que impressionam pelo volume de pessoas nas ruas naquela ocasião. De um total de 2 minutos e 30 segundos de matéria editada, 2 minutos e 05 segundos são compostos por imagens da população nas ruas para acompanhar a comitiva presidencial, o que revela um esforço da edição em mostrar como a visita mobilizou os belo-horizontinos naquela data.

⁸⁷ Não há identificação do telejornal onde a reportagem teria sido veiculada.

⁸⁸ O uso da expressão "Presidente Figueiredo" se deve provavelmente ao arquivamento tardio do filme, talvez quando este já tivesse assumido o poder.

Além disso, há outras matérias relacionadas à visita de Geisel, revelando um esforço da emissora não só na cobertura da visita, mas também em sua promoção, o que, de certa forma, contribuía para a visibilidade do partido governista. Em uma dessas reportagens, como vimos, o governador de Minas, um arenista, convoca a população para ir às ruas receber o presidente ("Aureliano convoca povo para visita de Geisel", de 13 de fevereiro de 1976). Em outra, o prefeito Luiz Verano (outro arenista) fala sobre o encontro com o presidente e o planejamento para a realização de obras com o apoio do governo federal ("Luiz Verano e Geisel", de 17 de fevereiro de 1976).

A cobertura da visita dava, portanto, visibilidade para duas questões muito caras ao governo militar: mostrar sua popularidade (ainda que uma popularidade construída), e reforçar sua política desenvolvimentista, mostrando um de seus eixos de investimento no campo econômico, a indústria de base.

1.2.1. Reportagens Não Editadas sobre a visita de Geisel a BH em maio de 1977

A seguir, analisaremos 3 filmes sobre a visita do general Geisel a Belo Horizonte para eventos do Dia do Trabalho em 1977⁸⁹, que foi, segundo o jornal **O Globo**, a "principal comemoração do Dia do Trabalho no País"⁹⁰. Os três filmes foram catalogados como se tivessem sido feitos no dia 02 de maio de 1977, mas todos se referem a eventos ocorridos no dia 1º de maio. O primeiro filme faz a cobertura da chegada do presidente no aeroporto e registra a ida do general a um almoço com trabalhadores após as solenidades do Dia do Trabalho. O segundo filme mostra a chegada e participação de Geisel nas comemorações realizadas na Praça Rio Branco, na região central de BH. O último filme mostra o embarque do presidente de volta a Brasília, ainda no dia 1º de maio.

Os três filmes documentando a passagem de Geisel por Belo Horizonte no dia 1º de maio de 1977 são os únicos registros coloridos deste capítulo. Claudio Ramos⁹¹ nos explicou em entrevista que nos primeiros anos de uso das películas coloridas pela Rede Globo só havia laboratório de revelação em cor na sede do Rio de Janeiro. Sendo assim, Belo Horizonte utilizava filmes em cores apenas para reportagens especiais e matérias

⁸⁹ Embora não tenhamos elementos para afirmar porque Belo Horizonte foi a cidade escolhida para receber Geisel nas comemorações do Dia do Trabalho em 1977, mais à frente teceremos algumas hipóteses para esta escolha.

⁹⁰ GEISEL pede a trabalhadores ajuda contra inflação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

⁹¹ Claudio Ramos foi funcionário do setor de *Arquivo e Pesquisa* da TV Globo Minas de 1977 a 1996. Entrevista concedida a Marcella Furtado no dia 26 de fevereiro de 2019.

de gaveta⁹². A cobertura do dia a dia continuava em P&B. No Fundo Globo, de acordo com o processamento já realizado pelo MIS BH, a maioria dos filmes coloridos refere-se ao período entre 1980 e 1983. Os rolos até 1980 são majoritariamente em preto e branco. Os três rolos coloridos da visita de Geisel em 1977 possuem a notação NE junto ao título, ou seja, não foram editados, nem exibidos. Mas qual o sentido de investir em registros coloridos para não aproveitá-los? Nossa hipótese é que esta cobertura com filme colorido foi feita para a posteridade, para futuramente ser utilizada em alguma retrospectiva ou programa especial. Nessa interpretação, o registro ganha outro viés. Não interessava mais mostrar o factual, mas sim documentar aquele chefe de estado em momentos chave de sua passagem pela capital de Minas. Dessa forma, mesmo não tendo sido exibidos, acreditamos que se tratam de registros importantes dentro desta estratégia de construir uma imagem pública do presidente e da ditadura militar.

Para a cobertura da visita presidencial naquele dia 1º de maio de 1977, foram mobilizadas 3 equipes de reportagem da TV Globo Minas: uma cobriu a chegada do general na Pampulha e seu almoço com os trabalhadores no Sesc; a segunda equipe fez a cobertura dos eventos na Praça Rio Branco; e a terceira registrou a abertura da Olimpíada Operária Global no estádio Mineirão, evento promovido pela própria Rede Globo e que contou com a participação do presidente⁹³. Não é possível saber se uma destas equipes fez a cobertura do embarque de Geisel, ou ainda se foi um quarto cinegrafista que teria gravado as imagens da partida do general. Passemos agora à apreciação das três reportagens.

O primeiro rolo a ser analisado possui o título "Dia do Trabalho - 77 - Chegada de Geisel - Aeroporto" (NE), com data de 02 de maio de 1977. Na Rede Globo Minas, a reportagem foi cadastrada da seguinte forma:

Título:
Dia do trabalho.
Visita do Presidente Hernesto [sic] Geisel a BH.
Sinopse:

⁹² Matéria de gaveta (ou matéria fria) é aquela que independe da atualidade para ser publicada. Ela não precisa ser exibida necessariamente na data em que foi realizada. Muitas vezes, serve para cobrir lacunas no telejornal, quando uma reportagem 'cai' ou em dias com menos matérias factuais para preencher todo o programa. Ver FELIX, 2016.

⁹³ O rolo com a abertura da 2ª Olimpíada Operária Global não foi localizado no Museu da Imagem e do Som de BH. No entanto, diversas competições da Olimpíada daquele ano foram registradas em telerreportagens que fazem parte do Fundo Globo. É importante indicarmos que o evento foi coberto por pelo menos mais um veículo. Há cenas da abertura da 2ª Olimpíada Operária Global no cinejornal "Brasil Hoje nº 198", produzido pela Agência Nacional. O mesmo cinejornal aborda a participação de Geisel nos festejos do dia do trabalho na Praça Rio Branco, em Belo Horizonte, além de outras notícias das cidades de Toné e Aquidauana (MS) e Rio de Janeiro (RJ). Ver BRASIL HOJE. N.198.

Cenas da chegada do presidente Geisel a BH. Autoridades aguardando sua chegada no aeroporto. O presidente descendo do avião, sendo recebido.

Diferentemente do filme anterior (do ano de 1976), em que a sinopse trazia dados de fatos que não estavam registrados no rolo, na reportagem a seguir, há mais informações na fita do que a sinopse sugere. Com duração de 11 minutos e 28 segundos e sem nenhuma emenda, o rolo tem início com um plano do governador Aureliano Chaves em pé na pista do Aeroporto da Pampulha (hangar da Base Aérea) perfilado ao lado de três autoridades militares. Um dos homens conversa com Aureliano, provavelmente perguntando algo acerca do próprio rito de recepção ao presidente, no que o governador aponta para o lado de fora do aeroporto. Ouve-se um barulho alto das turbinas de um avião. Os outros dois militares olham para trás, observando a aproximação da aeronave da Força Aérea Brasileira. Quanto termina o diálogo com o governador, o general do exército com quem Aureliano conversava também volta seu olhar para o avião da FAB. O governador permanece olhando para frente. O avião chega mais perto e para ao lado dos homens. Neste momento, então, Aureliano volta seu olhar para a aeronave (Imagem 61).

Há um corte. Na cena seguinte, soldados marcham (Imagem 62). No próximo plano, estes mesmos soldados estão perfilados formando um corredor na saída do avião da FAB. Geisel é o primeiro a aparecer. Ele desce as escadas seguido por um outro general e caminha entre os soldados (Imagem 63) até chegar a um militar que o espera. O anfitrião faz uma continência e diz algumas palavras a Geisel, que faz menção de lhe apertar a mão, mas espera o término do discurso para fazê-lo (Imagem 64). O presidente se encaminha para o local onde Aureliano aguarda junto aos demais generais. O governador e Geisel apertam as mãos e, em seguida, abraçam-se amistosamente (Imagem 65). Trocam algumas breves palavras. Geisel segue cumprimentando os generais perfilados. Esta primeira parte do rolo corresponde à sinopse cadastrada.

Há um corte e o próximo plano está um pouco mais aberto. O presidente continua a cumprimentar os militares e autoridades perfiladas, entre elas, Luiz Verano, prefeito de Belo Horizonte (Imagem 66). O plano mostra também mais algumas autoridades que vieram no voo presidencial, como o deputado federal Francelino Pereira e o senador Magalhães Pinto. Novo corte. Geisel e Aureliano caminham juntos na direção da saída do Aeroporto da Pampulha. Conversam um pouco, e o general acena para algumas pessoas (militares e credenciados que estão no caminho).

Imagem 61 - Aureliano Chaves e militares aguardam a chegada da comitiva presidencial no hangar da Base Aérea (Aeroporto da Pampulha)



Imagem 62 - Soldados marcham para receber Geisel



Imagem 63 - O presidente passa pelos soldados perfilados...



Imagem 64 - ... e recebe de um militar as saudações de boas vindas



Imagem 65 - Além do tradicional aperto de mãos, Aureliano e Geisel se abraçam



Reportagem não exibida.
Fotogramas extraídos do filme "Dia do Trabalho - 77 - Chegada de Geisel - Aeroporto"
(02 de maio de 1977).
FONTE: Acervo MIS BH.

Mais um corte e tem início uma sequência dos bastidores da cobertura jornalística à visita presidencial. Em um espaço pré-determinado dentro do aeroporto estão reunidos os jornalistas que fazem a cobertura da visita. Soldados do exército estão próximos a eles (Imagens 67, 68 e 69), fazendo uma espécie de 'cordão de isolamento', de modo que eles não podem sair do espaço que lhes foi determinado. Apenas observam de longe as autoridades deixarem o aeroporto, sendo de certa forma 'contidos' pelos homens do exército, que os circundam. Em uma das cenas que fazem parte desta sequência, alguns jornalistas parecem questionar a determinação de permanecerem naquele espaço mesmo após as autoridades deixarem o local. O militar tenta justificar o procedimento (Imagem 70). A conversa não é audível, mas os gestos de militares e jornalistas dão o clima do momento.

De acordo com o jornal **O Globo**:

Duzentos agentes do serviço de segurança da Presidência da República e da Secretaria de Segurança Pública de Minas acompanharam a comitiva presidencial em Belo Horizonte. No Aeroporto da Pampulha, uma hora antes de pousar o avião do presidente, eles já estavam delimitando áreas para os colegas - cerca de mil - e até para os jornalistas credenciados, obrigados a ocupar um quadrilátero, ao lado do hangar. "Se algum de vocês sair desta área terá problemas" - advertiu um agente⁹⁴.

Neste filme o presidente chega a Belo Horizonte sem a companhia da primeira dama. A recepção no Aeroporto é um pouco distinta daquela que teve Médici em 1973 e Geisel em 1976, quando os generais e suas esposas foram recebidos por homens e mulheres que os aguardavam na pista. Na chegada de Geisel em 1976, **O Globo** cita inclusive a presença de personalidades, sem detalhar quem seriam essas pessoas. Em ambas as ocasiões (1973 e 1976) militares estão presentes, mas também muitos civis, como secretários de estado e deputados. A chegada de Geisel em 1977 parece mais solene. Ele não chega com a família, apenas políticos e militares. No aeroporto, apesar do abraço amistoso com o qual o governador de Minas o recebe, os demais ritos parecem mais formais. E a presença de militares (entre aqueles que participam da solenidade e aqueles que fazem a segurança) está mais evidente. Há ainda o 'cercadinho' feito com os profissionais da imprensa, limitando sua aproximação e atuação na cobertura da visita, em uma demonstração de controle sobre o trabalho dos jornalistas, cerceados no cumprimento de sua função exatamente no Dia do Trabalho.

⁹⁴ GEISEL pede a trabalhadores ajuda contra inflação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

Imagem 66 - Geisel cumprimenta autoridades e militares na chegada a Belo Horizonte



Imagem 67 - Soldados acompanham de perto o trabalho dos repórteres



Imagem 68 - Militares orientam que jornalistas permaneçam no espaço delimitado para eles



Imagem 69 - À esquerda da imagem, de terno quadriculado claro, o repórter Luiz Carlos, da TV Globo Minas



Imagem 70 - Jornalistas parecem questionar a necessidade de permanecerem no local demarcado mesmo após a passagem do presidente



Reportagem não exibida.
 Fotogramas extraídos do filme "Dia do Trabalho - 77 - Chegada de Geisel - Aeroporto"
 (02 de maio de 1977).
 FONTE: Acervo MIS BH.

Na próxima sequência de imagens, o general Geisel caminha por uma via próxima ao Aeroporto acompanhado por um militar. De um lado da rua estão soldados do exército perfilados. Do outro, civis que aplaudem o presidente. Fora de quadro se ouve uma marcha executada ao vivo por uma banda. Seguranças de terno caminham junto ao cordão de isolamento dos civis à medida que Geisel passa em revista a guarda de honra (Imagem 71). Uma mulher com quatro crianças é autorizada a se aproximar do general. Aureliano também está próximo. Geisel cumprimenta os dois meninos e as duas meninas (Imagem 72). Uma outra mulher entra em cena, fala algo no ouvido das crianças, e elas em seguida entregam ao presidente um quadro que haviam levado para presenteá-lo. Aparentemente as crianças que se aproximaram do presidente foram previamente escolhidas e ensaiadas. A seguir, uma jovem e depois uma senhora também se aproximam e cumprimentam Geisel. O jornal **O Globo** apresenta algumas informações sobre esta passagem:

Antes que entrasse no carro que o levaria à Praça Rio Branco, passou revista a uma guarda de honra, ouviu a execução do Hino Nacional por uma banda de música e foi saudado por um grupo de quatro crianças. Um menino do grupo, Bruno Teixeira, disse-lhe: "Boas vindas, Presidente Geisel. Tenho a honra de apresentar a S. Exa e comitiva os cumprimentos do Instituto de Educação de Minas Gerais". Geisel foi cumprimentado, em nome do magistério mineiro, pela diretora do Colégio Estadual Pandiá Calógeras⁹⁵.

Acompanhado pelo governador, o presidente caminha na direção de um carro oficial. Antes de entrar no veículo, ele acena para uma pequena multidão de populares que parecem dizer algo para saudá-lo (Imagem 73). Alunos uniformizados agitam bandeiras do Brasil e bandeirolas do estado de Minas Gerais (Imagens 74 e 75). Assim como em outros eventos vistos neste capítulo, a presença de estudantes não é ocasional nem espontânea. Além de estarem uniformizados, eles têm uma ação orquestrada de agitação de bandeiras que muito provavelmente estava sendo coordenada pela escola de origem. Os carros oficiais partem. Da janela do veículo, Geisel acena para o público. Após a partida da comitiva, o cinegrafista da TV continua a fazer registros da movimentação no local. Em determinado momento, percebendo a aproximação da câmera, alguns adolescentes agitam as flâmulas e sorriem para a filmagem (Imagem 76).

A partir da próxima sequência tem início a cobertura do almoço que o presidente teve com trabalhadores após as comemorações do Dia do Trabalho. Provavelmente a

⁹⁵ GEISEL pede a trabalhadores ajuda contra inflação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

equipe que fez a cobertura da chegada do presidente se deslocou para o local onde ocorreria o almoço, enquanto outra equipe da TV Globo Minas se posicionava para o registro das atividades que transcorreriam na Praça Rio Branco, no centro da cidade.

Imagem 71 - Do lado de fora ao Aeroporto, Geisel passa em revista a guarda de honra



Imagem 72 - Crianças saúdam e presenteiam o general



Imagem 73 - Geisel acena para o público antes de deixar a região do Aeroporto



Imagem 74 - Jovens estudantes balançam as bandeiras do Brasil e de outras nações



Imagem 75 - Crianças uniformizadas carregam as bandeirolas do Brasil e de Minas Gerais



Imagem 76 - Adolescentes sorriem e agitam as flâmulas para a filmagem



Reportagem não exibida.

Fotogramas extraídos do filme "Dia do Trabalho - 77 - Chegada de Geisel - Aeroporto" (02 de maio de 1977).

FONTE: Acervo MIS BH.

O almoço fazia parte das atividades relacionadas ao Dia do Trabalho, no qual o general Geisel estaria reunido com representantes sindicais. Conforme relata o jornal **O Globo**, haveria uma conversa informal entre trabalhadores e presidente, que, no entanto, não ocorreu. Os sindicalistas conseguiram apenas entregar ao presidente uma lista de reivindicações por escrito⁹⁶. Talvez a conversa 'informal' tenha sido cancelada pelo fato da assessoria da presidência julgar que o contato direto entre Geisel e os trabalhadores (sem planejamento e sem mediação) pudesse criar situações desconfortáveis e embaraçosas para o presidente, como cobranças e denúncias. Há também a possibilidade de que a divulgação desta conversa tenha sido apenas uma estratégia que visava criar uma imagem de proximidade entre o general e os representantes sindicais, mas talvez nunca tenha havido a intenção de que a conversa informal de fato fosse realizada.

Na telerreportagem não são citados os sindicatos representados durante o almoço. Na matéria d'**O Globo** são citados os sindicatos de dois trabalhadores entrevistados (Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade e dos Bancários de BH), mas não há uma citação ampla das entidades presentes. Como foi um almoço para 355 pessoas (conforme dados d'**O Globo**), provavelmente outras cidades e categorias profissionais também estavam representadas.

Aos 6 minutos e 3 segundos de rolo, a câmera da Globo Minas está posicionada na entrada do Sesc Venda Nova, um complexo esportivo e de lazer na capital mineira. Os veículos da comitiva presidencial se aproximam. O carro onde está Geisel para e um homem de terno abre a porta para que o presidente saia. Assim que o general deixa o veículo, é recebido com aplausos pelos presentes, todos homens de terno. Após cumprimentar alguns deles, Geisel caminha para o lado oposto à portaria do Sesc, que ainda não tinha sido revelado pelas imagens: atrás de um cordão de isolamento, um grupo de adultos e crianças - frequentadores do clube esportivo - aguardava a chegada do general. O presidente caminha até eles e começa a cumprimentar um a um. Em relação às crianças menores, em alguns momentos ele abaixa e conversa algo, dá uma atenção diferente (Imagem 77). Dois seguranças permanecem o tempo todo ao redor de Geisel.

A seguir, um novo plano mostra o presidente caminhando em uma rua dentro do parque esportivo. Ele tem como companhia o governador, o ministro do Trabalho

⁹⁶ NO ALMOÇO no Sesc, listas de reivindicações. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

Arnaldo Prieto⁹⁷, autoridades, militares e, claro, os seguranças. Há um cordão de isolamento (mais um) que limita a passagem dos usuários do parque esportivo. Mesmo assim, muitos acompanham com curiosidade a chegada das autoridades. Em alguns momentos, aplaudem Geisel. O general sorri e acena de longe para o público.

Duas meninas passam pelo cordão de isolamento (não é possível dizer se autorizadas ou não) e chegam até o presidente (Imagem 78). A mais alta lhe entrega um papel do tamanho de um cartão. Geisel se abaixa e abraça as duas (Imagem 79). As meninas saem de cena. O presidente tira os óculos e tenta ler o que estava escrito no papel que lhe fora entregue. Há um corte. Em seguida, as meninas estão de volta à cena. O general escreve algo no papel e entrega às duas, que se retiram.

A cena seguinte mostra uma intensa movimentação na porta do local onde ocorreria o almoço. Geisel e demais autoridades caminham pelo parque esportivo até chegarem ao restaurante, onde eram aguardados na porta por um numeroso grupo de trabalhadores. De longe, atrás dos cordões de isolamento (agora vigiados por policiais militares) os frequentadores do Sesc Venda Nova observam curiosos toda a movimentação gerada pela visita do presidente.

Dentro do restaurante, o câmara consegue se posicionar bem perto do presidente. Pelos dados que temos não podemos afirmar que a Globo Minas foi a única emissora de TV com este acesso privilegiado. Mas, observando as imagens gravadas, é certo que eles receberam autorização para uma cobertura bem próxima, com exceção apenas para o episódio que já relatamos no Aeroporto da Pampulha. Do lado direito deste está o ministro do trabalho, e à esquerda, o governador de Minas (Imagem 80). Aureliano conversa com um homem sentado à sua esquerda. A câmara se detém neles por mais de 40 segundos, uma aproximação que parece incomum na cobertura jornalística. Só não é possível ouvir a conversa particular do governador porque o restaurante está cheio e muito barulhento. São feitos mais alguns planos dos homens que estão no restaurante para almoçar com o presidente, todos já sentados (Imagens 81 e 82). As imagens

⁹⁷ Formado em Engenharia Civil, Arnaldo da Costa Prieto (São Francisco de Paula/RS, 13 de fevereiro de 1930 - Brasília/DF, 3 de julho de 2012) iniciou sua trajetória política em 1959, quando foi eleito vereador em São Leopoldo (RS). Em 1963, tornou-se Secretário do Trabalho e da Habitação do Rio Grande do Sul, na gestão do governador Ildo Meneghetti. Em 1966, foi eleito deputado federal por seu estado natal na legenda da Arena, sendo reeleito em 1970. Em 15 de março de 1974, assumiu como ministro do Trabalho e Previdência Social no governo Geisel. Pouco depois o ministério foi desmembrado entre Ministério da Previdência e Assistência Social e Ministério do Trabalho, sendo que este último permaneceu sob a gestão de Prieto. Em 1979, ao final do governo Geisel, deixou o Ministério do Trabalho. Em outubro assumiu como ministro do Tribunal de Contas da União (TCU). Em 1987, inicia o mandato como deputado federal constituinte, eleito pela legenda do Partido da Frente Liberal (PFL). Permaneceu na Câmara até 1991, abandonando posteriormente a carreira política. Ver PRIETO, 2009.

cobrem apenas o início do almoço, quando ainda estavam sendo servidas as bebidas. Os últimos 30 segundos de rolo parecem ser uma gravação acidental, do lado de fora do restaurante, onde 2 homens credenciados estavam sentados. Depois disso, o filme acaba.

Sobre a preocupação colocada com a questão da segurança e as limitações de acesso ao presidente, na matéria escrita do jornal **O Globo**, além do episódio já citado no aeroporto, as restrições são indicadas em mais alguns momentos, inclusive durante o almoço, conforme relatado a seguir:

O rigor do esquema de segurança impediu que, em sua maioria, os dirigentes sindicais entregassem pessoalmente a Geisel sua lista de reivindicações. Alguns dos envelopes ficaram em poder dos agentes de segurança, que os amontoaram junto aos transmissores de rádio e prometeram encaminhá-los, depois, ao presidente⁹⁸.

Em outro trecho, ainda a respeito do almoço, a reportagem d'**O Globo** informa que

Na colônia de férias do Sesc, onde Geisel almoçou, estava além dos 200 agentes, um contingente da PM de Minas. À hora do almoço, vários repórteres foram retirados do restaurante, sob a alegação de que só os fotógrafos poderiam entrar lá, mas rapidamente⁹⁹.

O impresso indica as restrições impostas no encontro de Geisel com os trabalhadores durante o almoço, mas no registro da TV Globo estas restrições não ficam muito evidentes, pelo contrário. Considerando todo o rolo, à exceção do limite imposto dentro do aeroporto, nos demais registros tem-se a impressão que a emissora tem acesso amplo aos espaços de poder, sempre se posicionando por dentro dos cordões de isolamento e algumas vezes com planos bem próximos ao presidente, como ocorre durante o almoço.

A ideia de se fazer um almoço entre o presidente e trabalhadores supõe um momento de aproximação e trocas, mas o que as imagens mostram é um general isolado e que em alguns momentos parece estar pouco à vontade naquele local. Observa-se uma participação popular sempre orquestrada e também limitada, visto que mesmo durante o almoço organizado para permitir um contato entre o presidente e os trabalhadores (em teoria), estes só puderam expor suas questões e reivindicações por escrito. Vale lembrar também os diversos cordões de isolamento (limitando a aproximação de qualquer pessoa não autorizada) colocados em todos os espaços abertos por onde Geisel passou durante a gravação deste filme.

⁹⁸ NO ALMOÇO no Sesc, listas de reivindicações. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

⁹⁹ GEISEL pede a trabalhadores ajuda contra inflação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

Imagem 77 - O general cumprimenta crianças e adultos em sua chegada para o almoço no Sesc Venda Nova. Ao seu lado, Arnaldo Prieto, ministro do trabalho



Imagem 78 - Menina se aproxima e entrega um cartão a Geisel



Imagem 79 - O general abraça as crianças que o abordaram no caminho até o restaurante



Imagem 80 - O presidente e o governador no início do almoço com os trabalhadores



O restaurante estava lotado. Mas os trabalhadores só conseguiram apresentar suas reivindicações ao presidente por escrito.

Imagem 81



Imagem 82



Reportagem não exibida.

Fotogramas extraídos do filme "Dia do Trabalho - 77 - Chegada de Geisel - Aeroporto" (02 de maio de 1977).

FONTE: Acervo MIS BH.

O próximo registro apresenta a cobertura do evento realizado naquele mesmo dia na Praça Rio Branco, centro de Belo Horizonte. Intitulado "Geisel - Dia do Trabalho

1977" (NE) de 02 de maio de 1977, o filme foi cadastrado na TV Globo Minas com as seguintes informações:

Título:
Dia do trabalho.
Concentração na praça da rodoviária.
Sinopse:
Cenas da concentração no dia do trabalho. Participação do presidente da república Hernesto [sic] Geisel. Fala do presidente ao povo que foi recepcioná-lo. Palanque com autoridades. Som ambiente.

O rolo possui 11 minutos e 28 segundos de duração (mesmo tamanho do filme anterior) e 8 emendas, que, no entanto, não significam que o material foi editado. As emendas provavelmente resultaram do manuseio do filme para a retirada do trecho com o discurso do presidente, que diferentemente do que a sinopse indica, não consta neste rolo. Considerando o comentário feito por Claudio Ramos de que o filme colorido era revelado no laboratório da sede da TV Globo no Rio de Janeiro, uma hipótese é de que antes de devolverem o rolo ao arquivo da Globo Minas, o trecho com o discurso de Geisel foi retirado para uso em alguma produção da Globo Rio. Ou ainda, talvez o discurso tenha sido requisitado pela Assessoria de Relações Públicas do Governo. Como na Globo Minas os filmes não eram assistidos antes de serem arquivados e o arquivamento era feito com base no relatório do repórter sobre os registros feitos durante a cobertura, é possível também que a Globo Minas nunca tenha se dado conta de que o rolo retornou do Rio de Janeiro sem o trecho do discurso, tanto que inseriu esta informação equivocada na sinopse do rolo arquivado.

Durante pesquisa na base de fichas do Fundo Globo, localizamos um registro que sugere a existência de um filme com o discurso de Geisel. Ou seja, é possível que o discurso tenha sido retirado do rolo original para alguma das finalidades indicadas acima e posteriormente tenha sido devolvido à TV Globo Minas para arquivamento. A ficha cadastrada traz as seguintes informações:

Título:
Dia do trabalho - 77.
Fala do presidente Hernesto [sic] Geisel.
Sinopse:
Cenas do discurso do presidente Geisel nas comemorações do dia do trabalho - 77, em concentração na praça da rodoviária.

Até o desenvolvimento desta pesquisa este rolo não havia sido localizado no acervo do Museu da Imagem e do Som de BH. No entanto, conforme já observamos, à

medida que o acervo Globo seja identificado pela instituição, é possível que este e outros registros do período apareçam.

Antes de iniciarmos a análise do filme, consideramos relevante destacar a importância dada às celebrações do dia do trabalhador durante a ditadura militar e, em especial, no governo Geisel. Conforme aponta a pesquisadora Tatyana Maia no artigo "As comemorações cívicas do 1º de maio nos cinejornais da Agência Nacional na ditadura militar":

É possível perceber um padrão nas cinco comemorações oficiais realizadas da gestão de Geisel, o que indica a existência de um protocolo previamente organizado, compondo um cenário cuidadosamente elaborado. Além de Geisel, outras autoridades também discursaram, incluindo sempre um representante dos trabalhadores. Nenhum dos discursos está audível nos cinejornais. As comemorações, anunciadas como festas cívicas, eram momentos de diálogo público tanto com os trabalhadores quanto com classe patronal; afinal, desde 1964, as narrativas desses cinejornais articulavam os dois protagonistas do mundo do trabalho, considerando-os como estratos sociais complementares na promoção do desenvolvimento nacional. Essa construção de uma imagem pública que associa trabalhador, ordem e desenvolvimento nacional irá aparecer em todas as comemorações do governo Geisel (2017, p. 293).

Na telerreportagem sobre o dia do trabalhador em 1977 será possível ver diversos aspectos deste 'cenário cuidadosamente elaborado': o discurso das autoridades e de um representante dos trabalhadores, homenagens, falas exaltando o 'apoio' e reconhecimento do governo aos trabalhadores e faixas em que se misturam entidades representativas das classes patronal e operária.

Veremos também que gravação feita pela TV Globo Minas se aproxima muito do discurso dos cinejornais da Agência Nacional, ressaltando nos registros o tom conciliatório adotado pelo governo na ocasião. No entanto, como a telerreportagem encontra-se em estado bruto, eventualmente aparecerão momentos que 'escaparam' ao protocolo, conforme indicaremos adiante. Tatyana Maia aponta ainda que "nenhum dos discursos está audível nos cinejornais" (2017, p. 293). Exatamente para trazermos um elemento novo, inexistente nos cinejornais analisados pela pesquisadora, escolhemos transcrever os discursos realizados no evento do dia do trabalhador em 1977, de modo que pudéssemos verificar a natureza das falas e seu significado dentro da celebração proposta.

Outro aspecto essencial a ser lembrado é o momento político, o que talvez tivesse motivado a ida de Geisel a Belo Horizonte, onde imaginava-se um maior controle sobre as mobilizações populares do que nas cidades do Rio de Janeiro e São

Paulo, centros conhecidos por uma maior efervescência política. E havia uma nova motivação para protestos populares. Exatamente um mês antes do dia do trabalhador naquele ano, em 1º de abril de 1977, o Congresso Nacional fora fechado pelo Ato Complementar 102, ação possibilitada pelo Art. 2º do AI-5, ainda em vigor. O 'recesso' durou 14 dias. Neste período, o governo anunciou um conjunto de medidas que ficaram conhecidas como "Pacote de Abril"¹⁰⁰. As medidas tinham como objetivo preparar o terreno para as próximas eleições (a serem realizadas em 1978), na tentativa de garantir que o Legislativo fosse composto em sua maioria por membros do partido governista (Arena). Uma das novidades foi a criação da eleição indireta para 1/3 dos senadores (chamados pejorativamente de 'biônicos'). O "Pacote" também trouxe as seguintes determinações: manutenção das eleições indiretas para governador, extensão da Lei Falcão para as eleições estaduais e federais, ampliação das bancadas que representavam os estados menos desenvolvidos e populosos (nos quais a Arena predominava), alteração do quorum - de 2/3 para maioria simples - para a votação de emendas constitucionais pelo Congresso e ampliação do mandato presidencial de cinco para seis anos. "O recado era direto. A condição para a liberalização do regime se consolidar era o controle absoluto do processo institucional por parte do Poder Executivo" (NAPOLITANO, 2014, p. 257).

Outra questão importante a ser observada nos filmes do dia 1º de maio de 1977 é a presença de personagens que teriam destaque nas disputas à sucessão presidencial no ano seguinte, como o então governador Aureliano Chaves, que se tornaria vice-presidente da República, e o senador Magalhães Pinto, que buscou articulações para colocar-se como candidato à sucessão presidencial, sem no entanto obter sucesso. Antes da definição da chapa que concorreria à presidência da república pelo partido governista, o senador Magalhães Pinto tentou viabilizar sua candidatura¹⁰¹. Chegou a buscar apoio de empresários descontentes dizendo-se favorável às eleições diretas no pleito de 1984 (REZENDE, 2011). Sentindo-se preterido pelo partido, o senador mineiro não participou da Convenção Nacional da Arena que oficializou a chapa Figueiredo-Aureliano em abril de 1978. Figueiredo será questionado sobre este 'mal estar' com o senador mineiro em entrevista na telerreportagem "João Batista de Figueiredo - Chegada e faixas Convenção" (de 20 de julho de 1978), que analisaremos

¹⁰⁰ Para mais informações sobre o "Pacote de Abril" ver NAPOLITANO, 2014; MOTTA, 2020; PAGANINE, 2017.

¹⁰¹ Ver PATRIARCA, 1996; FONTANA, 2020.

adiante. Em outubro de 1978, Magalhães Pinto absteve-se na votação do Colégio Eleitoral que elegeu Figueiredo como novo presidente da República.

No filme de 1º de maio de 1977, Magalhães aparece como um personagem bastante presente e próximo de Geisel nas celebrações do dia do trabalhador na capital mineira. O senador certamente buscava esta proximidade para tentar figurar como uma possível indicação do presidente para as eleições do ano seguinte. Dessa forma, o evento na capital mineira também pode ser visto como um momento de fortalecimento de alianças. A escolha de Belo Horizonte como palco das principais comemorações do dia do trabalho em 1977 também pode ter relação com o protagonismo destes personagens no cenário político daquele momento. Embora não apareça discursando, a imagem de Magalhães Pinto tem destaque nas filmagens feitas em 1º de maio de 1977. A relação entre a TV Globo, o senador mineiro e a sucessão presidencial em 1978 ainda teria outros contornos. O tema ganhou espaço em uma das principais produções da emissora naquele momento, a novela "Dancin' Days"¹⁰²:

Na luta pela sucessão à presidência da República, em 1978, o mecanismo de “fabricação de cenas” foi usado na novela Dancin’Days – à época em que o governo militar garantia a sucessão presidencial de generais, mediante eleição indireta. Nesta “fabricação de cenas”, o candidato de oposição, senador Magalhães Pinto, aparece em cena, por ocasião da inauguração da boate Dancin’Days, contestando, politicamente, a eleição indireta para presidente da República, repudiada pelo povo brasileiro (TILBURG, 2015, p. 141).

Feita essa introdução, daremos início à análise do filme. O rolo começa com imagens do presidente já em cima do palanque armado na Praça Rio Branco para as solenidades previstas na celebração do Dia do Trabalho em Belo Horizonte em 1977. O general está de costas para o público. Aos 8 segundos ele se vira e acena, recebendo aplausos (Imagem 83). Pelo som captado, não parece que ele tenha sido ovacionado. Arnaldo Prieto se coloca à direita de Geisel, e Aureliano Chaves, à sua esquerda. Há alguns cortes, mas as cenas permanecem no presidente e demais autoridades presentes no palanque. Fora de quadro ouve-se a voz de um orador que conduz a cerimônia. Esta primeira parte do filme foi deslocada do trecho em que o presidente chega ao palanque na Praça Rio Branco, que será visto mais à frente.

Aos 50 segundos de rolo, há um segmento de 5 segundos de fita em branco. Em seguida, a primeira imagem das pessoas na Praça. Há uma multidão e muitas faixas

¹⁰² A novela "Dancin' Days" foi escrita por Gilberto Braga e teve direção de Daniel Filho, Gonzaga Blota, Dennis Carvalho e Marcos Paulo. Período de exibição: 10/07/1978 – 27/01/1979 (174 capítulos). Horário: 20h. Ver DANCIN', 2021.

identificando a procedência de alguns grupos. A câmera faz uma panorâmica para a direita, criando uma sequência em que é possível ver a extensão do público e as saudações colocadas nas faixas trazidas (Imagens 84 e 85). Fora de quadro, o orador continua seu discurso:

Quero aqui saudar a corporação musical, "União Sete de Setembro", de Ponte Nova, que aqui está presente, saudando o Excelentíssimo Senhor Presidente da República Ernesto Geisel, que estará conosco aqui e estará com vocês, trabalhadores de Minas Gerais, trabalhadores de todo o Brasil. Minas faz a festa nacional do trabalhador no dia de hoje.

Na telerreportagem do ano anterior¹⁰³ vimos que o locutor animava o público presente na Avenida Afonso Pena com frases que exaltavam os feitos do governo e alimentavam a expectativa daqueles que aguardavam a passagem de Geisel. Em 1977 o orador do evento parece fazer o mesmo papel enquanto o público aguarda a chegada do presidente na Praça Rio Branco. O áudio dele e as saudações escritas nas faixas abertas em meio ao público indicam uma tentativa de se criar uma aproximação entre governo e trabalhadores que não condizia com a realidade social e econômica vivida naquele momento. Em verdade, desde o início do governo militar, o movimento sindical vinha sofrendo intensa perseguição e repressão. Conforme Carolina Dellamore,

em todo o país, logo após o golpe, ocorreu intervenção nas confederações e federações do trabalho e nos sindicatos. (...) Essa postura evidencia já nos primeiros anos da ditadura militar o propósito de desarticular o movimento operário que havia crescido muito no Brasil nos anos anteriores. Os direitos políticos de dirigentes sindicais foram cassados, muitos sindicatos foram invadidos e grande parte de sua documentação desapareceu. Militantes e sindicalistas foram presos, torturados, entraram para a clandestinidade ou seguiram para o exílio (2015, p. 1-2).

De acordo com dados do Relatório Final da Comissão da Verdade em Minas Gerais, "39 Sindicatos e duas confederações sofreram intervenção e tiveram suas diretorias destituídas após 1964, em Minas Gerais" (MINAS GERAIS, 2017, v.3, p. 236). A perseguição atingiu principalmente as entidades de categorias numerosas e de longa tradição, dentre elas, o Sindicato dos Metalúrgicos de BH e Contagem. No filme de maio de 1977, o presidente deste sindicato é o escolhido para discursar no palanque do evento em comemoração ao dia do trabalhador, na Praça Rio Branco.

Na sequência do filme, a câmera mostra um plano mais aproximado das faixas (Imagem 86). O discurso exaltando a festa e o presidente continua:

¹⁰³ Filme "Geisel", de 17 de fevereiro de 1976. Ver p. 63.

Somos todos trabalhadores de uma grande nação. E hoje é a nossa grande festa nacional. O nosso grande dia. Amigo trabalhador [...] ¹⁰⁴ [há um corte e uma nova panorâmica continua a apresentação das faixas].

Com vocês, [inaudível] nesta festa maravilhosa que é a festa nacional do trabalhador. E entre nós, dentro de mais alguns instantes, o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Ernesto Geisel. Eu mais uma vez, divulgo pra vocês [...].

Um plano aproximado da primeira fila do público mostra mulheres com trajés típicos russos ¹⁰⁵ (Imagem 87). Pelo áudio do locutor, percebe-se que essas imagens de cobertura foram feitas quando o general Geisel e sua comitiva ainda estavam a caminho de Belo Horizonte, bem antes da cena inicial do rolo: "*Exatamente, neste momento, ele já está voando para Belo Horizonte com sua comitiva. Nós vamos ter às 11 horas e 10 minutos a sua chegada do aeroporto [...]*". As imagens mostram então uma faixa da cidade de Congonhas. Há um corte e no plano seguinte vê-se homens vestidos como os profetas de Aleijadinho (Imagem 88), esculturas que ficam expostas no adro do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas. O locutor completa: "*Entrega de prêmios a trabalhadores, palavra do presidente da República. Às 12h10, deslocamento para a Colônia de Férias Sylla Veloso*".

Imagem 83 - General Geisel saúda o público presente nas celebrações do Dia do Trabalho em Belo Horizonte no ano de 1977



Imagem 84 - Início da panorâmica que mostra o público presente e as faixas de agradecimento



¹⁰⁴ Indicaremos com colchetes os momentos em que há cortes durante a gravação do áudio.

¹⁰⁵ Sobre estas personagens, o jornal impresso **O Globo** informa que "Uma descendente de alemães, Victoria Fischer Parcus, tentou apresentar para o Presidente, danças folclóricas russas por alunas da escola de balé que dirige em Congonhas do Campo, mas também foi frustrada em seu propósito". A cena inusitada exemplifica o isolamento entre o poder central e a população. Na 'festa nacional do trabalhador' quem dava o tom era o governo. As manifestações espontâneas dos trabalhadores não seriam bem vindas. Ver GEISEL pede a trabalhadores ajuda contra inflação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

Imagem 85 - Continuação da panorâmica apresentando o público na Praça Rio Branco



Imagem 86 - Detalhes das faixas homenageando Geisel e o governador Aureliano Chaves



Imagem 87 - Alunas de uma escola de dança de Congonhas utilizam trajes típicos 'russos' na frustrada tentativa de apresentação ao presidente



Imagem 88 - Homens da caravana de Congonhas vestem-se como os profetas de Aleijadinho



Reportagem não exibida.

Fotogramas extraídos do filme "Geisel - Dia do Trabalho 1977" (02 de maio de 1977).

FONTE: Acervo MIS BH.

No próximo plano está registrada a gravação de uma passagem¹⁰⁶ com o repórter Hugo Alessi tendo ao fundo a multidão de trabalhadores que compareceram ao evento: *“Na Praça Rio Branco, centro de Belo Horizonte, 100 mil trabalhadores receberam o presidente Geisel”*.

O jornal **O Globo** relata um quantitativo de público significativamente menor do que fora indicado na passagem do repórter da Globo Minas, conforme pode ser visto no trecho do impresso reproduzido a seguir:

¹⁰⁶ No jargão jornalístico, 'passagem' é quando o(a) repórter fala olhando diretamente para a câmera na reportagem gravada.

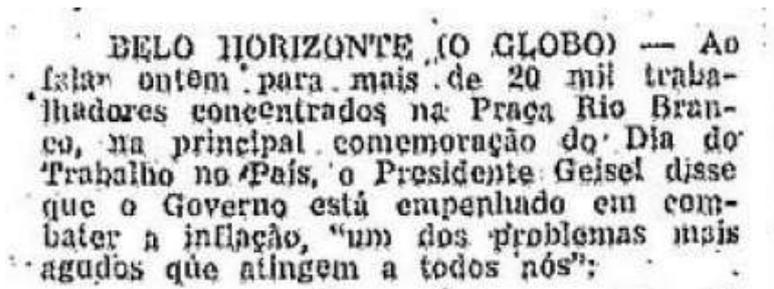


Imagem 89

Introdução da reportagem "Geisel pede a trabalhadores ajuda contra inflação".

O Globo, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

Há mais um plano dos trabalhadores presentes e das faixas com mensagens de diversas cidades do interior de Minas (Imagem 90). Entre as representações indicadas nas faixas estão as seguintes entidades e cidades: indústrias de Pouso Alegre, classe operária de Araxá, trabalhadores de Barbacena, sindicato rural de Ouro Fino, sindicato rural de Patrocínio, Liga Operária de Ubá, e também representações de Itajubá, Cataguases e Caeté. Há várias faixas da cidade de Pouso Alegre (cinco podem ser vistas em um mesmo plano) e também de Araxá, o que indica que a representatividade talvez fosse menos abrangente do que o volume de faixas parecesse transparecer. Mas é fato que a região da Praça Rio Branco estava completamente tomada por pessoas que vieram ao centro de Belo Horizonte participar das atividades.



Imagem 90 - Detalhes de algumas faixas mostram as cidades representadas no evento realizado na capital do estado

Reportagem não exibida.

Fotograma extraído do filme "Geisel - Dia do Trabalho 1977" (02 de maio de 1977).

FONTE: Acervo MIS BH.

O jornal **O Globo** informa que as delegações de trabalhadores presentes no evento vieram de mais de 20 municípios do estado de Minas. Chegaram a Belo Horizonte em ônibus especiais, em caravanas organizadas por empresas e sindicatos. A 'popularidade' do evento também teve grande contribuição da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. De acordo com **O Globo**,

Depois que o Presidente deixou a Praça Rio Branco, os trabalhadores que lá estavam entraram em ônibus fretados pela prefeitura, iniciando um passeio turístico pela cidade. O passeio - incluindo o aluguel dos ônibus e a distribuição de sanduíches e refrigerantes - custou à Prefeitura de Belo Horizonte Cr\$1 milhão¹⁰⁷.

¹⁰⁷ GEISEL pede a trabalhadores ajuda contra inflação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

Importante lembrar que à época Belo Horizonte era governada por Luiz Verano, arenista como Aureliano Chaves e Geisel. Sendo assim, não é de surpreender que recursos do município tivessem sido aplicados para aumentar a popularidade de um evento que não tinha natureza municipal, mas sim estadual e federal. Tanto investimento teria 'resultado'. Durante o almoço com os trabalhadores, conforme reproduzido pelo jornal impresso, o presidente teria dito que "foi a maior concentração popular de que participei. Fiquei impressionado com a gigantesca presença dos trabalhadores"¹⁰⁸.

Ainda com os populares ao fundo da imagem, o repórter Hugo Alessi faz 3 tentativas de gravação da seguinte passagem: "*Depois do almoço, o presidente foi ao Mineirão, para cumprir a terceira e última etapa da visita: abrir a segunda Olimpíada Operária Global. O repórter Fernando Vannucci estava no estádio*". É por este comentário a respeito da presença do jornalista Fernando Vannucci¹⁰⁹ no Mineirão que pudemos confirmar que a abertura do evento global foi registrada por uma terceira equipe de reportagem (o repórter Luiz Carlos estava no Aeroporto da Pampulha e Hugo Alessi na Praça Rio Branco).

Na sequência do filme, o carro presidencial chega ao estacionamento da rodoviária de Belo Horizonte, que fica junto à Praça Rio Branco. Um homem recebe o general Geisel e o acompanha até um grupo que parece aguardá-lo. São representantes dos trabalhadores. Estão perfilados. Um dos homens cumprimentados por Geisel é João Soares Silveira¹¹⁰ (Imagem 91), à época presidente do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem. Ele foi o escolhido para subir ao palanque e falar em nome dos trabalhadores durante uma homenagem ao presidente. O general e o governador seguem cumprimentando cada um dos homens, que parecem se apresentar, trocando algumas palavras com o presidente a cada aperto de mãos. Após os

¹⁰⁸ NO ALMOÇO no Sesc, listas de reivindicações. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

¹⁰⁹ O jornalista Fernando Vannucci (Uberaba/MG, 05 de março de 1951 - Barueri/SP, 24 de novembro de 2020) trabalhou na Globo Minas entre 1973 e 1977. Depois seguiu carreira na Globo Rio. À época desta reportagem, ele provavelmente ainda era funcionário da emissora mineira. Ver MORRE AOS, 2020.

¹¹⁰ João Soares Silveira foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem entre 1969 e 1984 (por 5 mandatos seguidos), de acordo com dados disponibilizados na revista "80 anos (1934-2014) / Uma História Forjada na Luta", do Sindicato dos Metalúrgicos de BH/Contagem e Região (p. 78). Nesta mesma revista, em entrevista publicada à página 51, o então presidente do Sindicato, Geraldo Valgas Araújo, responde a uma pergunta sobre a eleição ocorrida na década de 1980 que colocara fim a um ciclo de direções com interventores no Sindicato. Valgas Araújo informa que naquela eleição participou da articulação da chapa de oposição (Chapa 2), que assumiu o sindicato em 1984, chapa essa que tinha como slogan "Fora João Silveira, Delfim e Figueiredo". Ver 80 ANOS, 2014.

cumprimentos, Geisel e Aureliano se dirigem ao palanque. O jornal impresso **O Globo** informa que além do governador, o general também

chegou acompanhado dos ministros da Previdência Social, do Trabalho, da Indústria e Comércio, da Educação e da Agricultura, do chefe do Gabinete Militar da Presidência, do presidente da Arena, do líder da Arena na Câmara e do Senador Magalhães Pinto¹¹¹.

Com a câmera ligada, o cinegrafista da Globo se apressa para buscar um lugar à frente do palanque (pelas imagens, percebe-se que ele caminha rapidamente com a filmadora no ombro). O locutor faz a apresentação das autoridades, que recebem aplausos contidos do público.

Há alguns planos curtos do palanque. Em um deles aparece o senador Magalhães Pinto (Imagem 92). Na sequência do filme, o sindicalista João Soares Silveira lê um discurso de boas vindas a Geisel. Quando a gravação começa, a fala do metalúrgico já estava em curso:

[...] *Minas Gerais para saudar Vossa Excelência, homenagem que transferimos para o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, ao qual servimos eventualmente como seu presidente. Seja bem vindo à terra mineira presidente Geisel! Os trabalhadores o abraçam e lhe desejam uma feliz estada entre nós neste dia festivo. Queremos dizer [...].*

Analisando este último plano, observa-se que o presidente está posicionado de costas para os microfones nos quais são feitos os discursos. Desta forma, enquanto o representante dos trabalhadores discursa, Geisel aparece em primeiro plano e o trabalhador ao fundo, ainda parcialmente encoberto pelo Ministro do Trabalho Arnaldo Prieto. Embora o sindicalista esteja com a fala, a filmagem da TV está focada no presidente. Além disso, durante o discurso do trabalhador, o general se distrai conversando com o governador de Minas (Imagem 93). A sequência dá a impressão de que Geisel não está atento à fala do sindicalista. É uma cena que revela um distanciamento entre general e trabalhadores, ou seja, o oposto do imaginário que o evento como um todo parece querer construir. Também chama a atenção o tom conciliatório da fala do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, completamente destoante da realidade do operariado brasileiro, àquele tempo bastante cerceado em seu direito à manifestação por melhores condições de trabalho e de vida, como vimos.

¹¹¹ GEISEL pede a trabalhadores ajuda contra inflação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

Na próxima sequência, os planos mostram Geisel entregando medalhas a trabalhadores homenageados. Segundo o jornal **O Globo**, as medalhas de bronze foram entregues "a dez pessoas que se destacaram nos diversos setores do trabalho em Minas"¹¹². Os trabalhadores sobem até um nível próximo ao do palanque. Recebem a placa do presidente, são cumprimentados e descem, enquanto o locutor (fora de quadro) fala sobre a trajetória daquele trabalhador. O primeiro homenageado é Leôncio Peixoto da Silva, comerciário, à época com 80 anos de vida e 64 anos de tempo de serviço. Ele foi o segundo associado do Sindicato dos Empregados no Comércio de Belo Horizonte, entidade fundada em 11 de junho de 1925. Nesse ponto, abrimos um parêntese para comentar o que era considerado um trabalhador 'destaque'. Certamente não seriam homenageadas pessoas que lutassem pelos direitos da classe trabalhista, vistas como perturbadores da ordem e da paz. Então foram escolhidos homens que personificavam o modelo de trabalhador que o governo desejava que fosse padrão: pessoas com muito tempo de serviço, sem histórico de atritos etc. "Era um dia de festa para aqueles trabalhadores empenhados na realização de suas tarefas e colaborativos com o modelo de desenvolvimento nacional proposto" (MAIA, 2017, p. 291).

O comerciário recebe a medalha das mãos do presidente, que o cumprimenta com um abraço (Imagem 94). Ele também é cumprimentado pelo governador, pelo Ministro do Trabalho e por mais algumas autoridades presentes no palanque. José Martins Quintão, o segundo homenageado, havia completado 50 anos de trabalho na lavoura. É o governador Aureliano Chaves quem lhe entrega a homenagem. Ocorre um fato curioso pois, após receber a medalha, o homem caminha para deixar o palanque (Imagem 95) sem cumprimentar o general Geisel, que estava ao lado do governador. Sem graça, o presidente segura o braço do lavrador e o puxa de volta (Imagem 96), abraçando-o um pouco constrangido por ter sido 'ignorado' há pouco. Diante da cena inusitada, os políticos e autoridades presentes no palanque também sorriem sem graça, e aplaudem com entusiasmo quando o trabalhador retorna e cumprimenta o presidente, como se quisessem contornar o embaraço criado momentos antes. Desde quando se dirige ao palanque, o lavrador já mostra uma postura humilde, com as mãos juntas à frente de seu corpo, queixo baixo. Não parece haver um posicionamento político no fato dele ter 'ignorado' o presidente, mas sim uma postura de receio, de não saber se pode ou

¹¹² GEISEL pede a trabalhadores ajuda contra inflação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

deve ir além do que provavelmente lhe fora indicado pela organização do evento: subir, receber a homenagem e descer logo em seguida.

Imagem 91 - Na chegada à Praça Rio Branco, Geisel cumprimenta João Soares Silveira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem



Imagem 92 - O senador Magalhães Pinto no palanque do evento



Imagem 93 - O general se distrai durante o discurso de João Soares Silveira, representante dos trabalhadores



Imagem 94 - Leôncio Peixoto da Silva, comerciante, recebe um abraço do presidente antes de ser homenageado com uma medalha



Imagem 95 - Após receber a medalha das mãos do governador, o lavrador José Martins Quintão caminha para deixar o palanque sem cumprimentar o presidente



Imagem 96 - Mas o general o segura pelo braço e, meio sem graça, cumprimenta o trabalhador



Reportagem não exibida.

Fotogramas extraídos do filme "Geisel - Dia do Trabalho 1977" (02 de maio de 1977).

FONTE: Acervo MIS BH.

No evento realizado na Praça Rio Branco, a participação dos trabalhadores (que a princípio seriam o principal motivo das comemorações) é totalmente controlada. Primeiramente porque, conforme relatado n'**O Globo** e verificado nas faixas registradas pela TV, boa parte dos presentes vinha de outras cidades, em caravanas organizadas por seus municípios de origem e/ou entidades representativas, ou seja, uma participação previamente combinada.

Na entrega das medalhas, outra demonstração do controle sobre o evento: os trabalhadores escolhidos eram orientados a subir, receber a homenagem e descer. A plataforma à qual eles tinham acesso foi colocada à frente do palanque, mas ainda um pouco abaixo do nível onde as autoridades se encontravam. Durante cada homenagem, o locutor do evento relatava um breve perfil do trabalhador, ressaltando especialmente o tempo total de serviço de cada um. O único trabalhador que ganha direito à fala é o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, que, como pode ser visto no trecho filmado (e transcrito anteriormente), fez um discurso conciliatório e de exaltação ao presidente.

A ordem dos eventos relatada pelo jornal **O Globo** mostra que a sequência apresentada no rolo de telerreportagem não corresponde exatamente à sucessão dos fatos. As cenas que apresentam o público foram gravadas antes da chegada do general Geisel ao evento, embora o presidente seja a primeira imagem do rolo. E a entrega de medalhas ocorreu antes de todos os discursos, conforme pode ser visto no trecho de jornal destacado a seguir:

Depois da entrega de medalhas, seguiram-se, pela ordem, os discursos do trabalhador João Soares Silveira, do Governador Aureliano Chaves e do Ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto. Terminado o discurso do Ministro, o locutor da Agência Nacional anunciou que, quebrando o protocolo, o Presidente Geisel falaria.

Imagem 97

Trecho da reportagem "Geisel pede a trabalhadores ajuda contra inflação". **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

No rolo, os trechos fora de ordem podem ter sido emendados aleatoriamente após a retirada do discurso de Geisel.

Na sequência da entrega de medalhas aos dois trabalhadores citados há um corte e no próximo plano é apresentado um trecho do discurso do governador Aureliano Chaves:

[...] nesta cerimônia para comemorar o vosso dia. Por mais que se repita, no tempo e no espaço, cerimônias como esta têm sempre grande significação. A de hoje adquire especial relevo com a presença de Vossa Excelência senhor presidente Ernesto Geisel.

O plano que estava fechado em Aureliano se abre e mostra o presidente. Entre eles, está o Ministro do Trabalho (Imagem 98). O governador faz uma pausa após a citação do nome do general, que recebe alguns aplausos do público e das autoridades presentes no palanque. O discurso continua: "*E adquire relevo na medida em que, a presença de Vossa Excelência é testemunho eloquente do apreço, do respeito que Vossa Excelência tem pelos trabalhadores do Brasil...*". Há outra pausa no discurso neste momento (com duração de 6 segundos), talvez na expectativa de aplausos, que não ocorreram. Os trabalhadores presentes não entenderam que seria o momento de ovacionarem a menção feita à categoria e as autoridades no palanque não se sentiram impelidas a bater palmas para os trabalhadores. Percebendo que a pausa não surtira o efeito pretendido, o governador prossegue: "*...retratados sempre em atos concretos de seu governo em favor daqueles [...]*". A gravação é interrompida no meio da frase.

Em seguida tem início o discurso do Ministro do Trabalho, que, diferentemente de Aureliano, faz a leitura de um texto: "*Trabalhadores, mais uma vez comemoramos o Dia do Trabalho na fraterna e solidária comunhão entre povo e governo, marcada pela presença do Presidente da República em mais um encontro com os trabalhadores*".

O plano que estava fechado no ministro se abre e mostra Geisel à sua esquerda. O general olha para frente na direção do público enquanto ouve o discurso de Prieto (Imagem 99), que segue sem interrupção:

Na praça pública da capital de Minas Gerais, reúnem-se trabalhadores de todas as categorias, homens e mulheres, velhos e moços, simbolizando a família brasileira no que ela tem de mais autêntico: o respeito aos valores humanos, a dedicação ao trabalho, o amor à liberdade e o acentuado espírito cívico que fundamenta a nacionalidade. E aqui, mais uma vez, comparece o chefe do governo, que, coerente na sua política de desenvolvimento, enriquecida por forte conteúdo social, associa-se à festa dos que trabalham e constroem a grandeza desta nação. Exaltamos hoje publicamente o trabalho e o trabalhador. Caberia nesta oportunidade um levantamento das conquistas dos trabalhadores ao longo dos governos da Revolução. Poderíamos analisar, por exemplo, a integração do trabalhador rural, os benefícios da proteção previdenciária e trabalhista, após decênios de promessas transformadas finalmente em realidade.

Após um trecho de filme em branco, a gravação recomeça ao som de aplausos. Na imagem, o general Geisel no palanque logo após a realização de seu discurso. O mestre de cerimônias volta ao microfone:

Estas foram senhoras e senhores, as palavras do Presidente da República Ernesto Geisel, diretamente de Belo Horizonte [...].

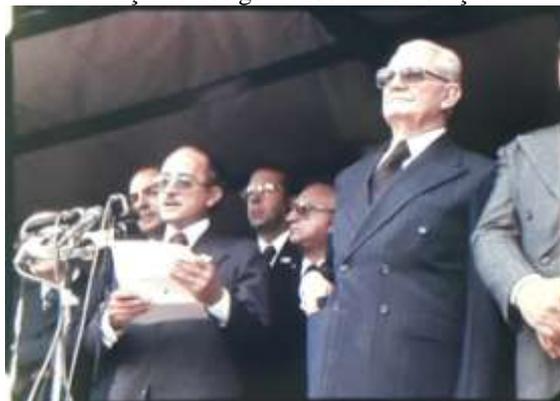
Conforme já pontuamos, neste rolo não consta o discurso do presidente, mas o trecho acima descrito nos fornece indícios de que ele foi gravado.

Na sequência do filme, após as cenas no palanque, o presidente aparece de volta ao estacionamento da rodoviária de Belo Horizonte, cercado de seguranças, ainda na companhia do governador e do ministro do trabalho. Diferentemente do que ocorrera no aeroporto, os jornalistas e repórteres fotográficos estão bem próximos a ele. O presidente entra no carro oficial. Ele coloca o braço para fora da janela para cumprimentar um aluno do Colégio Militar que se aproxima do veículo. O carro começa a partir e Geisel ainda acena positivamente com a cabeça para a câmera da TV que o registra. O filme acaba.

Imagem 98 - Aureliano Chaves faz um discurso inflamado exaltando a figura do general Geisel



Imagem 99 - Na fala do ministro do trabalho, um levantamento das conquistas trabalhistas alcançadas nos governos da 'Revolução'



Reportagem não exibida.

Fotogramas extraídos do filme "Geisel - Dia do Trabalho 1977" (02 de maio de 1977).

FONTE: Acervo MIS BH.

Assim como ocorrera em fevereiro de 1976, continua em 1977 a tentativa de se criar a imagem de um governo popular. Especificamente no evento do primeiro de maio, é notório o esforço de elaborar uma aproximação entre trabalhadores e presidente, seja pelas inúmeras faixas em agradecimento a Geisel, ou pela entrega das homenagens diretamente pelas mãos do presidente. A narração feita pelo locutor antes e durante o evento na Praça Rio Branco e também os discursos das autoridades buscam engrandecer os feitos do regime em benefício dos trabalhadores, omitindo obviamente todo um histórico de lutas e embates entre as entidades sindicais e os governos militares nos 13 anos anteriores. Conforme aponta Tatyana de Amaral Maia, "ao lado da forte repressão

que se abateu sobre o movimento operário, o regime buscou requalificar as relações com os trabalhadores, insistindo na veiculação de uma imagem do trabalhador como parte da engrenagem do desenvolvimento nacional proposto" (2017, p. 281). Nos registros feitos pela Globo Minas, vimos diversos planos gerais de milhares de trabalhadores carregando lado a lado faixas de entidades patronais e operárias, forjando um conagraçamento que na prática não existia. Tal 'construção' não era ocasional. "O projeto de modernização-conservadora empreendido pelos militares previa uma função social para os trabalhadores, qual seja: a sua colaboração passiva e a crença numa possível associação com a classe patronal" (MAIA, 2017, p. 282).

Nos discursos de Aureliano Chaves e de Arnaldo Prieto há uma evidente tentativa de forjar um imaginário de "comunhão entre povo e governo", exaltando as "conquistas dos trabalhadores ao longo dos governos da Revolução", conforme palavras contidas no texto lido pelo próprio ministro, e que convergem para a quimera organizada para o dia do trabalhador na capital mineira em 1977.

Aquele 1º de maio de 1977 seria um dia de agenda movimentada para o general Geisel em Belo Horizonte. Como vimos, após as atividades na Praça Rio Branco, ocorreu o almoço com os trabalhadores no Sesc Venda Nova e à tarde o presidente participou da abertura da II Olimpíada Operária Global, no Estádio Magalhães Pinto (Mineirão).

No acervo da TV Globo Minas guardado pelo Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte há uma série de reportagens com a cobertura da Olimpíada Operária Global, desde a primeira edição do evento, em 1976, até a edição de 1982.

Promovida pela Globo Minas, a Olimpíada Operária Global¹¹³ era realizada em parceria com o SESI, o SESC, a Federação das Indústrias, a Federação do Comércio, a Prefeitura de Belo Horizonte e o Governo do Estado. Contava com a participação de

¹¹³ Localizamos poucas informações sobre a Olimpíada Operária Global. No livro "Yves: a tirania do bem", Carlos Morici relata que a Olimpíada se somava a diversas outras atividades de cunho publicitário/popular criadas pela Globo Minas para ganhar espaço junto aos telespectadores mineiros, até então muito fidelizados à TV Itacolomi (1955-1980). Além da Olimpíada, eram realizados o Natal Global, o Vestibular Global, o Carnaval Global entre outros. Segundo Morici, a Olimpíada Operária Global foi criada para a "camada trabalhadora da periferia" (2006, p. 41). Localizamos também um relato do jornalista Jurandir Persichini Cunha sobre a abertura da Olimpíada em 1982, também em um dia 1º de maio, no Estádio Mineirão, naquele ano com a presença do presidente Figueiredo. Então funcionário da Globo, Persichini estava na coordenação da abertura da Olimpíada. Segundo o jornalista, no momento em que Figueiredo iniciava seu discurso, "*na hora que ele começou a falar "operário de Minas Gerais" eu dei um toque, uma pessoa rufou os tambores e todo mundo começou a tocar*". A 'interrupção' do discurso não ficaria impune. Naquele 1º de maio, quando Persichini chegou em casa à noite, o aguardavam dois coronéis do Exército e o chefe do Departamento Pessoal da Rede Globo com uma carta de demissão. O jornalista foi proibido de retornar à TV até para buscar seus pertences pessoais. Ver AUDIENCIA.

diversas empresas públicas e privadas de Minas Gerais. Na edição de 1977, os funcionários inscritos pelas empresas participantes competiriam em 14 modalidades esportivas, como atletismo, natação, vôlei, basquete, futebol de campo e de salão, entre outros esportes. Conforme dados disponibilizados pelo jornal **O Globo**, naquele ano foram inscritos aproximadamente 7.000 atletas-funcionários, representando 109 empresas. No mesmo jornal¹¹⁴, a abertura da II Olimpíada Operária Global realizada na tarde do dia 1º de maio de 1977 foi caracterizada da seguinte forma:

BELO HORIZONTE (O GLOBO)
 — Com o Estádio Magalhães Pinto completamente lotado, o Presidente Ernesto Geisel, em duas palavras, declarou aberta a II Olimpíada Operária Global.

Imagem 100

Trecho da reportagem "Presidente Geisel abre a II Olimpíada Global".

Fonte: **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 23.

Antes da sucinta abertura feita por Geisel, discursou por 4 minutos o então presidente do Grupo Globo, Roberto Marinho, discurso este que reproduzimos a seguir, conforme publicado no jornal impresso pertencente ao mesmo grupo:

Imagem 101 - Trecho da reportagem "Presidente Geisel abre a II Olimpíada Global".

O discurso de Roberto Marinho

Este é o discurso do Dr. Roberto Marinho, Diretor-Presidente do GLOBO, na abertura da II Olimpíada Operária Global.

Aos trabalhadores que participam da Olimpíada Operária Global, movidos pelo benéfico espírito da competição esportiva, ao poder público e aos empresários, dirijo os emocionados agradecimentos de O GLOBO e da Rede Globo de Televisão que, pela segunda vez, realizam, em Belo Horizonte, esta promoção.

Os objetivos que levaram à instituição da olimpíada estão produzindo os frutos desejados. Pretendeu-se, de uma parte, proporcionar ao operário brasileiro um lazer mais sadio, através da prática do esporte especializado.

Ao mesmo tempo, tivemos em mira suscitar novas condições para um maior

congracamento entre os próprios trabalhadores, e entre estes e os empresários, tudo no interesse de uma paz social consistente, sem a qual jamais conquistaremos o desenvolvimento que todos almejamos para o País.

Aqui se reúnem 7 mil operários de 109 empresas, representando Belo Horizonte e diversas cidades de Minas Gerais. Eles estarão disputando 14 modalidades de esporte.

Queremos que os homens de empresa cada vez mais sigam o caminho dos que estão cooperando com esta iniciativa para o exercício constante do esporte pelo trabalhador. Devem ter a certeza de que assim fazem bem à sua força de trabalho, às suas empresas e à progressiva contribuição do setor privado para as causas do progresso nacional.

Para a abertura oficial desta Olimpíada, cabe-me a honra de passar a palavra à Sua Excelência, o Presidente Geisel, em cujas sábias diretrizes de política social encontramos a grande fonte de inspiração para iniciativas como a que hoje vamos mais uma vez vitoriosamente materializada em Belo Horizonte.

Fonte: **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 23.

¹¹⁴ PRESIDENTE Geisel abre a II Olimpíada Global. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 23.

Considerando a pesquisa aqui realizada, o discurso é bastante significativo. O elogio feito por Roberto Marinho ao general Geisel demonstra claramente a posição política do presidente do Grupo Globo frente ao governo militar, posição esta que foi reforçada pela cobertura (ou omissão) jornalística por parte dos diversos veículos de imprensa do Grupo em pautas que tangenciavam o regime. Dentre estes veículos está inclusa a TV Globo e sua produção telejornalística, sobre a qual fizemos um recorte para a realização desta pesquisa. Em seu discurso, Roberto Marinho ressalta a importância do conagraamento entre trabalhadores e empresários, buscando a chamada paz social, que ele indica ser essencial ao desenvolvimento do país. É uma fala que segue o mesmo tom dos discursos realizados pelos políticos na Praça Rio Branco na manhã daquele dia, e que na verdade revelam uma tentativa inócua de construção de um cenário harmônico frente ao recrudescimento dos movimentos de trabalhadores naqueles anos finais da década de 1970.

Voltando ao evento daquela tarde de 1º de maio de 1977, de acordo com informações do jornal impresso, o presidente chegou ao Mineirão às 15h30, "sendo saudado entusiasticamente pelos atletas e pelo público concentrado nas arquibancadas do estádio"¹¹⁵. Às 16 horas, Geisel deixou o local e seguiu com sua comitiva para o Aeroporto da Pampulha.

Na sonora do repórter que fazia a cobertura do Dia do Trabalhador na Praça Rio Branco, ficou evidente que a Rede Globo fez o registro da abertura da Olimpíada Operária Global no Mineirão, o que seria óbvio, visto se tratar de um evento institucional, incorporado às comemorações oficiais, no qual estariam presentes o presidente da república e o presidente do Grupo Globo. Como o registro da abertura da II Olimpíada não aparece nem mesmo na base de fichas do Fundo Globo, é provável que ele tenha sido arquivado em alguma unidade da Globo fora de Belo Horizonte.

No final da tarde daquele mesmo dia, o presidente chegou ao Aeroporto da Pampulha para embarcar de volta à Brasília. Seu retorno foi registrado pela TV Globo Minas no filme "Dia do trabalho 77 - Embarque presidente Geisel - Avião" (NE), também datado de 02 de maio de 1977. Conforme sinopse cadastrada, a reportagem apresenta "Cenas do embarque do presidente Geisel retornando a Brasília. Cenas do avião levantando voo. Autoridades prestando rondas de despedida".

¹¹⁵ PRESIDENTE Geisel abre a II Olimpíada Global. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 23.

Este rolo possui 1 minuto e 51 minutos de duração. Constitui-se por uma cobertura bem mais sucinta do que aquelas que foram apresentadas anteriormente. O próprio retorno do presidente foi cercado por ritos mais oficiais e menos populares, ao contrário de sua chegada a Belo Horizonte, quando um enorme grupo de estudantes o aguardava do lado de fora do aeroporto. O regresso de Geisel também teve pouco destaque na matéria do jornal **O Globo**, limitada a dois curtos parágrafos, que além de uma declaração de Arnaldo Prieto, trouxe também as seguintes informações: "Pouco mais de vinte curiosos viram o Presidente embarcar às 16h20m, no Aeroporto da Pampulha, no avião da Presidência que o levaria de regresso a Brasília"¹¹⁶.

A fita começa com a entrada de homens da comitiva presidencial no hangar da base aérea no aeroporto. No grupo há militares e políticos, como o senador Magalhães Pinto (Imagem 102). Desde sua chegada a Belo Horizonte, o presidente fora acompanhado durante todo o tempo por Aureliano Chaves. No entanto, o governador não está presente na despedida de Geisel. O general caminha sozinho pelo aeroporto, sendo acompanhado de longe por seguranças e assessores (Imagem 103). Há um corte e na próxima cena ele aparece cumprimentando um homem que o aguarda junto a um militar, próximo à pista de voo (Imagem 104).

Novo corte e na cena seguinte o presidente caminha sozinho entre soldados perfilados que batem continência e formam um corredor para a passagem do general (Imagem 105). Fora de quadro, ouve-se um toque militar produzido por corneta. Geisel se coloca em posição de sentido (Imagem 106). A cena tem duração de 26 segundos. É o rito oficial de despedida do presidente.

Na próxima sequência, Geisel sobe as escadas para entrar no avião da Força Aérea Brasileira. Nos planos seguintes, os soldados se retiram da pista e o avião inicia os procedimentos para a decolagem. O filme acaba. A duração dos planos, o tipo de corte entre as cenas e o fato de não possuir nenhuma emenda confirmam que o rolo é um material bruto, conforme indicado pela sigla NE (Não Editado) em sua ponta.

¹¹⁶ NO ALMOÇO no Sesc, listas de reivindicações. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

Imagem 102 - O senador mineiro Magalhães Pinto acompanha a comitiva presidencial no retorno a Brasília



Imagem 103 - Geisel entra sozinho no aeroporto, acompanhado à distância por seguranças e assessores



Imagem 104 - O presidente cumprimenta uma autoridade que o recebe na cerimônia de regresso



Imagem 105 - Geisel caminha entre os militares já posicionados para os ritos de despedida



Imagem 106 - O general se posiciona entre os soldados perfilados em continência enquanto ouvem um toque militar na cerimônia de despedida



Reportagem não exibida.

Fotogramas extraídos do filme "Dia do trabalho 77 - Embarque presidente Geisel - Avião" (02 de maio de 1977).

FONTE: Acervo MIS BH.

As celebrações pelo Dia do Trabalho em Belo Horizonte no ano de 1977 foram pautadas pelo fomento ao imaginário de aproximação entre o presidente e a população. Quando Geisel chega na cidade, do lado de fora do aeroporto o aguardam centenas de crianças, adolescentes e adultos. Na Praça Rio Branco, uma enorme multidão o espera

para as atividades programadas no centro da cidade. Na hora do almoço, é realizado o 'encontro' com trabalhadores no Sesc Venda Nova. Mas após um olhar mais atento às imagens, percebe-se que esta aproximação é sempre programada ou limitada. Do lado de fora do aeroporto, além da barreira física colocada por um cordão de isolamento, há também a vigilância constante de policiais que acompanham de perto inclusive os adolescentes, como pode ser visto na Imagem 76. As únicas crianças e adultos que se aproximam de Geisel, o fazem para realizar uma homenagem previamente programada. Na Praça Rio Branco, o contato direto com populares se resume a dois eventos planejados: os cumprimentos que o presidente realiza no caminho entre o carro e o palanque, quando tem um breve encontro com representantes sindicais que muito provavelmente foram escolhidos a dedo e o momento da entrega das homenagens. No mesmo evento, como não estava previsto no 'roteiro', nem as dançarinas de Congonhas puderam se apresentar para o presidente.

Durante o almoço, conforme relatado no jornal **O Globo**, os trabalhadores não tiveram acesso direto ao general, com raras exceções. Nas imagens feitas no Sesc, de fato não se vê contato entre Geisel e o operariado. O impresso também relata que apenas fotógrafos puderam entrar no restaurante, por um breve período, o que talvez justifique o porquê das imagens da TV se resumirem aos primeiros momentos do almoço.

Merece destaque também a tentativa de humanizar a imagem de Geisel como um senhor gentil com as crianças, quase um 'bom velhinho'. Embora os filmes de 1977 se configurem como reportagens não editadas, é interessante observar a escolha pelo registro de diversos momentos em que há contato do presidente com crianças. Na saída do aeroporto, ele recebe cumprimentos e presentes de quatro estudantes, em encontro documentado durante 45 segundos de filme. Na porta do Sesc Venda Nova, são mais 54 segundos de imagens com os cumprimentos entre Geisel, adultos e principalmente crianças, que estão em primeiro plano. No caminho até o restaurante, 35 segundos de filme são dedicados a mostrar o encontro do presidente com duas crianças que lhe entregam um bilhete. Na saída da Praça Rio Branco, mais um contato com um jovem estudante do Colégio Militar. As cenas gravadas evidenciam a intenção de cultivar a imagem de um homem acessível e simpático com os pequenos. No entanto, este acesso é sempre controlado, pois normalmente as crianças estão atrás dos cordões de isolamento sendo vigiadas. Elas se aproximam apenas quando autorizadas e/ou acompanhadas por seguranças.

1.2.2. Registros do candidato e presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo

Passamos agora aos filmes envolvendo o último presidente do período militar, o general João Baptista de Oliveira Figueiredo, que exerceu seu mandato de 15 de março de 1979 a 15 de março de 1985.

No final de 1977, o nome de Figueiredo ganhou força para tornar-se o próximo presidente da república, consolidado com o apoio do então presidente Ernesto Geisel. No dia 08 de abril de 1978, na sétima convenção nacional da Arena, a chapa Figueiredo-Aureliano Chaves foi homologada. No pleito indireto, realizado em 15 de outubro de 1978, a chapa arenista venceu a chapa emedebista (formada por Euler Bentes Monteiro¹¹⁷ e Paulo Brossard¹¹⁸) por 355 contra 226 votos.

Em entrevista à **Folha de São Paulo** publicada no dia 05 de abril de 1978, pouco antes da homologação de sua chapa, Figueiredo (então chefe do Serviço Nacional de Informações) se posicionava contra as eleições diretas para presidente, pois em seu entendimento, o povo brasileiro não estava preparado para votar. No jornal, o pré-candidato justificaria assim sua posição:

Vejam se em muitos lugares no Nordeste o brasileiro pode votar bem, se ele não conhece noções de higiene? Aqui mesmo em Brasília, eu encontrei outro dia, num quartel, um soldado de Goiás, que nunca escovara os dentes e outro que nunca usara um banheiro. E por aí vocês me digam se o povo já está preparado para eleger o presidente da República¹¹⁹.

¹¹⁷ Euler Bentes Monteiro (Rio de Janeiro/RJ, 15 de janeiro de 1917 - 23 de julho de 2002) desenvolveu uma extensa e ativa carreira militar, participando inclusive do processo que resultou na deposição de Getúlio Vargas em outubro de 1945. Na manhã do dia 31 de março de 1964, foi procurado por dois majores na Escola de Comunicações do Exército, em Deodoro, no Rio de Janeiro, onde era coordenador. Os majores queriam equipamentos para a instalação de uma central de comunicações que colocasse em contato as escolas militares, com o intuito de se organizarem para o levante contra o governo. Euler Bentes se negou a ceder os equipamentos. Não obstante sua posição, foi promovido a general de brigada em 1965, e em 1967, assumiu a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), onde ficou até 1969. Exerceu diversos cargos importantes no Exército. Em março de 1977, passou à reserva após 12 anos de generalato. A indicação de João Batista Figueiredo como candidato oficial à presidência da República acentuou dissidências que já vinham ocorrendo no interior do governo. Na articulação de uma candidatura alternativa, o nome de Euler Bentes ganhou força, e em 23 de agosto de 1978, a chapa que formara com Paulo Brossard foi homologada na convenção nacional do MDB. Derrotado no pleito de outubro de 1978, em 1979 Bentes se afasta da vida pública. Ver MONTEIRO, 2009.

¹¹⁸ Formado em Direito, Paulo Brossard de Sousa Pinto (Bajé/RS, 23 de outubro de 1924 - Porto Alegre/RS, 12 de abril de 2015) foi eleito deputado estadual em 1954 pelo Partido Libertador (PL), obtendo a reeleição em 1958 e em 1962. Foi deputado federal de 1967 a 1971, eleito pelo MDB. Pelo mesmo partido, venceu em 1974 as eleições para o senado, assumindo em 1975. Exerceu forte oposição ao governo durante seu mandato como senador. Em 1978, compôs chapa com Euler Bentes na candidatura à presidência da República. Deixou o senado em 1983, e em 1986 tornou-se ministro da Justiça, cargo que ocupou até janeiro de 1989. Em fevereiro do mesmo ano, foi indicado pelo presidente José Sarney para o Supremo Tribunal Federal (STF). Também passou a integrar o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), do qual foi eleito presidente em junho de 1992. Em outubro de 1994, com 70 anos, aposentou-se compulsoriamente como ministro do STF. Ver BROSSARD, 2009.

¹¹⁹ ENTREVISTAS HISTÓRICAS, 2020.

Essa e muitas outras declarações polêmicas marcaram a trajetória do candidato e posteriormente do presidente 'eleito' João Baptista Figueiredo. Relembramos esta passagem, pois será um dos primeiros assuntos tratados nas perguntas dos repórteres que aguardam a chegada do então candidato à presidência no Aeroporto da Pampulha em 20 de julho de 1978.

Antes de começar a análise do filme, buscaremos entender o que envolvia a visita do general a Belo Horizonte. Uma matéria publicada no jornal **O Globo** do dia 21 de julho de 1978¹²⁰ informa que Figueiredo chegou a Belo Horizonte às 10h30 do dia 20. Como sua chegada se deu com 15 minutos de antecedência do horário previsto, ele foi levado até a Sala das Autoridades no Aeroporto da Pampulha, onde aguardaria o ex-governador Aureliano Chaves. Na ocasião, o então deputado Francelino Pereira - presidente nacional da Arena e à época 'candidato' ao governo de Minas (para o qual seria 'eleito') - mediou o encontro de Figueiredo com parlamentares do partido. Em seguida, Francelino apresentou o general a repórteres da imprensa mineira. Ainda na pista do aeroporto, estes realizaram breve entrevista com o candidato, sobre a qual falaremos à frente. Figueiredo seguiu de carro para Ouro Preto, a 100 quilômetros da capital, onde participou de compromissos sociais na companhia de Aureliano e Francelino. De volta a Belo Horizonte, naquele mesmo dia à noite participou da Convenção da Arena de Minas Gerais, na qual foram escolhidas as chapas para as eleições parlamentares (Senado, Câmara Federal e Assembleia Legislativa) de 15 de novembro daquele ano. Também encontrou-se com o governador Ozanam Coelho no Palácio dos Despachos. No dia 21 de julho, no Hotel Del Rey, estava previsto que o candidato receberia dirigentes classistas e empresários, encerrando sua passagem na capital mineira com uma entrevista coletiva à imprensa, ainda antes do almoço, visto que retornaria a Brasília às 12 horas do dia 21.

A telerreportagem "João Batista [sic] de Figueiredo - Chegada e faixas Convenção" (JN), de 20 de julho de 1978, foi catalogada nos arquivos da TV Globo Minas com as seguintes informações:

Título: Figueiredo, João Batista - general

Chega a BH

Sinopse: Imagens da chegada do candidato a pres. rep. em BH. Imagens das faixas da convenção na secr. saúde.

¹²⁰ FIGUEIREDO: O mundo deve ouvir o choro dos que têm fome. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 jul. 1978, p. 6.

Com 5 minutos e 11 segundos de duração, o filme começa com imagens do general Figueiredo ainda na pista do Aeroporto da Pampulha (ao fundo se vê a cauda de um avião da Varig). Ele está cercado por jornalistas. A primeira pergunta exibida é do repórter global Luiz Carlos:

LC¹²¹: *General, a Arena vencerá as eleições?*

JBF: *Não sei se vencerá, mas vamos fazer força pra isso, eu creio que sim. Eu creio que ela vencerá* [o candidato responde olhando para o repórter].

LC: *General, há possibilidade de impedimento com o senador Magalhães Pinto até o dia 15 de novembro?*

JBF: *Eu falarei com o senador Magalhães Pinto a hora que ele quiser. Eu me dou muito bem com ele, sou muito amigo dele e sempre converso com ele com muito prazer. Na hora que ele quiser, estarei à disposição dele.*

Há um corte e, em seguida, mais uma pergunta de Luiz Carlos:

General, mesmo o senhor tendo declarado recentemente que o brasileiro não sabe votar, o senhor considera viável a realização de eleições diretas em 82?

Com esta pergunta, a fisionomia do candidato muda. Ele se volta rapidamente para o repórter, e tão logo este conclui a pergunta, Figueiredo começa a responder:

Primeiro que eu não declarei que o brasileiro não sabe votar. O que eu declarei, e que interpretaram mal, foi o seguinte: que o brasileiro precisa se instruir melhor para votar melhor.

A declaração termina aos 44 segundos de filme. Deste ponto em diante, pela natureza dos planos e dos cortes, supõe-se que seja material de arquivo não selecionado para ir ao ar. Uma observação interessante sobre este rolo, dentro do tema abordado neste capítulo, é que se trata do primeiro filme em que são feitas entrevistas. Não há interlocução com repórteres nas matérias cobrindo os aniversários da 'revolução', assim como não há qualquer sonora nos registros sobre as visitas presidenciais analisados até aqui. A telerreportagem com Figueiredo é a primeira em que a imprensa parece ter autorização para se aproximar e fazer perguntas. Importante ressaltar que em julho de 1978 o general ainda estava na posição de 'candidato' à presidência, o que talvez justificasse essa permissão dada aos jornalistas.

No início da parte que acreditamos serem as sobras da reportagem editada, há um plano curto de cinegrafistas se movimentando para gravar imagens do candidato no aeroporto. Figueiredo desce de um avião de médio porte e caminha na pista. Ele cumprimenta algumas autoridades que o aguardavam. No próximo plano, parlamentares

¹²¹ Indicaremos como LC as perguntas feitas pelo repórter Luiz Carlos e JBF as respostas dadas por João Baptista Figueiredo durante a entrevista.

da Arena se dirigem ao encontro do candidato. Um policial gesticula pedindo que o cinegrafista da TV e outros integrantes da imprensa não sigam adiante (Imagem 107).

Há mais planos curtos entrecortados dos fotógrafos e cinegrafistas, e do candidato completamente cercado por repórteres, microfones e gravadores (Imagem 108), equipamentos que à época não tinham as logomarcas com a identificação dos veículos como existe hoje. O general responde a mais uma questão:

Eu não tenho impressão que o Presidente Geisel seja um presidente estatizante. Não tenho essa impressão. Pelo contrário. Agora o que ele me mostrou foi coisas já definidas. E por várias circunstâncias ele não pôde deixar de fazer como estava sendo feito. Mas que [inaudível] livre empresa como eu, é. Ele é um privatista como eu.

A pergunta que motivou esta resposta só vai aparecer mais à frente no rolo, indicando novamente que o processo de edição retirou os trechos filmados da ordem cronológica dos fatos. A seguir, há um plano feito com o cinegrafista em movimento, se deslocando pelo aeroporto, possivelmente logo após a imprensa ser autorizada a se aproximar. Integrantes da Arena fazem uma roda junto ao candidato, e um a um são apresentados a Figueiredo por Francelino.

Imagem 107 - Policial limita a aproximação da imprensa enquanto autoridades e políticos se encontram com o general



Imagem 108 - Quando a imprensa é liberada, Figueiredo fica cercado por repórteres



Planos do material não aproveitado para a reportagem..

Fotogramas extraídos do filme "João Batista de Figueiredo - Chegada e faixas Convenção" (20 de julho de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

Em seguida há mais um trecho da entrevista:

LC: *Como o senhor vê a situação operária em São Paulo?*

JBF: *Bem. Bem* [O candidato olha para o repórter da Globo Minas e fica em silêncio, deixando claro que sua resposta se restringiria a essas duas palavras].

Em maio de 1978, 2 mil operários da Saab-Scania em São Bernardo do Campo entraram em greve. O movimento desencadeou a interrupção das atividades de milhares de trabalhadores em diversas outras fábricas multinacionais, em uma mobilização distinta de tudo que havia acontecido nos dez anos anteriores. O regime teve dificuldades para enquadrar o movimento como 'subversivo', mas a declaração de sua ilegalidade só fez aumentar a adesão de grevistas (NAPOLITANO, 2014, p. 275). Com os acordos obtidos e o reaparecimento do movimento sindical em cena, os trabalhadores saíram vitoriosos. A questão era tão delicada para o governo, que o futuro presidente respondeu a pergunta de forma monossilábica, como vimos, a fim de evitar novos danos à sua imagem que uma resposta mal elaborada poderia trazer. As perguntas ao candidato continuam:

R¹²²: *Alguns deputados do MDB têm, assim, procurado colocar a sua imagem 'numa' posição contrária à do presidente Geisel quando o senhor diz que vai reverter uma tendência estatizante. Como o senhor analisa...*

JBF: *Ao presidente? Contrário ao presidente?* [O candidato pergunta, interrompendo o repórter].

R: *Contrário ao presidente Ernesto Geisel quando o senhor diz que irá reverter a tendência estatizante. Os deputados do MDB têm dito que o presidente Geisel teria assumido essa posição e o senhor vai procurar revertê-la. Como que o senhor analisa esse [...].*

Há um corte na pergunta, que foi respondida no trecho exposto anteriormente. Em seguida são vistos mais alguns planos dos repórteres nos bastidores e, logo depois, do candidato cumprimentando aliados.

A matéria do jornal impresso **O Globo** trouxe uma transcrição da entrevista que Figueiredo deu em sua chegada ao Aeroporto da Pampulha, conforme pode ser visto na reprodução a seguir:

¹²² Indicaremos como R as perguntas feitas por repórteres que não conseguimos identificar, representantes de outros veículos de comunicação.

Imagem 109 - Trecho da reportagem "Figueiredo: O mundo deve ouvir o choro dos que têm fome".

apresentou-o aos parlamentares da Arena.

A seguir, o presidente da Arena apresentou um a um os repórteres da imprensa mineira ao General João Baptista de Figueiredo.

ENTREVISTA

No seu contato com os repórteres, o General João Baptista de Figueiredo concedeu rápida entrevista, que é a seguinte:

— General, o Senhor acredita na vitória da Arena em novembro?

— Creio que o partido vencerá, Estamos fazendo o possível para isso.

— O Senhor vai encontrar-se com o Senador Magalhães Pinto?

— Falarei com ele na hora que ele quiser. Sou seu amigo e estou à disposição.

— O Senhor admite um encontro com Paulo Maluf dia 30 em Aparecida do Norte?

— Não sei. Vou rezar e se ele também for rezar, rezaremos juntos.

— O Senhor admitiria eleições diretas para Presidência da República, apesar de ter dito que o povo não sabe votar?

— Eu não declarei que o povo brasileiro não sabe votar. Disse que o brasileiro precisa instruir-se melhor para votar melhor.

— O Senhor acha que o Presidente Ernesto Geisel é estatizante?

— Eu creio que o Presidente não é estatizante, pois ele encontrou as coisas já bem definidas. Ele é um privatista como eu.

— O General Jaime Portela disse que as Forças Armadas, no caso de ser eleito o General Euler Bentes Monteiro, não concordariam em garantir a sua posse...

— Não sei de nada. Ele deve estar sabendo mais do que eu. Quem sabe é o Ministro do Exército.

— Quem ganhar, leva?

— Não sei. Sou apenas um candidato.

— A sua política externa será a mesma do General Geisel?

— A política externa será mantida, inclusive a política nuclear.

— E a Lei de Segurança Nacional, vai mesmo ser modificada?

— Sou favorável a uma modificação, e isto poderá ser feito ou pelo Congresso Nacional ou pelo Governo.

Fonte: **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 jul. 1978, p. 6.

Na comparação da entrevista filmada com a entrevista transcrita no jornal impresso, percebemos que no filme da Globo não estão gravadas as quatro últimas perguntas e respostas. Por outro lado, nota-se que a transcrição não segue literalmente a forma como as palavras foram ditas, nem em algumas perguntas, nem em algumas respostas. O material fílmico também apresenta a vantagem de permitir ao espectador perceber as hesitações e entonações que não ficam muito claras no impresso, o que dá uma conotação diferente a alguns momentos da entrevista.

Como exemplos dessa peculiaridade do filme, percebemos na telerreportagem a mudança da fisionomia de Figueiredo em questões que não lhe agradam, tal qual a forma brusca como ele responde certas perguntas, ou mesmo a hesitação diante de colocações feitas pelos repórteres. Nada disso é percebido na transcrição da entrevista publicada pelo jornal **O Globo**, que também não aborda a delicada questão sobre a situação operária em São Paulo, tema que havia deixado o candidato sem resposta. O impresso organiza as palavras do entrevistado para o leitor, retira repetições e também oculta o posicionamento de Figueiredo diante de certas perguntas. No fílmico, essa 'organização' é feita pela edição, que seleciona e omite os trechos que lhe convém. Mas

no material escolhido, apesar da edição, o espectador ainda consegue perceber entonações e hesitações que deixam transparecer um pouco do clima do momento em que a filmagem foi realizada.

Seguranças abrem caminho para que João Baptista Figueiredo passe pelo saguão do aeroporto, fazendo um percurso diferente do que os presidentes fizeram nos filmes anteriores, quando passaram por uma saída exclusiva do hangar da base aérea. Fora de quadro, ouve-se o cinegrafista repetir "*minhas costas, minhas costas*", em um pedido para seu assistente resguardá-lo, visto que, enquanto o candidato se desloca, o repórter cinematográfico da TV Globo Minas o filma de frente e segue caminhando de costas, por isso a necessidade de ter alguém que proteja sua retaguarda. "*Hollywood, Hollywood é assim!*", ele completa brincando. A próxima sequência de cenas mostra a passagem do candidato pelo saguão do aeroporto (Imagem 110).

Aos 4 minutos e 31 segundos as gravações parecem ocorrer em outro local, um ambiente fechado dentro do próprio aeroporto. Figueiredo permanece na companhia de Francelino. Muitos homens (civis e militares) estão ao redor deles. A conversa parece descontraída, pois o candidato sorri (Imagem 111), em uma postura um pouco menos armada daquela que apresentou aos repórteres na pista. Ele ainda cumprimenta alguns homens. Aparentemente não há jornalistas entre os que estão ao seu redor. O filme acaba.

Imagem 110 - Figueiredo passa pelo saguão do Aeroporto da Pampulha



Imagem 111 - Em momento de descontração, o candidato sorri ao lado de Francelino Pereira



Planos do material não aproveitado para a reportagem..

Fotogramas extraídos do filme "João Batista de Figueiredo - Chegada e faixas Convenção"
(20 de julho de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

Em relação à sinopse cadastrada para a reportagem, percebe-se que ela é parcialmente contemplada pelas imagens. O rolo de fato mostra a chegada do candidato

no Aeroporto da Pampulha. No entanto, não há imagens de faixas e nem da Convenção da Arena que ocorreria na Secretaria de Saúde na noite daquele 20 de julho de 1978.

Há ainda uma outra telerreportagem do dia 20 de julho de 1978. O rolo "João Batista de Figueiredo - Visita Ozanan [sic]" (JN) foi cadastrado no setor de arquivo da TV Globo Minas com as seguintes informações:

Título:

Figueiredo, João Batista - general

Visita Ozanan Coelho

Sinopse:

Imagens do candidato a pres. rep. descendo do elevador, sendo cumprimentado, chegada ao Palácio da Liberdade¹²³, sendo recebido pelo gov. Ozanan, junto com Francelino e o ex gov. Aureliano Chaves. Entrevista com o general.

Com 4 minutos e 2 segundos de duração, a fita começa com uma imagem em primeiro plano do general sendo entrevistado pelo repórter Alírio Zenith¹²⁴ da TV Globo Minas, que também está em quadro. Ao lado do candidato está o governador Ozanam Coelho (Imagem 112). O quadro se fecha em Figueiredo e a entrevista começa¹²⁵:

AZ¹²⁶: *General João Baptista Figueiredo, o senhor conseguiu em pouco tempo [...] bastante [inaudível], em pouco tempo de campanha. O senhor se sente estimulado agora, se fosse o caso, numa concorrência de eleições diretas com o candidato como o senador Magalhães Pinto ou o general Euler Bentes?*

JBF: *Meu filho, eu pratico esportes de acordo com as regras do jogo: futebol é com os pés, eu jogo com os pés; basquete é com as mãos, eu jogo com as mãos. Se amanhã mudarem as regras do jogo, eu vou lá [O candidato conclui sua resposta olhando nos olhos do repórter. Ele ainda dá uma piscadela para alguém que está fora de quadro (Imagem 113)].*

AZ: *Com respeito à Emenda Montoro, o senhor acredita que ela ainda corre o risco de ser aprovada?*

JBF: *Bom, isso eu não tô acompanhando. Sei que foi apresentada uma emenda. Sei que ela tá correndo nos trâmites normal [sic]. Agora se ela corre o risco, isso eu não sei, não tenho acompanhado.*

¹²³ Pela verificação das imagens e conforme dados do jornal impresso, o local de encontro entre Figueiredo e o governador de Minas é o Palácio dos Despachos.

¹²⁴ Repórter identificado pela jornalista Vilma Fazito em consulta realizada por mim no dia 24 de junho de 2020.

¹²⁵ A entrevista aconteceu no Palácio dos Despachos. Na parte que compõe as sobras de imagem, vemos o repórter Alírio Zenith tentando entrevistar Figueiredo no hall do Hotel Del Rey. O jornalista se aproxima: *General, duas perguntinhas só pro [sic] senhor?! - Um segurança começa a afastar o repórter (Imagem 116). Figueiredo se vira e dá as costas para o jornalista. - Só duas perguntinhas. - Alírio insiste, sem sucesso.*

¹²⁶ Indicaremos como AZ as perguntas feitas pelo repórter Alírio Zenith e JBF as respostas dadas por João Baptista Figueiredo durante a entrevista.

¹²⁷ Há um corte neste exato ponto. Possivelmente um trecho da pergunta que ficou redundante foi excluído na edição.

A resposta de Figueiredo sobre a possibilidade de eleições diretas mostra a segurança de quem conhecia a composição da Câmara dos Deputados e do Senado e sabia que as regras do jogo não mudariam tão cedo, como o tempo se encarregou de mostrar. A piscadela que ele dá no encerramento de sua fala refletem esta segurança. O candidato está confiante.

Sobre a emenda citada pelo repórter, em junho de 1978 o senador emedebista André Franco Montoro apresentou no Congresso uma proposta de emenda à Constituição (PEC 34/1978) objetivando o restabelecimento de eleições diretas para governador e vice-governador e a supressão da eleição de senadores por via indireta. O projeto foi assinado por deputados e senadores, entre eles oito senadores da Arena, partido do governo. No entanto, a proposta foi rejeitada pelo Congresso em outubro de 1978, não alcançando o mínimo de votos necessários à sua aprovação, em sessão esvaziada em grande parte pela ausência de arenistas¹²⁸.

Há um corte e no próximo plano o general aparece caminhando por um hall do Palácio dos Despachos ao lado de Ozanam Coelho e do deputado Francelino Pereira. Esta sequência possui narração do repórter (que não aparece em quadro), o que reforça as características deste trecho do rolo como sendo parte do material que foi preparado para ir ao ar. A narração começa assim:

O General João Baptista de Figueiredo e a sua comitiva saíram para visita ao governador às 7 horas [19h]. Aqui no Palácio da Liberdade eles foram recebidos pelo governador Ozanam Coelho, pelo deputado Francelino Pereira e outras autoridades.

O próximo plano traz imagens de Figueiredo sentado entre Francelino e Ozanam. O ex governador Aureliano Chaves está próximo a eles (Imagem 114). A narração do repórter continua:

Depois de uma rápida reunião aqui no Palácio da Liberdade, que contou com a participação do governador Aureliano Chaves, o general seguiu para a Secretaria de Saúde.

Com 1 minuto e 17 segundos de rolo termina a parte que parece ter sido preparada para ir ao ar. A partir deste ponto há cenas de bastidores e outras características que indicam que o restante da fita constitui-se de sobras do material editado.

¹²⁸ Ver MONTORO, 2009.

Imagem 112 - Figueiredo concede entrevista ao repórter global Alírio Zenith. À sua direita, o governador de Minas, Ozanam Coelho



Imagem 113 - O general pisca para alguém que está fora de quadro após afirmar que disputaria eleições diretas, se fosse o caso



Imagem 114 - Figueiredo se reúne com o governador de Minas e o ex-governador Aureliano Chaves, que deixou o cargo para candidatar-se à vice-presidência na chapa do general



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "João Batista de Figueiredo - Visita Ozanam¹²⁹ [sic]"
(20 de julho de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

Após 6 segundos de filme vazio, há imagens do general saindo do elevador do Hotel Del Rey, onde estava hospedado. Ele é aplaudido por pessoas credenciadas (provavelmente funcionários do hotel) que em pé acompanham sua saída (Imagem 115).

¹²⁹ Este filme e uma telerreportagem do capítulo sobre os movimentos pela anistia são as únicas matérias assistidas para o desenvolvimento desta pesquisa que possuem narração em off.

Em seguida, há uma primeira tentativa frustrada de entrevista por parte do repórter global, conforme mencionamos anteriormente. Após 1 minuto e 58 segundos de rolo, quando o cenário da reportagem muda para o Palácio dos Despachos, são vistos registros da recepção feita pelo governador Ozanam Coelho a Figueiredo. Participam também do encontro Francelino Pereira e Aureliano Chaves.

Há então mais alguns trechos da entrevista com Figueiredo, mas com perguntas feitas por um repórter de outro veículo. Quando a gravação começa, a fala do jornalista já está em curso e não é possível entender a questão. No entanto, pela resposta do general, infere-se o conteúdo da pergunta: *Depende do tipo de anistia que ele pedir*. - Figueiredo termina a frase olhando nos olhos do repórter. O jornalista faz uma réplica com o microfone próximo ao general, o que impede o entendimento de sua fala. O candidato continua: *Sim, mas... é pra terrorista... pra sequestrador?!* - O repórter continua explicando fora do microfone a natureza da anistia que está sendo solicitada no caso mencionado. - *Isso é possível, nessa eu penso* (Imagem 117). *Na outra eu não penso. Tá bom*. - O general sorri e encerra sua fala aos 3 minutos e 29 segundos.

Sobre o tema tratado neste momento da entrevista, na matéria intitulada "Candidato admite dar anistia com reservas"¹³⁰, há a transcrição de uma pergunta em que Figueiredo é indagado sobre o que pensava a respeito da anistia à memória do ex-presidente Juscelino Kubitschek, defendida por um candidato ao senado durante uma convenção¹³¹. Provavelmente o registro feito pela equipe da TV Globo Minas corresponde ao momento deste questionamento.

Imagem 115 - Ao sair do elevador do Hotel, Figueiredo é aplaudido por pessoas que o aguardavam no hall



Imagem 116 - No Hotel, o repórter da Globo é afastado por um segurança do candidato. Ele só conseguiria fazer a sonora no Palácio dos Despachos



¹³⁰ Ver *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1978, p. 6.

¹³¹ Em decreto do dia 8 de junho de 1964, Juscelino Kubitschek teve o mandato de senador cassado e seus direitos políticos suspensos por 10 anos. Ver BRASIL, 1964.

Imagem 117 - Figueiredo é assertivo ao responder sobre a anistia passível de ser considerada



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "João Batista de Figueiredo - Visita Ozanan [sic]" (20 de julho de 1978).
FONTE: Acervo MIS BH.

O olhar assertivo de Figueiredo para o repórter é uma imagem emblemática. Ele parece desafiar o jornalista, intimidá-lo, talvez para que ele não insistisse em questões que o candidato não quisesse responder. Não obstante, como mostramos em nossa análise, o repórter é persistente e consegue por fim a resposta ao questionamento feito.

Como veremos no próximo capítulo, na pauta de reivindicações dos movimentos pela anistia estava a libertação de todos os presos políticos e o retorno de todos os exilados, o reconhecimento dos presos políticos enquanto guerrilheiros, não terroristas (jargão utilizado pelo regime e incorporado pela grande mídia), o esclarecimento das mortes e desaparecimentos daqueles que combateram a ditadura e conseqüentemente a denúncia do aparato repressivo do Estado. O projeto do governo (remetido ao Congresso em 27 de junho de 1979) contrariava os movimentos pela anistia ao incluir o conceito de reciprocidade, que geraria (como de fato gerou) a inimizabilidade dos agentes da repressão e também excluía os guerrilheiros condenados. Como afirma

Heloisa Greco: "Os não condenados, a maioria dos exilados e banidos, teriam os processos cancelados ainda que acusados dos mesmos crimes" (2003, p. 250).

Antes do final do rolo há ainda duas gravações de uma passagem do repórter Alírio Zenith, muito provavelmente também não utilizadas.

Nos dois filmes de 20 de julho de 1978, percebe-se como o tema 'eleições' permeia as entrevistas feitas com o 'candidato' do partido governista à sucessão presidencial. Todas as perguntas realizadas no Aeroporto da Pampulha relacionam-se de alguma forma com a sucessão, seja no tocante às políticas que poderiam ser mantidas ou modificadas, seja no relacionamento de Figueiredo com virtuais concorrentes, como Magalhães Pinto ou Paulo Maluf, ou também na questão sobre as eleições diretas, assunto que seria retomado na reportagem seguinte, realizada no mesmo dia, no Palácio dos Despachos. Neste último local, o tema 'sucessão' continuaria em pauta. Nas duas matérias há também perguntas delicadas, que, ou pela natureza do assunto, ou pelo tipo de resposta, acabaram ficando de fora da edição final da reportagem, o que reforça ainda mais a importância da incorporação deste material à tese.

No aeroporto, quando questionado sobre a situação dos operários em São Paulo, Figueiredo é monossilábico, o que de certa forma não deixa margem para a ampliação do debate sobre o tema. À noite, no Palácio dos Despachos, quando indagado sobre a anistia àqueles que cometeram 'delitos de opinião', o candidato é assertivo: "*nessa eu penso, na outra eu não penso*", referindo-se por último à anistia aos acusados por sequestros e crimes de 'terrorismo'.

Tanto no aeroporto quanto no Palácio dos Despachos a imprensa tem autorização para se aproximar, mas no momento indicado pela equipe de segurança. Nos primeiros instantes de Figueiredo em solo mineiro, um policial gesticula aos jornalistas pedindo que não se aproximem. À noite no Hotel, quando o repórter da Globo tenta fazer perguntas ao candidato, um segurança o afasta. Figueiredo só falaria após sua chegada no Palácio dos Despachos. A fala do candidato (ou o silêncio, como no caso da pergunta sobre a situação operária), já dão o tom do que viria a ser a gestão Figueiredo no governo federal.

No dia 21 de abril de 1980, o presidente 'eleito' Figueiredo e sua comitiva desembarcaram na capital mineira para as celebrações do Dia de Tiradentes em Ouro Preto. De acordo com informações do jornal **O Globo** de 22 de abril de 1980¹³², o avião

¹³² FIGUEIREDO reafirma a abertura e critica profetas da desgraça. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 abr. 1980, p. 4.

da comitiva presidencial chegou ao Aeroporto da Pampulha às 14h45. O general foi recebido pelo ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel¹³³, pelo prefeito de Belo Horizonte, Maurício Campos¹³⁴, e pelo comandante da 4ª Divisão de Exército, general José Luiz Coelho Netto¹³⁵. Figueiredo seguiu de carro para Ouro Preto onde se encontrou com o vice-presidente Aureliano Chaves e o governador Francelino Pereira para participarem das comemorações do 21 de abril. Naquele mesmo dia, o presidente retornou de carro a Belo Horizonte, de onde embarcou de volta à Brasília.

O filme "Comitiva de Figueiredo - Imagens" (NE), de 21 de abril de 1980, mostra o momento da chegada do general no Aeroporto da Pampulha, em rito diferente daquele visto na reportagem de 20 de julho de 1978, quando ele ainda era candidato à presidência. A recepção se assemelha àquelas oferecidas aos seus antecessores, conforme apresentado em outros filmes deste capítulo. O rolo foi cadastrado no setor de arquivo da TV Globo Minas com a seguinte sinopse: "Imagens mudas da comitiva de Figueiredo, que foi para Ouro Preto, participar das comemorações do dia da independência". Há um erro na catalogação do filme, visto que a visita do general referia-se às comemorações do dia de Tiradentes, e não ao dia da Independência, como colocado na sinopse.

¹³³ Ibrahim Abi-Ackel (Manhumirim/MG, 1927 -) obteve a primeira suplência para a Assembleia Legislativa de Minas Gerais nas eleições de 1962, quando concorreu pelo Partido Social Democrático (PSD). Em 1966 assumiu o cargo de deputado estadual. Com a instauração do bipartidarismo, filiou-se à Arena, pela qual foi eleito deputado estadual novamente em 1966 e em 1970. Em 1974, elegeu-se deputado federal pelo mesmo partido, sendo reeleito em 1978. Em 1980, assumiu o Ministério da Justiça, permanecendo à frente do mesmo até 1985. No mesmo ano, em reportagem transmitida pela Rede Globo, foi acusado de integrar uma rede internacional de contrabando de pedras preciosas quando ainda era Ministro da Justiça. As denúncias não chegaram a se transformar em inquérito na Polícia Federal, mas acirraram as desavenças entre Abi-Ackel e a Globo, que vinham desde o período em que ele fora ministro. Nas eleições para a Constituinte em 1986, obteve a primeira suplência pelo PDS mineiro. Em 1989, assumiu a cadeira de deputado federal. Reelegeu-se em outubro de 1990 pelo mesmo partido, em 1994 pelo Partido Progressista Reformador (PPR) e em 1998 na legenda do Partido Progressista Brasileiro (PPB). Nas eleições de 2002, obteve a suplência quando concorreu ao mesmo cargo. Em 2006, tornou-se secretário estadual de Defesa Social na gestão de Aécio Neves (PSDB) no governo de Minas Gerais. Ver ABI-ACKEL, 2009.

¹³⁴ Maurício de Freitas Teixeira Campos (Rio Pomba/MG, 1933 - Belo Horizonte/MG, 2020) formou-se engenheiro mecânico e eletricitista pela Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1960. De 1964 a 1971 foi chefe da divisão de operação do Departamento de Águas e Energia (DAE) de Minas Gerais. Em 1978 filiou-se à Arena e foi eleito deputado federal pelo estado, obtendo expressiva votação nos municípios do interior. Em 1979 foi indicado pelo governador Francelino Pereira para o cargo de prefeito de Belo Horizonte, licenciando-se assim da Câmara dos Deputados. Reelegeu-se deputado federal em novembro de 1982, na legenda do PDS. Em 1986 foi eleito deputado federal constituínte pelo PFL. Reelegeu-se deputado federal em 1990 e em 1994 filiado ao PL. De 1996 a 1998, licenciou-se do mandato para assumir o cargo de secretário de Indústria e Comércio do governador mineiro Eduardo Azeredo (1995-1999). Ver CAMPOS, 2009.

¹³⁵ José Luiz Coelho Netto (1921 - ??) serviu na Força Expedicionária Brasileira (FEB) como tenente. Durante o governo Médici, foi subcomandante do Centro de Informações do Exército (CIE). Na gestão de Geisel, trabalhou na Agência Central do Serviço Nacional de Informação (SNI). De 29 de janeiro de 1980 a 27 de agosto de 1981 comandou a 4ª Divisão de Exército, sediada em Belo Horizonte. Ver JOSÉ, 1993.

Com 2 minutos e 07 segundos de duração, o filme começa com imagens do avião da comitiva presidencial taxiando na pista do Aeroporto da Pampulha (Imagem 118). As cenas seguintes mostram a porta do avião da Força Aérea Brasileira sendo aberta, homens preparando a escada que foi colocada na saída do avião e um grupo de 10 soldados que formam um corredor para receber o presidente assim que ele descer da aeronave.

A partir de 1 minuto de rolo, o presidente desce a escada e para antes do corredor de soldados. Estes fazem continência (Imagem 119). O filme está sem som e as imagens são feitas à distância, mas pelo tempo em que permanecem na mesma posição, intui-se que o presidente aguarda algum rito para então caminhar entre os soldados. Há um corte. Quando o filme está em 1 minuto e 22 segundos, o general aparece cumprimentando autoridades que o recebem na pista do aeroporto (Imagem 120), o que corresponde às informações que trouxemos a partir do jornal impresso. Militares acompanham o presidente.

A seguir, Figueiredo caminha pela pista do aeroporto ao lado do prefeito de Belo Horizonte, Maurício Campos (Imagem 121). A partir de 1 minuto e 59 segundos, há imagens dos carros que levariam a comitiva a Ouro Preto e logo depois o filme acaba.

Feito sem som e com imagens gravadas à distância durante todo o tempo, no filme é possível perceber o general já cercado de ritos que dificultavam qualquer tipo de aproximação, inclusive declarações espontâneas à imprensa, como as que foram vistas nos filmes anteriores, quando Figueiredo ainda era apenas candidato, em 1978. Nas imagens não há qualquer sinal da presença de populares, indicando que para a passagem do presidente por Belo Horizonte não foi organizada nenhuma recepção para além daquelas próprias dos ritos militares com os soldados na pista do aeroporto. A longa duração dos planos que compõem este filme e o fato dele não possuir nenhuma emenda confirmam sua característica de material Não Editado, conforme indicado pela sigla NE junto ao título. Sendo assim, o único registro do general Figueiredo enquanto presidente localizado no Fundo Globo até o momento desta pesquisa é uma reportagem que não foi ao ar.

Imagem 118 - Soldados aguardam a chegada do avião da FAB com a comitiva presidencial



Imagem 119 - General Figueiredo posicionado enquanto recebe a saudação de boas vindas



Imagem 120 - O presidente cumprimenta o militar que o recebe ao lado de Ibrahim Abi-Ackel e Maurício Campos



Imagem 121 - Figueiredo caminha pela pista do aeroporto ao lado do prefeito de Belo Horizonte antes de chegar ao carro que o levaria a Ouro Preto



Reportagem não exibida.

Fotogramas extraídos do filme "Comitiva de Figueiredo - Imagens" (21 de abril de 1980).
FONTE: Acervo MIS BH.

Conforme indicações dos títulos colocados junto aos rolos e das fichas de arquivamento, das 12 reportagens apresentadas neste capítulo, 6 foram levadas ao ar no *Jornal Nacional*. Uma foi produzida para o *Jornal Hoje* (também de âmbito nacional). As quatro matérias que possuem a sigla NE foram confirmadas como material Não Editado e não veiculado. A única reportagem que não possui identificação do noticiário em que teria sido exibida é aquela que cobre a visita de Médici ("Presidente Médici inaugura Plano Nacional de Água Potável em BH" (atribuído)), embora presuma-se que ela também tenha sido divulgada no JN, o principal telejornal da emissora. Esse é um ponto que difere essas matérias das reportagens analisadas nos outros capítulos (movimentos pela anistia e movimento estudantil), que, em sua maioria, não tiveram espaço de projeção no *Jornal Nacional*.

Analisando a primeira parte de cada filme que foi ao ar (o trecho editado das reportagens), percebemos que a cobertura das visitas presidenciais e dos aniversários da 'revolução' traziam elementos semelhantes entre si, que reiteravam uma imagem a ser construída e mantida sobre os governos militares.

Na cobertura dos aniversários da 'revolução', o telejornalismo da TV Globo Minas acaba por apoiar a legitimação do golpe frente à sociedade civil. Indicar que estas celebrações são ritos a serem pautados é compactuar com um regime que a cada 31 de março repetia o rito de celebração da 'revolução' no intuito de cultivar no imaginário popular a legitimidade dos movimentos que levaram ao golpe em 1964. Nas reportagens editadas, a presença massiva de militares, o culto aos símbolos nacionais e os discursos em defesa da 'revolução' reforçavam para o povo a imagem de quem estava no poder.

Há semelhanças e também diferenças nas coberturas das visitas presidenciais desde a chegada de Médici a BH em 1973 até a visita de Figueiredo em 1980. Os ritos militares de recepção são semelhantes, assim como a blindagem dos generais em relação à imprensa, que em algumas vezes foi literalmente limitada em sua atuação. A aproximação dos jornalistas só é vista nos rolos com João Baptista Figueiredo enquanto candidato, em 1978. No filme de 1980, com o general já no posto de presidente, o registro de sua passagem pela cidade é feito a muitos metros de distância. A busca pelo apoio popular também alcança diferentes proporções nas várias coberturas, reflexo das distintas fases vividas pelo regime militar no país.

Nas telerreportagens editadas não há qualquer sinal de dissenso. Por exemplo, no filme "João Batista de Figueiredo - Visita Ozanan [sic]" (20 de julho de 1978) foram preteridas as cenas da recusa do candidato em responder as perguntas do repórter no saguão do hotel.

Em agosto de 1973, o regime ainda colhia os frutos do 'milagre econômico'. Os registros feitos pela TV Globo Minas durante a passagem de Médici por Belo Horizonte apenas repercutem a simbologia utilizada na exaltação ao 'milagre'. A câmera insiste em mostrar populares ao redor do Hotel onde o presidente ficou hospedado, mas um olhar mais atento, como vimos, percebe que a presença das pessoas é mais fruto de curiosidade do que de apoio. Não obstante, na reportagem editada em 1973 há vários planos destes curiosos, assim como das faixas de agradecimento e exaltação a Médici, produzidas pelo executivo municipal. A colheita dos frutos do 'milagre' começaria a declinar ao final daquele ano, o que influenciaria diretamente as eleições legislativas em 1974. O regime sentiu o golpe. A cobertura da visita de Geisel em 1976 é uma tentativa

de reverter a derrota eleitoral sofrida dois anos antes. Pela TV, a população foi convocada para ir às ruas. O 'convite' foi aceito, e a passagem de Geisel por Belo Horizonte ganhou ares de feriado nacional. As cenas das pessoas nas varandas, marquises, janelas e arquibancadas montadas ao longo da avenida Afonso Pena dão indícios de como a mobilização surtiu efeitos. A passagem do general pela avenida é rápida e muito tímida, pois sua aparição se resume a um aceno breve pela janela do carro oficial. Apesar disso, a TV repercutiu a intensa participação popular, dando projeção à grande recepção organizada pelos arenistas.

Como não temos acesso aos scripts dos programas nos quais essas reportagens teriam ido ao ar, nossa análise fica circunscrita ao conteúdo dos rolos. Não é possível saber qual era o texto de apresentação e de cobertura destes filmes, limitando o entendimento de como se dava a entrada dos mesmos nos telejornais em que foram exibidos. No entanto, pela seleção das imagens, pelo encadeamento proposto para as mesmas e o áudio selecionado, entre músicas e discursos, percebe-se um ufanismo no tom dado às coberturas, o que é muito significativo, se considerarmos o papel e a capacidade de alcance da TV nos anos aqui estudados. Se naquele período, para uma boa parcela da população havia uma ideia de Brasil unido e em desenvolvimento, os exemplos trazidos neste capítulo mostram que a TV também contribuiu para a construção deste imaginário.

A repercussão da visita em 1976, o protagonismo de políticos mineiros na campanha para a sucessão presidencial (que seria realizada em 1978) e o receio pelas repercussões negativas à forma como foi imposto o 'Pacote de Abril' talvez tenham motivado o retorno de Geisel à capital mineira para as comemorações do dia do trabalho em 1977. O governo do Estado e a prefeitura de Belo Horizonte trabalharam juntos pela mobilização popular. Como resultado, caravanas de várias cidades do interior vieram a BH para participar da celebração do dia do trabalhador e ainda puderam passear pela capital. Mais uma vez, são vistas diversas faixas reverenciando o general e numerosa presença de populares nas ruas da cidade. Para as câmeras da TV, um prato cheio para a realização de planos gerais e panorâmicas documentando a presença de milhares de pessoas nas ruas em apoio e agradecimento ao governo militar. Curiosamente, conforme apontamos, as cenas mostrando a intensa mobilização 'popular' em 1977 não foram ao ar.

O número de rolos produzidos sobre a visita presidencial em 1976 (incluindo a cobertura relacionada à Açominas em Ouro Branco) indicam como a passagem de

Geisel mobilizou a TV Globo Minas e ganhou espaço no noticiário da emissora. A intensa cobertura seria repetida em 1º de maio de 1977, com pelo menos 3 equipes de rua mobilizadas para cobrir diferentes momentos da visita presidencial naquele dia. Considerando o material analisado, Geisel parece ter um lugar especial na cobertura da TV Globo Minas. Ele protagoniza os únicos registros coloridos do capítulo. O fato de Figueiredo ainda não estar no posto de presidente poderia justificar a escolha da película P&B como suporte dos dois filmes realizados com ele em julho de 1978. No entanto, o registro de Figueiredo em abril de 1980, já no posto de presidente, também foi realizado com filme em P&B. O regime militar já não tinha a mesma imagem no país, nem na televisão.

O tom conciliatório do evento de maio de 1977 é reforçado pela cobertura da TV. Ambas as construções (evento e registro) destoam completamente da realidade vivida pelos trabalhadores naqueles anos finais da década de 1970, realidade essa que motivou o recrudescimento de diversos movimentos sociais, entre eles, o movimento operário e o movimento estudantil. As mobilizações sociais também ganhariam espaço na cobertura do telejornalismo da Globo Minas, embora com outra ênfase e menos repercussão do que os ritos oficiais, como mostraremos nos dois próximos capítulos desta pesquisa.

Capítulo 2. Movimentos pela Anistia em Belo Horizonte: Ações e Reações

No capítulo anterior exploramos telerreportagens que fizeram a cobertura de 'rituais do poder' realizados em Belo Horizonte entre 1973 e 1980. Na penúltima reportagem apresentada ("João Batista de Figueiredo - Visita Ozanan [sic]" (JN), de 20 de julho de 1978), o então 'candidato' à presidência é questionado e se posiciona sobre aspectos que naquele momento já estavam sendo discutidos a respeito do tema 'anistia'. Os movimentos pela anistia tiveram intensa mobilização nos anos finais da década de 1970, exercendo importante protagonismo no processo de abertura política. Neste segundo capítulo serão analisadas matérias produzidas pela TV Globo Minas que abordam os movimentos pela anistia atuantes na capital mineira entre 1977 e 1980.

Os títulos separados para análise nesta seção trazem temas diversos relacionados à anistia e seus desdobramentos: reportagens sobre a atuação do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) e do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA), debates promovidos, exposições, manifestações, denúncias, atentados e ameaças sofridas, homenagens e recepção aos exilados em retorno à capital mineira.

As reportagens serão apresentadas de maneira cronológica, à exceção daquelas relacionadas à imprensa alternativa, que serão separadas em um bloco específico (seção "A imprensa alternativa na TV Globo Minas"), no qual se perceberá melhor a relação entre alguns dos atentados sofridos e seus desdobramentos.

Como discutiremos mais à frente, os movimentos pela anistia da década de 1970 surgiram quando o governo brasileiro começava a delinear uma distensão do regime militar, caminhando para um processo de abertura que ocorreu de forma lenta, como pretendido inicialmente.

Ao analisarmos as telerreportagens e as dissonâncias entre os trechos selecionados e aqueles que foram preteridos, perceberemos indícios de paradoxos entre a postura da equipe da reportagem, que se manifesta especialmente nas 'sobras', e a posição da Rede Globo Minas em relação ao governo militar, expressa na forma como as matérias eram editadas para exibição nos telejornais.

Antes disso, discutiremos sobre a atuação do MFPA e do CBA na capital mineira, para então buscarmos entender de que forma a memória do período foi construída pelas telerreportagens.

2.1. O Movimento Feminino pela Anistia e o Comitê Brasileiro pela Anistia em Minas Gerais

O Movimento Feminino pela Anistia surgiu em São Paulo em 1975 por iniciativa da advogada Therezinha Zerbini¹³⁶. Ela era casada com Euryale de Jesus Zerbini, oficial general que resistiu ao golpe de 1964, tendo sido "deposto do comando da unidade do Exército em Caçapava (SP), preso, reformado e cassado. Therezinha havia sido presa em 1970, acusada de apoiar a realização do congresso clandestino da UNE¹³⁷ em Ibiúna (SP), em 1968. Passou seis meses no Presídio Tiradentes" (MULHERES, 2015-2017). Em 1975, Zerbini reuniu em São Paulo um grupo de oito mulheres. Juntas redigiram um manifesto conclamando as mulheres do país na luta pela anistia. Nascia assim o Movimento Feminino pela Anistia no Brasil (VARGAS, 2008).

Em outras cidades do país foram criados núcleos do MFPA. Em Belo Horizonte, a ideia do núcleo mineiro nasceu em 1976¹³⁸ e se consolidou em 1977. Neste ano, no dia 4 de junho, um forte aparato policial montado na capital mineira impediu a realização do III Encontro Nacional dos Estudantes, que tinha como objetivo reestruturar a UNE, evento que seria realizado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Oitocentos e oitenta estudantes foram presos¹³⁹.

Alguns dias depois, uma manifestação foi realizada nas dependências da Faculdade de Medicina em protesto pelas ações do governo contra os estudantes. Durante a manifestação, destacou-se o depoimento de Helena Greco¹⁴⁰, que até então

¹³⁶ Therezinha de Godoy Zerbini (São Paulo/SP, 16 de abril de 1928 – 14 de março de 2015) foi assistente social, advogada e ativista de direitos humanos, fundadora e líder do Movimento Feminino pela Anistia no Brasil. Ver THEREZINHA.

¹³⁷ União Nacional dos Estudantes.

¹³⁸ Informação confirmada por Magda Neves durante entrevista concedida a mim em 12 de fevereiro de 2019. Magda Maria Bello de Almeida Neves (Rio de Janeiro/RJ, 1945 -) formou-se em Serviço Social na Universidade Federal de Juiz de Fora (1968), onde foi presidente do Diretório Acadêmico e participou da diretoria do DCE. Também nesta cidade participou da Ação Católica e foi da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC). Em 1969, mudou-se para Belo Horizonte e ingressou no mestrado em Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi expulsa da universidade devido ao decreto-lei 477, que puniu professores e alunos que tivessem alguma participação em movimentos contra o regime militar. Magda tinha um processo pois havia sido presa no final de 1971 em decorrência de sua participação na Ação Popular. Tornou-se professora da Pontifícia Universidade Católica (PUC Minas) e em 1976 retornou à UFMG após ser aprovada em concurso público para professora do Departamento de Ciência Política. Em 1976 foi uma das fundadoras do núcleo mineiro do Movimento Feminino pela Anistia. Estas informações foram concedidas por Magda Neves durante a entrevista.

¹³⁹ POLICIAIS impediram reunião estudantil. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 05 jun. 1977. Capa, p. 1.

¹⁴⁰ Helena Greco (Abaeté/MG, 15 de junho de 1916 – Belo Horizonte/MG, 27 de julho de 2011) fundou e dirigiu o Movimento Feminino pela Anistia em Minas Gerais. Formada em Farmácia, em 1937 casou-se com o médico José Bartolomeu Greco. Teve três filhos: Dirceu, Heloísa (Bizoca) e Marília Greco. O envolvimento de Bizoca com o movimento estudantil acabou aproximando a mãe da luta contra a ditadura

não havia se envolvido com movimentos políticos. Pessoas que estavam interessadas em criar o núcleo do MFPA em BH convidaram Dona Helena e as outras mulheres presentes no evento para uma assembleia que seria realizada no dia 30 de junho, na Igreja São Francisco das Chagas (BARRETO, 2011, p. 77), Bairro Carlos Prates, em Belo Horizonte. Durante esta assembleia foi criado o Movimento Feminino pela Anistia em Minas Gerais. Em novembro de 1977 foi eleita a primeira diretoria do MFPA/MG, tendo Helena Greco como sua presidente.

Dentre os objetivos definidos do MFPA estavam a luta pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, o apoio a todos os movimentos de luta pelas liberdades democráticas, a denúncia das torturas nas prisões, a luta pela liberdade de expressão e a promoção e incentivo à participação política, cultural e social da mulher. Como afirma Adriana das Graças de Paula,

A campanha pela anistia, ao rearticular a sua luta à democracia e aos protestos dos setores populares, transformou-se numa bandeira de diferentes mobilizações. Essa campanha e a eclosão de protestos públicos contra a ditadura consagraram, na cena pública, os direitos, alimentaram a esperança com relação às potencialidades das ações políticas da sociedade e conclamaram a cidadania plena a todos os brasileiros como base fundamental para a construção democrática (2014, p. 8).

No ano de 1978, advogados, amigos e familiares de presos políticos se reuniram formando Comitês Brasileiros pela Anistia em várias cidades do país. O objetivo era coordenar esforços na luta pela anistia ampla, geral e irrestrita. A seção mineira do CBA foi criada também em 1978, envolvendo homens e mulheres na luta. Betinho Duarte¹⁴¹ foi presidente do CBA/MG no período 1978-1979. Helena Greco tornou-se vice-presidente deste Comitê, assumindo a presidência em 1980.

Uma nota assinada pelo CBA e pelo MFPA-MG em dezembro de 1978 mostra como naquele ano a luta pela anistia já havia se ampliado:

e pelos direitos humanos, militância que Dona Helena iniciou aos 61 anos de idade e continuou ao longo de toda a vida. Além de presidente do MFPA-MG, foi vice-presidente (1978-1979) e posteriormente assumiu a presidência (1980) do Comitê Brasileiro pela Anistia/MG. Nas eleições de 1982, foi eleita vereadora em Belo Horizonte pelo Partido dos Trabalhadores. Exerceu os mandatos de 1983-1988 e 1989-1992. Ver DELGADO, 2012; OLIVEIRA, 1983. A tese de doutorado "Dimensões fundacionais da luta pela anistia" (2003), de Heloisa (Bizoca) Greco (filha de Helena Greco), será uma das principais referências que utilizaremos neste capítulo.

¹⁴¹ Betinho Duarte (Alberto Carlos Dias Duarte) (Vespasiano/MG, 21 de outubro de 1946 –) foi membro da Ação Popular na década de 1960 e diretor das sucursais de Minas Gerais dos jornais **Movimento** e **Em Tempo**. Foi presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia/MG (1978/1979) e vereador da Câmara Municipal de Belo Horizonte (1993/2004), onde foi presidente no período 2003/2004. Ver LEGISLATURAS. Parte das informações inseridas aqui foram concedidas durante entrevista com Betinho Duarte realizada por Marcella Furtado em 11 de dezembro de 2018.

Anistia significa não só lutar pela libertação dos presos políticos, pela volta dos exilados, mas também pelo fim da repressão e das torturas, pelo direito de greve, contra o arrocho salarial, pela liberdade de organização e expressão, pelas liberdades democráticas (GRECO, 2003, p. 138).

O crescimento dos movimentos populares e da própria campanha pela anistia ao longo de 1978 exerceu forte pressão sobre o governo, que "decidiu tomar a iniciativa de assumir o controle da proposição de uma anistia que já se apresentava como inevitável" (BARRETO, 2011, p. 121). Conforme aponta Marcos Napolitano,

Quando Figueiredo tomou posse, o Brasil ainda não tinha uma lei formal de anistia, mas essa era uma das prioridades da agenda da abertura, até para esvaziar o crescente movimento social pela anistia "ampla, geral e irrestrita" (2014, p. 283).

Em 28 de agosto de 1979, a Lei 6.683 (Lei da Anistia) foi assinada pelo presidente João Baptista Figueiredo. O texto aprovado havia sido remetido pelo governo ao Congresso em 27 de junho de 1979. Ao longo de sua curta tramitação, o projeto não incorporou as reivindicações dos movimentos pela anistia, refletidas em emendas apresentadas por parlamentares do MDB (WESTIN, 2019). De acordo com a Lei promulgada não seriam anistiados presos condenados por atos considerados terroristas, assaltos e sequestros. No entanto, efetivamente foram anistiados os responsáveis por torturas, mortes e desaparecimentos de opositores do regime, contemplados pelo perdão aos crimes conexos. A luta por justiça e pelo fim da ditadura continuariam.

Em abril de 1980, o MFPA realizou uma Assembleia Geral na qual foi decidida a sua incorporação ao CBA. Na mesma ocasião, foi definido que os interesses das mulheres continuariam a ser defendidos por grupos afins à questão. Como pondera Anna Flávia Barreto

Vale lembrar que, entre os principais motivos de integração das mulheres ao MFPA/MG, foi o fato de este Movimento ser o único canal possível de participação política da época. Assim, à medida que outros canais foram surgindo e a anistia política foi se efetivando no cenário político e nacional, muitas de suas integrantes partiram para novas lutas, com novos objetivos, se aproximando daquelas que mais se identificavam (2011, p. 115).

Posteriormente, a ampliação dos canais de participação política e o retorno do pluripartidarismo abriram novas frentes de atuação para aqueles que haviam se envolvido com os movimentos pela anistia.

De acordo com Iramaia Queirós Benjamin, ex-presidente do CBA-RJ, o "sucessor" do movimento pela anistia seria o grupo Tortura Nunca Mais, criado em 1985 por ex-presos políticos, voluntários e familiares de mortos e desaparecidos, inconformados com o tratamento que o Estado brasileiro

dispensava à questão da tortura, morte e desaparecimento dos opositores (COMITÊ, 2009).

Durante seu tempo de atuação, o Movimento Feminino pela Anistia e o Comitê Brasileiro Pela Anistia colocaram-se ao lado dos movimentos estudantis na capital de Minas, apoiaram suas reivindicações e fizeram parte de comissões que lutaram pela libertação de presos políticos. Também atuaram junto a movimentos de trabalhadores, apoiando as greves realizadas por diversas categorias entre 1978 e 1980. Promoveram debates sobre a Anistia e ações que objetivavam divulgar informações à população mineira sobre a situação dos presos políticos.

Por sua atuação e representatividade, Dona Helena Greco foi alvo de diversas ameaças e atentados em BH. As intimidações chegavam em bilhetes e cartas anônimas endereçadas à sua residência ou ao local onde normalmente ocorriam as reuniões do movimento, na Igreja São Francisco das Chagas. Ela também foi alvo de falsas acusações em órgãos de imprensa e ataques à bomba. De acordo com Lucília de Almeida Neves Delgado:

Como militante e presidente do MFPA, Dona Helena sofreu inúmeras ameaças por parte de grupos de extrema direita, como o GAC (Grupo anticomunista) e o MAC (Movimento Anticomunista) que se opunham por métodos radicais à sua atuação (2012, p. 3).

Um dos reconhecimentos ao seu trabalho foi o convite para representar o Brasil no Congresso Mundial da Anistia, realizado em Roma em junho de 1979.

2.2. Os movimentos pela Anistia nas reportagens da Rede Globo Minas

Durante seu período de existência e atuação, o Movimento Feminino pela Anistia e o Comitê Brasileiro pela Anistia tiveram participação marcante na vida política e social de Belo Horizonte, refletido nas diversas referências a eles que aparecem em reportagens da Rede Globo Minas realizadas entre 1977 e 1980. No Acervo Virtual da Anistia¹⁴², localizamos um “Relatório da Comissão de Propaganda e Divulgação do Movimento Feminino pela Anistia (RJ)¹⁴³” referente às ações desta Comissão nos anos 1978 e 1979. O relatório foi feito em papel timbrado, com o nome do movimento no cabeçalho e a referência à sua direção nacional, sediada em São Paulo

¹⁴² O Acervo Virtual da Anistia é "uma realização da Comissão de Anistia, em parceria com o Instituto de Políticas Relacionais e com o Armazém Memória que disponibiliza parte do acervo documental e audiovisual referente à Anistia de 1979, disperso em diversos arquivos de todo o país". Ver ACERVO VIRTUAL, 2015.

¹⁴³ A Comissão de Propaganda e Divulgação do Movimento Feminino pela Anistia integrava o MFPA/Seção RJ. Ver RELATÓRIO, [1979].

(capital). O documento relata que órgãos da imprensa vinham fazendo a cobertura dos atos públicos e realizações do MFPA. Entre as TVs, é citada a TV Globo ("no informativo das 13 horas e, eventualmente, repetição no das 19hs") e a TV Bandeirantes ("em horário idêntico ao da Globo e algumas vezes no programa "Abertura"). Com esta informação, verifica-se que as ações do MFPA estavam recebendo cobertura televisiva em outros lugares do país além de Belo Horizonte.

No material do acervo Globo já identificado no MIS BH, o filme "Exposição Presos Políticos" (JN¹⁴⁴), de 22 de outubro de 1977, é provavelmente o primeiro registro¹⁴⁵ feito pelo jornalismo da TV Globo Minas sobre ações do MFPA no estado. Conforme sinopse cadastrada na documentação não fílmica do Fundo Globo Minas, a fita consiste em: "Imagens dos trabalhos dos presos políticos¹⁴⁶. Entrevista com Terezinha Godoi Zerbini, uma das fundadoras do movimento feminista pela anistia..."¹⁴⁷.

O Estado de Minas do dia 22 de outubro de 1977 (um sábado) traz em sua página 7 a seguinte matéria: "Movimento pela Anistia se reúne". Na reportagem, há uma breve apresentação do movimento e da programação das atividades previstas para ocorrer naquele sábado à tarde em um imóvel localizado à Rua Salinas, no Bairro Floresta, em Belo Horizonte. Conforme consta no periódico:

Hoje, o programa da primeira reunião do Movimento Feminino pela Anistia consta de, às 14h, comunicação, pela doutora Terezinha Godói Zerbini com o tema "O MFPA em nível nacional"; às 14h30m, um dos membros do conselho provisório falará sobre "o MFPA em Belo Horizonte".

Às 15h haverá discussão em pequenos grupos sobre o programa de ação do MFPA e às 16h haverá reunião geral para apresentação e conclusão do trabalho dos grupos. A programação termina às 17h30m, com um teatro jornal. Os trabalhos de presos políticos estarão expostos durante todo o tempo e poderão ser comercializados.

Importante ressaltar que a matéria impressa refere-se ao evento antes que o mesmo aconteça, enquanto a reportagem da TV Globo Minas faz a cobertura durante a

¹⁴⁴ Jornal Nacional.

¹⁴⁵ Como dissemos na Introdução, ainda há muitos rolos pertencentes ao Fundo Globo que não foram listados no Museu da Imagem e do Som de BH por serem filmes sem identificação. Pode haver registros anteriores das ações do MFPA em Minas Gerais, mas que ainda não foram identificados.

¹⁴⁶ Embora houvesse uma orientação para que certas expressões não fossem utilizadas no jornalismo da TV Globo Minas, aqui na sinopse cadastrada tem-se o uso da expressão 'presos políticos', que seria uma das expressões 'proibidas'.

¹⁴⁷ Sinopse do rolo conforme documentação não-fílmica enviada pela Rede Globo Minas junto aos filmes que foram entregues ao Centro de Referência Audiovisual - CRAV (atual Museu da Imagem e do Som de BH). As reticências são da sinopse original, assim como o uso da palavra 'feminista' ao invés de 'feminino', o que demonstra confusão no uso dos termos por parte do(a) responsável pela elaboração da ficha de arquivamento da reportagem. Há também erro na grafia do nome de Therezinha de Godoy Zerbini.

realização do mesmo. Nem no **Estado de Minas** nem na Globo são citados o nome de Helena Greco, embora ela já fizesse parte do movimento em BH.

Com 5 minutos e 6 segundos de duração, o filme da TV Globo Minas tem início com imagens de bolsas, quadros e objetos diversos produzidos artesanalmente por presos políticos e que são apresentados sobre mesas em um local onde parecem estar em exposição, semelhante a um bazar (Imagens 122 a 125). Pessoas caminham por entre as mesas e fazem anotações.

Há um corte e em seguida um plano médio mostra Therezinha Zerbini sentada. Ao fundo, há várias mulheres reunidas, também sentadas, conversando ao redor de uma mesa. A repórter Kátia Resende¹⁴⁸ está fora de quadro. Em cena, é possível ver apenas sua mão segurando o microfone. A sequência já tem início com a fala da ativista, que parece responder a alguma pergunta sobre as possíveis barreiras que o movimento estaria encontrando. Zerbini é afirmativa e fala olhando para a câmera (Imagem 126):

Nós não temos encontrado barreira nenhuma. A única barreira era um pouco de medo. Mas o medo vai sendo vencido pela própria necessidade que nós temos da pacificação brasileira e por... e a mulher vai se conscientizando da necessidade, porque a anistia acima de tudo é necessidade, quando a mulher se apercebe da grandeza da nossa missão, então o trabalho se torna fácil.

Um plano feito no exterior do local onde os objetos estão expostos mostra um carro com o porta-malas aberto. Ao fundo, vemos o prédio da torre B do Conjunto JK, na Praça Raul Soares, região centro-sul de Belo Horizonte. Esta sequência termina aos 52 segundos. Em seguida há um trecho em branco que dura 8 segundos, e a partir daí, infere-se que o restante do rolo seja material de arquivo.

A câmera volta a fazer filmagens no espaço onde a exposição está acontecendo. Não há som nesta sequência. Algumas mulheres estão em pé, outras sentadas junto às várias mesas dispostas ao longo do grande salão que abriga o evento. Há planos em detalhe do artesanato exposto.

¹⁴⁸ O nome da jornalista não foi citado na ficha catalográfica nem ao longo do rolo. A repórter foi identificada por Vilma Fazito em entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 05 de outubro de 2018.

Imagem 122 - Cartaz do Movimento Feminino pela Anistia



Imagem 123 - Objetos em exposição trazem imagens de Mao Tsé-Tung e Che Guevara



Imagem 124 - Bolsas confeccionadas por presos políticos



Imagem 125 - Cerâmica exposta durante o bazar



Objetos em exposição no bazar de artesanatos feitos por presos políticos



Imagem 126 - Therezinha Zerbini posiciona-se de forma bastante afirmativa diante da câmera da TV

Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme
"Exposição Presos Políticos"
(22 de outubro de 1977)

FONTE: Acervo MIS BH.

O filme volta para a sequência da entrevista. Em um plano mais aberto, é possível ver a repórter ao lado da entrevistada (Imagem 127): "*O que que significa o Movimento Feminino 'da'¹⁴⁹ Anistia*"?, a jornalista pergunta. Em zoom, o quadro se fecha na entrevistada, que esclarece: "*Significa que as mulheres brasileiras se arregimentaram num trabalho de classe: a pacificação da família brasileira*". A

¹⁴⁹ O nome correto do movimento é Movimento Feminino pela Anistia (MFPA).

repórter continua: "A anistia se fez presente no ano internacional da mulher?". A presidente do MFPA nacional responde:

Sim, a anistia se fez presente no ano internacional da mulher, aonde ela eh... a única petição da mulher brasileira neste ano no congresso do México¹⁵⁰ foi anistia política a todos os presos políticos do mundo, homens e mulheres. Esta foi a posição da mulher brasileira no congresso do México.

"E qual o prêmio que vocês ganharam?", a repórter muda de assunto, sem aprofundar na questão dos presos políticos, abordados pela ativista na resposta à pergunta anterior. Zerbini responde:

Nós não ganhamos prêmio nenhum. Mas moralmente, este prêmio dado à anistia internacional, que o parlamento norueguês conferiu à anistia internacional, moralmente ele é nosso, porque nós estamos fazendo o mesmo trabalho que eles fazem lá fora internacionalmente, mas o nosso trabalho é aqui em casa, porque quando não se tem paz em casa... [Imagem 128] ahhhh... ahhh... A justiça começa em casa.

Conforme a resposta transcrita aqui, Zerbini hesita em sua fala antes de pronunciar a última frase. No momento em que hesita, a ativista olha para a repórter (Imagem 128) e dá um sorriso de canto de boca. Infere-se que a jornalista Kátia Resende provavelmente fez algum sinal para a entrevistada: ou para que ela concluísse a fala em função do tempo, ou para que ela não entrasse em determinado assunto, visto que, ao falar de 'paz em casa', Zerbini se referia à questão política do país.

Kátia ainda pergunta se há ligação do MFPA com a anistia internacional e qual arma Zerbini utiliza para trazer mais mulheres para o grupo. Por fim, a repórter pergunta sobre uma possível identificação do MFPA com o comunismo:

O movimento feminino 'da' anistia já foi confundido com algum movimento comunista?

Zerbini é direta: "Não. Não porque nós temos franquia. Temos corrido o Brasil inteiro. Nós só não temos núcleo da anistia no Amazonas, em Belém, Maranhão e nos ehhhh... territórios. Nós não temos sido confundidos não. A não ser...". Há um corte e a fita termina antes da conclusão da resposta de Zerbini.

¹⁵⁰ A I Conferência Mundial da Mulher foi realizada na Cidade do México de 19 de junho a 02 de julho de 1975. Sob o lema "Igualdade, Desenvolvimento e Paz", teve a participação de 133 delegações, sendo 113 lideradas por mulheres. O tema central que norteou os debates durante a conferência foi a "eliminação da discriminação da mulher e o seu avanço social", com aprovação de um "plano de ação a ser norteador das diretrizes de governos e da comunidade internacional no decênio 1976-1985". Ver CONFERENCIAS.

Imagem 127 - A repórter Kátia Resende da TV Globo Minas e a entrevistada, Therezinha Zerbini



Imagem 128 - Zerbini percebe possível sinalização feita pela jornalista



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Exposição Presos Políticos" (22 de outubro de 1977)
FONTE: Acervo MIS BH.

A edição parece orientar a reportagem para uma apresentação do Movimento Feminino pela Anistia e suas frentes de atuação, utilizando o evento como mote para isso. No trecho que teria sido levado ao ar não há nenhuma pergunta mais contundente ou que levantasse alguma crítica ao regime político vivido no país. Expressões como 'presos políticos', 'paz em casa' e 'movimento comunista' também foram retiradas na edição final da telerreportagem.

Interessante observar que no momento desta reportagem a seção mineira do MFPA já estava formada. No entanto, apenas no mês seguinte, em novembro de 1977, foi eleita a primeira diretoria do MFPA/MG, tendo Helena Greco como sua presidente. Nas reportagens de 1978, Dona Helena Greco passa a ser a principal interlocutora pela seção mineira do movimento. Seu protagonismo se reflete não só em suas aparições como referência do MFPA, como pelo fato de ter se tornado alvo de diversas ameaças, intimidações e atentados a bomba.

As fichas catalográficas para arquivamento dos rolos de reportagem na TV Globo Minas eram digitadas em máquinas de escrever, razão pela qual nelas são encontrados erros gramaticais não corrigidos, vários tipos de ressalvas e acréscimos, como é possível observar na sinopse cadastrada para o filme "Movimento Anistia – Entrevista" (NE), de 31 de janeiro de 1978:

Movimento feminista para anistia.

Sinopse

Entrevista com uma participante do movimento. O repórter é o Alírio. Não temos dados. Chegou dados: Entrevista com dona Helena Greco, presidente

do movimento fem. anistia, que fala sobre o apoio do grupo, as greves dos metalúrgicos e movimentos em geral.

No título cadastrado junto à ficha há novamente o uso da expressão 'feminista', assim como havia ocorrido na ficha relacionada à reportagem anterior. A sigla NE que acompanha a identificação da matéria refere-se a "Não Editado". Conforme análise fílmica realizada na mesa enroladeira, há somente uma emenda de durex ao longo de todo o rolo. As características que detalharemos a seguir confirmam que o filme corresponde a material bruto.

Com 3 minutos e 22 segundos de duração, a fita tem início com um plano médio em que aparecem Dona Helena Greco, presidente da seção mineira do MFPA, e o repórter Alírio Zenith ao seu lado (Imagem 129). Ambos estão sentados. Ao fundo há algumas mulheres reunidas, contextualizando o espaço onde a reportagem transcorre, a casa de Dona Helena Greco¹⁵¹, um dos locais que abrigavam as reuniões do MFPA.

Quando o jornalista inicia a entrevista, Dona Helena parece ler uma folha que carrega na mão esquerda. À época, Greco era uma senhora de 61 anos¹⁵². Elegante no modo de se vestir, ainda se mostra tímida no trato com a câmera e o microfone, visto o engajamento recente na vida política. O repórter pergunta: "*Dona Helena Greco, quais são os objetivos principais deste movimento?*". Pelo questionamento, intui-se que a reportagem objetivasse apresentar o MFPA, embora algumas ações do mesmo já tivessem sido abordadas na reportagem anterior, de outubro de 1977. Na resposta da presidente, entendemos o que era o papel que ela segurava no início da entrevista:

Eu... pra responder esta pergunta eu vou ler o artigo segundo do nosso estatuto que diz bem claro os nossos fins:

"Defender e dar apoio e solidariedade a todos aqueles que foram atingidos nos seus direitos de homem e de cidadania, assegurado pela Declaração Universal de Direitos Humanos, subscrita pelo nosso país, e lutar pela anistia ampla e geral visando a pacificação da família brasileira; promover a elevação cultural, social e cívica da mulher através de cursos, palestras e atuação no desenvolvimento de sua consciência social e cívica, alertando-a e orientando-a para a compreensão de suas responsabilidades perante a sociedade; integração da família na comunhão social, sempre dentro dos ideais democráticos".

¹⁵¹ Conforme indicação feita por Magda Neves durante entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2019 e confirmada por Bianca Rolff, pesquisadora do documentário "A Casa de D. Helena Greco", em e-mail enviado a Marcella Furtado no dia 30 de junho de 2020.

¹⁵² Ver nota 140, p. 129.

Imagem 129 – Helena Greco em entrevista para o repórter Alírio Zenith da TV Globo Minas.



Fotograma extraído do filme "Movimento Anistia – Entrevista" (31 de janeiro de 1978).

Reportagem não exibida.

FONTE: Acervo MIS BH.

A câmera se fecha em um plano médio da presidente do MFPA. O repórter (fora de quadro) pergunta até que ponto iria o apoio do movimento aos presos políticos e aos metalúrgicos. O uso da expressão 'presos políticos' tanto por parte do repórter quanto da entrevistada pode ter contribuído para a 'queda' da matéria, entre outros fatores.

A ativista explica que desde o início do movimento o grupo tem se interessado intensivamente pelas questões relacionadas aos presos políticos e suas famílias. Conforme palavras de Helena Greco, o trabalho se dava nas seguintes frentes:

Procurando dar apoio... apoio... o máximo de apoio que a gente possa... procurando éhhhh... dar voz às suas reivindicações, soltando notas nesse sentido e nos interessando pelos seus trabalhos, vendendo seus artesanatos, interessando pela situação das famílias deles aqui fora, procurando ajudá-las moralmente principalmente, dando apoio jurídico ou aquilo que a gente pode nesse sentido. Agora quanto aos metalúrgicos, não se trata propriamente de apoio, porque nós agimos de acordo com as notas que nós vemos na imprensa, e conforme o caso, a gente se solidariza ou denuncia. No caso dos metalúrgicos, especialmente das metalúrgicas, surgiu um caso que nos interessou sobremaneira, não só pelo fato de que se trata de operários pelos quais... cujo trabalho nos interessa de um modo geral, mas principalmente pelo fato de ser a primeira vez que a mulher meta... a mulher operária estava se manifestando, fazendo suas reivindicações, e combatendo a discriminação, a discriminação que há entre...

Antes que a fala da ativista fosse concluída o áudio foi cortado. Esta parte com a entrevista termina aos 2 minutos e 8 segundos. A partir deste trecho até o final do filme, não há som.

Em seguida é exibido um cartaz¹⁵³ do Movimento Feminino pela Anistia colocado em uma das paredes da casa de Dona Helena Greco (Imagem 130). Em uma panorâmica para a direita, a câmera deixa o cartaz e vai até a mesa onde diversas mulheres estão reunidas. São integrantes do Movimento Feminino pela Anistia¹⁵⁴. Com a câmera e o spot de luz voltados para a mesa, as mulheres sabem que estão sendo filmadas. Algumas demonstram seu desconforto com a filmagem virando seus rostos para o lado oposto ao do repórter cinematográfico, ou mesmo cobrindo suas faces com as mãos (Imagens 131 e 132). Na sequência, o rolo traz imagens em plano detalhe do rosto de algumas mulheres, tanto das que optam por aparecer quanto das que mantêm o rosto coberto. Fim da fita.

O fato de algumas mulheres cobrirem o rosto é significativo. Embora quisessem participar daquele movimento político que tomava forma na capital mineira, tinham receio de se expor publicamente. Apesar do contexto de distensão desenhado durante o governo Geisel (1974-1979), a severa Lei de Segurança Nacional de 1969¹⁵⁵ ainda vigorava, assim como as atividades dos órgãos de repressão.

Mostrar o rosto e identificar-se como alguém que tinha um posicionamento político contrário ao regime vigente poderia ter vários custos para aqueles que ousassem fazê-lo, assim como para suas famílias.

A reportagem parecia ser apenas uma apresentação do trabalho do MFPA, sem nenhum factual a ser exposto. Porém, os planos longos e a entrevista sem cortes (exceto no encerramento) corroboram a indicação NE (Não Editada) inserida junto ao título da matéria. Alguma orientação no jornalismo da TV Globo Minas mudou entre o momento em que a reportagem foi incluída na pauta de gravações do dia e o retorno do filme para uma edição que nunca aconteceu.

¹⁵³ Não foi possível localizar o nome do designer deste cartaz. O “Relatório da Comissão de Propaganda e Divulgação do Movimento Feminino pela Anistia (RJ)” (1978 e 1979) aborda também as ações de reprodução e distribuição de cartazes para todo o Brasil, inclusive a elaboração de um concurso nacional de cartazes sob o título “Um Cartaz pela Anistia”, no ano de 1978. Ver RELATÓRIO, [1979]. Outros cartazes do MFPA podem ser acessados na mostra virtual “Justiça para os crimes da Ditadura”, organizada pela Comissão da Verdade da PUC-SP e disponível no endereço: <www4.pucsp.br/comissaodaverdade/galeria/>. Acesso em: 30 nov. 2018.

¹⁵⁴ Informação confirmada por Magda Neves durante entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2019.

¹⁵⁵ O Decreto-Lei nº898 (de 29 de setembro de 1969) definia os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social. Instituiu inclusive pena de morte para vários crimes. Foi revogado pela Lei nº6.620, de 17 de dezembro de 1978. Ver BRASIL, 1969.

Imagem 130 – Cartaz do Movimento Feminino pela Anistia na casa de Dona Helena Greco



Imagem 131



Imagem 132



Imagens 131 e 132 – Integrantes do MFPA/MG durante reunião.
 Algumas mulheres optam por tapar os rostos durante as filmagens.
 Na imagem 132, ao fundo, a mulher de frente para a câmera (com camisa clara e sem óculos)
 é Bizoca, filha de Helena Greco. À sua direita está Magda Neves¹⁵⁶.

Reportagem não exibida.

Fotogramas extraídos do filme "Movimento Anistia – Entrevista" (31 de janeiro de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

Conforme a sinopse cadastrada pelo setor de arquivo da Rede Globo Minas, o filme "Anistia de 45 – Reunião e bomba" (JH¹⁵⁷), de 19 de abril de 1978, aborda os seguintes acontecimentos:

Cenas da perícia chegando ao colégio Santo Antônio e saindo com a bomba desarmada e dos carros pichados pelo grupo anticomunista. Entrevista com

¹⁵⁶ Magda se identificou durante entrevista concedida a Marcella Furtado em 12 de fevereiro de 2019.

¹⁵⁷ Jornal Hoje.

duas mulheres do movimento: Tereza Zerbini¹⁵⁸, presidente do movimento pela anistia, Helena Greco, presidente seção mineira. Estava havendo uma reunião no colégio que depois foi transferida para o DCE da Federal, visto que lá no colégio foi colocada uma bomba que não chegou a explodir, no DCE a bomba explodiu.

Conforme relatado no livro *Helena Greco, eu te batizo: anistia* (1983), de Ana Maria Rodrigues Oliveira, as cenas apresentadas na reportagem de 19 de abril ocorreram na véspera, dia 18. A autora informa que nesta data houve a concentração de 1.500 pessoas no pátio do Colégio Santo Antônio para o evento pela celebração dos 33 anos da anistia¹⁵⁹ decretada por Getúlio Vargas. Pouco depois do início da concentração, agentes do DOPS compareceram ao local alegando que haviam recebido uma denúncia sobre a existência de uma bomba ali. Feita a evacuação do Colégio, um artefato explosivo foi localizado dentro de uma caixa de sapatos. O relato no livro informa que antes do evento o local já havia sido vistoriado por homens do DOPS. Em função do ocorrido, a concentração para o evento foi transferida para a sede cultural do Diretório Central dos Estudantes da UFMG (Rua Gonçalves Dias, 1581 - Lourdes). Na mesma data, a sede administrativa do DCE (Rua dos Guajajaras, 694 - Centro) já havia sofrido um atentado à bomba, tendo sua gráfica destruída¹⁶⁰.

Os atentados também foram relatados em reportagens do jornal **Estado de Minas** no dia 20 de abril de 1978 (página 5). Neste, as reportagens "Mais duas bombas explodem na cidade" e "Deputado pede ao governador fim das bombas" revelam o atentado sofrido pelo MFPA no Colégio Santo Antônio no dia 18 de abril e a explosão efetiva de duas bombas, uma na gráfica do DCE, também no dia 18, e outra na madrugada do dia 19 de abril,

no passeio da residência da presidente da seção mineira do Movimento Feminino pela Anistia, Helena Greco, à rua Juiz de Fora, 849, bem em frente ao Quartel General da Quarta Brigada de Infantaria¹⁶¹.

(...)

A primeira denúncia da existência da bomba - que acabou transferindo a manifestação do MFPA para o DCE Cultural, na rua Gonçalves Dias - foi feita através de um telefonema ao Departamento de Jornalismo de uma tevê,

¹⁵⁸ O erro da grafia no nome da ativista consta na ficha original de arquivamento, conforme verificado também na primeira reportagem apresentada neste capítulo.

¹⁵⁹ No dia 18 de abril de 1945, pelo Decreto-Lei número 7.474, o então presidente Getúlio Vargas concedeu anistia "a todos quantos tenham cometido crimes políticos desde 16 de julho de 1934 até a data da publicação deste decreto-lei", conforme disposto no Artigo 1º do documento. Ver BRASIL, 1945. Foram libertados na ocasião seiscentos presos políticos, entre eles Luiz Carlos Prestes, essencial nos acordos com o presidente que resultaram no decreto pela anistia. Ver SOUZA, 2009.

¹⁶⁰ A reportagem sobre este episódio será analisada no capítulo sobre o movimento estudantil.

¹⁶¹ Reproduziremos das matérias do jornal **Estado de Minas** todas as informações que se mostrarem relevantes para o entendimento do contexto e dos episódios abordados nas reportagens da TV Globo Minas.

por volta das 20h20m (quando já havia começado a manifestação no Colégio Santo Antônio), atendido pelo chefe de reportagem. Identificando-se como pertencente ao GAC - Grupo Anticomunista - um homem comunicou a existência de três bombas "no local onde se reúne o Movimento Pela Anistia" e concluiu: "Agora, a responsabilidade é de vocês". Imediatamente um jornalista telefonou ao DOPS que, minutos depois, recebeu um telefonema semelhante¹⁶².

A matéria do jornal **Estado de Minas** relata que o chefe de reportagem de uma emissora de TV atendeu um telefonema no qual foi comunicada a existência da bomba no local onde o MFPA promovia uma atividade naquele dia. O nome da emissora não é citado, mas a equipe de reportagem da TV Globo Minas chegou ao Colégio Santo Antônio quando a bomba ainda estava sendo retirada do local por agentes da perícia criminalística do DOPS, o que indica a possibilidade de ser esta a emissora que recebeu o telefonema com a denúncia da bomba. A reportagem do jornal impresso não traz nenhuma imagem das ocorrências no Colégio Santo Antônio durante o evento do MFPA/MG.

O filme em questão tem duração de 5 minutos e 11 segundos. Inicia-se com imagens do número 865, indicando o local onde se desenrolaram os fatos que serão apresentados (número da entrada do Colégio Santo Antônio, à Rua Pernambuco, Bairro Funcionários, Belo Horizonte). Em seguida, são exibidas imagens de um artefato (aparentemente uma bomba desarmada) nas mãos de um agente do DOPS que entra no carro da perícia criminalística (Imagem 133). Estas duas cenas iniciais não possuem som e cobrem os primeiros 22 segundos de filme. A seguir, cenas em um ambiente interno apresentam um auditório lotado. Todos os lugares estão ocupados e há pessoas em pé ao fundo (Imagem 134). É uma breve cena de 2 segundos com som ambiente. Após estas imagens, é apresentada uma sonora com Therezinha Zerbini, presidente do Movimento Feminino pela Anistia, e Helena Greco, presidente da seção mineira do MFPA, que aparecem em cena lado a lado (Imagem 135). Zerbini é a primeira a se pronunciar: "*Nós temos convicção de que até o ano... até o fim do ano nós teremos a Anistia tão sonhada por todos nós*". Há um corte. No plano seguinte, o repórter pergunta para Helena Greco: "*Qual a participação da seção mineira do Movimento Feminino pela Anistia na luta pela Anistia Ampla?*". Do repórter¹⁶³ só é possível ver a mão e o microfone que é segurado. O plano agora está fechado na presidente da seção mineira, que responde assertivamente:

¹⁶² Mais duas bombas explodem na cidade. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 20 abr. 1978, p. 5.

¹⁶³ No filme não aparece a imagem do repórter, mas pela voz, identificamos que trata-se de Alencar Abujanra, repórter da Rede Globo Minas à época e já identificado em outras reportagens do período.

Nós estamos dando continuidade ao trabalho de... ao trabalho de Therezinha Zerbini. Lutando sempre pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita. Uma luta sem quartel, sem tréguas, até conseguirmos... até que juntamente com o povo a gente consiga esta Anistia.

Imagem 133 - Agente do DOPS deixa o local levando nas mãos o artefato localizado no Colégio



Imagem 134 – Auditório lotado durante evento promovido pelo MFPA



Imagem 135 – Helena Greco e Therezinha Zerbini em BH

Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Anistia de 45 – Reunião e bomba" (19 de abril de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

A fala da ativista termina aos 59 segundos de filme. A seguir, há um trecho de 7 segundos de filme em branco, indicativo de que deste ponto até o final do rolo temos material de arquivo. Nos primeiros 59 segundos que teriam ido ao ar, não há qualquer menção à natureza do evento em comemoração pelos 33 anos da Anistia decretada por Getúlio Vargas, muito menos se aborda os motivos e suspeitos de plantarem a suposta bomba no local do evento. Esta não era a primeira, nem seria a última intimidação recebida por movimentos de oposição à ditadura em Belo Horizonte, conforme veremos em outras reportagens deste capítulo e também no capítulo sobre o movimento estudantil. A capital mineira concentrou boa parte dos atentados sofridos a partir de 1977, e isso se refletiu também no número de coberturas sobre o assunto realizadas pela TV Globo Minas, embora nem sempre com uma abordagem que permitisse ao público entender quem eram os sujeitos desses atentados e por qual motivo agiam. De acordo com Heloisa Greco,

De 1977 a 1981, ocorrem cerca de cem atentados em todo o país, contemplados com a mais completa impunidade: não houve apuração das responsabilidades ou qualquer tipo de punição, poucos foram os inquéritos abertos e absolutamente nenhum deles prosperou. Belo Horizonte foi palco de trinta e seis, mais de 1/3 do número total estimado - o movimento pela anistia foi alvo de meia dúzia deles e de intimidações diversas (bilhetes, cartas, divulgação de documentos apócrifos, telefonemas obscenos, ameaças, violações de correspondência, provocações de todos os gêneros) (2003, p. 71-72).

No trecho que acreditamos serem sobras de material editado, há imagens de um outro carro do DOPS (Imagem 136) e mais cenas do perito levando a bomba desarmada. Em seguida é apresentado o plano da lateral de um carro onde há uma pichação cobrindo toda a altura da porta com a seguinte expressão: GAC¹⁶⁴ (Imagem 137). Na sequência, mais um trecho da entrevista com as dirigentes do MFPA nacional e mineiro. O repórter pergunta para Therezinha Zerbini se ela acredita que a Anistia Ampla vai sair, no que ela responde: "Nós temos certeza e convicção". A seguir, Dona Helena responde uma questão sobre como o MFPA busca a sustentação financeira do movimento. As próximas cenas mostram um trecho do discurso proferido pela mineira durante o evento (Imagem 138). Gravado em som ambiente, não é possível compreender o discurso em sua integralidade. Em frente à mesa onde Helena Greco se encontra foram expostos cartazes da campanha pela Anistia (Imagem 139). O filme termina.

A exibição dos primeiros 22 segundos de filme (que não possuem som) provavelmente foi coberta por alguma sonora, seja do repórter, seja do apresentador do jornal, e que naturalmente comentava algo relacionado à imagem exibida (o agente do DOPS com uma suposta bomba em mãos dirigindo-se ao carro da perícia criminalística). Se este áudio de cobertura foi feito, infelizmente ele não consta no rolo ao qual tivemos acesso. Desta forma, não é possível saber como a abordagem da presença da bomba no evento foi feita pelo telejornal. Nas sonoras com Therezinha Zerbini e Helena Greco, em nenhum momento é mencionada a presença da suposta bomba no Colégio Santo Antônio, embora apareçam informações sobre a bomba e as pichações na sinopse cadastrada pela Globo. Analisando o material remanescente, verificamos que cenas que poderiam ser consideradas visualmente e sonoramente impactantes foram preteridas na edição final da reportagem. A pichação atribuída ao Grupo Anticomunista foi registrada pelo cinegrafista da Globo Minas, mas não compõe

¹⁶⁴ Grupo Anticomunista.

a reportagem editada para exibição na TV. A exposição do nome do grupo na televisão iria divulgar em um meio de comunicação de massa a identidade de uma das organizações responsáveis por vários atentados sofridos pela sociedade civil belo-horizontina e brasileira naquele momento. Ao deixar este plano fora da montagem e tampouco mencionar o nome do grupo nas sonoras realizadas, a edição final da telerreportagem omite um dado importante relacionado às ocorrências daquela noite.

Imagem 136 – Além do veículo com identificação da perícia criminalística, havia também um outro carro do DOPS no local



Imagem 137 – Pichação do Grupo Anticomunista em carro estacionado do lado de fora do evento



Imagem 138 – Helena Greco profere discurso ao lado de Therezinha Zerbini



Imagem 139 – Cartaz da campanha pela Anistia.



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Anistia de 45 – Reunião e bomba" (19 de abril de 1978).
FONTE: Acervo MIS BH.

Outra imagem que ficou de fora é o plano do cartaz da campanha pela anistia, que mostra um homem sentado, com as mãos amarradas, aparentando ter sofrido algum tipo de violência (Imagem 139). Nesta cena, há som ambiente do discurso de uma mulher (não identificada) ao microfone (ela está fora de quadro). De sua fala é possível ouvir: "[...] *apelou-se para leis e tribunais*, [inaudível], *censura, prisões, tortura*,

assas...". A gravação é cortada antes que a sentença seja concluída. É uma sonora contundente que também ficou de fora da reportagem editada.

Falar em 'censura', 'tortura' e 'assassinato' cometidos pelo governo ainda era muito delicado em 1978. Mesmo hoje, tantos anos depois do fim do regime militar, há vítimas e/ou familiares de vítimas dos crimes cometidos pelo Estado que ainda lutam para que estes crimes sejam reconhecidos e, de alguma forma, reparados. Os governos militares sempre trataram as denúncias de torturas como 'fatos isolados', que eram eventualmente resolvidos com transferências e mudanças na direção de determinados órgãos. Neste contexto, falar sobre esses temas na imprensa, dar voz àqueles que denunciavam as torturas, assassinatos, perseguições e intimidações levadas a cabo pelos agentes do Estado seria bater de frente com um governo que sempre se eximiu de culpa por essas ações. Talvez por este motivo, as cenas mais contundentes do rolo em questão tenham ficado apenas para arquivo.

O livro de Ana Maria Rodrigues Oliveira também relata que Helena Greco e o movimento foram vítimas de falsas acusações em determinados órgãos de imprensa. No filme "Movimento feminino anistia – Desmentido" (JH), de 12 de maio de 1978, a ativista fala sobre uma destas acusações. Conforme a sinopse cadastrada pela Globo, a fita traz uma

Entrevista com a presidente do movimento em BH, Helena Greco, e com uma participante do movimento que não se identificou. Elas falam do problema de notas espalhadas pela cidade em nome do movimento. Falam também do encontro com o governador para conseguir a transferência de presos políticos.

As imagens deste filme foram feitas em um espaço fechado, que mais à frente será identificado como a residência de Helena Greco. Ela aparece sentada em um sofá junto à repórter, que está ao seu lado (Imagem 140). Com 5 minutos e 12 segundos de duração, a fita tem início já com a fala da presidente do MFPA/MG sobre o pedido que o movimento havia feito ao então governador de Minas Gerais, Aureliano Chaves, pela transferência de presos políticos de Linhares¹⁶⁵ (penitenciária localizada em Juiz de Fora/MG) para prisões de Belo Horizonte ou do Rio de Janeiro. Em alguns momentos ainda transparece a pouca intimidade de Dona Helena ao procedimento da entrevista,

¹⁶⁵ A Penitenciária José Edson Cavalieri, "mais conhecida como 'Penitenciária de Linhares', é uma instituição de grande importância para a compreensão do período militar, pois foi transformada em presídio político a partir de 1969 e recebeu um grande número de presos políticos. Desses presos políticos partiu a iniciativa da redação do primeiro documento [em 1969] relatando as torturas e maus tratos em geral sofridos por eles, que foi um instrumento fundamental de denúncia do que se passava no país, divulgado também no exterior" (COMISSÃO MUNICIPAL DA VERDADE, 2016, p. 22).

como no instante em que ela chega a levar a mão ao microfone que a repórter segura. No entanto, no gesto de olhar para a câmera ao responder a pergunta, a ativista demonstra que aos poucos está se familiarizando com as lentes da TV.

A partir dos 39 segundos de filme, há várias cenas de bastidores que sugerem que deste ponto em diante seja material de arquivo, ou seja, trechos não selecionados para ir ao ar. Em uma cena, Dona Helena fala para a repórter: "você espera um minutinho, eu queria..." e então há um corte na filmagem. Na cena seguinte, a jornalista Kátia Resende¹⁶⁶ ouve o cinegrafista dizer "gravando" e então começa a fazer uma passagem, que ela erra e repete na sequência. A seguir, a repórter questiona Helena Greco sobre os trâmites burocráticos para a transferência de presos políticos. É desta sequência que provavelmente foi retirado o trecho que compõe os 39 segundos iniciais do rolo.

A seguir, a câmera mostra a repórter de frente e a entrevistada de perfil. A jornalista então pergunta a Helena Greco se os panfletos difamatórios distribuídos pela cidade teriam prejudicado o movimento. Há um corte, e a câmera é disposta no lado oposto da sala, mostrando a entrevistada de frente e a repórter de perfil. Ouve-se ao fundo uma voz masculina que diz: "Gravando!". Então Dona Helena dá início à sua resposta:

Eu não acredito que estes panfletos tenham prejudicado o movimento, até pelo contrário. O fato deles terem saído na quantidade que saiu contra um grupo como o nosso que é um grupo de mulheres que está agindo legalmente em defesa dos direitos humanos significa apenas que nós realmente estamos incomodando. E o que eu acho é que eles [os panfletos] constituem um grande desrespeito ao povo, porque foi uma coisa de tão baixo calão, porque se eles estão achando que o povo brasileiro, especialmente os operários e os estudantes [categorias] para as quais parece que a propaganda deles foi focada, vai acreditar numa coisa dessas é não acreditar na capacidade de discernimento deles.

A câmera faz um movimento de aproximação em relação à entrevistada, deixando-a sozinha em quadro. "A senhora imagina quem possa ter soltado?", a repórter pergunta, quando uma criança passa em frente à câmera. Há um corte e a pergunta é repetida: "A senhora imagina quem soltou?". Dona Helena continua:

Eu imagino... eu tenho certeza que os grupos que agiram dessa vez foram os mesmos que estão agindo aí, soltando bombas, cartas anônimas, telefonemas de ameaça, não só para o Movimento Feminino pela Anistia como para todos os órgãos que estão tratando dos reais direitos do povo e da defesa dos direitos humanos, como foi o caso por exemplo da CNBB (Conferência

¹⁶⁶ A repórter foi identificada por Vilma Fazito em entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 05 de outubro de 2018.

Nacional dos Bispos do Brasil), do Dom Hipólito¹⁶⁷ e do Movimento Feminino pela Anistia.

Sobre os panfletos difamatórios mencionados na reportagem, Betinho Duarte¹⁶⁸ relata que

No dia 11 de maio de 1978, o GAC distribuiu e afixou em postes de diversos bairros de Belo Horizonte um cartão, semelhante aos utilizados pelo MFPA/MG, contendo declarações com o claro intuito de desmoralizar o MFPA/MG. Vários cartões falsificados pelo GAC estavam sendo afixados na Igreja São Francisco das Chagas, por 3 (três) homens, quando um dos padres viu e impediu a continuidade da ação. Os homens, ameaçando o padre, retiraram-se do local.

A partir dos 3 minutos e 47 segundos de filme as cenas mostram outra mulher pertencente ao MFPA, integrante da Comissão de Linhares, indicada por Dona Helena Greco durante a filmagem da telerreportagem para falar sobre o pedido de transferência dos presos políticos. O plano mostra a repórter de frente e a entrevistada de costas, optando pelo anonimato, numa demonstração do medo em mostrar o rosto pelas possíveis retaliações decorrentes de uma exposição aberta, especialmente em um veículo de comunicação de massa (Imagem 141).

Em sua resposta a ativista aborda a burocracia no processo de transferência dos presos. A jornalista prossegue: "*por que este empenho de vocês em transferir os presos de lá. Como que eles são tratados?*". A entrevistada do movimento então explica:

O problema principal é a dificuldade das famílias em prestar assistência aos presos, devido à distância, o tempo... consequentemente o tempo de viagem e a situação financeira das famílias que têm dificuldade nas viagens né, dificuldade financeira nas viagens. Depois o regulamento carcerário também é bem rigoroso, principalmente em relação à censura a publicações, que já são censuradas no país, censura à correspondência aos familiares, inclusive às autoridades e o isolamento que eles vivem devido à distância.

A fita finaliza após esta declaração, que, pelo teor e a postura de anonimato da última entrevistada, revelam o medo que existia diante dos órgãos de repressão e grupos de extrema-direita que cotidianamente acompanhavam e ameaçavam integrantes de movimentos contrários ao regime. Tal medo já havia sido demonstrado pelas ativistas

¹⁶⁷ Dom Adriano Hipólito, então bispo de Nova Iguaçu, era um dos expoentes da ala progressista da Igreja Católica quando foi sequestrado no dia 22 de setembro de 1976: "acompanhado de um sobrinho e da noiva deste, d. Adriano foi interceptado por dois carros, de onde desceram homens armados. No tumulto, a moça conseguiu fugir. O sobrinho também foi capturado. O bispo teve um capuz colocado na cabeça. Suas mãos foram algemadas; a batina, arrancada à força. Os captores tentaram forçá-lo a beber cachaça, ele reagiu e foi espancado. Foi deixado nu, com as mãos amarradas e o corpo pintado com tinta vermelha em uma rua de Jacarepaguá, na zona oeste carioca". Ver COSTA; TORRES, 2004.

¹⁶⁸ DUARTE, 2009.

que cobriram o rosto durante as gravações da reportagem "Movimento Anistia – Entrevista" (31 de janeiro de 1978).

Imagem 140 – Dona Helena fala sobre os panfletos difamatórios distribuídos a respeito do Movimento



Plano do material editado para a reportagem.

Imagem 141 – Representante do MFPA prefere não ser identificada durante entrevista.



Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Movimento feminino anistia – Desmentido" (12 de maio de 1978).
 FONTE: Acervo MIS BH.

Comparando o trecho que teria ido ao ar com o trecho de sobras da edição (a partir dos 39 segundos de filme), a exemplo de reportagens anteriores, percebe-se que os temas mais contundentes foram novamente preteridos na edição final da reportagem, embora gravados pela equipe da TV. Enquanto os primeiros segundos de fita abordam um tema 'morno', que são os trâmites burocráticos relacionados à transferência de presos políticos, no material de arquivo há abordagens muito mais incisivas e questionadoras. Uma delas está relacionada aos panfletos difamatórios, uma das estratégias de intimidação utilizadas por grupos de extrema-direita que apoiavam o governo militar. Quando instigada a opinar sobre a autoria dos panfletos difamatórios, Helena Greco faz a associação dos responsáveis como sendo os mesmos que vinham aterrorizando os movimentos de oposição com bombas, telefonemas e outros tipos de ameaças. Também na fala da outra ativista do MFPA há uma crítica à censura no país quando refere-se às limitações impostas no regulamento carcerário. Falar sobre a censura às diversas formas de expressão e sobre as ameaças aos movimentos de oposição seria uma maneira de abordar assuntos que questionavam a legitimidade do regime político então vigente. No entanto, mais uma vez estes temas foram deixados de fora na edição final da telerreportagem.

Com 1 minuto e 41 segundos de duração, o rolo "Maria Greco – Helena"¹⁶⁹, de 16 de junho de 1978, corresponde a uma breve sonora realizada com a presidente do Movimento Feminino pela Anistia em frente à sede do Departamento de Polícia Federal (Superintendência Regional/MG). A sinopse cadastrada pela Rede Globo Minas traz poucas informações: "Depoimento de Maria Greco. Não vieram dados".

Na ocasião, Dona Helena havia se dirigido ao local para dar depoimento em relação aos atentados sofridos tanto no Colégio Santo Antônio (mostrado na reportagem "Anistia de 45 – Reunião e bomba", de 19 de abril de 1978) quanto em sua casa, quando uma bomba foi jogada no portão de sua residência na madrugada do dia 19 de abril de 1978. Sobre esta passagem, Betinho Duarte detalha que

na sequência dos atentados ocorridos no Colégio Santo Antônio e na sede administrativa do DCE da UFMG na mesma data, uma bomba foi lançada, a partir de um veículo Volkswagen Azul, contra a residência da presidente do Movimento Feminino pela Anistia em Minas Gerais. Apesar de a casa [Rua Juiz de Fora, 849 - Barro Preto - Belo Horizonte] estar localizada em frente à sede da Quarta Brigada do Exército, área considerada de segurança nacional e mantida sob permanente vigilância por sentinelas armados, "estes, como também os oficiais do exército, não viram nada" (2015, p. 437-438).

Entre a ameaça no colégio e a explosão na casa da ativista, uma outra bomba foi lançada na gráfica do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais, conforme veremos no capítulo sobre o movimento estudantil. A natureza dos alvos e a proximidade temporal dos ataques deixam clara a tentativa coordenada de intimidação dos movimentos contrários ao regime militar.

A reportagem tem início com a repórter (fora de quadro) questionando se as pessoas que colheram o depoimento de Dona Helena se mostraram preocupadas com o atentado sofrido, no que a ativista responde: "*eles me disseram que estão fazendo uma investigação em profundidade*" (Imagem 142). Este trecho termina aos 35 segundos de filme, e presume-se que seja o material selecionado para ir ao ar. A seguir há 4 segundos de filme vazio, e logo depois as imagens voltam com a cena de um carro na rua, provavelmente gravado por um disparo acidental da câmera. Há um plano da placa da entrada do prédio da Polícia Federal (Imagem 143). A câmera faz um movimento lateral que vai da placa até um novo enquadramento de Helena Greco. A partir do questionamento da repórter, a ativista fala sobre o conteúdo de seu depoimento à PF, relacionado exclusivamente aos atentados à bomba sofridos nos dias 18 e 19 de abril

¹⁶⁹ Neste rolo não há identificação do jornal no qual a reportagem teria ido ao ar.

daquele ano. A jornalista ainda pergunta se mais alguma pessoa vai dar depoimento, no que Dona Helena responde que nada lhe foi passado a respeito disso. O filme termina.

Imagem 142 – Dona Helena durante entrevista após depoimento na Polícia Federal



Plano do material editado para a reportagem.

Imagem 143 – Fachada da Superintendência Regional da Polícia Federal



Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Maria Greco – Helena" (16 de junho de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

As entrevistas realizadas nas matérias dos dias 31 de janeiro e 12 de maio de 1978 foram realizadas em espaços privados e caracterizam-se como reportagens pré-agendadas. Já a sonora colhida em 16 de junho foi feita em um espaço público (área externa do prédio da Polícia Federal), no calor do instante, posterior ao depoimento de Helena Greco à PF. Na matéria não há uma recapitulação dos fatos, nem uma maior especulação sobre os envolvidos e o andamento das investigações. Tampouco é lembrado que os crimes cometidos têm relação direta com a participação política de Helena Greco. Esta seria uma indicação importante a ser feita, visto que os atentados não eram crimes comuns. Eram demonstração do incômodo vivido por grupos que viam os movimentos de contestação ao regime ganharem força naquele momento de distensão política no país.

No próximo rolo, mais um episódio de ataque a bomba sofrido pelo MFPA no ano de 1978 em Belo Horizonte. O filme "Polícia – Bomba no Carlos Prates" (JN), de 13 de setembro, possui a seguinte sinopse na base de fichas:

Polícia
Bomba explode no Carlos Prates
Sinopse
Imagens da porta e janela da igreja de São Francisco¹⁷⁰ do Carlos Prates quebradas pela bomba. Povo fala com vizinhos e um guarda da igreja.

¹⁷⁰ A igreja fica localizada na Praça São Francisco das Chagas, 223 – Bairro Carlos Prates – Belo Horizonte.

Nem o título nem a sinopse do rolo fazem qualquer alusão aos movimentos de luta pela anistia. De acordo com Betinho Duarte, no dia 13 de setembro de 1978 a

Explosão de uma bomba destruiu a portaria da secretaria da igreja. Naquela noite, realizava-se uma vigília em solidariedade ao preso político Edvaldo [sic] Nunes¹⁷¹ – o Cajá. Nas dependências da igreja funcionava a sede do Movimento Feminino pela Anistia (2015, p. 446).

Ao longo da investigação empreendida por esta pesquisa identificamos que mesmo antes dos movimentos pela anistia surgirem, a Igreja São Francisco das Chagas já abrigava atividades de oposição ao regime militar. No Relatório Final da Comissão da Verdade em Minas Gerais¹⁷² é descrita a atuação de padres progressistas em diversas paróquias de Belo Horizonte, dentre elas a Igreja São Francisco das Chagas.

Outro texto menciona a importância desta igreja como espaço de resistência. Em 31 de março de 2014, a Empresa Municipal de Turismo de BH (Belotur), órgão ligado à Prefeitura de Belo Horizonte, lançou em versões impressa e online o guia “Memórias de Resistência – lugares de repressão e de luta contra a Ditadura Militar de 1964 a 1985, em Belo Horizonte”. A página 18 do guia traz foto e informações sobre esta mesma igreja:

A Igreja São Francisco das Chagas, no bairro Carlos Prates, abrigou os estudantes que, após a invasão da União Estadual dos Estudantes em Belo Horizonte, três dias antes, quando a polícia efetuou dezenas de prisões, realizaram clandestinamente, em 28 julho de 1966, o 28º Congresso da UNE, colocada na ilegalidade após o golpe de 1964. O congresso, realizado na cripta da igreja, reforçou a linha de resistência e decidiu pela ampliação das manifestações de rua em todo o País. A igreja foi atingida por atentado a bomba em 28 de março de 1978¹⁷³.

No dia 14 de setembro de 1978, uma reportagem do jornal **Estado de Minas**¹⁷⁴ trouxe as seguintes informações sobre o ataque à Igreja São Francisco:

¹⁷¹ Edival Nunes da Silva Cajá (Bonito de Santa Fé/PB, 1950 -) foi sequestrado e preso na cidade do Recife em 12 de maio de 1978. À época ele era estudante do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e integrava a Comissão Nacional pró-reorganização da UNE representando o movimento estudantil pernambucano. Participava também da seção pernambucana do Comitê Brasileiro pela Anistia e do setor jovem do Movimento Democrático Brasileiro (MDB-PE). Sofreu cinco sessões de tortura durante 3 dias seguidos. As torturas pararam quando uma greve de solidariedade a ele foi deflagrada na UFPE, estendendo-se a outros estados. Ainda assim, ficou preso até 1º de novembro de 1978. No dia 21 do mesmo mês, voltou a ser preso por fazer relatos públicos sobre as torturas que sofreu. Só foi libertado em 1º de junho de 1979. Ver EDIVAL, 2012.

¹⁷² MINAS GERAIS, 2017, v. 4. Primeiro capítulo do volume 4: "A posição das igrejas cristãs durante o governo militar".

¹⁷³ No Fundo Globo não foi localizada nenhuma reportagem sobre o atentado de 28 de março de 1978.

¹⁷⁴ NA MADRUGADA, bombas explodem na Igreja e na casa do advogado. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 14 set. 1978. p.7.

Na madrugada de ontem, uma bomba jogada na Igreja São Francisco de Chagas no Carlos Prates, destruiu totalmente os vidros e a porta de ferro da entrada da Ação Social da Paróquia;

(...)

Vigília

Na Igreja São Francisco, a bomba explodiu às 12h15m, aproximadamente uma hora após ter-se encerrado a Noite de Vigília "Pela Libertação de Cajá". Conforme explicou frei Antônio Francisco Blankengaal¹⁷⁵, da Igreja, "a bomba produziu um barulho muito forte".

Frei Antônio Francisco só chamou a Polícia Técnica pela manhã e a Polícia Federal, embora não tenha sido avisada pelo padre, compareceu ao local pela manhã.

Frei Francisco conta que, na tarde de ontem, recebeu uma "oração antivigília", com o seguinte texto: "Padre Nosso que estais nesta Paróquia, santificado seja o vosso direito, venha a nós a quem de direita, não seja esta vigília feita, assim na igreja como no salão; o País nosso de cada dia nos apóia hoje; não deixeis que haja a reunião, mas ajudai-nos que não comunizem nossos irmãos também". Assinado em nome do GAC, MAC e CCC¹⁷⁶.

Na reportagem do Fundo Globo não há entrevistas com representantes da igreja ou qualquer pessoa que tenha participado da vigília. Também não é feita nenhuma menção ao evento, realizado pouco antes da explosão da bomba.

Com 3 minutos e 48 segundos de duração, a fita tem início com uma panorâmica vertical da fachada da igreja, que vai do telhado até as portas da entrada principal (Imagem 144). No plano seguinte, as cenas mostram o que seria a entrada de um prédio anexo à igreja. Quase todos os vidros da porta estão quebrados (Imagem 145).

Imagem 144 – Igreja São Francisco das Chagas



Imagem 145 – Entrada do anexo com os vidros da porta quebrados



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Polícia – Bomba no Carlos Prates" (13 de setembro de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

¹⁷⁵ Frei Antônio Francisco Blankendaal nasceu em 1934 na Holanda. Entrou na ordem dos franciscanos em 1953. Em 1962, foi trabalhar na Província de Santa Cruz, em Belo Horizonte (MG). De 1993 a 2000, atuou como missionário em Roraima, voltando posteriormente para Minas Gerais. Faleceu em 27 de setembro de 2015, em Divinópolis/MG, aos 81 anos de idade. Foi velado na Igreja São Francisco das Chagas. Ver ANTÔNIO; FALECIMENTO, 2015.

¹⁷⁶ Comando de Caça aos Comunistas.

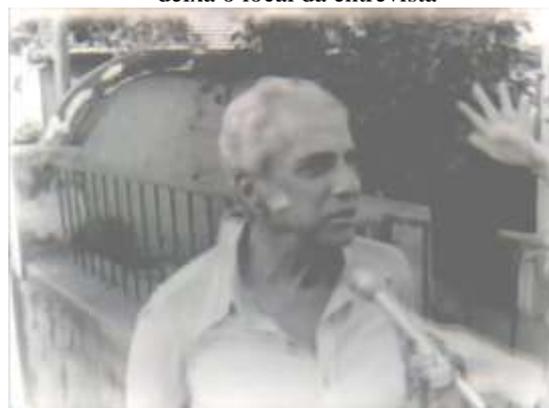
Há ainda um plano detalhe de um dos vidros danificados. Estes três planos cobrem os 13 segundos iniciais de rolo. O filme então tem um trecho de 9 segundos em branco e aos 22 segundos retornam as imagens e sons. Pela natureza do material, tudo que aparece a partir deste ponto possivelmente ficou para arquivo (sobras). Começam as entrevistas com moradores da região e um policial militar que havia sido deslocado para a igreja no dia seguinte à explosão da bomba. As respostas são vagas, conforme transcreveremos a seguir. O primeiro a falar é um senhor que mora perto da igreja. Enquanto a repórter faz a pergunta, uma mulher que está próxima a ele tem o olhar preocupado (Imagem 146). O homem começa a responder e a mulher que estava com ele se afasta. Enquanto deixa o local, ela gesticula com a mão esquerda, em um gesto de aparente reprovação pela atitude do homem em conceder a entrevista (Imagem 147).

Os atentados a bomba cometidos na cidade vinham sendo noticiados pela imprensa, o que nos leva a crer que as pessoas tinham alguma ideia da motivação desses crimes e do alcance da violência por parte dos envolvidos. Além do mais, os moradores da região provavelmente tinham ciência da natureza das reuniões que eram abrigadas pela igreja. A mulher que parece reprovar a fala do homem possivelmente teme que, ao se exporem, eles possam sofrer algum tipo de retaliação por parte das mesmas pessoas que cometeram o atentado.

Imagem 146 – Mulher tem o semblante preocupado enquanto observa o homem ser entrevistado



Imagem 147 – Ela gesticula com a mão e deixa o local da entrevista



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Polícia – Bomba no Carlos Prates" (13 de setembro de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

Transcrevemos a seguir a entrevista. Na análise deste filme, indicaremos como R as perguntas feitas pela repórter e E as respostas dos entrevistados:

R: *Você chegou a ouvir ou ver alguma coisa?*
 E: *Ver não. Só ouvir.*
 R: *Que horas mais ou menos que era?*
 E: *Devia ser aproximadamente uma meia noite. Mais ou menos meia noite.*
 R: *O senhor já estava dormindo?*
 E: *Já estava. Meu filho acabava de chegar naquela hora.*
 R: *O barulho o acordou?*
 E: *Acordou. Foi um barulho muito forte mesmo viu?!*
 R: *O senhor chegou até aqui fora pra ver o quê que havia acontecido?*
 E: *Eu e meu filho. Mas quase que não tinha ninguém. Nessa hora que eu saí não. Porque foi no momento que a bomba explodiu.*

A entrevista com o senhor termina. Na cena seguinte, a repórter vai até outra casa nas proximidades da igreja. Duas adolescentes observam a movimentação da equipe da TV por sobre o muro da casa, que é baixo. Quando a repórter se aproxima, uma delas olha para trás e chama alguém que está dentro da residência. A repórter inicia a entrevista com a menina (Imagem 148).

R: *Você chegou a ouvir o barulho?*
 E: *O barulho eu não ouvi muito bem não, sabe, que eu tava dormindo na hora, acho que foi meia noite e pouco, sabe, então não deu pra ouvir muito bem não. Então nós ficamos com medo de ir lá, por causa que podia ser alguma coisa né?! Então eu não fiquei sabendo de muita coisa não.*

Durante a fala da adolescente, uma outra garota está ao seu lado. Um menino sai da casa e se aproxima do local onde a entrevista ocorre, mas ele fica fora de quadro.

R: *E teus pais, não chegaram até aqui na porta pra ver?*
 E: *Não.*

Na pergunta seguinte, a repórter dá indícios de que sabe a motivação e a recorrência dos atentados a bomba naquele local.

R: *É a primeira vez que isso acontece aqui perto da sua casa?*
 E: *Não. Ali já jogaram uma bomba ali - a menina aponta na direção da frente da igreja - mas ela foi fraca, não afetou em nada não sabe?! Ali no pátio.*

A câmera faz uma panorâmica para a direita, mostra a rua e termina na igreja, numa vista lateral (Imagem 149). Por este movimento, identificamos que a casa onde ocorreu a entrevista localizava-se na rua Espinosa, a rua lateral da Igreja São Francisco das Chagas.

Antes da câmera ser desligada, ainda é possível ouvir o riso dos adolescentes ao fundo, provavelmente se divertindo pela situação da entrevista, sinais da inocência de quem não dimensionava ainda o que aquele acontecimento significava no contexto político da cidade e do país.

Imagem 148 – Durante a entrevista, menina aponta local onde uma bomba já havia explodido em outro atentado à igreja



Imagem 149 – Câmera acompanha a direção onde a adolescente aponta. A bomba anterior teria explodido no pátio frontal da igreja, à direita da imagem



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Polícia – Bomba no Carlos Prates" (13 de setembro de 1978).
FONTE: Acervo MIS BH.

Há um corte. Na cena seguinte, a câmera mostra um policial que conversa com dois homens na calçada em frente à entrada onde a bomba explodiu. A repórter se aproxima e pergunta para o policial:

R: *O senhor tá aqui desde que horas?*

E: *Eu estou aqui desde meio dia e meio.*

R: *Ontem na hora que estourou a bomba o senhor estava?*

E: *Não, fiquei sabendo hoje durante meu expediente que iniciou normalmente no quartel.*

R: *É costume do senhor ficar aqui durante o dia?*

E: *Não, primeira vez, inclusive tenho pouco conhecimento com o bairro.*

R: *Quem o chamou?*

E: *Não sei no momento quem chamou. Chegando no quartel eu encontrei esta ordem de serviço praqui [sic], certo?!*

No plano seguinte, a câmera mostra uma placa que está sem o letreiro, mas na qual é possível ler "Ação Social" (Imagem 150). Abaixo dela, a porta de vidro que havia sido atingida pela bomba. É a entrada que dá acesso à secretaria e ao salão paroquial da igreja (Imagem 151). Há uma sequência de planos (variando entre conjunto e detalhe) que mostram vidros quebrados tanto nesta entrada lateral quanto em uma janela que fica no alto (Imagem 152). Há imagens também de estilhaços de vidro ao chão (Imagem 153). Em seguida, há mais algumas panorâmicas que mostram desde a torre da igreja até a entrada onde a bomba explodiu. São planos que contextualizam o cenário do atentado. No fim, algumas cenas filmadas aparentemente sem querer, mostrando a ponta da cabeça de alguém que provavelmente pertencia à equipe de reportagem e planos do chão. O filme acaba.

Dos 3 minutos e 48 segundos de imagens capturadas, provavelmente apenas os 13 segundos iniciais de filme foram utilizados em uma breve nota sobre o acontecido. O restante do conteúdo do rolo, especialmente as entrevistas, encontram-se em estado bruto. As perguntas feitas pela repórter não exploram a motivação do atentado. Nem na fala da jornalista, nem nas respostas de nenhum entrevistado há qualquer menção às reuniões abrigadas no espaço da Igreja São Francisco das Chagas e que motivaram o atentado à bomba. Ao morador da vizinhança apenas são feitas questões sobre o horário em que a bomba teria explodido e a intensidade do estrondo. Não obstante, no incômodo da senhora ao ver o homem dar entrevista (possivelmente seu familiar), percebe-se que moradores da vizinhança provavelmente sabiam o que se passava ali e temiam se envolver, em razão da intimidação causada pelos atentados, como dissemos.

Imagem 150 – Placa da entrada do anexo da igreja com a denominação "Ação Social"



Imagem 151 – A entrada que foi atingida pela bomba



Imagem 152 – Janela lateral à entrada atingida pela bomba



Imagem 153 – Estilhaços dos vidros quebrados.



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Polícia – Bomba no Carlos Prates" (13 de setembro de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

Já o policial entrevistado adianta-se em dizer que possui 'pouco conhecimento com o bairro', como uma forma de se eximir das questões relacionadas àquele evento. A

única pergunta mais exploratória é feita para a adolescente entrevistada, quando a repórter questiona se era a primeira vez que algo do tipo acontecia por ali, no que a menina responde que não, que outra bomba já havia explodido perto da entrada principal da igreja. Neste momento, percebemos que a jornalista tem ciência das razões que motivaram o atentado, embora não tenha abordado esta motivação ao longo das entrevistas.

De qualquer forma, ao que tudo indica, nenhuma sonora foi levada ao ar. Do pequeno trecho de reportagem editada, apreende-se apenas que uma bomba explodiu na lateral da Igreja São Francisco das Chagas, sem que fossem exploradas as causas e a possível autoria do atentado, ou mesmo como este crime dialogava com o momento político vivido pelo país.

No título da próxima telerreportagem "Movimento Feminista pela Anistia – Assembleia" (JH), de 27 de outubro de 1978 (Imagem 154), verifica-se novamente a confusão criada entre o uso dos termos 'feminino' e 'feminista' por parte dos responsáveis pelo arquivamento dos rolos na Rede Globo Minas à época.

Imagem 154 – O nome do movimento está com a grafia incorreta no título datilografado por quem identificou e arquivou o rolo na Rede Globo Minas



Fonte: produção da própria autora.

Conforme informações da ficha catalográfica, o filme possui a seguinte sinopse: "Cenas com som ambiente da reunião. Entrevista com a presidente do movimento dona Helena Greco, que fala sobre os planos do comitê".

Com 3 minutos de duração, a fita tem início com uma sonora da presidente do MFPA (Imagem 155) sobre o I Congresso Nacional pela Anistia¹⁷⁷ que seria realizado em novembro de 1978 na cidade de São Paulo: "*Para esse congresso, o CBA e o Movimento Feminino pela Anistia pretende levar dois temas: um sobre o terror, e o outro tema a contribuição para... por conta da volta dos exilados*".

Em seguida um plano mostra um auditório parcialmente ocupado (Imagem 156). Em uma panorâmica para a direita, a câmera se desloca do público até um espaço à

¹⁷⁷ Promovido pelo Comitê Brasileiro pela Anistia (seção SP) e pela Coordenação Nacional do Movimento Feminino pela Anistia, o I Congresso Nacional pela Anistia foi realizado em São Paulo no Teatro da Universidade Católica (TUCA – Rua Monte Alegre, 1024 - Perdizes) entre os dias 2 e 5 de novembro de 1978. Ver CONGRESSO, 1978.

frente da plateia onde estão sentados dois homens, membros do Comitê Brasileiro pela Anistia/MG. Um deles é Betinho Duarte (presidente do CBA/MG), que segura o microfone para que Afonso Henriques Borges Ferreira¹⁷⁸ (tesoureiro do CBA/MG) leia um texto no qual são abordadas questões como eleições e reforma política (Imagem 157). O áudio gravado é ambiente e há cortes na fala do tesoureiro. A seguir transcrevemos as passagens que foram registradas:

A manutenção da grande maioria da população na condição de marginalização política. [...] ¹⁷⁹ Governadores e senadores biônicos eleitos por colégios eleitorais fabricados sob medida para garantir vitórias governamentais nos locais onde a oposição é majoritária. Campanhas eleitorais subordinadas à Lei Falcão¹⁸⁰. Sindicatos [inaudível]¹⁸¹ legislação corporativista e intervencionista, que os governantes podem agravar por decreto.



Imagem 155 – Helena Greco em entrevista durante evento do MFPA

Plano do material editado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme "Movimento Feminista pela Anistia – Assembleia" (27 de outubro de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

Há um corte neste momento do filme, aos 46 segundos de rolo. É feita uma sutil mudança no ângulo da câmera, que também fica mais próxima dos membros do CBA. A filmagem da leitura do texto é retomada, conforme transcrito a seguir:

[...] Nesse sentido, defendemos a ampla liberdade de organização de todos os partidos políticos. Anistia e reforma política. [...] ¹⁸² É parte da luta pela liberdade democrática no Brasil de hoje e portanto dos organismos que lutam pela anistia ampla, geral e irrestrita a denúncia das reformas constitucionais aprovadas... [...] considera crime a solidariedade à greve dos

¹⁷⁸ Afonso Henriques Borges Ferreira graduou-se em Ciências Econômicas pela UFMG em 1977. Entre 1978 e 1979 fez mestrado em Ciência Política na mesma universidade. É doutor em Economia (1992) pela New School for Social Research (EUA). Foi professor titular do Departamento de Economia da UFMG de 1978 a 2014. Desde 2014 é professor do curso de Ciências Econômicas do IBMEC em Belo Horizonte. Ver AFONSO, 2018.

¹⁷⁹ Neste momento há uma falha na gravação do áudio, mas não há interrupção na gravação das imagens.

¹⁸⁰ A Lei Falcão (Lei 6.339/1976), idealizada pelo então ministro da Justiça, Armando Falcão, determinava que nas propagandas de rádio e TV um narrador deveria ler o nome, o partido, o número e o currículo de cada candidato. Era vetado o uso de músicas, discursos e imagens, à exceção da foto do candidato. Ver OLIVEIRA, 2016.

¹⁸¹ Indicaremos com a expressão '[inaudível]' os momentos em que não conseguimos identificar o áudio na transcrição de sonoras e entrevistas.

¹⁸² Indicaremos com colchetes os momentos em que há cortes durante a gravação do discurso.

trabalhadores. Manutenção de milhares de exilados, cassados, banidos, reformados, aposentados e presos políticos afastados da plena cidadania porque algum dia agiram, ou foram considerados como obstáculos do regime. As reformas contemplam a criação de novos partidos políticos [...].

A filmagem dentro do auditório vai até 1 minuto e 40 segundos de rolo. Em seguida, há mais um trecho da gravação com Helena Greco, provavelmente partes da entrevista que não foram utilizadas na edição final da reportagem. No primeiro momento, ela está olhando diretamente para a câmera. Uma voz fora de quadro diz "gravando". A presidente do MFPA/MG olha para o repórter, também fora de quadro, e a entrevista tem início:

R¹⁸³: *Dona Helena Greco, o que vai fazer a direção... a diretoria do Comitê Brasileiro 'pró' Anistia – Seção Minas Gerais?*

HG: *O que nós tentamos fazer é dar um impulso maior à luta pela anistia ampla, geral e irrestrita e pelas liberdades democráticas e fortalecer... fortalecer essa luta que está se dando em todos os estados. A nossa preocupação principal agora é a preparação para o Congresso Nacional da Anistia que se realizará em São Paulo nos dias 2, 3, 4 e 5 de novembro [...]*¹⁸⁴.

R: *O caso ontem de uma operária que estava distribuindo manifesto e foi presa. A senhora sabe como é que está esse caso?*

HG: *Parece que ela não chegou a ser presa. Ela foi realmente perseguida, mas depois a questão se resolveu sem precisar de advogado lá. Ela já se encontra em liberdade agora. E..."*

Há um corte na fala da ativista e pouco depois o rolo termina.

Imagem 156 – Público presente no evento do MFPA



Imagem 157 – O tesoureiro do CBA/MG lê um texto para a plateia



Planos do material editado para a reportagem.
Fotogramas extraídos do filme "Movimento Feminista pela Anistia – Assembleia" (27 de outubro de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

¹⁸³ Indicaremos como R a fala do repórter e HG as respostas dadas por Helena Greco durante a entrevista.

¹⁸⁴ Neste ponto há um corte na entrevista, de onde possivelmente foi retirado o trecho utilizado no início do rolo.

Neste registro já é possível perceber a atuação do Comitê Brasileiro pela Anistia – Seção MG (criado em 1978) junto ao Movimento Feminino pela Anistia, atuante desde 1977.

Como a primeira parte do rolo tem cortes bem sutis, é difícil perceber até que ponto é reportagem editada e a partir de quando é material de arquivo. É possível que tenha sido levada ao ar apenas a primeira fala de Helena Greco, que termina aos 14 segundos. Talvez a edição tenha incluído também o primeiro trecho da leitura do texto do CBA/MG, que vai até os 46 segundos de rolo, embora essa primeira parte da leitura seja um plano longo (32 segundos) e possua um ritmo relativamente lento para integrar uma reportagem editada para a TV. Caso este trecho inicial do discurso tenha sido levado ao ar, nele há uma importante crítica à configuração política brasileira durante o regime militar, organizada de modo a anular qualquer forma de oposição. Na fala inicial de Helena Greco há referência ao 'terror' vivenciado pelos movimentos que lutavam contra a ditadura, quando ela cita os temas que seriam levados pelo CBA/MG e pelo MFPA/MG ao I Congresso Nacional pela Anistia. Embora a entrevista não explore o que seria esse 'terror', a menção à palavra e a inserção deste trecho da entrevista na reportagem editada não deixam de ser significativos. Também é curiosa a menção ao I Congresso Nacional pela Anistia, visto que, alguns dias depois, na edição do **Jornal do Brasil** de 04 de novembro de 1978, a publicação de uma "Nota da censura" do Departamento de Censura da Polícia Federal indicava que as emissoras de rádio e televisão estavam proibidas de divulgar ou comentar qualquer notícia referente ao I Congresso (GRECO, 2003, p. 91).

Os dois próximos rolos possuem data de 05 de janeiro de 1979 e a indicação NE (Não Editado) nos títulos e fichas catalográficas de ambos. O filme "Movimento feminino pela anistia – Avenida Afonso Pena – Pancadaria" tem 2 (duas) emendas de dux. No entanto, conforme será visto, as imagens são sequenciais e as transições existentes parecem ser resultado de cortes feitos durante a filmagem. Já no rolo "Movimento brasileiro p/ anistia" não há nenhuma emenda.

Gravado em 05 de janeiro de 1979, o filme "Movimento feminino pela anistia – Avenida Afonso Pena – Pancadaria" (NE) possui 1 minuto e 46 segundos de duração. A sinopse que consta na base de fichas é sucinta: "Bombas e repressão policial na avenida Afonso Pena". O rolo apresenta imagens feitas nesta avenida, na região da Praça Sete de Setembro, coração da cidade de Belo Horizonte. Não há entrevistas, passagens ou locução em *off* do repórter. Apenas som ambiente e imagens em planos curtos.

Procuramos mais informações sobre o assunto do filme. Na edição do dia 05 de janeiro de 1979, uma sexta-feira, o jornal **Estado de Minas** apresentou uma pequena matéria sobre a atividade que estava sendo organizada pelo CBA/MG e pelo MFPA/MG para aquele mesmo dia, às 18h, no centro de Belo Horizonte. O texto "Concentração na Praça Sete"¹⁸⁵ trouxe as seguintes informações:

Os núcleos mineiros do Comitê Brasileiro pela Anistia e do Movimento pela Anistia¹⁸⁶ promoverão às 18h, de hoje, na Praça Sete, uma concentração para marcar o encerramento da campanha de arrecadação de fundos para pagamento da taxa carcerária cobrada pelo governo uruguaio para libertar a brasileira Flávia Schilling¹⁸⁷.

Ontem os dois grupos divulgaram nota convocando a população para a concentração de hoje e, ao mesmo tempo, protestando contra a detenção de dois membros do CBA na véspera, quando participavam da campanha, no centro da cidade. Carlos Alberto Duarte e Dirlene Marques ficaram detidos entre 13 e 19 e 30 e foram identificados no Dops onde policiais afirmaram que sua detenção ocorreu porque "essa campanha está proibida".

Integrantes do CBA mineiro disseram que essa informação de que a campanha estava proibida "é inteiramente nova", porque até hoje (ontem) à tarde nenhum comunicado havia sido emitido pela Secretaria de Segurança do Estado sobre o assunto. A detenção dos dois participantes na quarta-feira, no entanto, deixou esses integrantes do CBA preocupados com o que poderá ocorrer na concentração de hoje à noite.

Na matéria impressa do dia 05 de janeiro fica claro o temor por parte do CBA/MG de que houvesse alguma ação de repressão da polícia ao evento marcado para o fim do dia, pela forma como a campanha de arrecadação de fundos vinha sendo tratada. No dia seguinte, o **Estado de Minas** apresenta nova reportagem sobre a manifestação, relatando os acontecimentos da véspera. A matéria "Polícia acaba com manifestação em BH"¹⁸⁸ trouxe o seguinte relato:

Duas pessoas feridas e pelo menos 10 prisões foi o saldo da concentração realizada ontem à tarde, na Praça 7, pela seção mineira do Movimento

¹⁸⁵ CONCENTRAÇÃO na Praça Sete. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 05 jan. 1979. p.5.

¹⁸⁶ Provavelmente por um erro na digitação ou na diagramação do jornal, a expressão "Feminino" (de Movimento Feminino pela Anistia) foi suprimida.

¹⁸⁷ Flávia Inês Schilling (Santa Cruz do Sul/RS, 1953 -) mudou-se aos 11 anos para Montevideu com sua família. Seu pai, o jornalista Paulo Schilling, assessor do ex-governador Leonel Brizola, asilou-se na capital uruguaia por ocasião do golpe militar de 1964. Em 1971, Flávia iniciou o curso de medicina. Tornou-se militante do grupo Tupamaro, um dos responsáveis pela Frente Ampla, que fazia oposição ao regime militar instaurado naquele país em 1972. Flávia foi presa em novembro de 1972, quando já estava na clandestinidade. Nos sete anos e meio em que ficou presa, passou por torturas e humilhações constantes. Em novembro de 1978, no I Congresso pela Anistia (realizado em São Paulo), foi lançada uma ampla campanha pela libertação de Flávia, que consistia na arrecadação de fundos para viabilizar sua soltura e retorno ao Brasil. A campanha teve a adesão de diversas entidades. Em 27 de março de 1980, a Comissão Executiva Nacional dos Movimentos de Anistia entregou um abaixo-assinado ao embaixador uruguaio em Brasília solicitando o retorno de Flávia ao país. Libertada com outros estrangeiros, Flávia chegou ao Brasil em 14 de abril de 1980. Graduiu-se em Pedagogia (1986) e desde 2001 é professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Ver FLAVIA.

¹⁸⁸ POLÍCIA acaba com manifestação em BH. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 06 jan. 1979. p.7.

Feminino pela Anistia. A concentração durou apenas 10 minutos, sendo dissolvida com bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral por cerca de 100 policiais do Dops e da Polícia Militar. Além de reivindicar anistia ampla e irrestrita para os banidos e exilados políticos, os manifestantes pretendiam encerrar a campanha de recolhimento de donativos para a brasileira Flávia Schilling, presa no Uruguai.

Tão logo um grupo de Hari Krisna [sic] deixou o quarteirão fechado da rua Rio de Janeiro, em frente à antiga Rex, os membros do Movimento Feminino pela Anistia, dirigido pela presidente d. Helena Greco ocuparam o local. Vários rapazes e moças começaram a distribuir panfletos e um outro grupo abriu duas faixas. Com um megafone, eles chamavam a atenção dos que passavam. Como era hora em que as lojas e escritórios começavam a fechar, a Praça 7 estava com um movimento muito grande. Dez carros do Dops e da Polícia Militar esperavam na praça desde as 17h30, e os policiais agiram com rapidez. Tomaram as faixas e o megafone, e prenderam quatro pessoas do grupo. Elas foram levadas para os carros estacionados na rua Tamoios, enquanto dezenas de pessoas gritavam "solta, solta". Foi então que as bombas começaram a explodir e formou-se o tumulto.

As pessoas corriam para todos os lados, gritando, e o estouro das bombas confundiam-se com o barulho dos carros, que congestionaram a avenida, apesar do esforço dos inspetores colocados no local. A praça ficou imediatamente coberta de fumaça branca e azul das bombas de gás lacrimogêneo.

(...) Por volta das 19h a situação foi-se acalmando e quase já não se ouvia mais explosões de bombas. Mas os policiais ficaram no local até depois das 20 horas.

A equipe de reportagem da TV Globo Minas parece ter chegado ao local quando a manifestação já havia sido dispersada, embora alguns personagens dos eventos ainda estivessem presentes.

O filme tem início com um plano fechado da calçada da avenida, onde há muitos panfletos espalhados. Um objeto é enquadrado pela câmera, mas a imagem está distante e não é possível identificar o que é. Há um grupo de pessoas na avenida ocupando uma das pistas de passagem de veículos. No plano seguinte, um casal passa rapidamente com duas crianças pela calçada e segue com o intuito de atravessar a via. Parecem assustados (Imagem 158). As crianças olham para trás, como se buscassem entender o que se passava.

No próximo plano, as cenas apresentam homens que vão aparecer em vários outros momentos até o fim da fita. Vestidos à paisana, todos mantêm uma bolsa à tiracolo. Andam rapidamente. Alguns carregam um bastão em uma das mãos, semelhante a um cassete (Imagem 159). Outros carregam diversos panfletos, que provavelmente estavam sendo distribuídos na manifestação realizada pelo Movimento Feminino pela Anistia. Estes homens não tentam impedir a gravação das imagens. Eles passam em frente à câmera apressados, mas movimentam-se de forma objetiva. Em entrevista realizada por mim no dia 11 de dezembro de 2018, Betinho Duarte identificou os homens com cassetetes e bolsas a tiracolo como agentes do DOPS.

Há vários cortes rápidos e ouve-se uma voz feminina fora de quadro que diz: "*O microfone 'tá' preso aqui!*". O repórter tenta desenrolar o microfone (Imagem 160), e, em seguida, se coloca na frente da câmera, como se quisesse gravar uma passagem. Mas um homem se aproxima e fala para os profissionais da TV "*Vem aí, vem aí!*" (Imagem 161), o que gera novo corte na imagem. A própria equipe de reportagem se mostra agitada com o clima tenso que permanece na avenida, apesar da manifestação já estar dispersa. Na próxima cena a câmera enquadra dois homens com bolsas a tiracolo e que andam apressados com cassetetes na mão (Imagem 162).

Algumas pessoas observam o desenrolar dos fatos à distância, posicionadas no canteiro central da avenida. Em um novo plano, os agentes à paisana aparecem próximos ao local onde a câmera está (Imagem 163). A cena seguinte mostra um carro de polícia estacionado nas imediações (Imagem 164). Um plano detalhe da mão direita de um dos homens com bolsa a tiracolo revela um artefato semelhante a uma bomba (Imagem 165). Há um momento de correria da população (Imagem 166) e um homem com óculos escuros observa a movimentação da rua e do alto dos prédios (Imagem 167). A câmera enquadra uma janela de onde um grupo de pessoas acompanha os fatos que se desenrolam na avenida. A fita acaba.

Embora seja curto e sem qualquer sonora, o filme torna-se um registro precioso ao documentar um momento de tensão causado pela repressão à atividade do MFPA no centro da capital mineira. No gesto das pessoas que passam correndo diante da câmera, percebe-se uma população assustada e acuada. Este sentimento também é verificado no homem que passa pela equipe da TV avisando disfarçadamente sobre a aproximação dos homens com cassetetes. Estes últimos agem de forma coordenada, recolhendo materiais e intimidando a continuidade da manifestação com sua presença e cassetetes em punho.

Ao longo de toda a fita observa-se cortes pouco sutis entre as cenas. Os planos curtos provavelmente são resultado de uma dinâmica apressada de registro das imagens. Há também gravações sonoras com comentários de bastidores por parte da equipe de reportagem, além de cenas de uma tentativa de preparação feita pelo repórter, características essas que confirmam que o material não foi editado.

Imagem 158 – Homens, mulheres e crianças passam assustados pela principal avenida do centro de Belo Horizonte



Imagem 159 – Homens com bolsas a tiracolo e cassetetes nas mãos circulam pelo centro dispersando a manifestação do MFPA



Imagem 160 – Repórter tenta desenrolar o microfone da Rede Globo durante movimentação na avenida. Na pressa, a câmera permanece ligada.



Imagem 161 – Homem se aproxima e fala para a equipe de reportagem "Vem aí, vem aí!"



Imagem 162 – Homens passam rapidamente com seus cassetetes. Um deles também segura panfletos



Imagem 163 – Os agentes à paisana se aglomeram próximo ao local onde a equipe de reportagem está



Imagem 164 – Carro de polícia estacionado nas imediações



Imagem 165 – Homem carrega artefato semelhante a uma bomba



Imagem 166 – Correria no centro de Belo Horizonte após dispersão de manifestação do MFPA



Imagem 167 – Homem identificado como agente do DOPS observa os andares superiores de um prédio no centro da capital mineira



Reportagem não exibida.

Fotogramas extraídos do filme "Movimento feminino pela anistia – Avenida Afonso Pena – Pancadaria" (05 de janeiro de 1979).

FONTE: Acervo MIS BH.

A reportagem "Movimento brasileiro p/ anistia" (NE), também do dia 05 de janeiro de 1979, está relacionada ao filme anterior, datado do mesmo dia. Com duração de 1 minuto e 16 segundos, é uma sonora na qual o presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia/Seção MG comenta sobre os eventos que se sucederam à manifestação do MFPA no centro de Belo Horizonte. Conforme sinopse catalogada pela Rede Globo Minas: "Entrevista com Alberto Duarte, presidente do movimento¹⁸⁹ que fala sobre as providências que vão tomar contra a ação policial que dissolveu a manifestação na Avenida Afonso Pena, prendendo pessoas, faixas e megafones".

Na pergunta inicial, o repórter questiona sobre quais providências serão tomadas pelo CBA em relação aos acontecimentos do dia anterior. Descobre-se nesta fala que embora os dois filmes tenham sido catalogados como sendo reportagens do dia 05 de janeiro de 1979, a sonora foi realizada no dia seguinte à dispersão da manifestação na Avenida Afonso Pena.

Betinho Duarte tem o olhar fixo para a câmera (Imagem 168), inclusive durante a formulação da pergunta pelo repórter. Ele responde olhando diretamente para as lentes, gesticulando com a mão direita durante toda a fala, que ganha tom de protesto.

O entrevistado é incisivo:

¹⁸⁹ Tanto a grafia do título do filme quanto o texto da sinopse erram ao nomear o grupo por 'Movimento' e não 'Comitê', que seria o correto.

Além da campanha de denúncias, nós vamos exigir a apuração da violência policial, desnecessária e arbitrária. Não havia nenhuma proibição para a campanha que nós estávamos realizando. Nenhuma proibição oficial. Houve uma violência desnecessária, arbitrária. Os policiais jogando bombas no povo rindo. Várias pessoas foram presas, feridas, inclusive jornalistas. O advogado dos presos foi expulso do DOPS. O presidente da OAB Minas Gerais¹⁹⁰ e o deputado federal Genival Tourinho¹⁹¹ foi [sic] proibido de entrar no DOPS. Inclusive alegaram que não tinham nenhum preso lá no DOPS quando três pessoas ainda estavam detidas. E vamos exigir também a devolução das nossas faixas, dos nossos megafones e do dinheiro que foi apreendido pela polícia.



Imagem 168 – Betinho Duarte, presidente do CBA/MG. O rolo inteiro possui o mesmo enquadramento apresentado neste fotograma.

Reportagem não exibida.

Fotograma extraído do filme "Movimento brasileiro p/ anistia" (05 de janeiro de 1979).
FONTE: Acervo MIS BH.

Ao finalizar a resposta, Betinho Duarte olha pela primeira vez para o repórter, de relance, como se confirmasse a conclusão de sua fala. O filme se encerra alguns segundos depois, sem cortes.

A denúncia revela alguns detalhes dos acontecimentos abordados pela reportagem anterior e ajuda a compreender melhor os eventos que envolveram a manifestação e a repressão ocorridas na Avenida Afonso Pena, no centro da capital mineira.

O filme "Movimento feminino pela anistia – Avenida Afonso Pena – Pancadaria" é um trabalho de cobertura factual realizado pela equipe de reportagem da TV Globo Minas. Quando ela chegou ao centro de Belo Horizonte, a concentração de manifestantes já havia sido dispersada. No entanto, ainda foi possível registrar a movimentação dos agentes do DOPS responsáveis pela repressão ao ato. A sonora do rolo "Movimento brasileiro p/ anistia" denunciando a ação do DOPS seria um complemento da matéria anterior.

¹⁹⁰ Neste trecho Betinho referia-se a Raymundo Cândido (1906-1991), advogado, professor, músico e escritor. Foi presidente da OAB/MG por dois mandatos (1975 a 1979). Ver HISTÓRIA DA OAB/MG.

¹⁹¹ Mário Genival Tourinho (Montes Claros/MG, 1933 -) foi deputado federal por Minas Gerais em dois mandatos consecutivos: de 1975 a 1979 e de 1979 a 1983, ambos pelo MDB. Ver GENIVAL.

No dia 1º de janeiro de 1979 entrava em vigor a Emenda Constitucional Nº 11¹⁹² com a revogação dos atos institucionais e complementares (AI-5 incluso). No entanto, por estes registros dos dias 5 e 6 de janeiro percebe-se que a vigilância permanecia. O direito de organização e expressão ainda não estavam garantidos. As reportagens não foram editadas (e conseqüentemente não foram exibidas) provavelmente porque abordavam questões muito sensíveis ao regime. A TV Globo Minas optou então por silenciar estes registros.

Com 2 minutos e 22 segundos de duração, o filme "Helena Greco – Prisões Estudantes" (JN) foi gravado em 15 de março de 1979. Conforme informações da sinopse produzida pela Rede Globo Minas à época da reportagem, o rolo se trata de uma "Entrevista com Helena, que fala das últimas prisões de estudantes em Belo Horizonte".

A fita é uma breve sonora feita com Dona Helena Greco na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (Imagem 169) em razão da presença da ativista ali para buscar informações sobre três jovens presos naquela semana na capital mineira.



Imagem 169 – Helena Greco em entrevista na Assembleia Legislativa de Minas Gerais

Plano do material editado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme "Helena Greco - Prisões Estudantes" (15 de março de 1979).

FONTE: Acervo MIS BH.

As filmagens foram feitas em um espaço aberto dentro da Assembleia. Há muito ruído ao fundo e o clima é de inquietação pela ausência de informações sobre os detidos. O filme tem início com a fala da presidente do MFPA/MG:

Nós tivemos como certa a prisão de três pessoas: o José Adão, o sócio dele lá da Aldeia Global que é aquela livraria, e a Fátima, Fátima... deixa eu dar o nome completo: Fátima Maria Vale de Oliveira. O sócio do Adão é o Bertelli. Estes teriam sido sequestrados. Agora depois que nós ficamos sabendo que além destes havia diversos outros que a gente não sabe quantos são.

¹⁹² BRASIL, 1978.

Esta primeira sonora, que termina aos 39 segundos, é provavelmente o trecho da entrevista que foi selecionado para ir ao ar. Há um pedaço de filme em branco. No próximo plano do rolo, a repórter (fora de quadro) pergunta:

R¹⁹³: *Dona Helena, estão sendo denunciadas prisões em Belo Horizonte. O que a senhora sabe sobre isso?*

A resposta a esta questão é provavelmente o trecho exibido anteriormente, selecionado pela edição. Em seguida, há a continuidade da fala de Helena Greco:

HG: [...] *entrar em contato com as autoridades chamadas competentes e não conseguimos... inclusive falar até com as pessoas... com subalternos, que mais ou menos nos informaram que essas pessoas que estavam presas, foram presas pela Polícia Federal... pela Federal né?!*

R: *Qual o motivo dessas prisões?*

Dona Helena mostra-se inquieta quando a repórter questiona a motivação das prisões, pois a falta de justificativa para a ação da polícia é exatamente o que estava causando aflição na presidente do MFPA, que assim responde:

HG: *Pois é, isso é o que... o que nós estamos mais preocupados com isso. Ninguém sabe por que, o porquê dessas prisões.*

R: *E como foi o sequestro Dona Helena?*

HG: *Ninguém sabe também. A gente sabe... o que sabe é que a Fátima foi vista pela última vez ontem pela manhã. E como ela não falha nos compromissos dela e ela não apareceu e nem telefonou como ficou combinado... porque ela tinha sido ameaçada na véspera, logo o compromisso que ela estava é... essa prisão foi confirmada tanto no DOPS, como na Polícia Federal.*

R: *Quais as providências que serão tomadas?*

HG: *Bom, isso depende dos esclarecimentos que nós vamos tentar obter agora.*

R: *A senhora está aqui por este motivo?*

HG: *Unicamente por este motivo. É lógico que eu não ia ficar aqui pra posse do presidente¹⁹⁴ né?!*

R: *A senhora está aqui na Assembleia e tentará falar com quem?*

HG: *Com o superintendente da Polícia Federal e com o secretário de segurança, por intermédio de parlamentares, de alguns parlamentares do MDB.*

O filme termina. Outra reportagem da Globo Minas feita no dia seguinte ("UFMG – Prisão de Estudantes", de 16 de março de 1979) traz mais desdobramentos sobre o caso, que resultou em manifestações pelo campus da Universidade Federal de

¹⁹³ Indicaremos como R a fala da repórter e HG as respostas dadas por Helena Greco durante a entrevista.

¹⁹⁴ No dia 15 de março de 1979 tomou posse na Assembleia Legislativa de Minas Gerais o governador Francelino Pereira (ARENA). No mesmo dia, em Brasília, tomou posse o presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo (ARENA). Ver FIGUEIREDO toma posse hoje às 10h. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 15 mar. 1979. Capa; e FRANCELINO assume hoje governo de Minas Gerais. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 15 mar. 1979. Capa.

Minas Gerais. Na ocasião, os estudantes realizaram assembleia na qual foram abordadas as tentativas de obter esclarecimentos quanto ao destino dos presos e o porquê das prisões. Na reunião informaram ainda que o pedido de habeas corpus havia sido encaminhado visando a liberação dos três presos conhecidos até aquele momento: José Adão, Bertelli e Fatinha (presidente do Diretório Acadêmico do Instituto de Ciências Biológicas). A reportagem do dia 16 de março e os desdobramentos das prisões serão analisados com maior detalhamento no capítulo sobre a cobertura do movimento estudantil em BH. No entanto, para melhor compreensão do contexto da reportagem aqui apresentada é válido trazer alguns dados sobre o caso. A ação da polícia que motivou a ida da presidente do MFPA/MG à Assembleia Legislativa foi a prisão de 8 (oito) pessoas em Belo Horizonte naquela semana, prisões estas que só foram esclarecidas após a pressão exercida pelos movimentos pela anistia e estudantes da capital mineira. A edição do jornal **Estado de Minas** do dia 17 de março de 1979 trouxe as seguintes informações sobre as prisões¹⁹⁵:

Segundo nota da Polícia Federal, "investigações realizadas nos últimos meses, nas áreas de Minas Gerais e Rio de Janeiro", provocaram a instauração de um inquérito policial "afim de apurar as atividades da organização subversiva clandestina MR-8 - Movimento Revolucionário 8 de outubro".

As investigações, segundo a Polícia Federal, "culminaram com as prisões de Maria de Fátima Oliveira (Fatinha), João Alberto Guerra, José Adão Pinto, Antônio Roberto Bertelli, Zilda Engrácia Gama Oliveira, Custódio Aleixo Mendes Maia e Nelson Chaves dos Santos¹⁹⁶". A nota omite o nome de Eustáquio Ferreira Fonseca, preso juntamente com Antônio Bertelli, por volta de 11h de quarta-feira, na Avenida Augusto de Lima, em frente ao Edifício Maleta. Destes, foram soltos João Alberto Guerra, farmacêutico; José Adão Pinto, Antônio Bertelli e Eustáquio Ferreira Fonseca, sócios da livraria Aldeia Global; e Custódio Aleixo Maia, médico.

No filme do Fundo Globo fica clara a tentativa da presidente do MFPA/MG em dar visibilidade aos 3 (três) presos dos quais se tinha conhecimento informando seus nomes durante a entrevista. A partir do momento em que os nomes dos detidos eram pronunciados em rede nacional (pois a matéria seria veiculada no JN), reforçava-se a responsabilidade do Estado pela integridade física daqueles que se encontravam sob sua

¹⁹⁵ A POLÍCIA Federal confirma a prisão do banido Nelson. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 17 mar. 1979. p.7.

¹⁹⁶ Nelson Chaves dos Santos (Paranaíba/MS, 1945 - São Paulo/SP, 2014) pertenceu à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Foi preso em 1969, indiciado por subversão e terrorismo. Em 1971, foi um dos 70 presos políticos trocados pelo embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, sequestrado por um comando da VPR chefiado por Carlos Lamarca. Retornou clandestinamente ao Brasil em 1975. Passou a atuar politicamente no Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Preso em março de 1979, foi solto em 30 de agosto de 1979, beneficiado pela 2ª Auditoria Militar com base da Lei da Anistia. Ver CASTRO, 2014; 70 SÃO, 2015-2017; PETRÓ, 2017.

custódia. No trecho selecionado para ir ao ar, também é válido observar o relato de Helena Greco de que os três jovens haviam sido 'sequestrados', em uma crítica à forma arbitrária como as prisões foram efetuadas.

Com 5 minutos e 50 segundos de duração, o filme "Anistia – Debate Faculdade de Direito" (JH), de 23 de março de 1979, tem início com um plano de conjunto da plateia em um auditório da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Quase todas as poltronas do espaço parecem ocupadas. O público é majoritariamente de jovens, possivelmente alunos da Faculdade. Ouve-se o discurso de um homem que está fora de quadro. A câmera mostra em detalhe o rosto de um jovem que está atento à palestra. A seguir há um plano de Vicentão¹⁹⁷ discursando (Imagem 170). O som gravado é ambiente, o que dificulta a compreensão de sua fala. É possível entender apenas a expressão final de seu discurso, quando ele diz "Abaixo a Ditadura!". Neste momento ouve-se muitos aplausos por parte do público presente no auditório. Na sequência há um plano da plateia aplaudindo (Imagem 171). Em seguida, em um espaço mais reservado mas ainda nas proximidades do auditório, há um plano do repórter Luiz Carlos¹⁹⁸ junto ao deputado José Eudes¹⁹⁹, do MDB do Rio de Janeiro (Imagem 172). A cena tem início já com a sonora do deputado. Enquanto ele fala, a câmera se aproxima em zoom até fechar o enquadramento em seu rosto: "*Não aceitar a ideia de uma anistia parcial. Colocar que existem milhões de brasileiros que precisam ser anistiados. Que a perspectiva da luta pela anistia deva ser uma perspectiva de luta popular*". Há um corte e novamente o plano enquadra repórter e entrevistado juntos. O jornalista pergunta sobre o processo de abertura política e uma possível divisão do MDB.

¹⁹⁷ Vicente Gonçalves (1931-2016) nasceu no interior de Minas Gerais. Mudou-se para BH ainda criança. Desde a juventude, militou pela constituição das Unidades de Defesa Coletiva da favela e pela fundação da Federação dos Trabalhadores Favelados. Integrou o Partido Comunista. Teve destaque na luta por moradias. Também militou contra a ditadura e participou da greve da construção civil na década de 1970. Ver OLIVEIRA, 2014. Vicentão foi identificado por Betinho Duarte em entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 11 de dezembro de 2018.

¹⁹⁸ O repórter foi identificado por Eduardo Simbalista em entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 06 de fevereiro de 2019.

¹⁹⁹ Em 1966, quando cursava o segundo grau no Colégio Estadual de Pernambuco, José Eudes Freitas (Parnamirim/PE, 1946 -) ingressou na Ação Popular (AP), organização política clandestina. Foi presidente da Associação Recifense de Estudantes Secundaristas (ARES) e dirigente da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES). Com a edição do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 13 de dezembro de 1968, foi expulso do colégio e passou a atuar na clandestinidade. Concluiu os estudos básicos no Rio. Diplomou-se em Direito pela Faculdade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, em 1977. Em novembro de 1978 elegeram-se deputado estadual, na legenda do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), agremiação de oposição ao regime militar. Com a extinção do bipartidarismo, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), conquistando a cadeira de deputado federal pelo Estado do Rio, nas eleições de novembro de 1982. Ver EUDES, 2009.

R²⁰⁰: *Deputado, muitos acreditam que o retorno do Brizola²⁰¹ viria impedir esse processo de abertura política e inclusive dividir o MDB. E a opinião do senhor qual é?*

DJE: *Essa... isso é uma balela. Eu acho que o Brizola viria junto somar forças conosco. Tanto ele quanto Arraes²⁰², quanto Prestes²⁰³, quanto todos os brasileiros que estão no exterior. Nós devemos exigir sim, do ponto de vista da manutenção do MDB, a ampla liberdade de organização partidária.*

A liberdade de organização partidária à qual se referia o deputado seria concretizada na Lei de Reforma Partidária, aprovada em novembro daquele ano. A Lei

correspondia ao projeto estratégico do governo de partir a oposição em muitas facções e manter o partido oficial unido. (...) Nos cálculos do governo, as principais lideranças do exílio, Brizola e Arraes, organizariam seus próprios partidos, dividindo a esquerda considerada "perigosa". (...) As oposições efetivamente se dividiram, enquanto a Arena permaneceu unida. Nisto o governo acertou sua previsão (NAPOLITANO, 2014, p. 299-300).

A fala de Eudes aqui transcrita vai até 1 minuto e 15 segundos de filme, momento em que parece terminar a reportagem editada. A partir deste ponto, o rolo é

²⁰⁰ Indicaremos como R a fala do repórter e DJE a resposta dada pelo deputado José Eudes durante a entrevista.

²⁰¹ Leonel de Moura Brizola (Passo Fundo/RS, 1922 - Rio de Janeiro/RJ, 2004) elegeu-se deputado estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em 1947. Graduou-se em engenharia pela Universidade do Rio Grande do Sul em 1949. Reelegeu-se deputado em 1950. Em 1954 foi eleito deputado federal, e em 1955, prefeito de Porto Alegre. Em 1958 foi eleito governador do Rio Grande do Sul. Em 1962, elegeu-se deputado federal pela Guanabara. Pouco depois do golpe de 1964 teve seu mandato cassado. Exilou-se no Uruguai, onde permaneceu até 1977. Em 1978 foi para Lisboa, retornando ao Brasil em 1979, após a decretação da Anistia. Em 1980 participou da criação do Partido Democrático Trabalhista (PDT), pelo qual se elegeu governador do Rio de Janeiro em 1982. Em 1989, candidatou-se à presidência da República pelo PDT, ficando em terceiro lugar. Reelegeu-se governador no Rio de Janeiro em 1990. Em 1994, candidatou-se novamente à presidência da República, ficando em quinto lugar. Ver LEONEL, 2020.

²⁰² Miguel Arrais de Alencar (Araripe/CE, 1916 - Recife/PE, 2005) bacharelou-se em Direito na Faculdade de Direito de Recife em 1937. Em 1954 elegeu-se deputado estadual em Pernambuco pelo Partido Social Trabalhista (PST). Pelo mesmo partido foi eleito prefeito do Recife em 1959 e governador de Pernambuco em 1962. Após o golpe de 1964, negou-se a renunciar ao governo. Em 1º de abril foi preso e deposto. Teve seus direitos políticos cassados. Graças a um *habeas corpus*, foi libertado em 21 de abril de 1965. Exilou-se em seguida na Argélia. Anistiado, retornou ao Brasil em 15 de setembro de 1979. Elegeu-se deputado federal em 1982, pelo PMDB, e governador de Pernambuco em 1986, pelo mesmo partido. Em 1990 elegeu-se deputado federal pelo Partido Socialista Brasileiro. Em 1994, é eleito governador pelo PSB. Em 2002, em sua última campanha, elegeu-se deputado federal pela terceira vez. Ver ARRAIS, 2009.

²⁰³ Luís Carlos Prestes (Porto Alegre/RS, 1898 - Rio de Janeiro/RJ, 1990) liderou a Coluna Prestes, movimento político-militar que percorreu treze estados brasileiros entre 1924 e 1927 com o objetivo de derrubar o governo federal. Seguiu para a Bolívia e posteriormente para a Argentina, onde estudou o marxismo e aderiu ao socialismo. Em 1931 foi para a União Soviética onde trabalhou como engenheiro. Em 1934 passou a integrar o PCB (Partido Comunista Brasileiro). Em dezembro deste mesmo ano, voltou ao Brasil com a esposa Olga Benário. Tinha o objetivo de liderar uma revolução armada no país visando a derrubada do governo de Getúlio Vargas. Prestes e Olga foram presos em março de 1936. Entregue ao regime nazista na Alemanha, Olga morreu em um campo de concentração. Em 1943, ainda preso, Prestes foi eleito secretário-geral do PCB. Seria liberto em 1945, com o fim da ditadura Vargas. No mesmo ano elegeu-se senador pelo Distrito Federal. Foi cassado em 1947, quando o PCB foi jogado mais uma vez na ilegalidade. Apoiou a eleição de Juscelino Kubitschek e o governo de João Goulart. Com o golpe de 1964, voltou à clandestinidade, até deixar o país em 1971, exilando-se na União Soviética. Retornou ao Brasil em 1979, após a promulgação da Lei da Anistia. Ver LUÍS, 2020.

composto possivelmente por sobras de imagens que não foram ao ar. Na sequência há um plano do público aplaudindo (provavelmente uma continuação da cena de aplausos exibida anteriormente), e o plano detalhe do jovem que ouve atento o discurso no auditório. A seguir, há mais um trecho da entrevista com o deputado José Eudes, na qual ele defende que o projeto de anistia apresentado pelo MDB seja um reflexo da luta dos CBAs e MFPA's espalhados pelo país. Assim que ouve uma voz masculina fora de quadro dizer "gravando", o repórter dá início à sua pergunta:

R²⁰⁴: *Deputado, que análise o senhor faria hoje da luta em prol... pela anistia e qual a expectativa do senhor quanto ao projeto do MDB?*

DJE: *Eu faço a análise de que nós devemos lutar pela anistia ampla, geral e irrestrita. [...]*²⁰⁵ *Se nós parlamentares devamos apresentar um projeto na câmara federal, devamos apresentar guardando o espaço político de intervenção dos comitês brasileiros pela anistia, dos movimentos femininos pela anistia, de quem luta pela anistia ampla, geral e irrestrita, com respeito a que essa luta tenha realmente uma ressonância e uma força política capaz de conquistar espaços mais amplos, pra que os trabalhadores, pra que o povo, pra que os intelectuais de uma forma geral possam se expressar livremente, possam se organizar livremente, e que essa anistia seja um produto concreto de ganhos pra o avanço da luta populares [sic]. [...] E cada brasileiro possa se constituir livremente no partido que ele quiser fazer. Essa perspectiva é importante porque eu acho que o Brizola é um combatente nosso na luta contra o regime e tanto ele, quanto outros brasileiros, quanto outros trabalhadores, outros intelectuais que estejam no exterior devam vir imediatamente com a conquista da anistia ampla, geral e irrestrita pra somar forças conosco na luta por liberdades democráticas.*

A entrevista tem sequência com o deputado José Eudes comentando a reestruturação do Partido Trabalhista Brasileiro, a criação do Partido dos Trabalhadores, a sua defesa de uma ampla liberdade de organização partidária e de eleições livres. O trecho com o restante da entrevista com o deputado termina aos 5 minutos e 21 segundos de rolo. A partir daí são exibidas cenas de gravações que não aparecem na reportagem editada. Um plano mostra uma mesa com os debatedores presentes no evento (Imagem 173). Em pé ao lado da mesa está o estudante de medicina da UFMG Eduardo da Motta e Albuquerque²⁰⁶, e sentados estão Betinho Duarte, presidente do

²⁰⁴Indicaremos como R a fala do repórter e DJE a resposta dada pelo deputado José Eudes durante a entrevista.

²⁰⁵ Indicamos com colchetes os momentos em que há cortes durante a gravação da entrevista.

²⁰⁶ Eduardo da Motta e Albuquerque (Distrito Federal, 1955 -) iniciou os estudos universitários pelo curso de Medicina da UFMG (1974-1979). Foi diretor do DA Medicina/UFMG (1976-1977), presidente do DA Medicina/UFMG (1977-1978) e membro da diretoria colegiada do DCE-UFMG (1978-1979). Representou o DCE-UFMG na diretoria provisória da UNE de maio a outubro de 1979 (na gestão entre o Congresso de Refundação da UNE em Salvador e as eleições diretas para a nova diretoria). Graduiu-se em Economia pelo Centro Universitário Newton Paiva (1992). Fez mestrado em Economia pela UFMG (1995) e doutorado em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998). Desde 1998 é professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Informações concedidas por Eduardo da Motta e Albuquerque por e-mail em 23 de janeiro de 2019. Ver EDUARDO, 2018. Eduardo foi

CBA/MG e um homem não identificado. O estudante tem o microfone à mão e discursa para a plateia, que está fora de quadro. O som gravado é ambiente e não é possível identificar o que é dito no discurso. Pouco antes do fim do filme, o deputado José Eudes se aproxima para tomar lugar à mesa. A fita acaba.

Imagem 170 - Vicentão discursa no auditório da Faculdade de Direito



Imagem 171 - Público aplaude palestrante durante evento sobre a anistia



Planos do material editado para a reportagem.

Imagem 172 - Repórter Luiz Carlos entrevista o deputado José Eudes (MDB/RJ)



Plano do material editado para a reportagem.

Imagem 173 - Integrantes da mesa que compõe o evento na Faculdade de Direito



Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Anistia – Debate Faculdade de Direito" (23 de março de 1979) – JH
 FONTE: Acervo MIS BH.

No trecho editado desta reportagem, ao final da fala de Vicentão, ainda que de forma muito abafada, é possível ouvir a expressão 'Abaixo a Ditadura!'. O fato deste áudio constar no material selecionado para ir ao ar é muito significativo, visto que por um tempo houve a orientação de que a palavra 'ditadura' não fosse utilizada no jornalismo da TV Globo²⁰⁷ (e em outros veículos da imprensa também).

identificado por Betinho Duarte em entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 11 de dezembro de 2018.

²⁰⁷ Essa orientação foi confirmada por Vilma Fazito em entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 05 de outubro de 2018.

Na matéria editada fica muito evidente o clima de expectativa em torno do processo de anistia e das novas perspectivas no cenário político que a abertura poderia trazer.

De acordo com a sinopse cadastrada, o filme "Teatro – Revista do Henfil – Homenagem Mov. Fem. Anistia" (JH) apresenta "Cenas da faixa pedindo anistia, homenagem do elenco a dona Helena Greco. Entrevista com Ruth Escobar²⁰⁸". A data da reportagem é 02 de abril de 1979.

A peça teatral "Revista do Henfil"²⁰⁹ (de Henfil e Oswaldo Mendes, com direção de Ademar Guerra) estreou em 1978 com Ruth Escobar e Sérgio Roperto no elenco. Em abril de 1979 a peça foi apresentada em Belo Horizonte. O filme aqui analisado traz registros do momento em que o elenco da peça homenageia Helena Greco por sua importância na luta pela anistia.

Com 2 minutos e 11 segundos de duração, a fita tem início com imagens do palco no momento da homenagem. Neste espaço, pessoas carregam uma faixa com os dizeres "Anistia Ampla, Geral e Irrestrita" (Imagem 174). Ouve-se palmas vindas da plateia. A atriz Ruth Escobar está ao microfone. Dois homens e a atriz se aproximam da borda do palco e se agacham para ajudar uma pessoa da plateia a subir. É Helena Greco.

O plano seguinte mostra a plateia aplaudindo de pé a homenageada. Enquanto aplaudem, gritam repetidamente: "*Anistia! Anistia! Anistia!*" (Imagem 175). A câmera faz uma panorâmica para a esquerda percorrendo a plateia até chegar ao palco. Neste espaço, somam-se ao coro a atriz Ruth Escobar e Helena Greco (Imagem 176).

A seguir, o repórter Alencar Abujanra entrevista Ruth Escobar (Imagem 177), perguntando se a homenagem já estava prevista ou fora algo repentino, no que a atriz responde: "*Não... Foi uma coisa espontânea, inclusive os companheiros nos ajudaram*

²⁰⁸ A atriz e produtora cultural Ruth Escobar (Maria Ruth dos Santos Escobar - Campanhã/Porto/Portugal, 1935 - São Paulo/SP/Brasil, 2017) teve atuação destacada no período da ditadura militar na área teatral e também na luta pela anistia. O teatro que leva seu nome na cidade de São Paulo foi importante espaço de resistência no período. A atriz participou do I Congresso Nacional pela Anistia (São Paulo, novembro de 1978) e da Conferência Internacional pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita e pelas Liberdades Democráticas no Brasil em Roma, de 28 de junho a 1º de julho de 1979. Foi deputada estadual por duas vezes (1983/1987 e 1987/1991), pelo PMDB e PDT. Ver RUTH(a); RUTH(b).

²⁰⁹ "Em 1978, a convite de Ruth Escobar, (Ademar Guerra) encena *A Revista do Henfil*, adaptação de Oswaldo Mendes das historietas criadas pelo cartunista Henfil (1944-1988). O objetivo da montagem é fazer barulho em torno do movimento da anistia aos presos políticos e exilados, na tentativa de acelerar a distensão lenta e gradual implantada pelo governo Geisel. Temas como a fome, a miséria e a violência são abordados através de um enfoque bem-humorado, fiel à linguagem dos quadrinhos do criador da Graúna. Ademar alcança novo êxito de público e crítica num momento em que a sátira política encontra as primeiras condições de ser novamente exercida" (ADEMAR, 2015).

muito aqui. Mas eu acho que ela ter levado sozinha esta luta, em cima de sacrifícios pessoais, e que ela é uma mulher da qual o estado de Minas deve se orgulhar".

Imagem 174 – Faixa com os dizeres "Anistia Ampla, Geral e Irrestrita" é levantada durante homenagem a Helena Greco em BH



Imagem 175 – Plateia da peça "Revista do Henfil" aplaude a homenageada e grita por "Anistia!"



Imagem 176 – Helena Greco e Ruth Escobar se unem ao coro da plateia



Imagem 177 – Ruth Escobar fala sobre a homenagem à ativista mineira



Planos do material editado para a reportagem.
Fotogramas extraídos do filme "Teatro – Revista do Henfil –
Homenagem Mov. Fem. Anistia – JH" (02 de abril de 1979).
FONTE: Acervo MIS BH.

A fala da atriz reforça o nome de Helena Greco como referência na luta pela anistia em Minas Gerais. A sonora de Ruth Escobar se encerra aos 45 segundos de filme, fechando o que acreditamos ser a matéria editada. A seguir, há um breve trecho de filme em branco (5 segundos) e na sequência têm início cenas que provavelmente ficaram apenas para arquivo.

O primeiro plano das sobras da reportagem mostra de frente a faixa que foi aberta no palco. Há um corte e a próxima sequência apresenta um plano geral do público que entre aplausos grita em coro "*Anistia! Anistia! Anistia!*". Mais ao canto e ao fundo da plateia, algumas pessoas aplaudem sentadas, enquanto outras permanecem sentadas sem se manifestar, nem com palmas, nem com palavras (Imagem 178).

A cena seguinte mostra o que seriam os primeiros instantes da homenagem. No palco, Ruth Escobar tece algumas palavras antes de chamar a homenageada: "*Uma mulher de lutas. Uma companheira de lutas. Uma senhora. Helena Greco*".

No próximo plano, Helena Greco já está no palco ao lado da atriz. As duas se abraçam. Ruth Escobar continua o discurso: "*Esta mulher, de quem eu me orgulho de ser amiga, conseguiu trazer para a batalha do cotidiano, a luta pela anistia, que é a única luta que vai devolver ao povo brasileiro, as liberdades democráticas. E eu quero ainda fazer um apelo a vocês (...)*". A gravação da fala é interrompida. O plano seguinte mostra as duas em um forte e fraterno abraço. Helena Greco parece fazer um agradecimento a Ruth Escobar pela homenagem, mas fora do microfone. A presidente do Movimento Feminino pela Anistia (Seção MG) está lisonjeada, mas mostra timidez com a atenção sobre ela. Pouco depois disso, alguns homens se aproximam e ajudam Dona Helena (à época com 62 anos) a descer do palco para a plateia. A seguir, há mais um trecho da sonora com Ruth Escobar e o filme acaba.



Imagem 178 – Alguns membros da plateia não se manifestam durante a homenagem²¹⁰.

Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme "Teatro – Revista do Henfil – Homenagem Mov. Fem. Anistia – JH" (02 de abril de 1979).

FONTE: Acervo MIS BH.

Algumas pessoas da plateia preferem não se manifestar durante o evento, talvez por não estarem de acordo com o tributo, ou mesmo por algum receio em virtude da presença da câmera da TV. De qualquer forma, a homenagem feita pelos integrantes da peça "Revista do Henfil" mostra o respaldo e reconhecimento da atuação de Helena Greco não somente no estado de Minas, mas em todo o país. No trecho editado da reportagem, pelo ângulo da câmera, a faixa que é aberta no palco com a frase "Anistia Ampla, Geral e Irrestrita" não fica tão nítida. Com isso, o momento mais significativo da matéria editada é a cena em que o público está de pé batendo palmas e gritando por

²¹⁰ A imagem em questão foi extraída do filme já digitalizado, razão pela qual não está tão nítida.

anistia. Mostrar essa manifestação coletiva do desejo pela anistia dá um caráter especial para esta cobertura sobre a passagem da "Revista do Henfil" por Belo Horizonte.

Entre as reportagens da Rede Globo Minas presentes no Museu da Imagem e do Som de BH foi localizado um registro da volta de exilados desembarcando na capital mineira. O filme "Exilados Mineiros – Retorno" (JS)²¹¹ é de 04 abril de 1979, alguns meses antes da promulgação da Lei da Anistia. Embora o movimento de volta ao país tenha se intensificado após agosto, no primeiro semestre de 1979 vários retornos aconteceram, e os CBAs e MFPA's aproveitaram a ocasião para atuarem politicamente e garantirem a visibilidade e proteção aos ex-exilados, como aponta Heloisa Greco:

Os retornados são recebidos com alarde pelos movimentos de anistia que garantem amplas comissões de recepção e a devida mobilização da imprensa, condições imprescindíveis para a garantia da integridade física dos companheiros exilados e clandestinos – também estes começam a emergir do terrível exílio na própria terra a que foram submetidos (2003, p. 220).

A sinopse elaborada pela Globo Minas traz poucos dados, mas informa o nome daqueles que estão retornando ao país: "Exilados Mineiros. Desembarque na Pampulha. Sinopse: Cenas da chegada de Lúcia Marli de Oliveira e Evandro Afonso Nascimento²¹², que desembarcaram no aeroporto da Pampulha. Entrevista".

O jornal **Estado de Minas** do dia 04 de abril de 1979²¹³, uma quarta-feira, publicou matéria abordando o retorno dos exilados mineiros. A reportagem do impresso trouxe as seguintes informações:

²¹¹ Jornal das Sete.

²¹² Evandro Afonso Nascimento criou um blog no qual realizou publicações entre os anos de 2008 e 2010. Em janeiro de 2009 lançou o livro "Lembranças do Exílio" e em 2010 lançou a 2ª edição, revista e ampliada para "Lembranças da Luta Armada e do Exílio". No dia 09 de julho de 2010 publica o último texto do blog, no qual fala um pouco de si, na terceira pessoa: "Evandro Afonso do Nascimento nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, em 1948. Ingressou no curso de Engenharia Química da UFMG em 1968 e logo se envolveu com o movimento estudantil (foi presidente do Diretório Central dos Estudantes) e com organizações de luta armada. Perseguido pelos militares, teve que sair do país. Refugiou-se no Chile em julho de 1970. Terminou os estudos de Engenharia Química em 1972, mesmo ano em que se casou com Nízia Maria Alvarenga, de Perdões, MG. Depois de formado, foi contratado pela antiga Universidad Técnica del Estado (atual Universidad de Santiago). Teve oportunidade de acompanhar de perto todo o governo da Unidad Popular até o golpe do general Pinochet (4/11/1970 a 11/9/1973). Depois do golpe, ficou duas semanas à disposição da resistência chilena até se refugiar na embaixada do Panamá. Devido ao stress do golpe de estado, Nízia, grávida, perdeu o primeiro filho. Depois de cinco meses de exílio no Panamá, Evandro dirigiu-se à República Democrática Alemã (RDA). Na RDA conheceu as bondades e maldades do socialismo real. Trabalhou na produção, começou o doutorado e, principalmente, viveu o dia a dia do povo alemão oriental. Teve que interromper o doutorado e foi para Portugal em agosto de 1976. Um mês depois seguiu para a Costa Rica. Nesse país trabalhou um ano e meio em uma indústria americana do setor de alimentos (Baltimore Spice Company de Centro-América Ltda.), e, depois, na Universidad Autónoma de Heredia, como professor visitante. Voltou ao Brasil em abril de 1979, ano da anistia política" (BLOG, 2010).

²¹³ BANIDOS mineiros retornam. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 04 abr. 1979. p.8.

O mineiro Irani Campos, banido em troca do embaixador suíço Giovanni Bucher em 1971, chega amanhã ao Rio, às 19h, vindo de Lisboa. Hoje, às 7h50m, Lúcia Marly de Oliveira, nascida em Montes Claros, que desde 1973 vivia fora do Brasil, desembarca no Aeroporto do Galeão. Lúcia é a quarta exilada mineira que volta ao País e a primeira a fazê-lo com passaporte. Ela será recebida no Rio pela seção local do Comitê Brasileiro de Anistia, por representantes do CBA/MG e pelo advogado Geraldo Magela de Almeida, contratado pelo pai da moça, Lívio Perez de Oliveira, para cuidar de sua situação jurídica.

Com 5 minutos e 57 segundos de duração, o filme da TV Globo Minas tem início com imagens da pista do Aeroporto da Pampulha onde pessoas caminham e passageiros descem de um avião que acaba de chegar. No grupo que aparece em primeiro plano está Lúcia Marly de Oliveira²¹⁴, uma das ex-exiladas em retorno ao país. A seguir, passageiros saem pelo portão de desembarque. Lúcia está entre eles. No próximo plano, com duração de 41 segundos, ela é abraçada por várias pessoas que a recebem com flores (Imagem 179). Há som ambiente.

A seguir é apresentada uma sonora com o ex-exilado Evandro Afonso Nascimento (Imagem 180), que embora não tenha sido mencionado na matéria do **Estado de Minas**, também estava retornando a Belo Horizonte naquela data:

EN²¹⁵: *Eu... não tinha nenhum sentido eu estar... ter sido... acontecido isso que aconteceu comigo porque minha pena está prescrita. Quinze dias atrás foi prescrita. Teve um problema... um probleminha... os problemas que apareceram lá foi porque o pessoal do Rio de Janeiro não tinha ainda recebido a certidão negativa. Mas tão logo o Teles, que é meu advogado, entregou essa certidão, eles me liberaram e eu tenho que prestar um depoimento daqui a uns cinco dias.*

R: *E você foi acusado de quê na época?*

EN: *Na época me acusaram, sem ter nenhuma oportunidade de comprovar, que eu era membro de uma organização VAR-Palmares. Coisa que eu não era naquela época.*

R: *E agora, como é que você vê a situação política no Brasil?*

EN: *Estou chegando, não posso opinar sobre isso.*

Evandro sorri sem graça. A repórter afasta lentamente o microfone do entrevistado, como se ainda esperasse que ele se manifestasse sobre a última questão

²¹⁴ Lucia Marly de Oliveira Abreu iniciou o curso de Sociologia na UFMG, mas teve a graduação interrompida em 1968. Foi militante da Polop (Organização Revolucionária Marxista - Política Operária) e da Colina (Comando de Libertação Nacional). Viveu clandestinamente no Rio de Janeiro de 1969 a 1973. Passou pelo exílio no Chile, no Panamá e na França, onde terminou sua graduação em Sociologia em 1974. De volta ao Brasil em 1979, viveu em São Paulo, onde participou da fundação do PT e da CUT (Central Única dos Trabalhadores). Em 2008 foi Gerente de Coordenação da Secretaria Municipal de Políticas Sociais para o Programa de Emprego e Qualificação de Belo Horizonte. Conforme publicação no Diário Oficial da União do dia 25 de agosto de 2010, Lucia Marly De Oliveira, declarada anistiada política, teve concedida a reparação econômica indenizatória pelo período compreendido entre 1º de janeiro de 1969 e 28 de agosto de 1979. No ano de 2011, integrou o Conselho Deliberativo da Associação dos Amigos do Memorial da Anistia em BH. Ver BELO, 2008; CHACEL, 2012; GABINETE, 2010.

²¹⁵ Indicaremos como R a fala da repórter e EN as respostas dadas por Evandro Nascimento durante a entrevista.

colocada. Diante do silêncio dele, ouve-se apenas a jornalista dizer fora de quadro: "*Tá bom, obrigada*".

A ação de se esquivar da pergunta da jornalista revela um gesto claro de medo do ex-exilado diante das possíveis retaliações que poderia sofrer ao se manifestar publicamente, mesmo naquele momento em que o país caminhava para uma abertura política.

Após a sonora com Evandro, a fita volta a exibir imagens do reencontro da ex-exilada Lúcia Marly de Oliveira com seus amigos e familiares. Ela é cumprimentada por Helena Greco (Imagem 181) que foi ao aeroporto para acompanhar o retorno dos ex-exilados junto a membros do CBA. Esta primeira parte, que corresponde à reportagem editada, termina em 1 minuto e 55 segundos de rolo.

Na sequência, há um trecho de 10 segundos de filme em branco. A seguir, na primeira parte de uma entrevista com Lúcia (Imagem 182), percebe-se um contraste com a resposta anterior de Evandro. Ela diz:

Nós acompanhamos muito bem o que que passa no país. Éhhhhh... nós lemos todos os jornais possíveis. E... nós acompanhamos bem o Brasil e estamos sempre esperando o dia de poder voltar assim como tem outros lá e todos eles querem voltar pro Brasil.

Em seguida o filme volta para a entrevista com Evandro Afonso do Nascimento: "*Finalmente depois de nove anos posso voltar, né?! Porque tô sentindo muito feliz de estar com todos os meus familiares [inaudível]*". Na sequência é exibida uma imagem de Evandro caminhando pela pista do aeroporto. Ele acena para pessoas que estão próximas ao local onde se encontra a equipe da TV.

Imagem 179 – Lúcia é recepcionada por amigos e familiares no aeroporto da Pampulha em BH



Imagem 180 – Evandro Afonso Nascimento durante entrevista à TV Globo



Planos do material editado para a reportagem.

Imagem 181 – Lúcia é cumprimentada pela presidente do MFPA/MG



Plano do material editado para a reportagem.

Imagem 182 – A ex-exilada conversa com a equipe de reportagem



Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Exilados Mineiros – Retorno" (04 de abril de 1979).

FONTE: Acervo MIS BH.

Então são exibidas cenas entrecortadas de Lúcia e Evandro sendo abraçados por amigos e familiares. Evandro recebe também o cumprimento de Betinho Duarte (Imagem 183), então presidente da seção mineira do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA/MG).

Após esta sequência de cenas curtas, há um novo trecho da sonora com Lúcia. Não é possível entender o início da fala da ex-exilada, pois ela parecia conversar com outras pessoas quando a repórter Vilma Fazito da TV Globo se aproxima com seu microfone.

Nós podemos voltar a fazer o trabalho. No Rio teve uma senhora [inaudível] Anistia, que esteve na recepção, que foi me receber. Foi extremamente importante a presença dela e facilitou bastante a minha liberalização rápida.

"Dona Iramaya?" – pergunta um integrante do CBA/MG que está fora de quadro, com quem Lúcia mantinha uma conversa antes da chegada da repórter. Ele queria assim confirmar a identidade da pessoa que havia ajudado Lúcia.

LM²¹⁶: *Dona Iramaya*²¹⁷, exatamente. E enfim eu consegui. Eu vou fazer só uma deposição no dia 10. E não fui interrogada hoje. Fui liberada.
R: *Sua pena está prescrita Marly?*

A entrevistada hesita antes de começar a responder.

LM: *Sim. Sim, ela tá... formalmente prescrita.*

²¹⁶ Indicaremos como R a fala da repórter e LM as respostas dadas por Lúcia Marly de Oliveira durante a entrevista.

²¹⁷ Iramaya de Queiroz Benjamin (1923-2012) foi uma das fundadoras do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA) em 1978 no Rio de Janeiro. Cid e Leo Benjamin, filhos de Iramaya, foram presos, torturados e exilados durante a ditadura militar. Ver NOTA, 2012.

A entrevistada dá um sorriso tímido. O uso da expressão 'formalmente' indica o motivo da hesitação da ex-exilada ao responder. Embora oficialmente ela tivesse sido liberada para voltar e retomar sua vida no Brasil, Lúcia provavelmente temia que de alguma forma ainda pudesse sofrer perseguições.

R: *Como é que você se sentiu esse tempo todo longe do Brasil?*

LM: *É difícil dizer isso rapidamente, né?! Bom, a gente sente sempre que é brasileiro. Tá aqui...*

Há um corte na resposta da entrevistada e em seguida a fita já exhibe a próxima pergunta:

R: *Encontrou uma situação bem melhor?*

LM: *Sim, que todo mundo realmente possa voltar o mais rápido possível. É isso que eu tenho pra...*

A fala de Lúcia é interrompida por uma senhora que a abraça por trás e que parece um pouco ansiosa: "*Gente, agora vamos embora*". A senhora diz e olha para a repórter e para a câmera. Em seguida, faz um movimento de conduzir a entrevistada (Imagem 184), indicando o desejo de que deixassem Lúcia retomar o caminho para casa. A ex-exilada sorri e a entrevista é finalizada. Na cena seguinte, Lúcia e seus familiares se despedem de algumas pessoas que estavam no saguão do aeroporto e se dirigem para a saída do local.

Na sequência, aparecem mais imagens do instante em que Evandro desce as escadas do avião, que seriam na verdade os primeiros momentos dele em solo mineiro (Imagem 185). A seguir, no portão de desembarque, ele é recebido por algumas mulheres, sendo que uma está com uma criança de colo, e também um senhor.

Aos 5 minutos e 47 segundos, pouco antes do final da fita, vemos Evandro ser abraçado por Helena Greco (Imagem 186). Embora estivessem presentes no aeroporto integrantes do Movimento Feminino pela Anistia e do Comitê Brasileiro pela Anistia, não há nenhuma sonora com eles ao longo do rolo.

Na última cena do filme, a repórter pergunta para o ex-exilado: "*Evandro, como é que você está se sentindo aqui agora no Brasil, sua terra?*". Logo após a questão, a fita acaba.

Imagem 183 – Evandro é cumprimentado por Betinho Duarte, presidente do CBA/MG



Imagem 184 – Familiar de Lúcia Marly pede para a equipe da TV encerrar a entrevista



Imagem 185 – Evandro segundos antes de pisar em solo mineiro após 9 anos de exílio



Imagem 186 – Evandro Afonso Nascimento é abraçado por Helena Greco



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Exilados Mineiros – Retorno" (04 de abril de 1979).
FONTE: Acervo MIS BH.

A reportagem finalizada mostra os ex-exilados chegando ao Aeroporto da Pampulha em Belo Horizonte e sendo recebidos por seus familiares e amigos. São essas as imagens que compõem a maior parte do total de 1 minuto e 55 segundos de matéria editada. Na única sonora que integra este trecho do rolo, a citação da organização VAR-Palmares é o momento de maior exposição sobre uma das causas do exílio. A repórter Vilma Fazito até tenta explorar a visão de Evandro Nascimento sobre a situação política do Brasil naquele ano, mas ele é evasivo: "*Estou chegando, não posso opinar sobre isso*". A entrevista com Lúcia Marly ficou muito fragmentada, o que talvez tenha criado um empecilho para inserir algum trecho de sua sonora na reportagem editada. No entanto, é uma fala muito significativa quando ela afirma que os exilados sempre acompanharam o que se passava no país e todos esperavam o dia de voltar ao Brasil, especialmente simbólica naquele período de luta pela aprovação de um projeto de

anistia que fosse ao encontro aos anseios da sociedade. Não obstante, essa excelente sonora foi preterida pela equipe responsável pela finalização da telerreportagem.

O rolo "Movimento feminino pela anistia – Ato público com ex²¹⁸ presos políticos" (JH), do dia 19 de abril de 1979, possui sinopse cadastrada na base de fichas da TV Globo Minas com as seguintes informações:

Cenas dos ex presos políticos: Cecilio Emigdio Saturnino, Cleber Maia, falando para a plateia. Entrevistas: Porfirio de Souza e Cecílio Emigdio Saturnino, que explicou os motivos de estarem participando do movimento feminista pela anistia. Há também cenas da reunião dos estudantes da Newton de Paiva contra o aumento de 54%.

Com 8 minutos e 18 segundos de duração, é um dos filmes mais longos entre aqueles que serão analisados por esta pesquisa. No entanto, é importante ressaltar que a extensa duração é dividida entre dois assuntos: a atividade promovida pelo MFPA e a reunião estudantil contra o aumento da mensalidade de uma faculdade privada da capital mineira.

O filme tem início com imagens de um homem discursando ao microfone a partir de um palanque. O público presente encontra-se de pé. O local está escuro e não é possível identificar o espaço onde a atividade está sendo realizada, nem mesmo apreender em sua integralidade o discurso proferido, em virtude da gravação feita com som ambiente. No entanto, entre as palavras ditas pelo homem, é possível entender expressões como "mensalidade", "período", "credito escolar". Percebe-se então que esta parte do rolo refere-se à reunião dos estudantes da Faculdade Newton Paiva, conforme última frase da sinopse cadastrada. Não é possível identificar o motivo pelo qual diferentes assuntos compõem um mesmo rolo de filme. A hipótese é de que as reportagens provavelmente foram gravadas na mesma data e pela mesma equipe.

Buscando dar atenção aos trechos do rolo que se referem ao tema desta pesquisa, não detalharemos as cenas relacionadas à reunião dos estudantes da Faculdade Newton Paiva.

Aos 27 segundos há um corte e o filme continua em um espaço fechado, onde Cleber Maia²¹⁹ discursa para uma plateia "[...] *o soldado, nessa guerra que se trava*

²¹⁸ O título e a sinopse originais não possuem hífen.

²¹⁹ Conforme informações da página do projeto "Brasil: Nunca Mais digital", em 05 de outubro de 1970 o estudante Cleber Consolatrix Maia foi acusado pelo Ministério Público Militar de pertencer a um "agrupamento perigoso à segurança nacional". A sentença foi dada em 21 de setembro de 1971. Como resultado do julgamento, Cleber Maia foi condenado à pena de 4 anos de reclusão e à pena acessória de suspensão dos direitos políticos pelo prazo de 5 anos. Após recurso apresentado ao Superior Tribunal

contra a classe...". Há um corte na fala de Cleber. Sentado a seu lado está Betinho Duarte, presidente do CBA/MG (Imagem 187). Quando a câmera faz uma panorâmica para a esquerda, são revelados mais dois integrantes da mesa, uma mulher não identificada e o ex-presos político Cecílio Emigdio Saturnino²²⁰. Na cena seguinte é apresentado o público presente. O espaço parece ser um auditório onde a plateia está concentrada nas cadeiras ao centro e nas fileiras da direita (Imagem 188). Enquanto são exibidas essas imagens do público, é possível ouvir o relato de Cecílio fora de quadro:

[...] a vida de um preso político dentro da prisão. É a coisa mais incrível que existe. Parece uma alucinação. Essa que é a verdade. Muitas vezes eu chegava ao ponto de chegar na porta da grade assim e olhar pra fora, tentar ver um pouco da rua e...

Há um corte. Na sequência seguinte, o plano volta a mostrar o palco onde estão as pessoas que falam à plateia. Há uma nova composição do grupo. Do lado esquerdo de Cleber Maia está Porfírio de Souza²²¹ (Imagem 189) e ao lado deste, um homem não

Militar, julgado em 24 de abril de 1978, "foi dado parcial provimento ao apelo de Cleber Consolatrix Maia, para condená-lo à pena de 2 anos de reclusão". Ver SUMÁRIO DO BNM 117, 2014-2018.

²²⁰ Conforme informações da página do projeto "Brasil: Nunca Mais digital", Cecílio Emigdio Saturnino (1940–2001) foi denunciado em 13 de abril de 1971 por sabotagem, terrorismo e participação na Ação Libertadora Nacional (ALN). Condenado em 22 de outubro de 1971, foi sentenciado à pena de 13 anos de reclusão e à pena acessória de suspensão dos direitos políticos pelo prazo de 10 anos. Ver SUMÁRIO DO BNM 626, 2014-2018. Cecílio era cabo da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG). Após o golpe militar em 1964, teria colaborado "com grupos de esquerda infiltrado no quartel. Inicialmente militava para a Corrente Revolucionária e depois para a ALN. Foi preso e cumpriu mais da metade da pena – de 13 anos – na penitenciária de Linhares, em Juiz de Fora. Com a anistia, em 1979, foi libertado, mas não pode retornar para a PM". Em 24 de maio de 2013, Cecílio recebeu o pedido de perdão do Estado brasileiro e foi promovido a primeiro-sargento pela Comissão de Anistia do Ministério da Justiça. Ver CAMARGOS, 2013.

²²¹ No texto "Cultura política comunista em Montes Claros - reflexões e apontamentos", Guilherme Costa Pimentel aborda a atuação de militantes comunistas em Montes Claros (MG) de 1948 a 1970. Dentre eles, cita Porfírio Francisco, que entendemos ser o homem que na reportagem da TV Globo Minas é referido como Porfírio de Souza. Porfírio atuava como fotógrafo viajante. Ao mencionar Porfírio e outros militantes comunistas de Montes Claros, Pimentel escreve que durante o período citado eles "lutaram pela sindicalização de trabalhadores rurais, mantiveram contatos com comunistas de outras cidades, assinaram e distribuíram jornais do PCB, empenharam-se pela legalização dessa legenda, cumpriram suas mais variadas determinações, se engajaram pela eleição de candidatos por ela apoiados, foram constantemente vigiados pelas forças de repressão, integraram uma organização clandestina após o golpe de 1964 e por esta razão foram presos e torturados" (2017, p. 33). Militante do Partido Comunista Brasileiro em Montes Claros, Porfírio foi expulso do PCB em 1958 ou 1959. Ele também organizou e participou de sindicatos em Montes Claros e Belo Horizonte. Integrou o Partido Operário Camponês (POC). Em maio de 1969, Porfírio Francisco esteve preso na colônia penal de Neves (cidade de Ribeirão das Neves/MG). O Porfírio de Souza mostrado na reportagem também faz um relato de quando esteve preso em Neves. Conforme consta no texto "Contra o 'inimigo interno' a favor do Governo Militar: Imprensa e Censura em Montes Claros/MG (1964-1985)", de Camila Gonçalves Silva, havia em Montes Claros o "'grupo dos onze', cujos membros recebiam orientação do governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola do PTB" (2011, p. 95). Porfírio de Souza pertencia a esse grupo. Porfírio foi identificado por Betinho Duarte em entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 11 de dezembro de 2018. No dia 19 de janeiro de 2019, Guilherme Costa Pimentel me confirmou por e-mail que o Porfírio Francisco citado em seu artigo (e dissertação de mestrado) e o Porfírio de Souza da telerreportagem são a mesma pessoa.

identificado. O relato de Cecílio Emigdio continua enquanto a câmera se aproxima do ex-presos político com um zoom:

Fui condenado a treze anos de prisão. Bom, as condições desses oito anos que eu fiquei lá... não cumpri toda a pena, em função da... dessa nova lei de segurança. E minha... foi extinta né, a prisão, a condenação, em função da nova lei, mas nesses oito anos que eu fiquei lá, eu sofri assim, e os demais companheiros, vários tipos de agressões, de ameaças, de desrespeito aos direitos humanos.

Imagem 187 - Cleber Maia dá depoimento durante ato público. Ao seu lado está Betinho Duarte, presidente do CBA/MG.

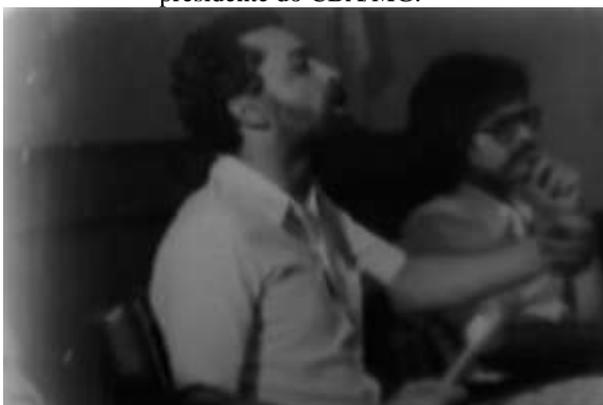


Imagem 188 - Plateia presente no ato público promovido pelo MFPA e pelo CBA/MG



Imagem 189 - Composição do grupo que faz relatos à plateia durante o ato público. Da esquerda para a direita: mulher não identificada, Cecílio Emigdio Saturnino, Cleber Maia e Porfírio de Souza.



Planos do material editado para a reportagem.
Fotogramas extraídos do filme "Movimento feminino pela anistia – Ato público com ex presos políticos" (19 de abril de 1979)
FONTE: Acervo MIS BH.

Com 1 minuto e 26 segundos de filme há um corte na fala do ex-presos político. É provável que neste ponto termine a reportagem editada e o restante do rolo seja constituído de material de arquivo.

Há um trecho de 6 segundos de filme em branco, e as imagens voltam no homem que discursa na reunião dos estudantes da Faculdade Newton Paiva. Há uma sequência de planos mostrando os alunos que participam da reunião enquanto fora de quadro continua o áudio do discurso.

Aos 3 minutos e 28 segundos, o filme retorna para o discurso de Cecílio Emigdio Saturnino no auditório. O plano permanece fechado nele.

[...] E, aqui em Belo Horizonte, fui encaminhado pro DOPS, sofri várias torturas, violentas torturas, pau de arara, choque, espancamentos, tudo aí. E, fiquei três meses aqui em Belo Horizonte, depois segui até Juiz de Fora, de onde aguardei o julgamento na penitenciária de Linhares. Lá, mais pro fim do ano, eu fui ao tribunal pro julgamento [...] se aquilo era verdade. Isso em função de censuras violentas.

Há também um plano do público que escuta seu relato atentamente. Após um corte, o filme continua com a fala de Cleber Maia:

A tortura teve e tem ainda duas fases: a primeira fase da tortura é aquela em que os órgãos policiais tentam te transformar num [sic] delator. É o momento em que a repressão procura tirar de você todas as informações que você tem ou que a repressão acha que você tem. Então esse é o primeiro momento da tortura. O segundo momento da tortura é aquele em que a repressão te identifica como um elemento perigoso. Perigoso para quem? Perigoso para as classes exploradoras. Exatamente porque você luta contra esta classe. Então neste momento, a repressão, apesar de não ter mais nada o que tirar, em matéria de informações, ela procura destruir o elemento que naturalmente... [...]. E é essa tortura, é por essa tortura que se passa todos os presos políticos... "

Há um corte antes da conclusão da fala de Cléber. Em seguida, a gravação passa para um local mais reservado, possivelmente próximo ao auditório, onde o repórter Alencar Abujanra faz perguntas a alguns participantes do evento. O primeiro entrevistado é Porfírio de Souza (Imagem 190):

R²²²: *Porfírio, você foi preso logo depois da revolução de 64. Por quê?*

PS: *Fui preso após a revolução de 64 porque lutava na minha terra em defesa das liberdades democráticas e para melhores condições de vida do povo brasileiro.*

R: *E você passou nesse período logo após 64 em 69 por várias prisões. Nelas você foi torturado. Quais os nomes dos seus torturadores?*

²²² Indicaremos como R a fala do repórter e PS as respostas dadas por Porfírio de Souza durante a entrevista.

PS: *Eu tive vários torturadores. Não me lembro de todos. Mas me lembro bem do Capitão Gomes Carneiro²²³, do primeiro tenente do exército Marcelo²²⁴, de mais quatro sargentos e um tenente que me torturou em (Ribeirão das) Neves por nome Pereira. Só peguei o seu primeiro nome. E o sargento Pedro, que era o comandante, que ajudava também nas torturas.*

R: *E no DOPS?*

PS: *No DOPS eu fui torturado pelo mesmo Capitão Car... pelo Capitão Carneiro, também o Marcelo e mais uns agentes do DOPS que o ajudavam no trabalho de tortura.*

R: *Você ficou preso durante esse tempo todo. Deu mais ou menos dois anos, ou foi mais?*

PS: *Eu tive [sic] preso, todo o meu período de prisão entre 64 e de 69 até 1971, 2 anos e 10 meses de prisão. Apesar de ter sido condenado injustamente por dois anos, tirei 2 anos e 10 meses de cadeia.*

Durante a entrevista, pelo som de fundo, é possível perceber que os depoimentos no auditório continuam. Há um corte, e, em seguida, o repórter inicia as perguntas para Cecílio Emigdio Saturnino. O plano é muito semelhante ao da entrevista anterior (Imagem 191).

R: *Cecílio, você era cabo da PM [Polícia Militar] quando foi preso. Qual o motivo da sua prisão?*

CES²²⁵: *O motivo da minha prisão foi porque eu participava, eles alegavam né, que eu participava de uma organização subversiva assim, política clandestina, a ALN.*

R: *E você participava dela?*

CES: *Não.*

R: *E você foi condenado a quantos anos?*

CES: *Treze anos de prisão.*

R: *Você ficou preso quanto tempo?*

CES: *Oito anos e um mês.*

R: *Você ficou preso em Linhares?*

CES: *Em Linhares. Todo esse tempo.*

R: *E lá em Linhares você foi torturado?*

CES: *Não. Psicologicamente sim. Fisicamente não.*

R: *E o que que a prisão te deixou? Qual a marca mais... eh... mais profunda que a prisão te deixou?*

CES: *O que ela deixou pra mim de mais profundo foi que tive um bom tempo pra meditar, refletir e senti a necessidade de continuar defendendo o povo explorado, não é isso?! E se ver o que existe aí de dominação, de [inaudível] por parte da [...].*

O rolo termina. De todos os filmes analisados neste capítulo, este talvez fosse o que tocasse em questões mais delicadas para o regime militar. Porque o governo nunca

²²³ "João Câmara Gomes Carneiro (1938-): Capitão do Exército. Serviu no 12º Regimento de Infantaria, em Belo Horizonte, em 1968, e no Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do I Exército, no Rio de Janeiro, em 1970 e 1971. Teve participação em casos de tortura" (LISTA, 2015).

²²⁴ O Marcelo citado por Porfírio é provavelmente Marcelo Paixão Araújo, Segundo Tenente do Exército em Belo Horizonte de 1968 a 1971, sendo que no último ano estava lotado no 12º Regimento de Infantaria, um dos principais centros de tortura na capital mineira. Em dezembro de 1998, Marcelo Paixão confessou a tortura de aproximadamente 30 pessoas em entrevista concedida a Alexandre Oltramari para a revista *Veja*. Ver LISTA, 2015; 91 TORTURADORES, 2014.

²²⁵ Indicaremos como R a fala do repórter e CES as respostas dadas por Cecílio Emigdio Saturnino durante a entrevista.

assumiu a tortura como política de Estado, mas como 'excessos' de alguns agentes. E neste filme se tem o depoimento de homens que foram torturados, que relataram como foram essas torturas, onde aconteceram e apontaram inclusive o nome de seus torturadores. No entanto, os momentos mais reveladores ficaram de fora da telerreportagem editada.

Imagem 190 - Repórter Alencar Abujanra entrevista Porfírio de Souza durante realização de ato público



Imagem 191 - Cecílio Emígdio Saturnino em entrevista para a TV Globo



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Movimento feminino pela anistia – Ato público com ex presos políticos" (19 de abril de 1979)

FONTE: Acervo MIS BH.

Na matéria finalizada há um breve momento da fala de Cleber Maia, da qual não é possível ouvir sequer uma frase completa. Do depoimento de Cecílio Emígdio Saturnino dois trechos foram selecionados. No primeiro deles, uma fala mais voltada ao relato de como a prisão afeta o estado psicológico da pessoa. É na segunda fala de Cecílio que se percebe uma crítica ao tratamento recebido pelos presos políticos, quando ele relata que ele e outros companheiros sofreram "*vários tipos de agressões, de ameaças, de desrespeito aos direitos humanos*". Embora este seja um importante relato, pode-se considerar que é um dos trechos mais brandos de seu depoimento. Ficou de fora a sonora em que ele descreve as torturas que sofreu no DOPS, detalhando inclusive ter passado pelo pau de arara, por choques e espancamentos. Também foi preterido o testemunho de Cleber Maia sobre as fases da tortura às quais eram submetidos os presos políticos. Da entrevista com Porfírio de Souza não foi aproveitado nenhum trecho, apesar da riqueza de informações fornecidas pelo ex-presos político a partir das boas questões colocadas pelo repórter Alencar Abujanra. Quando Porfírio responde sobre a motivação para sua prisão em 1964, ele faz na verdade uma síntese da luta de boa parte daqueles que se tornariam perseguidos políticos pelo regime militar: "*Fui preso após a*

revolução de 64 porque lutava na minha terra em defesa das liberdades democráticas e para melhores condições de vida do povo brasileiro". Com essa fala, Porfírio expõe o autoritarismo do regime ao perseguir brasileiros que batalhavam por um país melhor. Ele divulga ainda os nomes de seus torturadores e confirma as torturas que sofreu no DOPS em Belo Horizonte.

A diferença entre o que foi ao ar e o que foi preterido neste rolo de filme mostra que a abertura lenta, gradual e segura não era apenas uma característica do cenário político do país. A Globo Minas, provavelmente seguindo orientação geral da emissora, começava a se abrir para temas que antes não teriam espaço no telejornalismo, mas ainda com abordagens muito engessadas. As matérias editadas muitas vezes contrariavam o trabalho mais exploratório de repórteres, e se resumiam a tratar notícias densas de forma mais rasa, sem a análise necessária para melhor entendimento do contexto que envolvia cada fato.

Alguns dias após o evento com os ex-presos políticos, o MFPA realizou em Belo Horizonte um outro encontro, especialmente voltado para as denúncias de torturas sofridas nas dependências do DOI-CODI em Belo Horizonte com a participação de Jean Paul Nicolas Seeburguer, médico e então professor da UFMG. O nome de Jean Paul aparece no relatório do projeto "Brasil: Nunca Mais"²²⁶, publicado pela Arquidiocese de São Paulo no ano de 1985. Conforme o relatório, Jean Paul teria sido colaborador do DOPS em Belo Horizonte no ano de 1971.

O caso Jean Paul Nicola Seerberger Kinsch, então professor de Morfologia do Instituto de Ciências Biológicas / ICB da Universidade Federal de Minas Gerais, representa uma das principais batalhas travadas pelo CBA e MFPA - MG. A questão vem à tona a 18 de abril²²⁷ de 1979, Dia Nacional da Anistia, quando, em debate no auditório da Faculdade de Direito da UFMG, perante mais de mil pessoas, ex-presos políticos denunciam o médico luxemburguês como aquele que acompanhara as torturas sofridas por eles nas prisões, principalmente no DOPS-MG, orientando os torturadores sobre o limite da capacidade de resistência de cada um para evitar que morressem sem contar o que sabiam (GRECO, 2003, p. 161-162).

²²⁶ "O projeto Brasil: Nunca Mais – BNM foi desenvolvido pelo Conselho Mundial de Igrejas e pela Arquidiocese de São Paulo nos anos oitenta, sob a coordenação do Rev. Jaime Wright e de Dom Paulo Evaristo Arns. O BNM teve três principais objetivos: evitar que os processos judiciais por crimes políticos fossem destruídos com o fim da ditadura militar, tal como ocorreu ao final do Estado Novo; obter e divulgar informações sobre torturas praticadas pela repressão política; e estimular a educação em direitos humanos" (UMA INICIATIVA, 2016).

²²⁷ A data informada por Heloisa Greco difere da data indicada no rolo do Fundo Globo. Pela diferença entre o quantitativo de público relatado por ela e aquele que será visto na telerreportagem, provavelmente são eventos distintos.

Com 7 minutos e 22 segundos de duração, a sinopse registrada para a reportagem "Movimento Fem. p/ Anistia – Torturas médico" (JH), de 28 de abril de 1979, é sucinta: "Movimento feminino pela anistia. Denúncia torturas. Médico Jean Paul".

Na primeira cena do filme, estão enquadrados o repórter Alencar Abujanra²²⁸ e Maria Dalce Ricas²²⁹ (Imagem 192). Enquanto ele faz a pergunta, a câmera se aproxima de Dalce, que sorri ao olhar para alguém que está fora de quadro. O jornalista questiona: "A denúncia contra o médico Jean Paul partiu de você. Como foi a tortura que ele participou?"

Ao começar a responder, Dalce faz menção de segurar o microfone, mas recua a partir de alguma sinalização feita pelo repórter, que agora também está fora de quadro. Ela dá início à resposta:

Bem, eu estava assim levando choque elétrico... logo que fui presa eu comecei a levar choque. Altas horas da noite e a minha perna começou a doer demais. Eu não dava conta de andar. Isso piorou sensivelmente no sábado pela manhã. Eu fui presa na sexta-feira de noite. Então quando realmente eles perceberam que eu estava com a perna bem ruim, chegou o Jean Paul lá.

Há um corte. A cena a seguir apresenta a sonora de um novo entrevistado, Jésus Almeida Fernandes²³⁰, então presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da UFMG (Imagem 193). Ele relata:

Neste período, dezembro de 71, quando eu tinha minha companheira, minha esposa Mônica, nós estivemos presos nas dependências do DOI-CODI, que funcionava na época na delegacia do DOPS, e lá, então nessa época eu com problema de hemorragia através da cavidade oral, a partir dos espancamentos que eu sofri lá no DOPS, no CODI, eu fui encaminhado ao serviço médico no pronto socorro. E ela foi levada inconscientemente,

²²⁸ O repórter e a entrevistada foram identificados por Vilma Fazito em entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 05 de outubro de 2018.

²²⁹ No início dos anos 1970, quando cursava Direito na UFMG, Dalce Ricas foi vice-presidente do DCE da universidade. Foi presa enquanto fazia panfletagem contra a ditadura do Governo Médici (1969-1974), torturada e expulsa do curso. Voltou para a universidade, cursou Economia e em 1978 fundou a Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente (AMDA) entidade onde atualmente (2021) exerce a Superintendência Executiva. Ver MARIA, 2011.

²³⁰ Jésus Almeida Fernandes (Coronel Murta/MG -) é médico psiquiatra formado pela UFMG. Foi presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da UFMG (de 1978 a 1981). Trabalhou no Instituto Raul Soares. Foi preceptor acadêmico do Hospital João XXIII e diretor da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais - FHEMIG entre 2000 e 2001. Foi diretor e vice-presidente do Sindicato dos Médicos por dois mandatos. Também por dois mandatos exerceu o cargo de vice-presidente da Federação Nacional dos Médicos. Foi conselheiro e vice-presidente do Conselho Regional de Medicina (seção MG) e vice-presidente da Associação Médica Brasileira. Em março de 2018, recebeu o título de cidadão honorário de Belo Horizonte na Câmara Municipal da cidade. Atualmente é vice-presidente da Associação Mineira de Psiquiatria. Ver VICE-PRESIDENTE, 2018. Jésus foi identificado por Vilma Fazito em entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 05 de outubro de 2018.

ehhhh, inconsciente em coma, para as dependências lá da clínica Santa Inês, na Floresta [bairro], encaminhada pessoalmente pelo Jean Paul.

Há um novo corte e em seguida aparece mais um entrevistado, identificado como médico. O repórter pergunta:

R²³¹: *Dr. José Maria Borges*²³² [Imagem 194], *qual foi a sua posição perante esse caso de denúncias ao médico Jean Paul e junto ao Conselho Regional de Medicina?*

JMB: *Bom, na condição de conselheiro eu encaminhei uma solicitação ao senhor presidente do Conselho para que determinasse a formação de uma comissão de sindicância para apurar a veracidade dos fatos e atribuir, se verdadeiras, a punição cabível ao médico Jean Paul.*

R: *Qual seria essa punição?*

JMB: *Bom, isso... ehhhh... as punições do Conselho variam segundo a gravidade dos casos e elas são atribuídas depois de discutido, depois de aberto o inquérito e de apurada a culpabilidade.*

Imagem 192 – Dalce Ricas acusa o médico Jean Paul Seeburger pela participação na tortura que sofreu enquanto esteve presa



Imagem 193 – Jésus Almeida Fernandes relata o envolvimento do médico nas torturas sofridas por ele e sua esposa



Imagem 194 – Dr. José Maria Borges fala enquanto membro do Conselho Regional de Medicina



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Movimento Fem. p/ Anistia – Torturas médico" (28 de abril de 1979).

FONTE: Acervo MIS BH.

²³¹ Indicaremos como R a fala do repórter e JMB as respostas dadas pelo médico José Maria Borges durante a entrevista.

²³² O médico José Maria Borges atualmente é vice-presidente (mandato 2018-2022) do Hospital Universitário Ciências Médicas de Minas Gerais (HUCM-MG), em Belo Horizonte. Ver DIRETORIA, 2018.

Este trecho da entrevista com o médico termina aos 2 minutos e 10 segundos do rolo. Em seguida há um trecho de 7 segundos de filme vazio. Pelas características do material fílmico a partir deste ponto, intui-se que o que foi visto até este momento é a reportagem editada, e o restante do material, as sobras para arquivo.

A sequência seguinte traz em primeiro plano uma mulher que parece falar a uma plateia. A câmera faz um *zoom out* e o quadro se abre revelando que a mulher está sentada à mesa com mais seis pessoas (Imagem 195). Entre elas estão os três primeiros entrevistados da fita, além de Betinho Duarte (do Comitê Brasileiro pela Anistia) e o deputado Dalton Canabrava²³³. O som gravado é ambiente. A cena seguinte revela mais três integrantes da mesa de debates (Cecílio Emigdio Saturnino, um homem e uma mulher não identificados), além do estudante de medicina da UFMG Eduardo da Motta e Albuquerque, sentado ao lado da mesa. Neste momento da fita é ele quem fala ao público presente. Na sequência há um plano do auditório, que não está lotado, mas apresenta um bom público, aproximadamente 60 pessoas (Imagem 196).

Após alguns planos da plateia, há novos trechos das entrevistas realizadas. É a vez da sonora com o deputado Dalton Canabrava (Imagem 197). À época da reportagem, ele era líder do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. O repórter questiona o que o deputado faria em relação às denúncias contra o médico, considerando sua posição enquanto presidente da Comissão de Saúde da Assembleia. Canabrava responde de forma cautelosa:

DC²³⁴: *Eu não quero denunciar ou adiantar nenhuma decisão da Comissão pois não a reuni para isso. Mas no entanto, se chegar formalizada a esta Comissão denúncias contra o procedi... a participação do médico Jean Paul em processo de tortura que diz respeito à pessoa humana, esta comissão se reunirá e convocará os órgãos responsáveis pela... pelo procedimento médico e ao resguardo da pessoa humana para se posicionar e fará uma denúncia às autoridades competentes do procedimento do médico se for constatada a veracidade dessa denúncia.*

R: *Então oficialmente a Comissão ainda não tomou conhecimento de nada?*

DC: *Ainda não. Mas, estão prometendo aqui que será formalizado a esta Comissão denúncias de contribuição deste médico no processo de tortura a pessoas presas nos órgãos de segurança do nosso Estado.*

²³³ Dalton Moreira Canabrava (Curvelo/MG, 22 de dezembro de 1924 – 23 de março de 2011) foi um médico e político brasileiro. Foi deputado estadual em Minas Gerais por seis legislaturas seguidas (1963-1987). "Em 1964, liderou fazendeiros de Curvelo que foram a Belo Horizonte tentar impedir à força um comício de Leonel Brizola. Em abril do mesmo ano, apoiou a instauração do regime militar. Contudo, a decretação do bipartidarismo, em outubro do ano seguinte, levou-o a aliar-se aos opositoristas do regime e a ingressar no Movimento Democrático Brasileiro (MDB)" (CANABRAVA, 2009). Ver DALTON.

²³⁴ Indicaremos como DC a fala do deputado e R a fala do repórter durante a entrevista.

Imagem 195 – Mesa de debates no evento em que são relatadas as denúncias contra o médico Jean Paul Seeburguer



Imagem 196 – Público presente no encontro



Imagem 197 – Deputado Dalton Canabrava



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Movimento Fem. p/ Anistia – Torturas médico" (28 de abril de 1979).
 FONTE: Acervo MIS BH.

Na sequência do filme há um novo trecho da entrevista com o estudante Jésus Almeida Fernandes:

R²³⁵: *Jésus, você teve algum contato direto com o médico Jean Paul?*

²³⁵ Indicaremos como R as perguntas feitas pelo repórter e JAF as respostas do entrevistado Jésus Almeida Fernandes.

JAF: *Tive. [...] ²³⁶ E novamente voltou uma vez nas dependências da Clínica Santa Inês. O estado dela na época era lamentável devido ao tratamento que ela recebeu nas dependências do CODI.*

R: *Mas e quanto à tortura direta? Ele participou de alguma tortura diretamente em você ou nas pessoas?*

JAF: *A gente considera que o processo de tortura é um todo. E esse todo se faz... se fez na presença dele, quando ele não dando assistência médica pra gente, ele simplesmente encaminhou a gente, quando a gente estava numa situação quase desesperadora [inaudível] de saúde, aos hospitais em Belo Horizonte, no meu caso o pronto socorro e no caso dela a Clínica Santa Inês. A gente acha, a gente considera que é um dos responsáveis pela situação que a gente passou.*

Há um corte e a próxima cena volta a mostrar Dalce Ricas, que relata o que o médico Jean Paul teria falado aos torturadores a respeito da condição de saúde dela após mais uma seção de torturas:

DR²³⁷: *"Ela tem que ficar em repouso, pôr bolsa de água quente e não poderá levar mais choque". A partir disso eu não o vi mais. Esse realmente foi o único contato que eu tive com ele. E também a partir desse momento eu não levei mais choque na perna direita, que estava me causando problema.*

R: *Mas levou em outras partes do corpo?*

DR: *Naturalmente continuei levando né?! Mas na perna direita pelo menos parou.*

A seguir mais um trecho da sonora com o médico José Maria Borges:

JMB: *[...] de momento qual seria, mesmo porque este inquérito não foi aberto. Mas ela poderia variar até mesmo... chegar até mesmo a recomendar ou a fazer a exclusão do médico do exercício de sua profissão.*

R: *Você tem conhecimento da existência de outros médicos que também ajudaram os torturadores?*

A questão feita leva o médico a uma breve pausa enquanto reflete sobre o que responder.

JMB: *Bom, o conhecimento que nós temos e que estamos procurando apurar é... de médicos que foram denunciados, através de pessoas que foram torturadas, na imprensa comum. Ehhhh... eu não me lembro assim de momento agora de outros nomes, mas existem já outros nomes levantados.*

R: *Todos esses, inclusive Jean Paul, se comprovada a culpa, podem perder o direito de exercer a medicina?*

JMB: *Bom, até mesmo chegar a esse nível de perder o direito de exercer a medicina uma vez comprovada a culpabilidade.*

Após esta fala, o rolo chega ao fim. Se na telerreportagem anterior (Movimento feminino pela anistia – Ato público com ex presos políticos – 19 de abril de 1979) a edição priorizou sonoras mais brandas, na matéria aqui apresentada, já na primeira pergunta do repórter é mencionada a palavra 'tortura'; em seguida, na reposta dada por

²³⁶ Neste ponto há um corte na fala do estudante.

²³⁷ Indicaremos como R as perguntas feitas pelo repórter e DR as respostas da entrevistada Dalce Ricas.

Dalce Ricas é feito o detalhamento da sessão de tortura à qual ela fora submetida. O estudante Jésus Almeida Fernandes também expõe a violência sofrida. O fato destes relatos terem sido incluídos em uma reportagem apresentada no Jornal Hoje, de alcance nacional, é provavelmente um dos momentos de maior exposição do regime entre as reportagens analisadas nesta pesquisa. A reportagem abre espaço para a denúncia de um torturador e permite que sejam identificados onde, como, quando e principalmente, quem foram as vítimas desse sujeito.

A partir das denúncias feitas, de acordo com Heloisa Greco,

o CBA e MFPA-MG, juntamente com o deputado Milton Lima (MDB), encaminham representação ao Conselho Regional de Medicina solicitando a apuração dos fatos e as providências cabíveis. Ao mesmo tempo, o Diretório Acadêmico do ICB-UFMG inicia campanha exigindo do reitor Celso Pinheiro de Vasconcelos a exclusão de Jean Paul dos quadros da universidade (2003, p. 162).

O filme "Jean Paul – Torturador Absolvido" (JS), de 23 de agosto de 1980, trará desdobramentos sobre o assunto apresentado na reportagem anterior. Temos aqui mais informações na documentação não-filmica (a ficha de catalogação feita na TV Globo Minas) do que propriamente no rolo, que tem apenas 50 segundos de imagens sem som. A ficha traz os seguintes dados:

Paul, Jean - Paul Seeburger - médico
Absolvido culpa torturas
Sinopse: Imagens do médico acusado de torturas políticas junto ao DOPS e outros órgãos de repressão ao terrorismo. Ele foi absolvido.

Detalhe para o uso da palavra 'terrorismo' na sinopse elaborada pelo setor de arquivo da TV Globo Minas. Não é possível afirmar que a presença desta palavra na ficha representa uma opinião da emissora, visto que em outras fichas já foram encontrados comentários que identificam opiniões pessoais de quem fez a redação das mesmas. No entanto, é válido perceber como havia um senso comum de que o DOPS e outros órgãos atuavam na repressão ao 'terrorismo', jargão adotado pelo Estado na tentativa de justificar e abonar as ações violentas e arbitrárias realizadas por esses órgãos e seus agentes.

No início do filme em questão, há imagens em primeiro plano do médico Jean Paul Nicolas Seeburger sentado em um ambiente fechado. A câmera está próxima e certamente é do conhecimento de Jean Paul que ele está sendo filmado. Ele conversa com alguém que está fora de quadro. Não foi gravado nem mesmo som ambiente. Pela postura, gestos e sorrisos, Jean Paul parece estar à vontade no local onde as imagens

foram feitas (Imagem 198). Na segunda metade do rolo, as cenas foram gravadas em um ambiente externo durante o dia. Jean Paul caminha até uma Brasília branca estacionada na rua. Ele entra no carro. A câmera se aproxima. O médico olha pela janela, como se verificasse o trânsito para poder partir com o veículo. Ele esforça-se em não fitar a câmera, apesar da proximidade do equipamento, embora por um breve instante seja possível perceber seu olhar de relance (Imagem 199). Jean Paul olha para a frente e sorri (Imagem 200). O filme termina.

Imagem 198 – Jean Paul parece tranquilo enquanto conversa com alguém fora de quadro.



Imagem 199 – Instante em que o médico olha para a câmera da TV Globo



Imagem 200 – Jean Paul sorri dentro do carro após ser absolvido das acusações de participação em processos de tortura no DOPS



Planos do material editado para a reportagem.
Fotogramas extraídos do filme "Jean Paul – Torturador Absolvido" (23/08/1980).
FONTE: Acervo MIS BH.

Pela duração do rolo (50 segundos), que aparentemente corresponde a tudo que teria sido levado ao ar, a reportagem provavelmente entrou como uma nota coberta no Jornal das Sete (JS).

Em sua pesquisa de doutorado, Heloisa Bizoca Greco (filha de Helena Greco) traz mais informações sobre a conclusão do processo do médico e, apesar de tudo, ressalta a importância do caso na busca por justiça frente às violações de direitos humanos no país:

Ao final do processo, Jean Paul é afastado das salas de aula do ICB, mas continua vinculado à UFMG e conserva o seu registro do CRM. Apesar de constituir apenas meia vitória, portanto também meia derrota, o caso tem ampla repercussão e abre precedente substancial em matéria de denúncia e responsabilização dos profissionais de saúde comprometidos com o aparelho repressivo (GRECO, 2003, p. 163).

No entanto, a telerreportagem é um resumo melancólico da luta pela anistia: a lei aprovada induz ao 'esquecimento' de todas as violações de direitos humanos perpetradas por agentes do governo no período da ditadura. O semblante do médico é de quem saiu vitorioso, como todos aqueles que cometeram crimes durante o regime militar e nunca foram punidos.

A luta pela anistia não terminou com a promulgação da Lei nº 6.683, mesmo porque esta ficou longe de ser a anistia 'ampla, geral e irrestrita' pela qual tanto batalharam os movimentos que se organizaram para reivindicá-la. Pelo contrário, a Lei da Anistia não contemplou os opositores do regime que foram condenados "pela prática de crimes de terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal"²³⁸. Por outro lado, anistiou aqueles envolvidos em 'crimes conexos', ou seja, "crimes de qualquer natureza relacionados com crimes políticos ou praticados por motivação política"²³⁹, categoria na qual foram incluídos os crimes cometidos por agentes do Estado contra os opositores do regime.

2.3. A imprensa alternativa na TV Globo Minas

Ao longo desta pesquisa percebemos que várias telerreportagens mostravam pontos de interseção entre os movimentos pela anistia em BH e a imprensa alternativa atuante nos anos finais da década de 1970. Ambos realizavam denúncias de torturas e prisões arbitrárias, assim como lutavam pelas liberdades democráticas e pelo esclarecimento de mortes e desaparecimentos perpetrados pelo regime. Alguns personagens também estavam envolvidos com as duas frentes de atuação: Betinho

²³⁸ BRASIL, 1979, Art. 1º. § 2º.

²³⁹ BRASIL, 1979, Art. 1º. § 1º.

Duarte (presidente do CBA/MG) era também chefe da sucursal do jornal **Em Tempo**²⁴⁰ em Belo Horizonte. Helena Greco também esteve presente em várias atividades de denúncia das intimidações sofridas pela imprensa alternativa na capital mineira. Por essas razões, identificamos que seria válido inserir neste capítulo uma seção dedicada às telerreportagens que mostram a luta travada pela imprensa alternativa em BH entre 1978 e 1980. Veremos a cobertura de dois atentados a bomba (um na sucursal do jornal **Em Tempo** e outro em uma banca de revista) e ações de denúncia dos ataques sofridos (feitas na câmara municipal, em uma audiência com o governador e também em atividades realizadas nas ruas do centro da capital mineira). Primeiramente falaremos de um atentado ocorrido em 1978 e outro em 1980, e seus respectivos desdobramentos.

Começaremos com o filme "Jornal Em Tempo Bombardeado" (JN), de 18 de agosto de 1978, que apresenta imagens da redação deste periódico em Belo Horizonte após a explosão de uma bomba. O jornal **Em Tempo** possuía uma linha crítica e de resistência. Na edição de 26 de junho a 2 de julho de 1978 o periódico publicou uma lista com os nomes de 233 torturadores²⁴¹. No dia 18 de agosto de 1978, a sucursal do jornal em BH passou pelo segundo de três atentados sofridos em menos de um ano. O primeiro foi em 28 de julho de 1978²⁴² e o terceiro em 08 de julho de 1979²⁴³.

Com 4 minutos e 12 segundos de duração, o rolo traz imagens dos estragos causados pela explosão da bomba e também uma entrevista com o chefe da sucursal em Belo Horizonte, Betinho Duarte. No livro "Estamos vivos. A volta será pior." é o próprio Betinho quem faz um relato do episódio:

A porta e uma janela da sucursal foram arrombadas durante a madrugada, por desconhecidos que picharam as paredes com as siglas GAC e MAC e colocaram uma bomba no local. Com a explosão, móveis, máquinas de escrever, arquivos e equipamentos foram destruídos. Um veículo que estava na garagem foi depredado (2015, p. 441).

O portal da Comissão da Verdade em Minas Gerais também apresenta uma breve descrição do segundo atentado ao **Em Tempo**:

No dia 18/08/1978, foi arrombada a porta e a janela na sucursal mineira do Jornal *Em Tempo*. Não houve pessoas feridas, mas os danos materiais são significativos: roubo, explosão de bomba e ataque a veículo estacionado,

²⁴⁰ Fundado por grupos ligados ao trotskismo e à antiga Polop (Organização Revolucionária Marxista - Política Operária) (NAPOLITANO, 2014, p. 227), o primeiro número do jornal **Em Tempo** foi publicado em 23 de janeiro de 1978. De circulação nacional, mantinha sucursais em diversas cidades, sendo São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre consideradas as principais. Ver JORNAL EM TEMPO, 2008.

²⁴¹ MOTA, 2014.

²⁴² Ver ATENTADO AO.

²⁴³ Ver TERCEIRO.

assim como destruição de mesa, máquina de escrever, portas, janelas, persiana, luminária, paredes, teto, papéis, documentos e vidro de veículo. Roubaram-se papéis e vários documentos. Na época, o prejuízo ficou orçado em Cr\$ 200.000,00²⁴⁴.

O **Estado de Minas** do dia 19 de agosto de 1978 apresentou uma matéria sobre o ocorrido, sem o uso de fotografias²⁴⁵. O texto do jornal descreve o atentado da seguinte forma:

A sucursal do semanário "Em Tempo", à rua Bernardo Guimarães, 1.884, sofreu novo atentado. O primeiro foi no dia 28 de julho, e desta vez colocaram uma bomba em um dos compartimentos da redação, que explodiu por volta de 2h50 da madrugada de ontem. A detonação da carga explosiva provocou danos com estilhaços espalhados por todas as salas da sucursal. Uma máquina de escrever ficou inteiramente destruída, como foram também destruídos quase todos os vidros das janelas e lâmpadas fluorescentes.

O Fiat BB-4181, que estava estacionado em frente ao prédio onde funciona a sucursal do "Em Tempo", teve seu vidro lateral traseiro quebrado.

(...)

A direção do jornal soltou nota oficial onde diz: "A abertura de dois inquéritos policiais, solicitados por nós, deveria ter-nos resguardado desses atentados. Entretanto, numa repetição intolerável e odiosa, novamente somos atacados, sem que as autoridades encarregadas dos inquéritos nada tenham feito para evitar a repetição do ato terrorista". A nota refere à solicitação de esclarecimento do primeiro atentado, no dia 28 de julho.

A ficha catalográfica produzida para arquivamento do filme na Rede Globo Minas traz as seguintes informações:

Jornal em Tempo.

Mais uma bomba explode.

Sinopse

Imagens da redação destruída, carros com estilhaços etc. Entrevista com Alberto Duarte, diretor da sucursal do jornal. Ele fala sobre o novo acontecimento. Em 28 de julho já estiveram lá.

O filme começa com um plano médio de Betinho Duarte (Imagem 201). Alguém que se encontra fora de quadro segura um microfone que está à frente do entrevistado. Em um primeiro momento, Betinho fala para a câmera mas não há som. O áudio tem início aos 2 segundos a partir da seguinte sonora:

Os carros que estavam na porta da sucursal... que foram danificados. Então a pintura, os danos materiais eu acredito que entre 100 e 150 mil cruzeiros". [...] a respeito 'dum' antigo inquérito que nós pedimos abertura no dia 04 de agosto, ele foi remetido para a Secretaria de Segurança Pública. [...] A bomba explodiu em cima duma [sic] mesa, arrebentou a mesa, danificou a mesa todinha, duas máquinas de escrever, as máquinas foram pulverizadas pela bomba.

²⁴⁴ Ver SEGUNDO ATENTADO.

²⁴⁵ SEGUNDO ATAQUE a semanário em vinte dias. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19 ago. 1978. p.11.

Após a fala, são exibidas imagens que mostram em detalhes os estragos feitos pela explosão da bomba. Há um plano de estilhaços de vidro ao chão. A câmera faz uma panorâmica para o alto e revela um veículo Fiat 147 sem o vidro da janela lateral traseira (Imagem 202). No plano seguinte, cenas de um buraco em uma mesa de madeira. Em seguida, uma porta ao chão (Imagem 203). Na sequência, um plano aberto da mesa onde a bomba explodiu: há um buraco no tampo do móvel e tudo ao redor está danificado (Imagem 204). Há mais uma cena que mostra a redação do jornal totalmente revirada.

Imagem 201 - Betinho Duarte fala sobre a explosão da bomba



Imagem 202 - Carro com vidro quebrado em frente à redação do jornal



Imagem 203 - A porta da sede do jornal foi arrombada



Imagem 204 - Local de explosão da bomba



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Jornal Em Tempo Bombardeado" (18 de agosto de 1978).
 FONTE: Acervo MIS BH.

O filme apresenta mais um trecho da entrevista com Betinho Duarte: "*Agora, posteriormente teve um delegado da Polícia Federal aqui que fez as anotações e falou que ia tomar providências necessárias*". Esta primeira parte do filme termina em 1 minuto e 3 segundos.

Pela natureza dos cortes e tamanho dos planos a partir deste ponto da fita, intui-se que o restante do rolo constitui-se de material de arquivo não utilizado na edição final da telerreportagem.

No próximo plano a câmera está mais próxima do entrevistado. Durante todo o tempo da sonora, pessoas provavelmente ligadas ao jornal saem e entram de uma porta localizada atrás de Betinho Duarte. Nesta sequência é possível ouvir a pergunta da repórter, que permanece fora de quadro²⁴⁶:

R: *Alberto, vocês receberam alguma ameaça por telefone?*

BD: *Pelo telefone não* [Betinho termina de responder e olha para a repórter]. *Nós apenas... na outra invasão... [ele olha para a repórter, olha para o chão e volta a olhar para a câmera] outra... da sucursal, no dia... mais ou menos no dia 28 de julho, eles... algumas pichações que voltariam: "Voltaremos e estamos vivos". Mas ameaça pelo telefone nós não recebemos nenhuma.*

R: *Especificamente teria alguma causa para essa explosão?*

BD: *A partir do número 17 em que nós publicamos... o número 17 do Jornal Em Tempo em que nós publicamos a relação de 233 torturadores... o... nós começamos a sofrer algumas ameaças. A sucursal de Curitiba foi invadida, saqueada e fizeram várias pichações, o CCC, Comando de Caça aos Comunistas, e posteriormente a nossa sucursal foi invadida, saqueada, roubaram vários documentos. Então eu acredito [...]*²⁴⁷

R: *E o prejuízo do primeiro atentado foi de 30 milhões. Trinta mil cruzeiros. Esse atentado, o prejuízo vai ficar mais ou menos em quanto?*

BD: *Acredito que entre 100 e 150 mil. Porque além de arrombarem todas as portas. Além de...*²⁴⁸

R: *[...] Polícia Federal está fazendo pra isso?*

BD: *Nós estivemos lá pessoalmente e através do delegado da polícia, do DEOPS²⁴⁹, da Polícia Federal, nós tivemos a informação que eles não tinham tomado nenhuma providência até o momento. Isso foi na parte da manhã.*

Há um novo corte na fala. Na sequência seguinte, um plano geral apresenta imagens externas do local onde funcionava a sucursal do jornal **Em Tempo** em Belo Horizonte (Rua Bernardo Guimarães, 1884 - Bairro Lourdes) (Imagem 205). Em seguida um plano médio mostra uma das janelas da edificação com quase todos os vidros quebrados. Numa sequência rápida aparecem também estilhaços de vidro ao chão e novamente o carro que teve a janela danificada. Mais um plano detalhe da janela quebrada na sede.

Na cena seguinte, um plano de conjunto mostra as pichações feitas no alpendre da entrada do jornal: "Viva o Brasil - GAC - MAC" (Imagem 206). A câmera faz uma panorâmica para a direita e apresenta a porta da entrada arrombada ao chão. De um

²⁴⁶ Indicaremos como R as perguntas feitas pela repórter e como BD as respostas de Betinho Duarte.

²⁴⁷ Neste ponto do filme há um corte na fala de Betinho, provavelmente feito para retirar-se o trecho utilizado na reportagem editada.

²⁴⁸ Mais uma vez a fala do entrevistado foi cortada, provavelmente pelo motivo apontado na nota anterior.

²⁴⁹ Delegacia Especializada de Ordem Política e Social.

outro ângulo, a porta é vista mais uma vez. No plano seguinte vê-se novamente a mesa onde a bomba explodiu e muitos objetos e móveis remexidos. São planos feitos em um espaço interno e, por isso, as imagens estão escuras, mas ainda assim as cenas permitem visualizar como o local ficou revirado e depredado após a ação criminosa (Imagem 207). Um novo plano a partir de um ângulo distinto mostra novamente as pichações feitas no alpendre da entrada. O filme acaba.

Imagem 205 - Fachada da sede do
Jornal **Em Tempo** em BH (Rua Bernardo
Guimarães, 1884 - Bairro Lourdes)



Imagem 206 - Pichações feitas na entrada do jornal



Imagem 207 - Máquina de escrever danificada com a explosão da bomba



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Jornal Em Tempo Bombardeado" (18 de agosto de 1978).
FONTE: Acervo MIS BH.

A reportagem editada (até 1 minuto e 3 segundos do rolo) restringe-se a mostrar o fato ocorrido, o que é verificado tanto pelos trechos selecionados da sonora quanto das

imagens. Na entrevista são abordados os danos causados pela explosão da bomba, o valor do prejuízo e também o inquérito aberto para apuração da violência sofrida pelo jornal. As cenas mostram vidros quebrados, a mesa onde estava a máquina de escrever, a porta arrombada, mas, assim como foi feito na reportagem "Anistia de 45 – Reunião e bomba", de 19 de abril de 1978, também no material editado aqui não constam as imagens apresentando as pichações com as siglas dos grupos terroristas que teriam praticado os atos de violência. A fala de Betinho Duarte sobre a publicação dos nomes dos 233 torturadores e a menção ao Comando de Caça aos Comunistas também foram preteridas.

Por esta análise, percebe-se, como vimos em outras situações, que a edição limitou-se à divulgação do fato, sem discorrer sobre as causas e consequências do mesmo. A reportagem editada ainda foi concluída com um trecho da sonora em que o entrevistado informa que um delegado da Polícia Federal tinha visitado o local e dito que tomaria as providências necessárias, como se esta 'promessa' resolvesse a questão. A matéria não deu ao fato a dimensão que o mesmo tinha no contexto político daquele momento.

Com 9 minutos e 17 segundos de duração, o filme "Jornal Em Tempo - Manifestação na Câmara" (JE²⁵⁰, 24 de agosto de 1978) é relativamente longo, considerando-se o conjunto e a média de duração dos rolos de telerreportagens do Fundo Globo presentes no MIS BH. A sinopse cadastrada é bem sucinta e traz pouquíssimas informações sobre o que pode ser visto na matéria: "Imagens com som ambiente da manifestação. Entrevista com João Batista Mares Guia, chefe de redação do Jornal Em Tempo".

A manifestação à qual o título e a sinopse se referem ocorreu em protesto pelo atentado sofrido no dia 18 de agosto de 1978, conforme vimos na reportagem anterior.

Os eventos que se deram na Câmara Municipal de Belo Horizonte em 24 de agosto de 1978 também receberam cobertura na edição do jornal **Estado de Minas** do dia 25 de agosto. Na matéria "Sem problemas, o ato público contra terror"²⁵¹ o periódico impresso trouxe as seguintes informações:

Apesar da presença da polícia militar e civil, das viaturas, dos cães, cavalos, armamentos diversos e bombas, cerca de trezentas pessoas participaram, ontem à noite, de ato pacífico de desagravo ao jornal "Em Tempo", que nas

²⁵⁰ Jornalismo Eletrônico.

²⁵¹ SEM PROBLEMAS, 1978, p. 5.

últimas semanas sofreu três atentados, em suas sucursais de Curitiba e Belo Horizonte.

O ato se realizou no plenário da Câmara Municipal, das 18 às 21 horas, período em que as ruas adjacentes à Câmara foram fechadas ao tráfego, pelos policiais, cavalos e viaturas. No ato de repúdio, falaram representantes do jornal "Em Tempo" e de outros órgãos da imprensa independente; a presidente do Movimento Feminino pela Anistia em Minas, Helena Greco; os deputados do MDB Genésio Bernardino e Dalton Canabrava; o vereador do MDB Paulo Ferraz; um escritor, um padre, um representante dos metalúrgicos e o dos artistas mineiros.

(...)

Enquanto no Plenário da Câmara Municipal de Belo Horizonte era realizado o ato de desagravo ao jornal "Em Tempo", na porta do prédio cerca de 200 policiais da Polícia Militar e do Dops, armados, inclusive com bombas de gás lacrimogêneo, patrulhavam todo o quarteirão e principalmente a rua Tamóios entre a avenida Amazonas e a rua Rio de Janeiro, a pé, com cães amestrados, e à cavalo, usando rádios em suas comunicações.

(...)

Sobre o número de policiais que estavam no local, informou o coronel Valfrido que "era o número suficiente para manter a ordem. E que dentro do prédio podem fazer o que quiser, mas na rua não".

O filme feito pela Globo Minas no dia 24 de agosto tem início com imagens de policiais da cavalaria militar na esquina da Rua dos Tamoios com Avenida Amazonas (Imagem 208), nas proximidades da Câmara Municipal de Belo Horizonte, que à época funcionava no Palácio Francisco Bicalho²⁵² (demolido posteriormente), no centro de Belo Horizonte.

Após dois planos com imagens da cavalaria, a telerreportagem apresenta um ambiente fechado, um salão dentro da câmara municipal. A plenária está lotada e muitas pessoas aparecem sentadas ao chão (Imagem 209). Os presentes ouvem atentos um orador que fala ao microfone sobre liberdade de imprensa. O som é ambiente e não é possível entender a fala em sua integralidade. Há um corte e o próximo plano mostra a composição da mesa onde estão as pessoas que discursam. Fausto Brito²⁵³, presidente do jornal **Em Tempo**, tem a palavra (Imagem 210). À mesa estão também Helena Greco (presidente do MFPA/MG), Dalton Moreira Canabrava e Genésio Bernardino²⁵⁴

²⁵² Ficava localizado à Rua dos Tamoios (entre Avenida Amazonas e Rua Rio de Janeiro).

²⁵³ Fausto Reynaldo Alves de Brito (Belo Horizonte/MG, 1946 -) formou-se em Sociologia pela UFMG (1968). É pós-graduado em Filosofia (2004), doutor em Demografia (1997) e pós-doutor em Filosofia Política (2009), também pela UFMG. Desde 1975 é professor na Faculdade de Ciências Econômicas (UFMG). Foi colaborador dos jornais **Movimento** e **Em Tempo**, sendo que neste último também exerceu o cargo de presidente de seu conselho. As informações foram obtidas na plataforma Lattes em dezembro de 2018 e complementadas durante contato telefônico que fiz com o próprio Fausto em janeiro de 2019. Ver FAUSTO, 2018.

²⁵⁴ Genésio Bernardino de Sousa (Mutum/MG, 1926 – Belo Horizonte/MG, 2007) formou-se em medicina pela Universidade de Minas Gerais (atual UFMG). Participou ativamente do movimento estudantil, elegendose presidente do diretório acadêmico da Faculdade de Medicina e do diretório central dos estudantes (DCE) da UFMG, em 1946. Também foi vice-presidente da UNE. Filiado ao Partido Social Democrático (PSD), com o advento do bipartidarismo implantado pelo Ato Institucional nº 2 (AI-2), em 27 de outubro de 1965, ingressou no MDB. Em 1970, 1974 e 1978 elegeu-se deputado estadual

(ambos deputados estaduais pelo MDB). Neste momento do rolo, Fausto Brito fala sobre liberdades democráticas. Há mais imagens da plenária e do público aplaudindo uma das falas. Esta sequência inicial termina aos 36 segundos.

Imagem 208 - Policiais da cavalaria militar na esquina da Rua dos Tamoios com Avenida Amazonas, no centro de Belo Horizonte, do lado de fora da câmara municipal



Imagem 209 - Público presente na câmara municipal em manifestação de repúdio ao atentado sofrido pelo jornal **Em Tempo**



Imagem 210 - Fausto Brito, presidente do jornal **Em Tempo**



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Jornal Em Tempo - Manifestação na Câmara" (24 de agosto de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

pelo MDB. Em 1982, elegeu-se deputado estadual pela quarta vez consecutiva, agora filiado ao PMDB, partido pelo qual foi eleito deputado federal em 1986, 1990 e 1994. Em 1985, licenciou-se do mandato de deputado estadual para assumir interinamente o governo de Minas Gerais em virtude do afastamento temporário do governador Hélio Garcia (1984-1987). Ver BERNARDINO, 2009.

Aparecem então 14 frames que aparentemente não correspondem ao tema da reportagem (Imagem 211). Esta breve sequência descontextualizada, assim como a repetição de cenas, os cortes menos elaborados, trechos vazios de filme e imagens de bastidores que virão a seguir nos levam a crer que os 8 minutos e 41 segundos restantes de filme não foram aproveitados na edição final da reportagem.



Imagem 211 - Fotograma que compõe uma breve sequência do rolo e que aparentemente não está relacionada à reportagem em questão

Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme "Jornal Em Tempo - Manifestação na Câmara" (24 de agosto de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

Após os 14 fotogramas desconexos, há novas cenas da movimentação da cavalaria na área externa da câmara municipal, aparentando serem as sobras das imagens que compõem a reportagem editada.

O próximo plano mostra novamente um ambiente interno onde a repórter Lena Brandão da Rede Globo Minas realiza uma entrevista com João Batista Mares Guia²⁵⁵, diretor de redação da sucursal do jornal **Em Tempo** em Belo Horizonte. A sequência foi filmada em um lugar mais reservado, possivelmente dentro da própria câmara municipal, visto que ao longo da fala do entrevistado ouve-se ao fundo o som dos discursos na plenária da câmara. Repórter e entrevistado estão sentados. Ela aguarda

²⁵⁵ Nascido no interior de Minas, João Batista Mares Guia (Santa Bárbara/MG, 25 de junho de 1948 -) passou a infância e adolescência em Belo Horizonte. Começou a participar do movimento estudantil aos 17 anos, ainda como estudante secundarista. Entre os anos 1966 e 1967, passa no vestibular e torna-se aluno do curso de Sociologia na UFMG. Também ingressa na Polop (Organização Revolucionária Marxista — Política Operária) e é eleito vice-presidente da União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais (UEE-MG). Em 1968 milita no grupo clandestino Comando de Libertação Nacional (Colina). No mesmo ano, é preso em Ibiúna (SP), juntamente com mil delegados participantes do 30º Congresso da UNE. Passa por interrogatórios e é torturado, perdendo 34% da audição no ouvido esquerdo. No início da década de 1970, exila-se no Chile. No final de 1972 volta a Belo Horizonte e termina sua graduação na UFMG. Entre 1978 e 1979 participa de movimentos de luta pela redemocratização. Colabora com os jornais **De Fato** e **Em Tempo**. Participa da formação do PT no estado de Minas. É o primeiro deputado estadual eleito pelo partido em Minas Gerais, no ano de 1982. Desliga-se do PT em 1985 e participa da formação do PSDB em Minas em 1988. Foi secretário-adjunto de Educação de Minas Gerais (1995-96) e titular da pasta (1997-98). Desliga-se do PSDB no ano 2000. Afasta-se da política por quase 20 anos, voltando a disputar um cargo eletivo em 2018, ao candidatar-se a governador de Minas Gerais pela REDE Sustentabilidade. Ver JOÃO, 2018.

algum comando (provavelmente do câmera) e então dá início à entrevista: "*Qual é o objetivo principal deste encontro?*". João Batista responde de forma assertiva, olhando diretamente para a câmera (Imagem 212):

JB²⁵⁶: *O objetivo deste encontro é fazermos uma denúncia pública dos atentados terroristas que nosso Jornal Em Tempo sofreu, praticados pelo Grupo Anticomunista (GAC) e pelo Movimento Anticomunista (MAC), que na realidade são grupos terroristas de extrema direita. Hoje aqui na câmara municipal, o nosso propósito é única e exclusivamente manifestar o nosso repúdio ao terrorismo e manifestar a nossa crença de que a luta válida de todo o povo é a luta pela prática da liberdade e pela prática da democracia.*

R: *Vocês pretendiam fazer manifestações fora aqui do recinto?*

JB: *Não, em hipótese alguma. Causou-nos até uma certa estranheza ao chegarmos à câmara municipal e nos depararmos com este aparato policial enorme, desproporcionado com o objetivo da nossa manifestação, que é uma manifestação pacífica. Nossa ideia inicial, e permanece sendo assim, era de fazer, e é de fazer, uma manifestação dentro da câmara municipal. Não se cogitou em momento algum de se fazer uma manifestação de rua. Se o aparato policial que se encontra em frente à câmara municipal nas imediações veio até aqui com o objetivo de impedir quem sabe um ataque terrorista do GAC e do MAC, se é assim, nós até agradecemos. Nós até solicitaríamos que eles procedessem pelo menos a deixar caminho para as pessoas que querem vir à câmara municipal possam passar. Porque na verdade, a conclusão que eu posso chegar é que o aparato municipal está, perdão, o aparato policial está cumprindo um único papel: intimidar as pessoas que viriam até aqui e de fato impedi-las de vir até aqui.*

Mares Guia termina sua fala olhando para a repórter. Há um corte e um novo momento da entrevista. "*Mesmo com este aparato policial você vai fazer o encontro?*" a repórter pergunta. Mares Guia responde:

Na verdade nós já estamos fazendo o encontro. É preciso que fique claro que não caberia ao Jornal Em Tempo propor a ele mesmo um ato de desagravo a ele mesmo jornal. Esta manifestação foi convocada e organizada por dezesseis entidades oposicionistas que atuam na cidade, como o Comitê Brasileiro pela Anistia [inaudível], o Movimento Feminino pela Anistia; recebemos o apoio de 20 padres em carta oficialmente nos dirigida e que hoje estarão aqui também para manifestar o seu apoio; o movimento estudantil através de suas entidades; todos os jornais da chamada imprensa nanica. Tivemos a solidariedade dos companheiros das redações de todos os jornais, rádios e televisões. De modo que é o único movimento programado por todos esses setores em solidariedade a nós, jornal Em Tempo, e de repúdio ao terrorismo.

Após esta sonora há um trecho de 9 segundos de filme vazio. As imagens voltam na fala de Fausto Brito durante sua participação na mesa de debates dentro da câmara municipal. Reproduzimos aqui o trecho de seu discurso que foi possível entender: "*Diante de terroristas e torturadores, nós só temos uma resposta, que é o que nós viemos fazer aqui. A luta contra eles, é a luta pela democracia*". Há um corte e o plano

²⁵⁶ Indicaremos como R as perguntas feitas pela repórter e como JB as respostas de João Batista Mares Guia.

seguinte (em uma panorâmica horizontal) mostra mais uma vez a composição da mesa (Imagem 213). Na sequência deste novo plano aparece ao lado do deputado Genésio Bernardino um homem que fuma um cigarro (Imagem 214), o qual tem sua imagem destacada pelo zoom feito pelo cinegrafista da Rede Globo Minas²⁵⁷. Há um corte e a próxima sequência apresenta imagens da plateia. Primeiramente as pessoas aparecem compenetradas ouvindo o discurso da mesa. No plano seguinte, o público aplaude uma das falas. Há então um trecho do discurso de Dona Helena Greco (Imagem 215) enquanto integrante da mesa de debates. Por ser uma gravação de som ambiente, também não é possível identificar as palavras proferidas por ela. Ao término de sua fala, mais aplausos.

Imagem 212 - João Batista Mares Guia, diretor de redação da sucursal do jornal **Em Tempo** em Belo Horizonte



Imagem 213 - Da esquerda para a direita: Helena Greco (presidente do MFPA/MG), Dalton Moreira Canabrava (deputado estadual pelo MDB) e Genésio Bernardino (deputado estadual pelo MDB)



Imagem 214 - Homem não identificado compõe a mesa de debates na câmara municipal. Sua imagem é destacada pelo cinegrafista com um zoom



Imagem 215 - Helena Greco (presidente do MFPA/MG) discursa durante manifestação na câmara



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Jornal Em Tempo - Manifestação na Câmara" (24 de agosto de 1978).
FONTE: Acervo MIS BH.

²⁵⁷ Apesar do destaque dado pelo zoom, não conseguimos identificar quem seria este homem.

A seguir, aos 5 minutos e 20 segundos do rolo, o filme apresenta uma manifestação verbal do público presente: em meio a aplausos, as pessoas gritam repetidamente e em coro: "Abaixo a ditadura!". A sequência tem a duração de 20 segundos, mas como há um corte e mudança de ângulo da câmera, tem-se a impressão que a manifestação por parte da plateia teve uma duração maior.

Em seguida, também na mesa de debates, tem a palavra o deputado Dalton Canabrava:

[...] pela omissão, o que vai dizer, é a convivência com os atos de terror acontecidos ultimamente no nosso estado. Logo que aconteceu, eu denunciei, através [inaudível] assembleia, ao Governo do Estado, quando ainda era o governador o senhor Aureliano Chaves. Não passou muito tempo, volto de novo a denunciar, agora a este governador e vamos ver a providência que ele tomará. Uma ele já tomou, de mandar para aqui esta repressão que está aí fora.

O público interrompe a fala do deputado com aplausos. Há um novo corte e em seguida mais um trecho do discurso de Dalton Canabrava pedindo sensibilidade do governo brasileiro para as questões do povo em sua busca pela anistia e pela paz.

Na sequência, um plano do público presente na plenária, que agora aplaude enquanto grita repetidamente: "Anistia! Anistia! Anistia!" (Imagem 216). O filme traz então a fala do deputado estadual Genésio Bernardino que está em pé e profere seu discurso em um microfone posicionado ao lado da mesa. Em sua exposição, o deputado gesticula bastante e é enfático nas palavras. Como a fala foi gravada com som ambiente, também não é possível entendê-la em sua integralidade, mas algumas expressões podem ser ouvidas, como "Lei de Segurança Nacional", "presos e banidos desse país" e "tortura". Pelo tom do discurso, o deputado parece apontar as ações do governo em relação àqueles que se posicionam contra o regime, destacando os atos de tortura. Durante uma interrupção em sua exposição, ele é aplaudido pelo público. A câmera apresenta primeiro aqueles que aplaudem a partir do balcão (Imagem 217). Depois, com o prosseguimento da fala, o cinegrafista faz imagens do piso inferior do salão principal da plenária, onde pessoas sentadas nas poltronas e ao chão ouvem o discurso do parlamentar, que permanece em *off*. Fim do filme.

Imagem 216 - Na plateia, pessoas aplaudem enquanto entoam o coro: "Anistia! Anistia! Anistia!"



Imagem 217 - Público acompanha os discursos a partir do balcão



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Jornal Em Tempo - Manifestação na Câmara" (24 de agosto de 1978).
FONTE: Acervo MIS BH.

O rolo de película utilizado pelas equipes de reportagem da TV Globo Minas tinha aproximadamente 10 minutos de duração. Na cobertura da matéria na Câmara Municipal foi utilizado praticamente um rolo inteiro, para que fossem aproveitados na edição final da reportagem apenas 36 segundos. Entre o material bruto disponível para a edição da reportagem, há planos bem filmados e sonoras que apresentam vários trechos com falas na íntegra (sem pausas e hesitações). Há uma desproporção entre os 8 minutos e 41 segundos de filme 'descartados' e o trecho inicial de 36 segundos que teria ido ao ar, o que indica uma possível mudança de orientação sobre a pauta entre o trabalho feito pela equipe de rua e o trabalho do editor ao selecionar o que seria exibido. As imagens capturadas pelo cinegrafista da TV e as perguntas feitas pela repórter orientam a matéria para um caminho bem diferente do que foi efetivamente construído na edição final.

O material bruto mostra uma manifestação popular pedindo a anistia e o fim da ditadura, discursos denunciando as ameaças à liberdade de imprensa, torturas, prisões, banimentos, inclusive a intimidação ocorrida durante o próprio ato na câmara, em virtude do aparato policial montado. Mares Guia foi muito contundente em suas denúncias e tratou com ironia a presença da polícia do lado de fora da câmara municipal. Ele não hesitou em apontar os culpados pelo atentado sofrido pelo jornal ao citar o GAC e o MAC, acusando-os de serem "grupos terroristas de extrema direita".

Apesar de todo o material bruto que se tinha em mãos, a matéria resumiu-se a mostrar que havia ocorrido na câmara municipal uma reunião a respeito dos atentados

sofridos pelo jornal **Em Tempo**. E para ficar bem claro que a polícia continuava acompanhando de perto qualquer manifestação pública, os planos da cavalaria foram (não por acaso) inseridos na abertura da reportagem.

Pouco mais de um ano depois a Lei da Anistia seria sancionada. No entanto, diante de uma lei que levava ao esquecimento, os movimentos que batalharam pela anistia continuaram sua luta para que torturadores fossem apontados, julgados e condenados, visto que tortura e desaparecimento forçado de opositores são crimes contra a humanidade, imprescritíveis e não anistiáveis. Sendo assim, os jornais da imprensa alternativa persistiram na divulgação dos nomes de torturadores e nas críticas à situação política do país, o arrocho salarial, a legislação sindical, o aumento do custo de vida, assim como mantiveram a bandeira de luta pelas liberdades democráticas. A retaliação a esses jornais e aos locais onde eles eram vendidos evidenciava a manutenção da violência por parte da extrema direita, como afirma Napolitano:

Um dos alvos mais bizarros da direita explosiva foram as bancas que vendiam jornais alternativos de esquerda. Entre abril e setembro de 1980, dezenas de bancas em várias cidades brasileiras foram incendiadas durante a noite, provocando uma onda de pânico entre os jornaleiros e uma crise de distribuição dos jornais alternativos (2014, p. 295).

Conforme Relatório da Comissão da Verdade em Minas Gerais, nos dias 26 e 28 de junho de 1980, várias bancas de jornal de Belo Horizonte foram ameaçadas simultaneamente. As bancas amanheciam com folhetos anônimos fixados que anunciavam represálias caso continuassem vendendo publicações da imprensa alternativa²⁵⁸.

No dia 16 de julho de 1980, uma banca localizada na Rua Curitiba esquina com Rua Tupinambás (região central da cidade) sofreu um incêndio criminoso. Ninguém ficou ferido, mas foi estimado um prejuízo de aproximadamente 400 mil cruzeiros²⁵⁹.

O filme "Bancas de jornal sofrem atentados" (título atribuído) foi identificado durante processamento técnico realizado no Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte, visto que sua identificação original não existia mais²⁶⁰. No entanto, na documentação não-fílmica localizei uma ficha catalográfica com informações que correspondem a este filme. O título original que consta na ficha é "Incêndio banca de

²⁵⁸ MINAS GERAIS, 2017, v. 4, p. 207.

²⁵⁹ Ibid, p. 209.

²⁶⁰ O título original havia se desprendido da ponta do rolo.

revista. Atentado de direita" (JS), com data de 16 de julho de 1980. A sinopse escrita durante o arquivamento do rolo na TV Globo Minas foi a seguinte:

Imagens da banca de revista da rua Curitiba, com Tupinambás, que foi incendiada. Entrevista com o proprietário, José Alves Ribeiro, que fala não ter sofrido ameaças. Entrevista com Laurentino Lima Ferreira Filho, presidente do sindicato distr. de jornais e revistas que lamenta o acontecido e fala das providências tomadas.

Com 6 minutos e 47 segundos de duração, na primeira parte do filme não há imagens, apenas um áudio que provavelmente foi gravado pela repórter para cobertura da matéria editada. Transcrevemos a seguir o conteúdo deste áudio:

Vinte entidades se reuniram hoje para encaminhar uma nota ao Secretário de Segurança do Estado e ao governador Francelino Pereira pedindo providências contra ameaças a jornalistas e pedindo a apuração dos responsáveis no atentado à banca de jornais do senhor José Alves Ribeiro na madrugada do dia 16. No final da reunião, o presidente dos vendedores e distribuidores de jornais e revistas de Belo Horizonte, Laurentino Lima Filho, decidiu não mais encabeçar a nota, alegando que já enviou ofícios neste sentido às autoridades. Os representantes das entidades presentes lamentaram e saíram contrariados da reunião. Por outro lado, o Secretário de Segurança de Minas, Coronel Armando Amaral, disse hoje que já tomou duas providências para evitar ataques a bancas de jornais: determinou investigações para descobrir os autores e quer um policial vigiando a área onde haja bancas. O Coronel Armando Amaral lembrou que estes atentados são difíceis de serem descobertos porque ocorrem de madrugada, sem testemunhas. Mesmo assim, espera esclarecer a explosão e o incêndio da banca de José Alves Ribeiro. O Secretário de Segurança disse ainda que gostaria, mas que por falta de contingente, não pode escalar um policial para cada banca, o que seria o ideal.

Este áudio de cobertura termina quando o rolo está em 1 minuto e 23 segundos. A partir daí têm início as imagens. De todos os filmes analisados nesta pesquisa, este é o único que possui a gravação de um áudio de cobertura. Há filmes que trazem a gravação de passagens feitas pelo(a) repórter, mas em nenhuma outra telerreportagem foi localizado um áudio que teria sido produzido para cobrir as imagens gravadas durante o trabalho de rua. Com o áudio aqui transcrito é possível ter uma ideia do recorte escolhido para a matéria.

As primeiras cenas mostram imagens da banca completamente incendiada (Imagem 218). Há também um plano do chão próximo à banca onde jornais e revistas aparecem inteiramente queimados (Imagem 219). Em seguida, uma cena com pessoas na calçada que observam o estrago feito (Imagem 220). Há um plano do carro da polícia militar que está próximo. Mais alguns planos detalhando como ficou a banca de revistas (Imagem 221), e, por último, um plano de conjunto da banca envolta por curiosos.

Imagem 218 - Banca incendiada na Rua Curitiba, centro de Belo Horizonte



Imagem 219 - Detalhe das publicações completamente danificadas



Imagem 220 - Populares observam o estrago causado pelo atentado

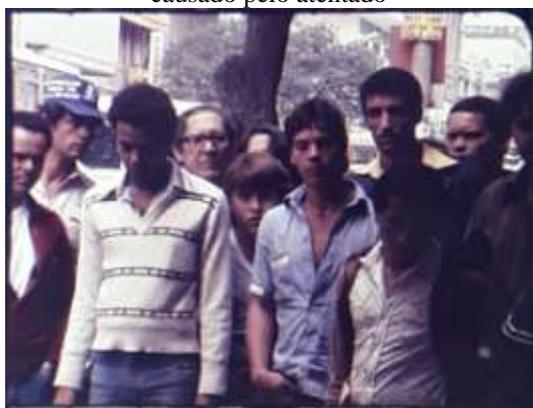


Imagem 221 - O incêndio afetou toda a estrutura da banca



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Incêndio banca de revista. Atentado de direita" (16 de julho de 1980).

FONTE: Acervo MIS BH.

Aos 2 minutos e 11 segundos, o espaço da reportagem muda. A cena de uma placa identifica o novo local: Sindicato dos Vendedores e Distribuidores de Jornais e Revistas de Belo Horizonte. Em seguida é apresentada uma sonora com Laurentino Lima Ferreira Filho, presidente do Sindicato (Imagem 222):

A categoria nessa data, por exemplo, eles estão sofrendo várias dificuldades financeiras. Por serem, por exemplo, agora é tempo de pagamento de licenças de bancas, e isso são gastos excessivos que o jornalista tem que fazer, e acontece que aparece um atentado desse, e eu fico na mercê de dizer que eu não sei como é que pode ter sido... ter acontecido. Não posso ter nenhuma análise a respeito.

Na cena seguinte, a reportagem é deslocada novamente para a rua, apresentando uma entrevista com o dono da banca que sofreu o atentado, José Alves Ribeiro (Imagem 223):

R²⁶¹: *O senhor vendia todos os jornais?*

JAR: *Vendia.*

R: *Sem exceção.*

JAR: *Sem exceção. Eu não fui ameaçado. [...] procurar um caminho certo né, pra evitar que isso aconteça com outro colega.*

Imagem 222 - Laurentino Lima Ferreira Filho,
presidente do Sindicato dos Vendedores e
Distribuidores de Jornais e
Revistas de Belo Horizonte



Imagem 223 - José Alves Ribeiro,
dono da banca incendiada



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Incêndio banca de revista. Atentado de direita" (16 de julho de 1980).

FONTE: Acervo MIS BH.

Logo em seguida há mais um trecho da sonora com o presidente do Sindicato dos Vendedores e Distribuidores de Jornais e Revistas de Belo Horizonte:

O que eu tenho a fazer é continuar fazendo um apelo às autoridades pra que mande policiar as bancas, outros como já pedi, ao comandante da polícia militar e à Secretaria de Segurança.

Esta sonora do presidente do sindicato termina aos 3 minutos e 26 segundos de rolo. Há 10 segundos de filme vazio, e, em seguida, começa mais um áudio de cobertura gravado pela repórter com outras informações sobre o ocorrido:

Essa banca na Rua Curitiba com Tupinambás foi a primeira a sofrer um atentado. Ela tem mais de 30 anos. Por volta das 3 horas da manhã de hoje, ela explodiu e pegou fogo. O prejuízo foi de mais de 400 mil cruzeiros. Há 16 dias, os donos de bancas de jornais e revistas de Belo Horizonte foram ameaçados através de cartas anônimas. Eles foram advertidos para que não continuassem vendendo órgãos da imprensa alternativa.

O áudio termina aos 4 minutos e 4 segundos de filme. A partir deste ponto, há cenas de bastidores e outras características que indicam que o restante do rolo constituiu-se de material de arquivo. O trecho de sobras traz mais alguns momentos da entrevista

²⁶¹ Indicaremos como R as perguntas feitas pela repórter e JAR as respostas do entrevistado José Alves Ribeiro.

com o presidente do Sindicato dos Vendedores e Distribuidores de Jornais e Revistas de Belo Horizonte. Destaca-se neste conjunto um comentário da repórter sobre uma lei que obrigaria o jornaleiro a vender todo tipo de jornal, o que indicaria que a natureza dos jornais vendidos em cada banca não seria nada mais do que o cumprimento da lei, e não uma demonstração de preferência por este ou aquele jornal por parte dos vendedores. Repetem-se as cenas da placa do sindicato e também da banca rodeada por curiosos.

A sequência final do rolo apresenta mais alguns trechos da entrevista com o dono da banca. A repórter pergunta se o vendedor recebeu alguma ameaça, o que ele nega. A jornalista insiste indagando se ele achava que o atentado tinha relação com as ameaças que a categoria vinha sofrendo, mas o jornaleiro é evasivo:

Bom, eu não posso afirmar isso. Eu não tenho, no momento eu não pensei nada disso. Eu tô tão chocado que eu não posso dizer nada por enquanto, nem pensei no negócio. Só sinto assim um quadro muito triste.

Ele ainda responde uma última pergunta e o filme acaba.

Analisando o trecho do filme que foi preparado para ir ao ar, tem-se no primeiro áudio de cobertura um panorama das providências que autoridades tomariam tanto para investigar o atentado sofrido pela banca quanto para inibir novos atentados. Na narração feita pela repórter fica perceptível uma falta de vontade e empenho das autoridades para que as investigações fossem levadas à frente. Isso é respaldado por duas informações que teriam sido repassadas à reportagem pelo Secretário de Segurança: a primeira é sobre a dificuldade para se descobrir informações a respeito dos atentados pelo fato deles ocorrerem de madrugada; a outra dificuldade é a falta de contingente da polícia militar para garantir a segurança de todas as bancas. Em suas respostas, tanto o dono da banca quanto o presidente do Sindicato dos Vendedores e Distribuidores de Jornais e Revistas de Belo Horizonte são evasivos, se recusando a fazer uma análise do ocorrido, e deixando claro que não tinham maiores informações sobre as ameaças que vinham sendo feitas. O único momento em que a reportagem toca no cerne da questão é no segundo áudio gravado pela repórter, quando ela relata que os donos de bancas de jornais e revistas vinham sendo ameaçados por cartas anônimas, para que parassem de vender publicações da imprensa alternativa. Ela indica assim o que teria motivado os atentados, sem no entanto levantar possíveis suspeitos ou analisar por qual motivo a imprensa alternativa vinha causando tanto incômodo.

O fato do dono da banca se esquivar das perguntas da repórter apenas mostra que ele dimensionava o significado do ato terrorista que sofrera, e, possivelmente por

temor, preferia se calar. Aquele era mais um atentado, dentre tantos outros que Belo Horizonte já havia presenciado nos últimos dois anos. Os alvos eram claros, assim como os responsáveis. De acordo com Heloisa Greco:

Entidades legais, órgãos da chamada imprensa alternativa e até as bancas de revistas que os vendiam tornam-se objeto prioritário do aparelho repressivo do Estado e das organizações terroristas intimamente vinculadas a ele, como o Comando de Caça aos Comunistas (CCC), o Movimento Anti Comunista (MAC), o Grupo Anti Comunista (GAC), o Comando Delta, a Falange Pátria Nova, a Aliança Anticomunista Brasileira et cetera (2003, p. 71).

Como desdobramento da telerreportagem anterior temos o filme "Atentado a banca de revistas - Comissão" (JH), de 25 de julho de 1980. Com 5 minutos e 7 segundos de duração, o filme teve a seguinte sinopse cadastrada na base de fichas da Globo Minas:

Título: Atentado à banca de revistas. Comissão vai ao governador.
Sinopse: Cenas do coronel Jair Coutinho comunicando a decisão do governador aos membros da comissão sobre som durante o encontro e entrevista com o governador Francelino Pereira.

O filme começa com um plano em que estão lado a lado o governador Francelino Pereira e o jornalista Dídimo Paiva²⁶² (Imagem 224) representando o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais. O repórter da Globo Minas (fora de quadro) estica o microfone na direção de Dídimo, que está com a palavra:

A preocupação do nosso Sindicato, qualquer que seja a divergência de forma ou de conteúdo, não implica necessariamente na aceitação de princípios defendidos ou pelo governo, ou pelos grupos que se opõem ao governo. Mas simplesmente de que, numa verdadeira democracia, o que está acontecendo em Minas Gerais não é típico de uma democracia.

Durante toda a fala de Dídimo, ele é observado pelo governador, que está ao seu lado. Há um corte e um breve plano apresenta pessoas que estão presentes na mesma sala, entre elas, a então presidente do CBA/MG, Helena Greco (Imagem 225). A cena seguinte traz uma sonora com o governador Francelino Pereira:

Olha, todas as medidas que foram tomadas e estão sendo citadas, no sentido da apuração dos fatos ocorridos contra o patrimônio do Sindicato dos Jornalistas²⁶³ e também em relação ao incêndio, à destruição de uma banca

²⁶² Dídimo Miranda de Paiva (Jacuí/MG, 1928 - Belo Horizonte/MG, 2019) trabalhou por mais de 40 anos no jornal **Estado de Minas** (entre 1964 e 2009), onde foi editor de Nacional, Internacional e Opinião. Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais entre 1975 e 1978, e uma das principais referências em jornalismo no estado. Ver GUIMARÃES; SOUTO, 2019.

²⁶³ No dia 27 de junho de 1980, uma bomba explodiu no Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais. Houve muitos danos materiais, mas ninguém se feriu. Antes do atentado, o Sindicato já havia recebido ameaças por telefone (MINAS GERAIS, 2017, v. 4, p. 208).

de jornais aqui em Belo Horizonte. [...] e não podem ser aceitos. Essas pessoas estão efetivamente perdendo o seu tempo, porque se desejam provocar qualquer ruptura nas instituições brasileiras, isso não ocorrerá.

Na sequência, um plano conjunto de uma sala mostra pessoas sentadas em sofás e poltronas, provavelmente membros da Comissão que foi se reunir com o governador (Imagem 226). Seguem-se planos mais próximos destas pessoas, entre elas Helena Greco. Há uma série de cenas curtas dos presentes na sala onde ocorreu o encontro do governador com o representante do sindicato dos jornalistas. Algumas pessoas fazem anotações, provavelmente repórteres de outros veículos de comunicação. Esta última sequência (que termina aos 2 minutos e 14 segundos) está sem som. Há 7 segundos de filme vazio, e, em seguida, começam imagens que seriam as sobras do que foi utilizado na primeira parte do filme, que constitui a reportagem editada.

Na cena seguinte, é apresentada uma fala do governador direcionada aos membros da comissão, na qual ele se diz satisfeito em receber todos ali e compreende a reivindicação deles em sua demanda por uma apuração mais rápida dos atentados sofridos. Em seguida há mais um breve trecho da entrevista de Francelino ao repórter da Globo, e, na sequência, ele cumprimenta os membros da comissão. Em seu breve aperto de mão com Helena Greco (Imagem 227), uma fala curiosa da ativista foi capturada pela câmera da TV: "*Eu não retiro as palavras não, porque eu estou realmente preocupada com a situação*". O governador responde para a presidente do CBA/MG "*Eu compreendo, eu compreendo*" e já parte em seguida para o próximo cumprimento. Esse registro espontâneo mostra como Helena Greco tinha uma postura firme mesmo diante da autoridade maior do estado naquele momento.

Há mais alguns planos das pessoas aguardando no sofá de uma sala e depois os membros do comitê conversam em roda. A seguir, mais um trecho do momento em que o comitê está junto ao governador. Este último tem a palavra: "*o documento tinha sido entregue em termos desrespeitosos. Eu quero informar desde logo [...]*". Há um corte. No plano seguinte, Helena Greco pede a palavra, o que lhe é negado pelo governador, que diz: "*Um momento, com a palavra o Dr. Dídimo de Paiva*". Em seguida o jornalista começa a falar:

Governador, dentro do estrito cumprimento do dever sindical, o Sindicato dos Jornalistas já fez chegar às autoridades a nossa preocupação e o protesto pelo clima de terror implantado. [...] do ataque às bancas de jornais impedidas hoje de vender jornais que esses grupos consideram impatriotas [sic], ao mesmo tempo as prisões continuadas de companheiros, do Jornal Hora do Povo, do Jornal Em Tempo, e Vossa Excelência, fundador que foi

da UDN²⁶⁴, e com um passado de luta liberal democrata, sabe muito bem que [...].

Imagem 224 - Governador Francelino Pereira (à esquerda) e o jornalista Dídimo Paiva



Imagem 225 - Helena Greco e outros membros da comissão



Planos do material editado para a reportagem.

Imagem 226 - Membros da comissão enquanto aguardam o encontro com o governador



Plano do material editado para a reportagem.

Imagem 227 - Helena Greco mantém postura firme no encontro com Francelino



Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Atentado a banca de revistas - Comissão" (25 de julho de 1980).

FONTE: Acervo MIS BH.

Há um corte antes que a fala do jornalista seja concluída e o filme acaba. A reportagem aqui apresentada mostra um encontro oficial entre governador e a comissão formada para reivindicar providências quanto aos últimos ataques terroristas sofridos em Belo Horizonte. A fala do governador é apaziguadora e demonstra mais uma resposta política aos anseios da comissão do que efetivamente ações para inibição dos ataques. Como veremos na próxima reportagem, a luta pelo direito de expressão e manifestação continuaria nas ruas.

À exemplo do filme "Incêndio banca de revista. Atentado de direita" (de 16 de julho de 1980), a reportagem a seguir, chamada "Apreensão de Jornais da Esquerda"

²⁶⁴ União Democrática Nacional.

(título atribuído), também foi identificada no MIS BH. Analisando o conteúdo do filme em cruzamento com os dados disponíveis na base de fichas do Fundo Globo, identificamos que este rolo corresponde à telerreportagem "Polícia - Repressão à imprensa alternativa", do dia 04 de agosto de 1980. Não há indicação do jornal no qual a reportagem teria sido veiculada. A sinopse cadastrada pela Globo Minas é a seguinte:

Sobe som com uma jornalista malhando o governo Francelino Pereira. Entrevista com um detetive do Dops, Ednyr Parreira e Jacyr Marino. Entrevista com um fiscal da prefeitura, que proibiu a venda ambulante de jornais da imprensa alternativa e com o Sr. que chamou a polícia.

Gravado em cenas externas à noite, o filme possui 4 minutos e 25 segundos de duração. Ele tem início com imagens de uma mulher que está na rua, em pé, atrás de uma mesa onde se encontram pilhas de diversos jornais alternativos (Imagem 228). Há muitos populares em volta desta mulher, que possui um exemplar do jornal **Em Tempo** na mão (Imagem 229). Ela protesta falando alto e gesticulando bastante: "[...] *quando foi pra impedir a greve dos bancários, ele teve um policial pra cada [...]*". Há um corte na fala da mulher. Verificando outros trechos de seu discurso que estão contidos no filme, entende-se que ela se refere ao governador Francelino Pereira e sua atitude de ordenar o reforço do policiamento na cidade de modo a inibir as manifestações grevistas que ocorriam com bastante força em Belo Horizonte desde o ano de 1979. Uma edição dinâmica organizou diversos planos curtos nesta sequência: pessoas compram exemplares dos jornais alternativos (Imagem 230); um plano mostra o carro do Departamento de Ordem Política e Social no local (Imagem 231); a imagem de um dos agentes do DOPS presentes (Imagem 232); uma mulher que aparentemente está vendendo exemplares dos jornais expostos; no plano seguinte, um outro agente do DOPS mostra sua identificação para um homem, uma mulher e Helena Greco, presidente do CBA/MG (Imagem 233); novas cenas dos jornais sendo adquiridos por transeuntes. Na sequência, uma sonora com Oraldo de Oliveira Santos, fiscal da Prefeitura de Belo horizonte (Imagem 234): "*Qualquer tipo de venda de mercadoria, enfim, mercadoria clandestina, sem a licença. Porque o jornal inclusive é licenciado pra vender em banca de jornal. Fora disso, na via pública é proibido. Essa é a nossa ação*". A resposta do fiscal termina aos 43 segundos de filme. Em seguida há um breve trecho de filme em branco. Acreditamos que neste ponto se encerra a reportagem editada para ir ao ar.

Imagem 228 - Mulher protesta contra as ameaças sofridas pela imprensa alternativa em BH



Imagem 229 - Detalhe do jornal que ela segura enquanto discursa



Imagem 230 - As pessoas adquirem os jornais que estão sendo vendidos no meio da rua



Imagem 231 - Carro do DOPS presente no local



Imagem 232 - À direita da imagem, um dos agentes do DOPS



Imagem 233 - O outro agente do DOPS se identifica para Helena Greco e também para um homem e uma mulher que participam do protesto



Imagem 234 - Oraldo de Oliveira Santos,
fiscal da Prefeitura de Belo horizonte



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Polícia - Repressão à imprensa alternativa" (04 de agosto de 1980).

FONTE: Acervo MIS BH.

No plano seguinte, mais um trecho do protesto da mulher que segura o jornal **Em Tempo** na mão:

Denuncia a corrupção, denuncia a exploração [...]. A gente já foi ao governador Francelino pedir a ele proteção 'pras' bancas continuarem vendendo os jornais. Porque a gente quer que a população continue tendo acesso aos jornais que falam a verdade. Mas o governador Francelino não fez nada até agora. Quando foi pra colocar dois PMs em cada grupo escolar, pra poder impedir as professoras de fazer greve [...]. ...denunciam a situação de miséria que o povo brasileiro vive hoje. Por isso que eles querem calar a boca [...]. Pra garantir que o povo possa ler as notícias. Pra garantir que os verdadeiros jornais, que falam a verdade, que falam do povo, que falam da luta do povo, que falam da exploração do povo. Francelino não tem nem um soldado, Francelino não tem nem um investigador pra saber quem foram os terroristas covardes que destruíram o ganha pão de um trabalhador brasileiro. [...] que são jornais da imprensa independente [...]. Independente dos patrões [...]. Os grandes jornais, eles estão falando que o povo brasileiro tá muito bem, que o povo brasileiro [...]. A grande maioria tá sofrendo, tá explorada, tá vendo a inflação comer o salário da gente. [...] pra garantir a exploração do povo brasileiro. É por isso que eles querem calar a boca destes jornais.

A cada corte indicado pelos colchetes, o ângulo da câmera muda. Em alguns momentos permanece na mulher, em outros mostra as pessoas que passam e compram os jornais. Os cortes também intercalam planos que apresentam capa por capa dos jornais que estavam sendo vendidos ali (Imagens 235 a 238). É interessante observar que ao longo de todo o rolo as pessoas adquirem exemplares dos jornais, não se sentindo inibidas nem pela presença da TV, nem pela presença dos agentes do DOPS.

Após esta sequência composta por trechos do protesto da mulher e das imagens que indicamos acima, há um pedaço de filme que começa em branco mas com gravação de som. Pouco depois, as imagens aparecem. É um diálogo entre o repórter da TV e um dos agentes do DOPS (Imagem 239):

R²⁶⁵: *Pode vender, sem propaganda, é isso?!*

ADP: *Sem propaganda, sem discurso.*

R: *Por que foi proibida a propaganda?*

ADP: *O Secretário de Segurança determinou assim.*

No plano seguinte, o agente do DOPS se aproxima de um grupo composto por um homem e uma mulher não identificados e Helena Greco. Ele tira uma carteira do bolso e mostra sua identificação como detetive do DOPS para os três. O outro agente do DOPS faz o mesmo. Em um gesto curioso, o homem que está olhando a identificação pega a carteira do detetive na mão e aproxima o documento de seus olhos. Uma voz feminina fora de quadro complementa a cena: "*A grande imprensa pode, nós não*".

Em seguida, há mais um trecho da entrevista com o fiscal da prefeitura, na qual ele informa que naquele momento eles tinham apenas passado orientações sobre a proibição da venda dos jornais fora das bancas. Mas que no dia seguinte começariam a fazer apreensões. O repórter pergunta qual seria a função do fiscal na prefeitura, no que ele responde que é chefe do Setor de Repreensão. A pedido do jornalista, o fiscal ainda informa seu nome completo.

Há mais alguns planos dos carros do DOPS. Na última cena, repórter e cinegrafista se apressam para seguir um senhor que aparentemente foge da equipe da TV. O repórter questiona: "*Por que o senhor chamou a polícia pra vir pra cá?*". O senhor parece não entender (ou não querer entender) a pergunta (Imagem 240). O repórter repete a questão. O senhor dá as costas para o repórter e diz: "*Eu?! Não senhor. Cê tá muito enganado*". O jornalista insiste: "*Qual o seu nome?*". A curiosa cena de 'perseguição' é finalizada com uma resposta inusitada por parte do senhor: "*Eu não tenho nome não*". O filme acaba.

Um detalhe que chama a atenção é que nem no material editado, nem no material de arquivo há qualquer sonora com as pessoas que estavam vendendo os jornais alternativos nas ruas, ou mesmo com a presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia/MG, figura reconhecida na luta pelas liberdades democráticas e liberdade de expressão. Na matéria editada, apenas o fiscal da Prefeitura de Belo horizonte teve direito à voz. O trecho selecionado da fala da mulher que protesta é muito curto e não possui informações suficientes para que o telespectador entenda o motivo da proibição dos jornais. Nos trechos do discurso dela que ficaram para as sobras há enunciados muito mais contundentes e esclarecedores, por exemplo, quando ela ressalta a importância do apoio à circulação desses jornais, que, segundo ela, traziam notícias que

²⁶⁵ Indicaremos como R as perguntas feitas pelo repórter e como ADP as respostas do agente do DOPS.

mostravam à população a real situação do país. Ela denuncia também os ataques terroristas que as bancas vinham sofrendo, e a passividade do governo estadual ao não tomar providências para que elas fossem protegidas e os atentados investigados.

Imagem 235

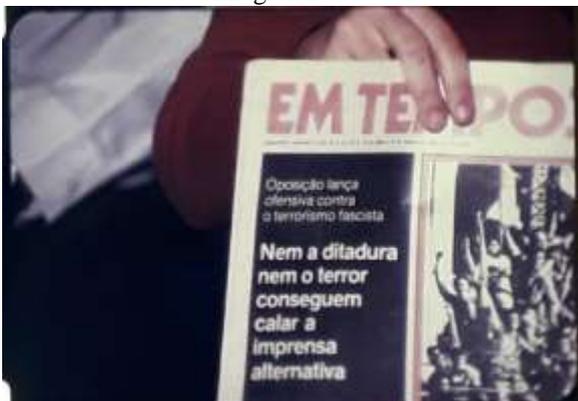


Imagem 236



Imagem 237

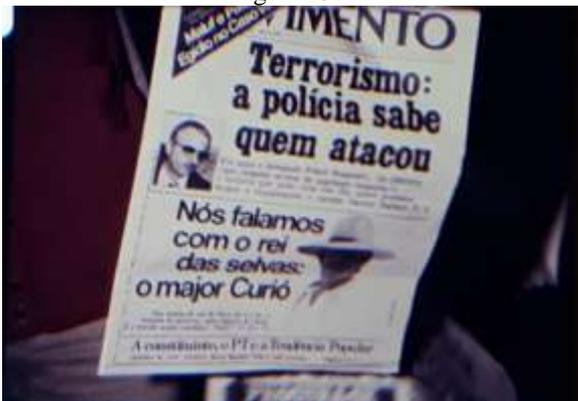


Imagem 238



Imagens 235 a 238 - Capas dos jornais da imprensa alternativa que estavam sendo vendidos nas ruas de Belo Horizonte

Imagem 239 - Agente do DOPS responde perguntas do repórter da TV Globo Minas



Imagem 240 - Homem 'sem nome' que teria chamado a polícia ao local onde os jornais estavam sendo vendidos



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Polícia - Repressão à imprensa alternativa" (04 de agosto de 1980).

FONTE: Acervo MIS BH.

Ao optar por deixar fora da edição final da telerreportagem a fala do agente do DOPS sobre as ordens do Secretário de Segurança (que queria que os jornais fossem vendidos 'em silêncio'), oculta-se também o real motivo da proibição da venda das publicações nas ruas. Enquanto comercializavam os jornais, as pessoas faziam denúncias das ameaças sofridas, chamando a atenção do povo (transeuntes e leitores), o que de certa forma dava ainda mais visibilidade para os jornais alternativos.

As publicações estavam sendo vendidas em via pública porque as bancas pararam de comercializá-las, em virtude do medo dos jornaleiros de sofrerem novos ataques por parte dos grupos terroristas de extrema-direita, incomodados com as denúncias feitas nesses periódicos. No entanto, pela reportagem editada, tem-se a impressão de que a venda dos jornais havia sido proibida apenas porque não tinham licença para comercializá-los em via pública, sem que fossem aprofundadas as razões que levaram os jornais alternativos para as ruas.

O filme "Povo contra a Ditadura" (título atribuído) foi identificado pela equipe do MIS BH mediante análise do conteúdo do rolo. Localizamos na base de fichas da TV Globo Minas quais seriam o título, a data e a sinopse originais desta reportagem:

Título: Ato público contra o terror (JG²⁶⁶)

Sinopse: Sobe som para a fala de Dídimo Paiva, do sindicato Jornalistas; som ambiente, fala de Dona Helena Greco e faixas e povo nas escadarias Igreja São José.

Data Filmagem: 29/08/1980

Com 2 minutos e 44 segundos de duração, a reportagem (gravada à noite) tem início com imagens de populares reunidos que gesticulam e gritam "Abaixo a Ditadura! Abaixo a Ditadura!" (Imagem 241). Em seguida há um plano de Dídimo Paiva (representante do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais) discursando ao microfone (Imagem 242). Como a gravação foi feita com som ambiente, o áudio do jornalista ficou muito abafado e não é possível entender seu discurso nos 4 segundos de duração do plano. A seguir há imagens das faixas que foram dependuradas nas grades que cercam a Igreja São José, no centro de Belo Horizonte (Imagem 243). "Médicos residentes unidos ao povo contra o terror", dizia uma delas, assinada pela Associação Nacional dos Médicos Residentes. Abaixo dela a faixa "Manifestação contra o terror", provavelmente o nome que os organizadores deram ao ato. Na terceira faixa, os dizeres: "Exigimos a apuração dos atentados e a punição dos responsáveis", assinada pelo DA ICB da UFMG. Na sequência, planos do público que ouve o discurso e aplaude e cenas de

²⁶⁶ Jornal da Globo.

Dídimo ao microfone. Entre os que o escutam, a câmera dá destaque a Mares Guia, diretor de redação da sucursal do jornal **Em Tempo** em Belo Horizonte (Imagem 244).

A seguir, imagens de Helena Greco ao microfone (Imagem 245). Ela faz uma denúncia:

Ontem, uma pessoa que se diz (inaudível) me avisou que as coisas que estão acontecendo no Rio e em São Paulo²⁶⁷ acontecerão aqui, e que eu serei a primeira contemplada.

Esta primeira parte se encerra aos 50 segundos. Há um trecho de 5 segundos de filme em branco, e então têm início as imagens que seriam as sobras da reportagem editada. Há mais alguns trechos do discurso de Dídimo. Em alguns momentos, a câmera se desloca para mostrar o público presente no ato, enquanto o discurso do jornalista continua sendo ouvido ao fundo. Entre o público também podem ser vistas algumas faixas de protesto.

Em seguida há mais alguns trechos do discurso de Helena Greco. Da gravação, é possível entender o momento em que ela denuncia outra frase intimidadora que teria ouvido: "*menina, toma cuidado, porque você está muito nova pra morrer agora*". O público aplaude e ela encerra sua fala. Na sequência, mais imagens do público gritando "*Abaixo a Ditadura!*" e planos das faixas que foram levadas ao evento (Imagem 246). O filme acaba.

Imagem 241 - Manifestantes em frente à Igreja São José gritam em coro "*Abaixo a Ditadura!*"



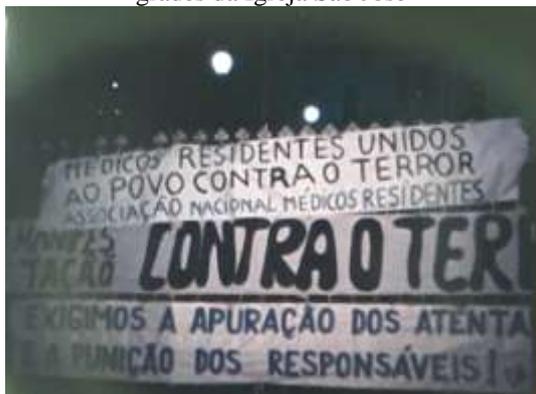
Imagem 242 - Dídimo Paiva discursa durante o ato público contra o terror



Planos do material editado para a reportagem.

²⁶⁷ Entre os atentados aos quais a pessoa que ameaçou Helena Greco provavelmente se referia, citamos alguns: explosão de bomba na sucursal do jornal **Tribuna da Luta Operária** (Rio de Janeiro/RJ, 27/08/1980); explosão de bomba na sede da OAB/RJ, com uma vítima fatal (Rio de Janeiro/RJ, 27/08/1980); explosão de bomba na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/RJ, 27/08/1980); artefato explosivo desativado no Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/RJ, 27/08/1980); bomba lançada contra a Associação Espírito Santo (São Paulo/SP, 28/08/1980); bomba lançada contra a Mundial Assessoria Jurídica e Contábil (São Paulo/SP, 28/08/1980). Essas duas últimas explosões ocorreram simultaneamente. Ver: SILVA, 2020.

Imagem 243 - Faixas penduradas nas grades da Igreja São José



Planos do material editado para a reportagem.

Imagem 244 - À esquerda da imagem, João Batista Mares Guia, diretor de redação da sucursal do jornal *Em Tempo* em Belo Horizonte



Imagem 245 - Helena Greco denuncia ameaças durante o evento



Plano do material editado para a reportagem.

Imagem 246 - Entre os manifestantes, faixa em protesto contra o terror.



Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Ato público contra o terror" (29 de agosto de 1980).
 FONTE: Acervo MIS BH.

Uma manifestação em frente à Igreja São José, na região mais central de Belo Horizonte, onde pessoas pediam o fim do terror e gritavam pela queda da ditadura eram sinais de novos tempos. A matéria editada, que teria sido veiculada no Jornal da Globo, foi aberta com gritos de "Abaixo a ditadura!". Apresentou ainda faixas em que várias entidades pedem o fim do terror e a investigação dos ataques sofridos, e a denúncia por parte da presidente do CBA/MG das ameaças de morte que vinha recebendo. Poderia ser também o prenúncio de novos tempos na cobertura do telejornalismo da TV Globo. Poderia. No entanto, como sabemos, a emissora continuou a fazer um jornalismo que (muitas vezes) se distancia dos anseios e da realidade do povo brasileiro.

Na cobertura feita pela TV Globo Minas dos movimentos pela anistia entre 1977 e 1980 percebe-se grande diferença entre a primeira telerreportagem, ainda muito tímida em relação ao tratamento do tema, e a última matéria, que começa com gritos de

"Abaixo a Ditadura!". No entanto, é importante notar que essa mudança na cobertura não aconteceu de forma linear. Em vários momentos ela foi conciliadora, em alguns outros, uma crítica sutil, como vimos ao longo do capítulo.

Entre as telerreportagens conciliadoras temos o filme "Exposição Presos Políticos", de 22 de outubro de 1977, que embora já faça uso da palavra 'anistia' (tanto na sonora com a entrevistada Therezinha Zerbini quanto no cartaz do movimento que é enquadrado pela câmera), não entra em questões mais delicadas como a situação vivida pelos presos políticos nos cárceres brasileiros e a demanda por sua libertação, tema que foi abordado apenas no trecho não selecionado da sonora com a ativista.

Na reportagem "Anistia de 45 – Reunião e bomba" (de 19 de abril de 1978), tanto repórter quanto entrevistada falam sobre a anistia. Helena Greco ressalta inclusive a luta pela "Anistia Ampla, Geral e Irrestrita", bandeira dos movimentos pela anistia que seria reiterada em várias das telerreportagens aqui analisadas. Por exemplo, o conceito está presente na fala do deputado José Eudes quando se posiciona contra um projeto de anistia parcial ("Anistia – Debate Faculdade de Direito", de 23 de março de 1979) e também na faixa estendida no palco da peça "Revista do Henfil" durante homenagem a Helena Greco ("Teatro – Revista do Henfil – Homenagem Mov. Fem. Anistia", 02 de abril de 1979). O coro da plateia gritando por "anistia" saíria do espaço fechado do teatro para chegar até as casas das pessoas pelo telejornal.

Há também reportagens que poderiam passar despercebidas sem que fosse feita qualquer conexão entre elas e os movimentos pela anistia em Belo Horizonte. Este é o caso da matéria "Polícia – Bomba no Carlos Prates" (de 13 de setembro de 1978) visto que nem mesmo nas sobras da reportagem é feita qualquer menção à relação entre a Igreja onde a bomba explodiu e o Movimento Feminino pela Anistia. Para um espectador mais desatento, apenas uma ação de vândalos. O mesmo ocorre com a telerreportagem "Incêndio banco de revista. Atentado de direita" (de 16 de julho de 1980), no qual é feita uma associação muito rasa entre a venda dos jornais alternativos e o atentado.

No ano de 1979, a anistia entra em definitivo na agenda política do governo. Das 22 telerreportagens analisadas neste capítulo, 8 foram realizadas naquele ano, todas de janeiro a abril, momento de maior concentração da cobertura da TV Globo Minas em relação às ações dos movimentos pela anistia. No entanto, a postura moderada da emissora ficaria latente no engavetamento das matérias que denunciavam a ação do DOPS contra o MFPA e o CBA logo no início de 1979.

Nas reportagens que foram ao ar, registros preciosos foram excluídos. Imagens como o nome do GAC pichado em carros na rua ("Anistia de 45 – Reunião e bomba"), ou na parede da sede do jornal **Em Tempo** ("Jornal Em Tempo Bombardeado"), ou mesmo os tão simbólicos cartazes pela anistia ("Movimento Anistia – Entrevista" e "Anistia de 45 – Reunião e bomba") foram vistos apenas nas sobras de reportagem. Também ficaram de fora da matéria editada as capas dos jornais alternativos com as denúncias das ameaças e atentados sofridos em 1980 ("Policia - Repressão à imprensa alternativa"). O relato da ex exilada Lúcia Marly sobre a expectativa de outros exilados para voltarem ao país ("Exilados Mineiros – Retorno"), assim como a denúncia dos ex presos políticos sobre as torturas sofridas e os nomes de seus torturadores ("Movimento feminino pela anistia – Ato público com ex presos políticos"), ou mesmo a fala irônica de João Batista Mares Guia sobre a presença da PM nas imediações da câmara municipal ("Jornal Em Tempo - Manifestação na Câmara") são sonoras muito significativas, motivo pelo qual provavelmente foram relegadas ao silêncio.

'Ditadura', 'anistia', 'presos políticos', 'terror' e 'sequestro' são expressões que conseguiram se inserir nos telejornais pelo discurso dos militantes dos movimentos pela anistia, embora muitas outras expressões e denúncias tenham sido relegadas ao esquecimento das sobras de filme para arquivo.

Nas telerreportagens aqui analisadas, a expressão 'Abaixo a Ditadura!' foi gritada em coro durante manifestação popular na câmara municipal em 24 de agosto de 1978 ("Jornal Em Tempo - Manifestação na Câmara"), mas silenciada na edição final da reportagem, que excluiu este trecho. No conjunto de rolos analisados, a expressão seria levada ao ar pela primeira vez na reportagem "Anistia – Debate Faculdade de Direito" (de 23 de março de 1979), ainda de forma abafada, ao final do discurso do militante Vicentão. Na última reportagem apresentada no capítulo ("Ato público contra o terror", de 29 de agosto de 1980) também a mais recente cronologicamente, o grito pelo fim da ditadura retorna a plenos pulmões na manifestação popular em frente à Igreja São José logo na abertura da reportagem. Mas isso não significou que a luta pelo fim da ditadura tenha alcançado um lugar de destaque no telejornalismo da Globo Minas.

No próximo capítulo analisaremos filmes que mostram momentos da atuação do movimento estudantil em Belo Horizonte no período, outra categoria importante desta luta, destacando as escolhas feitas pela cobertura do telejornalismo global, os ruídos e os silêncios.

Capítulo 3. O movimento estudantil e o autoritarismo do regime militar pela ótica da Globo Minas

Conforme exposto na introdução, a escolha dos filmes que compõem cada capítulo desta pesquisa foi feita a partir do material localizado no acervo do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte, ou seja, a pesquisa partiu do acervo para então encontrar e detalhar os fatos aos quais as telerreportagens se referiam.

No capítulo sobre os movimentos pela anistia, optamos pela apresentação cronológica das reportagens (separando em um tópico específico as matérias relacionadas à imprensa alternativa), opção essa que fazia mais sentido diante do leque de filmes que tínhamos disponíveis. Ao final do capítulo, conseguimos vislumbrar como o jornalismo da TV Globo Minas cobriu as ações dos movimentos pela anistia em BH.

Neste capítulo sobre a cobertura de eventos que marcam o tensionamento das relações entre os estudantes e o regime militar na capital mineira, não optaremos pela apresentação cronológica, mas sim por uma divisão temática, visto que tais eventos não foram concentrados em torno das mesmas personagens como foram os movimentos pela anistia. Embora alguns alunos apareçam em mais de uma telerreportagem, os filmes localizados no Fundo Globo Minas apresentam nuances diversas da atuação dos estudantes na capital mineira: há registros de ameaças e atentados a bomba direcionados a eventos e entidades estudantis; existem também denúncias de prisões arbitrárias de estudantes realizadas pelo DOPS em BH; há ainda matérias que mostram a atuação de jovens secundaristas, em um episódio que teve início com as prisões de professores e se desenrolou com manifestações de alunos pelas ruas da cidade. As reportagens localizadas dentro dos três temas indicados estão circunscritas ao período 1975-1980. Juntamente com a análise de como foi feita a cobertura de cada episódio por parte da Globo Minas, recuperaremos, a partir dos materiais, a contextualização de certos eventos ligados ao Brasil naquele momento.

O regime militar (1964-1985) teve diversas categorias de personagens protagonistas, tanto entre aqueles que apoiaram, quanto entre os que lutaram contra o governo instaurado. Deste último grupo, os estudantes certamente estiveram entre os personagens principais. Foram eles que protagonizaram grandes mobilizações nos anos 1967 e 1968, eventos que antecederam (e impulsionaram, entre outros fatores) o famigerado Ato Institucional nº 5. Foram também os estudantes alguns dos principais

alvos do regime após a decretação do AI-5, tanto pelo perfil questionador e o potencial de organização em grupos, quanto pelo envolvimento de vários jovens na luta armada. Conforme Rodrigo Patto Sá Motta,

os estudantes universitários brasileiros passaram por intensa politização e esquerdização nos anos 1960, processo, aliás, paralelo a tendências semelhantes verificadas em outros países. No Brasil, esse fenômeno começou no início da década e continuou nos anos seguintes, tornando-se mais agudo em meio à repressão política dos militares, que serviu de combustível para a radicalização dos jovens. O choque com a massa estudantil universitária radicalizada viria a se tornar mais intenso na segunda metade dos anos 1960, levando os chefes militares e seus aliados a adotar novas estratégias para lidar com esse "problema" que os desafiaria até o fim (2014, p. 63-64).

Na segunda metade da década de 1970, paralelamente ao fim do ‘milagre’ e do avanço de uma grave crise econômica, o país assistiu ao recrudescimento dos movimentos sociais que foram silenciados pelo regime militar, especialmente após a edição do AI-5. As tentativas de reforço dos ideais da ‘revolução’ e de manutenção da imagem de um país próspero e em desenvolvimento (como vimos nos capítulos sobre os rituais do poder) contrastavam com as denúncias e reivindicações vindas da sociedade, conduzidas por associações de grupos diversos, como trabalhadores e militantes pela anistia, conforme visto no capítulo anterior. É neste cenário que os estudantes voltam a atuar publicamente. Tal retorno não seria ignorado pelo regime. Pelo contrário, os eventos cobertos pelas reportagens analisadas neste capítulo mostram como os estudantes vinham sendo acompanhados de perto pela repressão, que deixaria suas marcas mesmo durante o processo de distensão e abertura política em curso.

Antes de darmos início às análises deste capítulo, é importante citarmos um evento estudantil que tornou-se simbólico na capital mineira. Muitos pesquisadores procuram o MIS BH em busca de imagens do III Encontro Nacional dos Estudantes, que seria realizado no dia 4 de junho de 1977 na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. O evento tinha como objetivo reestruturar a UNE, colocada na ilegalidade em 1964. No entanto, um forte aparato policial montado na capital mineira impediu a realização do encontro e oitocentos e oitenta estudantes foram presos²⁶⁸. O acontecimento mobilizou a cidade e teve ampla cobertura jornalística em várias edições do jornal **Estado de Minas** naqueles primeiros dias do mês de junho de 1977.

²⁶⁸ POLICIAIS impediram reunião estudantil. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 05 jun. 1977. Capa, p. 1.

Não localizamos até o momento nenhum filme no MIS BH que trouxesse qualquer cobertura dos acontecimentos relacionados à tentativa de realização do III ENE. No entanto, na base de fichas encontramos dois registros de filmagens realizadas no dia 06 de junho de 1977. Os rolos relativos a esses registros não foram localizados, mas a existência da documentação catalográfica indica que as coberturas foram feitas. Há duas fichas (Imagens 247 e 248) que indicam a gravação de imagens no interior do pronto socorro, onde estavam sendo atendidos dois trabalhadores feridos no Parque Municipal após a explosão de uma bomba. Matéria do **Estado de Minas** informa que a bomba teria sido "perdida pela polícia durante a manifestação estudantil"²⁶⁹. Importante destacar que o parque fica a aproximadamente 500 metros da Faculdade de Medicina da UFMG, onde os estudantes estavam concentrados para o III ENE.

Imagens 247 e 248 - Fichas utilizadas no processo de catalogação da TV Globo Minas indicam a gravação de imagens no interior do pronto socorro onde ocorria o atendimento a dois homens feridos após a explosão de uma bomba.

Imagem 247

PARQUE MUNICIPAL ESTOURO DE BOMBA	Data Filmagem 06-06-77
	FILME N.º
	SON/MAG
	NEG
	TIPO
	NE

GENAS INTERNAS DO PRONTO SOCORRO E DO MEDICO DR. GERAÇÃO (NÃO QUIS DAR SOBRENOME) QUE NÃO QUIS DAR INFORMAÇÕES NEM FORNECER DADOS. O SOM NÃO É GARANTIDO POIS A EQUIPE FILMOU E GRAVOU CLANDESTINAMENTE. O CASO É O SEGUINTE: UMA BOMBA ENCONTRADA NO PARQUE MUNICIPAL POR OPERARIOS QUE COLOCAVAM GRADIL NO PARQUE. AO SER RECOLHIDA EXPLODIU FERINDO DOIS OPERARIOS.

602.07 - 1080 - 06/75

²⁶⁹ BOMBA perdida no Parque Municipal explode na mão de um trabalhador. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 07 jun. 1977, p. 22.

Imagem 248

PRONTO SOCORRO CENAS INTERNAS (ATENÇÃO P/SINOPSE)	Data Filmagem
CENAS INTERNAS DO PRONTO SOCORRO. UM MEDICO DR. GERAÇO QUE NÃO QUIS DAR INFORMAÇÕES A RESPEITO DE UMA BOMBA QUE EXPLODIU NO PARQUE MUNICIPAL FERINDO DOIS OPERARISOS QUE COLOCAVAM GRADES. ESTE FILME NÃO É MUITO BOM FOI FEITO CLANDESTINAMENTE. AS VEZES QUEBRA O GALHO	06-06-77
	FILME N.º
	SON/MAG
	NEG
	TIPO
	NE

802.07 - 1000 - 06/75

FONTE: Acervo MIS BH.

As fichas indicadas nas Imagens 247 e 248 referem-se ao mesmo filme. A elaboração de dois documentos catalográficos se justifica em função do índice remissivo criado a partir do título. A primeira ficha remete ao parque municipal e a segunda ao pronto socorro. Pela descrição contida em ambas, percebe-se a postura temerosa do médico em fornecer para a equipe da TV qualquer informação a respeito do ocorrido. Seu receio indica que ele provavelmente tinha ciência da origem da bomba e de quem seriam os alvos. Os dados das fichas também revelam que a gravação ocorreu de forma clandestina, o que teria prejudicado a qualidade da imagem e do som. A gravação clandestina indica uma postura exploratória por parte da equipe de reportagem, que aparentemente se propunha a ir a campo filmar todo e qualquer evento, mesmo sem autorização dos poderes constituídos. Neste caso, a condição de filmagem, rápida para evitar, talvez, que o material fosse apreendido, teve como resultado um padrão técnico distante do ideal. Seja pela delicadeza do tema abordado, seja pela condição técnica da filmagem, o fato é que o rolo foi classificado como NE (Não Editado), ou seja, o material não chegou a ser utilizado.

Outro filme que teria sido gravado no dia 06 de junho de 1977 consiste em uma entrevista com o Delegado Regional do MEC desmentindo a renúncia do reitor da

UFMG, professor Eduardo Osório Cisalpino²⁷⁰. A ocorrência também foi um desdobramento da tentativa de realização do III ENE. Pela indicação que consta na ficha (Imagem 249), a reportagem teria sido exibida no Jornal Nacional.

Imagem 249 - Ficha indica cobertura de desdobramentos da tentativa de realização do III ENE em BH

UFMG - DESMENTIDO RENUNCIA REITOR	Data Filmagem 06-06-77
ENTREVISTA COM EUCLIDES PEREIRA DE MENDONÇA DELEGADO REGIONAL DO MEC QUE DESMENTE A NO TICIA DA RENUNCIA DO REITOR DA UFMG EDUARDO OSORIO CISALPINO. O PROBLEMA FOI CRIADO PE LOS ESTUDANTES QUE INSISTEM EM PROMOVER REU NIÕES. MUITOS JÁ FORAM PRESOS. O DELEGADO DO MEC AFIRMA QUE A SITUAÇÃO ESTUDANTIL EM MINAS ESTÁ CALMA.	FILME N.º SON/MAG NEG
	TIPO JN
602.07 - 1000 - 06/75	

FONTE: Acervo MIS BH.

Pelo acervo identificado até o momento, a tentativa de realização do III ENE só teve lugar na pauta dos telejornais produzidos pela TV Globo Minas em fatos que tangenciavam o evento. Em relação à cobertura sobre a explosão da bomba, ao contrário da matéria do **Estado de Minas**, na ficha da Globo nem é citado que a bomba seria da polícia que atuou na repressão ao encontro estudantil. A reportagem sobre o boato relacionado à renúncia do reitor talvez tenha sido encarada como um 'desdobramento negativo' da ação dos estudantes, e, possivelmente por essa razão, ganhou espaço na pauta do jornal. Este aspecto da cobertura indica uma orientação editorial em não mostrar a repressão aos estudantes, mas dar destaque ao que seriam problemas ocasionados pelos alunos que 'insistiam' em fazer reuniões.

²⁷⁰ Eduardo Osório Cisalpino (Barbacena/MG, 1930 - Belo Horizonte/MG, 2017) graduou-se em Medicina pela então Universidade de Minas Gerais (UMG) em 1957. Tornou-se professor nesta mesma universidade e exerceu diversos cargos administrativos até assumir a reitoria. Ficou no cargo de 1974 a 1978, considerado um dos períodos mais conturbados da história da universidade. Ver MORRE, 2017.

3.1. Ameaças e ataques sofridos pelo movimento estudantil

Daremos início à análise dos filmes deste capítulo com os rolos que mostram ameaças e ataques a bomba sofridos pelo movimento estudantil em Belo Horizonte.

A telerreportagem "Bomba no DCE UFMG" (JH), de 1º de novembro de 1975, foi catalogada na Rede Globo Minas com as seguintes informações:

Título
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais.
Debate de contratos de risco no DCE.
Sinopse
Cenas que mostram homens do DOPS, olhando se havia alguma bomba nas dependências do DCE, através de um telefonema anônimo. Fala da presidente do DCE, Samira Zaidan²⁷¹.

A informação do título acima (registrada na ficha catalográfica) é diferente do título que consta na ponta do rolo ("Bomba no DCE UFMG"), embora a sinopse corresponda ao conteúdo do filme. Os contratos de risco foram anunciados pelo presidente Ernesto Geisel em cadeia de rádio e televisão na noite do dia 09 de outubro de 1975. Tal medida previa a abertura da exploração do petróleo nacional a empresas estrangeiras. Em 14 anos de vigência dos contratos, foram celebrados 243 acordos, que efetivamente não resultaram em produção alguma de petróleo. A Constituição de 1988 por fim proibiu os contratos de risco²⁷².

Sobre o evento promovido pelo Diretório Central dos Estudantes, localizamos uma reportagem no jornal **Estado de Minas** do dia 31 de outubro de 1975 com a seguinte manchete: "Estudantes debatem o petróleo". É uma matéria curta, de apenas cinco parágrafos, mas que traz informações que ajudam a entender o clima na universidade diante da proposta de realização do evento estudantil:

O Diretório Central dos Estudantes da UFMG informou ontem à tarde, que realiza hoje, em seu centro cultural, à rua Gonçalves Dias, 1.581, às 20h, um debate sobre os contratos de risco.

²⁷¹ Samira Zaidan iniciou o curso de Matemática na UFMG em 1973. No mesmo ano foi tesoureira do DCE/UFMG e em 1974 tornou-se presidente do Diretório Acadêmico do Instituto de Ciências Exatas (ICEX). Em 1975, foi eleita a primeira mulher presidente do DCE/UFMG (gestão 1975-1976). Mudou-se para São Paulo em dezembro de 1978 e concluiu a graduação em Matemática no ano de 1979, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Moema - SP (FFCLM-SP). Tornou-se mestre (1993) e doutora (2001) em Educação pela UFMG. Realizou o pós-doutorado (2016) na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Desde 1996 é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Aposentou-se como professora titular em fevereiro de 2019. Em março de 2019 tornou-se professora voluntária na mesma Instituição. Ver CASTANHEIRA, [2003 ou 2004]; SAMIRA, 2020.

²⁷² Ver BELCHIOR, 1988; CONTRATOS, 1995.

Segundo o DCE, ontem, vários cartazes anunciando o debate foram recolhidos em várias escolas da UFMG, enquanto um boletim e o jornal Gol a Gol, que tratavam do assunto puderam ser distribuídos aos estudantes.

(...)

O DCE informou que os cartazes começaram a ser colados às 7h; e às 9h, o [sic] presidente do Diretório, Samira Zaidan, recebeu este comunicado do reitor Eduardo Cisalpino: "Cumpre-me solicitar à V. Sa. o seu comparecimento a este gabinete, o mais brevemente possível, dentro de suas possibilidades, a fim de tratar de assuntos de interesse da classe estudantil"²⁷³.

A reportagem informa ainda que até o fechamento da edição não tiveram nenhum retorno sobre a reunião da presidente do DCE com o reitor. Percebe-se pelo texto do jornal que na própria universidade havia resistência quanto à realização do evento, que, tão logo foi divulgado, já chegou ao conhecimento da reitoria. Importante ressaltar que o reitor Eduardo Cisalpino (indicado ao cargo pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici) esteve à frente da universidade no período de maior repressão política aos estudantes e servidores da UFMG. Intermediou momentos delicados como a tentativa de realização do III ENE (1977), evento que mencionamos no início do capítulo.

Na TV Globo a reportagem foi registrada no dia 1º de novembro, mas, pela notícia do impresso, verifica-se que o atentado se deu no dia 31 de outubro de 1975. Com 4 minutos e 18 segundos de duração, o filme tem início com a imagem de um homem em pé sobre uma mesa segurando uma lanterna (Imagem 250). Ele procura algo em um quadrado aberto no teto de uma sala, abertura semelhante a um alçapão. O som é ambiente. A câmera faz um movimento de panorâmica para baixo e o quadro revela outros dois homens que o auxiliam na descida da mesa. De acordo com a ficha catalográfica, são agentes do DOPS.

No plano seguinte, um agente agachado junto ao chão busca por algo entre os pés de um conjunto de mesas. Na próxima cena, outro homem olha atentamente por janelas basculantes localizadas no alto de uma parede. O plano mostra novamente o agente agachado, só que agora procurando algo sob o estofado de uma cadeira (Imagem 251). Essa sequência inicial traz planos rápidos e dinâmicos. Pelo encadeamento das imagens percebe-se que este trecho do rolo está editado.

Após estas imagens de busca, a reportagem mostra em primeiro plano Samira Zaidan (Imagem 252), à época presidente do DCE UFMG. Ela segura o microfone e fala olhando diretamente para a câmera:

²⁷³ ESTUDANTES debatem o petróleo. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 31 out. 1975, p. 5.

Por volta de 18 horas nós recebemos um telefonema do reitor da universidade, professor Eduardo Osório Cisalpino, nos dizendo que havia sido... havia recebido um aviso da Secretaria de Segurança, através de um telefonema anônimo, de que tinha uma bomba instalada aqui na sede social²⁷⁴ do DCE e essa bomba explodiria durante o debate sobre a quebra do monopólio estatal do petróleo que o DCE da Universidade Católica e da Universidade Federal estão promovendo hoje.

Imagem 250



Imagem 251



Imagens 250 e 251 - Agentes do DOPS vistoriam as dependências da sede social do DCE UFMG à procura de uma suposta bomba

Imagem 252 – Samira Zaidan, presidente do DCE UFMG



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Bomba no DCE UFMG" (1º de novembro de 1975)
 FONTE: Acervo MIS BH.

²⁷⁴ Localizada à Rua Gonçalves Dias, 1.581 - Bairro de Lourdes (Belo Horizonte/MG), a antiga sede social do DCE/UFMG é hoje um prédio tombado onde funciona o Cine Belas Artes. O local ainda é patrimônio do Diretório Central dos Estudantes. Conforme texto escrito pela professora Samira Zaidan no Boletim da UFMG em 25 de março de 2004, "A criação do centro cultural na sede social do DCE ampliou a ação estudantil, com a realização de debates, apresentação de cinema, teatro e outras promoções, além de um barzinho para encontro e bate-papo" (ZAIDAN, 2004).

A fala de Samira termina em 1 minuto e 03 segundos. Pelo maior refinamento das imagens e transições até este ponto, presume-se que este trecho inicial do filme seja a reportagem editada que teria ido ao ar. Após este momento, têm início uma série de planos mais longos e repetidos, além de transições bruscas entre as cenas, indícios de que deste ponto em diante estão as sobras da edição.

Aparentemente não há participação de nenhum repórter na matéria, que provavelmente foi pautada de última hora e contou apenas com a atuação do cinegrafista e seu auxiliar. Após a sonora da estudante, dois homens inspecionam o motor de um ventilador de pé que está no canto de uma sala. Um dos homens segura uma lanterna (Imagem 253).



Imagem 253 - Agentes do DOPS vistoriam as dependências da sede social do DCE UFMG à procura de uma suposta bomba

Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme "Bomba no DCE UFMG" (1º de novembro de 1975)

FONTE: Acervo MIS BH.

Após o plano dos homens com o ventilador, há novas imagens da ‘busca’ pela bomba sob os estofados de cadeiras e poltronas, nos pés das mesas e em uma caixa de tomada na parede. Na sequência seguinte, um plano com 19 segundos de duração mostra um homem tirando a medida de uma sala com uma fita métrica. Esta ação parece não ter relação alguma com os procedimentos necessários para a busca de um explosivo. Durante a inspeção, o ritmo de trabalho dos agentes dá a sensação de pouca urgência na resolução da denúncia. Analisando o trabalho da perícia como um todo, parece haver uma vontade de se esticar ao máximo o tempo de inspeção. Enquanto ela acontecia, os participantes do evento aguardavam do lado de fora do local. A espera naturalmente gera uma desmobilização do público, o que provavelmente era um dos intuitos dos agentes do DOPS destacados para a tarefa. Após esta sequência, o filme volta na presidente do DCE, no mesmo enquadramento da entrada anterior:

Nós aceitamos, através de uma proposta da reitoria, que fosse feita uma perícia pela Secretaria de Segurança desde que acompanhada pelos estudantes e pela própria reitoria. Esta perícia está sendo feita até antes de terminar o debate e ele vai se dar até o momento pelo menos, normalmente.

A fala de Samira afirma o posicionamento do movimento estudantil em manter as atividades inicialmente planejadas apesar da ameaça à realização do evento pela presença de uma suposta bomba no local do debate. A seguir, continuam os planos que mostram o trabalho dos agentes do DOPS.

Aos 3 minutos e 08 segundos têm início algumas cenas dos jovens que participavam do evento. No momento da filmagem, eles parecem aguardar o término da inspeção feita pelos agentes do DOPS. Nenhum trecho desta sequência foi utilizado na reportagem editada. Os estudantes são mostrados atrás de uma porta de vidro, reunidos e conversando em pequenos grupos (Imagem 254). Alguns sorriem, parecem descontraídos. Talvez não tenham sido informados do motivo do atraso para o início do debate sobre os contratos de risco. Em um dos planos, a câmera faz um travelling para a esquerda, dando uma relativa dimensão do quantitativo de participantes do evento, um número bem expressivo de jovens (Imagem 255).

Imagem 254



Imagem 255



Imagens 254 e 255 - Estudantes aguardam para participar do evento na sede social do DCE UFMG

Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Bomba no DCE UFMG" (1º de novembro de 1975)
 FONTE: Acervo MIS BH.

Provavelmente o espaço do outro lado da porta de vidro era o local que estava sendo vistoriado pelos agentes do DOPS. Após o plano dos alunos, o filme acaba.

A matéria não mostra a presença de nenhum repórter, nem qualquer fala oficial da Secretaria de Segurança ou da reitoria da UFMG. Como a cobertura feita pela telerreportagem foi motivada a partir de uma denúncia anônima, a equipe da TV possivelmente foi deslocada de última hora para o local. O filme também não esclarece se algo foi localizado pelos agentes do DOPS, tampouco aborda o tema do evento do DCE, um debate em que seriam discutidos aspectos da política econômica do governo

federal, tendo a participação do professor Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira²⁷⁵ como conferencista.

Ação semelhante do DOPS foi realizada em abril de 1978 quando o Movimento Feminino pela Anistia promoveu no Colégio Santo Antônio (Belo Horizonte) um evento celebrando o aniversário da Anistia de 1945 (reportagem "Anistia de 45 – Reunião e bomba", de 19 de abril de 1978²⁷⁶). Na ocasião, após receberem uma denúncia anônima, agentes do DOPS foram até o colégio e localizaram um artefato semelhante a uma bomba, o que levou à transferência do evento da Anistia para a sede social do DCE UFMG, cenário da telerreportagem que analisamos aqui.

O mesmo *modus operandi* em 1978 já tinha sido visto neste episódio do DCE UFMG três anos antes: denúncia anônima, interrupção do evento, vitória por parte dos agentes do DOPS. O que se observa em alguns casos, como ocorreu no DCE em 1975 e com o MFPA em 1978 é que o recurso da ameaça de bomba era utilizado para desmobilizar eventos que reuniram um grande número de pessoas para debater algum aspecto do panorama político-sócio-econômico do país. Foram episódios em que o regime (e seus defensores) utilizaram-se do medo e do terror para tentar silenciar seus opositores.

Sobre o episódio no DCE, em entrevista para o portal da Universidade Federal de Minas Gerais, Samira Zaidan relata que

O DCE foi tomado por um conjunto de homens da Secretaria de Segurança, vestidos de branco e procurando a bomba. A sede social do DCE tinha dois andares praticamente vazios, apenas com mesas, cadeiras e banheiros. Mais de uma hora e aqueles homens vagando ali dentro, olhando pés de cadeira e cantos... Nos demos por satisfeitos. O Professor Muniz [sic] Bandeira, o Cisalpino e eu fomos ao Secretário de Segurança pedir a retirada do "serviço". Para isso, assumimos inteira responsabilidade pela "liberação" do local. O Professor Cisalpino argumentou com o Secretário que a "bomba" encontrava-se do lado de fora e não de dentro, pois, a essa altura, mais de mil estudantes já se aglomeravam na porta do DCE²⁷⁷.

²⁷⁵ Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira (Salvador/BA, 1935 - Heidelberg/Alemanha, 2017) foi professor universitário, cientista político e historiador. Na década de 1960, era filiado ao Partido Socialista Brasileiro e após o golpe de 1964 asilou-se no Uruguai junto ao presidente João Goulart, de quem era amigo. Voltou clandestinamente ao Brasil onde ficou preso por dois anos (1969-1970 e 1973). Após 1973, retomou suas atividades acadêmicas. À época da reportagem da Globo, Moniz Bandeira era professor de ciência política na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Tem diversos livros publicados sobre relações internacionais e política exterior do Brasil. Em 1975 publicou a obra "Cartéis e Desnacionalização (A experiência brasileira: 1964-1974)". Ver MONIZ; REFERÊNCIA, 2017.

²⁷⁶ Apresentamos esta reportagem no capítulo 2 (p. 141-147).

²⁷⁷ CASTANHEIRA, [2003 ou 2004].

O debate sobre os contratos de risco também é citado pelo professor Rodrigo Patto no livro "As universidades e o regime militar":

(...) em 1975, o reitor mandou arrancar cartazes divulgando um debate no DCE Cultural sobre os contratos de risco da Petrobras, com a presença de Luiz Alberto Moniz Bandeira e outros convidados (que preferiram não comparecer). Não obstante a pressão da reitoria, o DCE manteve a atividade, porém, como houve uma ameaça anônima de bomba no local, ocorreu atraso e esvaziamento do evento (MOTTA, 2014, p. 220).

Nesta descrição é indicado que o evento teria sofrido um esvaziamento, o que difere um pouco do relato anterior feito pela então presidente do DCE. A morosidade da ação do DOPS apontada na fala de Samira é corroborada pelas imagens registradas pela TV. Conforme foi percebido por aqueles que presenciaram a inspeção, os agentes pareciam fazer buscas nos cantos mais improváveis, com o objetivo de protelar e talvez até cancelar a atividade programada. No entanto, apesar do atraso para a realização do debate, a ação da polícia conseguiu apenas aumentar a expectativa dos estudantes que, pelas imagens, não pareciam estar desmotivados pela demora no início do evento promovido pelo DCE. O debate enfim aconteceu, e com a participação do professor Moniz Bandeira²⁷⁸.

A próxima reportagem localizada no Fundo Globo Minas relacionando atentados a bomba e o movimento estudantil é do dia 19 de abril de 1978. Com o nome "DCE - Bomba explode" (NE²⁷⁹), o filme possui 2 minutos e 16 segundos de duração. Conforme informações da sinopse Globo, o rolo traz "imagens dos estragos que a bomba causou no DCE da Federal, acabando com a gráfica".

São três anos de distância temporal em relação à reportagem anterior. O país caminhava para uma abertura política, mas a repressão ainda se manifestava de diversas formas. Os atentados a bomba se tornariam frequentes naqueles anos finais da década de 1970 e início dos anos 1980. O recrudescimento dos movimentos sociais provocaria reações de grupos insatisfeitos com a perspectiva de mudança no regime que vigorava desde 1964.

Como visto no capítulo sobre os movimentos pela anistia em Belo Horizonte, no mesmo dia em que foi filmada a reportagem sobre a bomba que explodiu no DCE da UFMG também foi veiculada a matéria "Anistia de 45 – Reunião e bomba" (JH),

²⁷⁸ As matérias da TV Globo Minas e do jornal **Estado de Minas** não mencionam o nome do professor, mas a participação de Moniz Bandeira foi confirmada por Samira Zaidan em entrevista concedida a mim no dia 22 de dezembro de 2020.

²⁷⁹ Não Editado.

abordando a ameaça de um explosivo no Colégio Santo Antônio, onde ocorria um evento promovido pelo MFPA/MG. A sinopse cadastrada pela Globo Minas para a reportagem do evento pela Anistia menciona o ocorrido no DCE:

Estava havendo uma reunião no colégio que depois foi transferida para o DCE da Federal, visto que lá no colégio foi colocada uma bomba que não chegou a explodir, no DCE a bomba explodiu.

O 'DCE da Federal' para onde o evento do MFPA foi transferido é a sede social. O DCE onde a bomba explodiu é a sede administrativa da entidade.

Duas reportagens do jornal **Estado de Minas** do dia 20 de abril de 1978 ("Mais duas bombas explodem na cidade" e "Deputado pede ao governador fim das bombas") abordaram os atentados ocorridos em Belo Horizonte naquela semana: a explosão da bomba na gráfica do DCE (ocorrida no dia 18 de abril); outra explosão na calçada da residência da presidente da seção mineira do Movimento Feminino pela Anistia, Dona Helena Greco, na madrugada do dia 19 de abril; além do atentado sofrido pelo MFPA no Colégio Santo Antônio, também no dia 18 de abril. Esses três episódios mostram como as ações de repressão ocorriam de forma coordenada e tinham como alvo algumas das principais vozes de resistência no período. Também não deixa de ser simbólico o ataque à gráfica do DCE, visto que as publicações e panfletos ali impressos eram alguns dos principais meios de expressão e mobilização dos estudantes.

As manchetes do jornal impresso e dados da matéria escrita que reproduziremos a seguir também sinalizam a recorrência dos atentados à bomba na cidade de Belo Horizonte no final da década de 1970:

A destruição de um mimeógrafo, vidros, cadeiras, uma mesa, tintas e papéis foram os danos causados pela explosão de uma bomba na gráfica do Diretório Central dos Estudantes da UFMG, por volta das 23h de ontem.

(...)

Em nota distribuída a todas as unidades da UFMG, o DCE afirma que "estamos certos que tais atos significam claro terror. Tais atentados têm o claro objetivo de barrar o crescimento das manifestações pelas liberdades democráticas, pela anistia e de toda a luta que busca a transformação de nossa sociedade, visando o fim da exploração e da opressão".

(...)

Os atentados de ontem fazem parte de uma série de explosões e ameaças iniciadas no dia 28 de março, quando os estudantes mineiros realizaram o Dia Nacional de Protesto pela morte de Edson Luiz de Souza²⁸⁰, quase todos eles

²⁸⁰ No dia 28 de março de 1968, o estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto foi morto por policiais militares que invadiram o restaurante Calabouço (centro do Rio de Janeiro) durante uma manifestação de estudantes. O assassinato de Edson teve grande repercussão e gerou protestos em todo o país. O jovem se tornou símbolo da resistência estudantil, que será retomada nos anos 1970, como aponta Angélica Muller: "Por ocasião da realização do III Encontro Nacional de Estudantes (ENE), em 1977, os estudantes aprovaram nas suas resoluções a realização de um dia nacional de protesto, a ser comemorado

assumidos pelo GAC - Grupo Anti-Comunista. Na noite de 28 de março, explodiram bombas no DCE-Cultural, à rua Gonçalves Dias e nos Diretórios Acadêmicos das Faculdades de Medicina, Filosofia e Direito. Na mesma noite, uma bomba explodiu na Igreja São Francisco, no Padre Eustáquio, onde a Seção Mineira do Movimento Feminino pela Anistia se reúne normalmente.

No dia 31 de março, uma bomba explodiu no DA da Faculdade de Ciências Econômicas. No dia sete deste mês, quando estudantes realizavam a reunião Pró-UNE, foram encontradas três bananas de dinamite no DA da Faculdade de Medicina. A maioria destes atentados foi assumida pelo GAC, que deixou nos locais papéis com sua marca e expressões como "Olho por olho, dente por dente. A cada ação corresponde uma reação". A sigla GOE²⁸¹ também já apareceu nos locais onde ocorreram explosões de bombas.

Além disso, a presidente do Núcleo Mineiro do MFPA, Helena Greco, foi ameaçada duas vezes, através de telefonemas, um dele [sic] assumido pelo GAC. Também o ex-presidente do DCE, Jânio, foi ameaçado pelo GAC²⁸².

A imagem que ilustra a reportagem do **Estado de Minas** é uma foto da fachada do DCE com as mesmas faixas que serão vistas no filme da Rede Globo Minas. A foto está identificada com a seguinte legenda: "Na gráfica do DCE, os efeitos da bomba e o protesto dos estudantes" (Imagem 256).

Imagem 256 - Matéria do jornal **Estado de Minas** do dia 20 de abril de 1978



Fonte: MAIS, 1978.

Abrindo o filme "DCE - Bomba explode" há um plano geral da fachada da entidade (Imagem 257). Neste período, a sede administrativa do Diretório Central dos Estudantes da UFMG funcionava em um prédio na Rua Guajajaras, nº694, no centro de Belo Horizonte. Um plano conjunto apresenta duas faixas (colocadas na fachada) que denunciam o atentado sofrido: "Bomba explodiu aqui ontem" e "Suspeita-se que seja o GAC(?) (Grupo anti-comunista) / Assembleia Universitária Hoje 20hs na FAFICH"

a partir de 28 de março de 1978, quando se completariam dez anos da morte de Edson Luís e cinco anos da morte de Alexandre (Vannucchi Leme)" (MULLER, 2011).

²⁸¹ Grupo de Operações Especiais.

²⁸² MAIS duas bombas explodem na cidade. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 20 abr. 1978, p. 5.

(Imagem 258). Na próxima cena, um primeiro plano da placa do DCE identifica claramente o local que é objeto da cobertura jornalística (Imagem 259).

Nesta sequência inicial é possível perceber um recurso do telejornalismo de sair do geral para o detalhe, de modo a identificar para o telespectador o local, os personagens e a motivação do assunto a ser abordado na matéria. Transeuntes passam e leem as faixas, tomando conhecimento do que havia se passado ali no dia anterior. A câmera faz um zoom out a partir da placa e apresenta de perto as faixas dispostas na frente do prédio.

Imagem 257



Imagem 258



Imagem 259



Imagens 257 a 259 - Planos do início do rolo que identificam o DCE UFMG, onde ocorreu a explosão de uma bomba na véspera. A faixa disposta do lado de fora do prédio chama a atenção dos transeuntes e denuncia o ataque sofrido pelos estudantes.

Reportagem não exibida.

Fotogramas extraídos do filme "DCE - Bomba explode" (19 de abril de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

O próximo plano já mostra uma cena interna da sede do DCE, onde se vê uma cadeira revirada no assoalho, além de diversos outros materiais caídos e desorganizados. Nas cenas seguintes podem ser vistos diversos papéis espalhados pelo chão, além de destroços de móveis, muitas ripas de madeira, e uma porta caída no centro de um cômodo (Imagens 260 e 261). Outra porta é mostrada no chão (Imagem 262). Nela está escrita a frase "Constituinte livre e popular", uma das bandeiras de luta dos estudantes, visando a formação de uma Assembleia Nacional Constituinte para elaborar uma Constituição que de fato refletisse os anseios do povo, em substituição ao texto autoritário de 1967, imposto pelo regime militar, luta que, como se sabe, somente se

conformará na década seguinte. A derrubada da porta durante o ataque a bomba não deixa de ser um ato simbólico. Observa-se que o espaço interno do DCE está completamente desfigurado.

Quando o rolo completa 1 minuto e 35 segundos, um plano da janela mostra a presença de observadores que a partir da rua acompanham a equipe de reportagem no subsolo da sede do DCE. Na sequência há a imagem de um mimeógrafo apoiado em uma tábua colocada sobre um vaso sanitário, aparentemente o local onde este equipamento funcionava (Imagem 263). Há um outro equipamento destruído sobre uma mesa, o plano de um cartaz do CINE-CLUBE DCE-UFMG e mais uma breve sequência de imagens do maquinário danificado e de outros objetos revirados no local. O filme acaba.

Imagem 260



Imagem 261



Imagens 260 e 261 - Papéis ao chão, ripas de madeira, móveis e portas arrebatadas compõem o cenário da sede administrativa do DCE após o ataque a bomba.

Imagem 262 - Em uma das portas arrebatadas os estudantes haviam escrito a frase "Constituinte livre e popular"

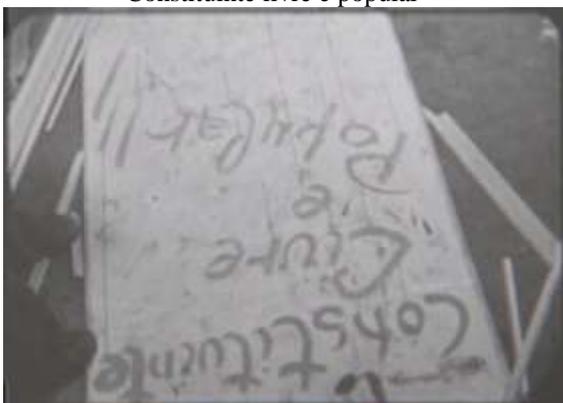


Imagem 263 - Mimeógrafo da gráfica do DCE que foi alvo do ataque a bomba na véspera



Reportagem não exibida.

Fotogramas extraídos do filme "DCE - Bomba explode" (19 de abril de 1978).
FONTE: Acervo MIS BH.

No filme "Anistia de 45 – Reunião e bomba" (de 19 de abril de 1978), apresentado no capítulo anterior, a imagem do nome GAC pichado na porta de um carro não foi utilizada na reportagem editada. Já no filme "DCE - Bomba explode", mesma data, a cena da faixa com a denúncia de que o Grupo Anticomunista poderia ser o responsável pelo atentado no DCE aparece nos primeiros segundos do rolo. Causaria estranhamento pensar que duas reportagens do mesmo dia com temas semelhantes tivessem abordagens diferenciadas, com a indicação do possível responsável pelo atentado sendo ocultada de uma e exibida nos primeiros segundos de outra. No entanto, lembremos que junto ao título do filme está a sigla NE: Não Editado. Revendo a reportagem, confirma-se de fato que não há indícios de edição do material. A apresentação das imagens no rolo parece seguir a ordem em que as mesmas foram filmadas. Voltemos ao início do filme.

Primeiramente o cinegrafista posicionou-se do outro lado da rua para fazer um plano geral da fachada do DCE. Depois, aproximou-se para fazer um plano de conjunto e chegou até a calçada em frente ao prédio para fazer um plano detalhe da placa da entidade. O câmara entrou na sede do Diretório e fez gravações em salas distintas que encontravam-se completamente reviradas. Do lado de dentro, o cinegrafista filmou a janela do DCE, mostrando os curiosos que estavam na calçada e olhavam para dentro da edificação. Por fim, o câmara chegou ao banheiro onde estava o mimeógrafo da entidade. Ele mostrou mais alguns detalhes dos equipamentos e móveis danificados e pouco depois o filme se encerra. Não há sonoras. A duração e organização das cenas parece indicar que não houve qualquer trabalho de edição, o que foi confirmado pelo fato do rolo não possuir nenhuma emenda, conforme relatório de análise física do filme. Por outro lado, dificilmente a telerreportagem teria sido exibida em sua integralidade, pois possui mais de 2 minutos de duração, e, salvo algumas matérias sobre as visitas presidenciais e outras raras exceções, as reportagens editadas normalmente possuíam de 50 segundos a 1 minuto de duração. Um outro detalhe interessante é que a sede administrativa do DCE localiza-se na Rua Guajajaras entre as ruas Rio de Janeiro e São Paulo. À época, a sede da Globo Minas ficava na Rua Rio de Janeiro (nº 1.279), a exatos 79 metros dali. É possível que, seguindo um instinto jornalístico, a equipe de reportagem que estava disponível tenha feito as imagens do DCE imaginando que poderiam ter interesse para a composição do jornal, mas o material eventualmente foi recusado pelos editores. É uma hipótese. Enfim, as características do rolo confirmam

que este é um material não editado, conforme indicado pela sigla NE que aparece junto ao título.

O filme "Bomba explode no D.A.²⁸³ - Federal" (JN), de 1º de setembro de 1978, é o terceiro registro que localizamos no acervo com a cobertura de um ataque à bomba sofrido pelo movimento estudantil em Belo Horizonte. A ficha cadastrada para esta reportagem traz as seguintes informações:

Título

Bomba explode nas eleições do DCE Federal

Sinopse

Imagens dos destroços causados pela bomba. Entrevista com Alberto Mário Quadros, que fala sobre o acontecimento.

Pelo título e pelo conteúdo da ficha catalográfica, a princípio tem-se a impressão de que há uma confusão no uso das siglas do DA e do DCE. No entanto, após ter acesso ao conteúdo do filme, entende-se que ele traz imagens dos destroços causados pela bomba que explodiu no DA da Medicina durante as eleições para o DCE da UFMG.

Antes de iniciarmos a análise do filme, buscaremos entender um pouco melhor o contexto que envolvia as eleições para o DCE da UFMG naquele ano de 1978. Conforme o Decreto-Lei nº 228²⁸⁴ (de 1967), as eleições para os DCEs no país deveriam ocorrer de forma indireta, a partir dos votos de representantes dos Diretórios Acadêmicos das universidades. O Decreto-Lei nº 228 só foi revogado em 1979, com a promulgação da Lei nº 6.680 (16 de agosto de 1979). No entanto, desafiando o Decreto-Lei nº 228, os estudantes da UFMG vinham realizando eleições diretas para o DCE desde 1976.

O jornal **Estado de Minas** do dia 1º de setembro de 1978 trouxe uma curta matéria com informações sobre as eleições para o Diretório Central dos Estudantes da UFMG. Com o título "Universitários votam hoje na nova diretoria", a reportagem informava que naquela data terminaria a eleição para a nova gestão do DCE da Federal, na qual concorriam as chapas "Liberdade", "Centelha", "Participação" e "Liberdade e Luta"²⁸⁵. O jornal indicava também problemas que os estudantes tiveram no dia anterior, quando do início do processo eleitoral:

²⁸³ Diretório Acadêmico.

²⁸⁴ O Decreto-Lei nº 228, de 28 de fevereiro de 1967, em seu Artigo 7º indicava que: "O D.C.E. será eleito por voto indireto através do colegiado formado por delegados dos D.A., na forma por que dispuser o Estatuto da Universidade" (BRASIL, 1967).

²⁸⁵ Em alguns casos os nomes das chapas estavam identificados com diferentes correntes políticas. Eram denominações que também apareciam nas eleições para os DCEs em outras universidades do país. A

A eleição começou ontem, às 8h, quando foram instaladas as urnas nas diversas escolas. Mas, as ameaças por telefonemas anônimos dados à direção atual do DCE, dizendo que as urnas seriam roubadas, impediram que as eleições prosseguissem e levaram os estudantes a fazer vigília, durante toda a noite de ontem, no DA de Medicina.

A vigília começou às 22h, logo após o término do prazo para a votação de ontem, quando, então, todas as urnas foram recolhidas de suas respectivas escolas, levadas ao DA da Medicina e vigiadas pelos candidatos de todas as chapas e por alunos das escolas. Hoje, às 8h, as urnas foram recolocadas nas escolas, para que a eleição prosseguisse²⁸⁶.

O relato das ameaças sofridas colocando em risco a integridade das urnas e a necessidade de vigília para a garantia do andamento do processo já davam o tom daquelas eleições estudantis.

No jornal impresso do dia seguinte, 02 de setembro de 1978, uma outra reportagem aborda a explosão de sete bombas durante o processo eleitoral para o DCE UFMG:

Ontem, no último dia de eleição para a nova diretoria do DCE da UFMG, seis urnas de votos no DA de Medicina e uma outra no DA do ICEX²⁸⁷ foram totalmente destruídas por bombas, colocadas "por pessoas ainda não identificadas", conforme explicaram membros dos DAs.

Na Medicina, membros da diretoria do DA contaram que, logo após a votação do período da manhã, às 12h, eles começaram a recolher as urnas de algumas escolas: da Engenharia (Elétrica e Civil); Arquitetura, Direito, Face²⁸⁸, Odontologia e Música, para levá-las ao DA de Medicina, onde seriam guardadas num cômodo que tem a porta lacrada. Colocaram as urnas em cima da mesa e, quando assinavam o lacre, as urnas explodiram e pegaram fogo: "Vários votos foram danificados e a única urna que se salvou foi a da Faculdade de Música".

(...)

Os alunos contam que a bomba, apesar de ser pequena, tipo cabeça de negro, fez um grande barulho e provocou a queima dos votos. Alguns acreditam que as bombas foram colocadas por membros ou pessoas ligadas aos grupos GAC - Grupo anticomunista - e do MAC - Movimento anticomunista, infiltrados entre os estudantes. Os dirigentes dos DAs explicaram que não pretendem notificar a polícia nem pedir abertura de inquérito, "pois acreditamos que nada será resolvido, a exemplo do caso da bomba no jornal "Em Tempo"²⁸⁹.

Sobre o comentário relacionado ao jornal **Em Tempo**, conforme vimos no capítulo anterior, a sucursal mineira do semanário havia sofrido um atentado no dia 28 de julho de 1978. A direção do jornal pediu a abertura de inquéritos sobre o ocorrido, mas nada foi feito, e uma bomba explodiu novamente na redação menos de um mês

chapa Centelha, vencedora das eleições para o DCE UFMG em 1978, era de tendência trotskista. Ver MULLER, 2010.

²⁸⁶ UNIVERSITÁRIOS votam hoje na nova diretoria. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 1º set. 1978, p. 10.

²⁸⁷ Instituto de Ciências Exatas.

²⁸⁸ Faculdade de Ciências Econômicas.

²⁸⁹ SETE bombas explodiram as urnas dos estudantes. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 02 set. 1978, p. 6.

após o primeiro atentado, na data de 18 de agosto²⁹⁰, alguns dias antes das eleições para o DCE.

No dia 03 de setembro de 1978 o jornal **Estado de Minas** fez uma curta matéria sobre as eleições²⁹¹ informado que "Centelha" foi a chapa vencedora e que no total 10.500 estudantes participaram da votação.

O filme "Bomba explode no D.A - Federal" (JN) tem 1 minuto e 50 segundos de duração e começa com imagens de uma faixa e uma lata de tinta dispostos sobre uma mesa onde há também uma série de restos de papel (Imagem 264). Na cena seguinte, um primeiro plano de pedaços de papéis amontoados, provavelmente as cédulas de votação (Imagem 265). A seguir, a sonora com o estudante Alberto Mário Quadros²⁹², membro do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da UFMG (Imagem 266):

Pra gente parece que a origem da bomba é a mesma origem da bomba que foi jogada no (jornal) Em Tempo, foi jogada na gráfica do DCE, foi jogada na casa da Dona Helena Greco... a origem é essa. E é justamente essa origem que as autoridades não esclarecem.

O relato do aluno é breve mas muito assertivo ao atribuir a um mesmo grupo os diversos ataques sofridos naquele ano por pessoas e entidades que faziam denúncias e oposição ao regime militar. Após o depoimento do estudante, as imagens voltam para a pilha de papéis retorcidos e a urna (aparentemente de pano) destruída pela explosão da bomba (Imagem 267). O plano permanece fechado. Uma mão segura os itens destruídos, como se os apresentasse para a câmera da TV, mostrando em detalhes os danos causados (Imagem 268). Após esta sequência, as imagens apresentam uma pichação na parede do local com os dizeres "Liberdade a quem trabalha"²⁹³ (Imagem 269), uma manifestação do próprio corpo estudantil em protesto pelas prisões de trabalhadores envolvidos com o movimento operário e sindical.

Quando o filme chega em 1 minuto, uma mão aparece na frente da lente da câmera. Esse gesto era uma forma do cinegrafista identificar o corte em uma determinada sequência de filmagens. Deste plano em diante, supõe-se que o restante do rolo seja a gravação remanescente não selecionada para ir ao ar.

²⁹⁰ Discutimos esse atentado no Capítulo 2 (p. 200-205).

²⁹¹ CENTELHA foi a chapa que venceu no DCE. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 set. 1978, p. 6.

²⁹² Não foram localizadas informações sobre o estudante.

²⁹³ A mesma frase também aparece em uma divulgação da chapa "Alternativa", que esteve à frente do DCE da PUC-Rio no ano de 1977. Ver ACERVO DO, 2013.

Imagem 264 - A faixa sob o que sobrou das urnas mostra a divulgação que estava sendo feita para as eleições do DCE



Imagem 265 - As cédulas que foram alvo do ataque a bomba



Imagem 266 - Estudante Alberto Mário Quadros, membro do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da UFMG



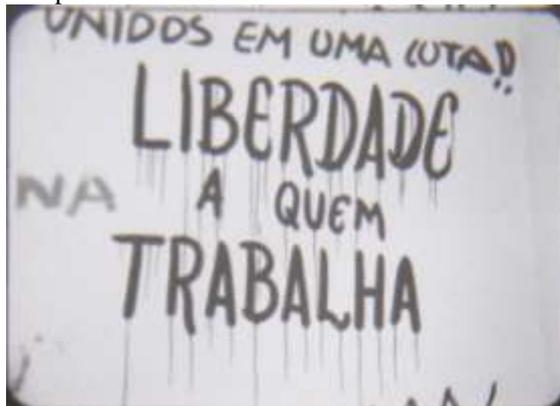
Imagem 267 - Urna destruída e o que restou das cédulas sobre uma mesa no DA Medicina



Imagem 268 - Pessoa exibe cédula destruída para a câmera da TV



Imagem 269 - Detalhe de manifesto em uma das paredes do DA da Faculdade de Medicina



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Bomba explode no D.A - Federal" (1º de setembro de 1978).
FONTE: Acervo MIS BH.

No próximo plano o estudante aparece olhando para a câmera em silêncio, como se aguardasse o momento de iniciar a entrevista. Após um corte é ouvido o trecho final

de uma pergunta feita pelo repórter: “...origem da bomba?”. A resposta a essa questão foi utilizada no trecho editado da reportagem, conforme visto há pouco. A seguir é apresentada uma outra parte da entrevista com o aluno, que corresponde às sobras do que foi selecionado para ir ao ar²⁹⁴:

AMQ: *Aconteceram não houveram [sic] até agora um esclarecimento por parte aí das autoridades ditas competentes. A gente acha que é uma forma de tentar impedir que a gente realizasse as eleições diretas, uma conquista que a gente tem... que a gente conseguiu a partir de 76 [1976], largando de lado, desmascarando o decreto 228 que proíbe essas eleições diretas para o DCE.*

R: [inaudível] feridos [inaudível].

AMQ: *Olha, não houve ferimentos por sorte de quem estava carregando as urnas. Nós andamos com as urnas duas horas dentro do carro, a bomba dentro do carro na urna, e por sorte da gente ela explodiu aqui dentro do DA Medicina. Então, não houve ferimentos.*

R: *Teria sido grupos... algum movimento de estudantes contrários à chapa que está sendo eleita?*

O rolo acaba após esta última pergunta, que no entanto não teve a resposta registrada no filme. É uma questão que não faz sentido, visto que o aluno já havia relacionado o atentado a outros ataques à bomba que nada tinham a ver com as eleições do DCE, mas sim com atividades de oposição ao regime. Ao invés de seguir com os questionamentos na linha já indicada pelo representante do DA, o jornalista optou por levantar uma hipótese sem fundamento.

Pela última fala do estudante confirma-se que o montante de papéis destruídos exibidos na primeira parte do rolo eram as cédulas de votação, e os pedaços de tecido, o material do qual eram constituídas as urnas utilizadas nas eleições do DCE naquele ano.

Em relação às três primeiras telerreportagens apresentadas neste capítulo, percebemos que há uma mudança de abordagem entre a primeira, de 1975, e a terceira, feita em setembro de 1978. Na reportagem "Bomba no DCE UFMG", de 1º de novembro de 1975, não há uma discussão mais aprofundada sobre as motivações, muito menos sobre os possíveis suspeitos pelo atentado. No trecho editado da reportagem, a presidente do DCE relata que a suposta bomba explodiria durante o debate sobre a quebra do monopólio estatal do petróleo. No entanto a matéria não apresenta mais informações nem faz qualquer relação entre o atentado e o evento promovido naquele dia pelo Diretório Central dos Estudantes. Do total de 1 minuto e 9 segundos de reportagem editada, 40 segundos são dedicados apenas a mostrar o trabalho dos homens da perícia criminalística do DOPS. Sendo assim, de acordo com o que teria sido exibido

²⁹⁴ Indicaremos como R as perguntas feitas pelo repórter (não identificado nesta reportagem) e como AMQ as respostas do estudante Alberto Mário Quadros.

na TV, tem-se a impressão que os agentes estavam ali apenas para ‘garantir a segurança e integridade física dos alunos’, quando na verdade visavam somente desmobilizar o debate realizado pelo DCE.

Assim como a reportagem de 1975, o filme "DCE - Bomba explode", de 19 de abril de 1978, também parece ter sido feito sem a presença de um repórter. Não há nenhuma entrevista ou sonora. Pelo conteúdo do filme, o único indício de quem seriam os responsáveis pelo atentado é o nome do Grupo Anticomunista seguido de um sinal de interrogação escrito na faixa-denúncia colocada em frente à sede do DCE. Porém, conforme indicamos anteriormente, nenhum trecho deste rolo foi exibido. Vale lembrar que na mesma data teria ido ao ar reportagem sobre o evento realizado pelo Movimento Feminino pela Anistia no Colégio Santo Antônio. Neste local, após uma denúncia anônima, um artefato explosivo foi localizado por agentes do DOPS, como vimos no capítulo anterior. A matéria sobre o MFPA também não repercute possíveis suspeitos e motivações. As entrevistas feitas abordam basicamente o trabalho desenvolvido pelo Movimento, sem estabelecer qualquer relação entre a luta pela anistia e as ameaças e atentados sofridos.

Somente no terceiro filme desta seção ("Bomba explode no D.A - Federal", de 1º de setembro de 1978) é que há uma abordagem mais direta da possível origem dos atentados a bomba ocorridos na capital mineira naquele ano. Tal relação é feita pela sonora do estudante Alberto Mário Quadros selecionada para compor a reportagem editada, na qual ele associa os atentados sofridos pelo movimento estudantil aos ataques que foram feitos à imprensa e ao Movimento Feminino pela Anistia. Mas nesta terceira telerreportagem não há menção aos grupos suspeitos. A motivação para o atentado aparece apenas na segunda parte da fala do estudante (não selecionada pela edição), quando o mesmo relata que o ataque seria uma represália pela realização de eleições diretas para o DCE, ato que naquele momento era visto como uma afronta ao regime.

3.2. Prisões arbitrárias de estudantes

Entre as reportagens localizadas no Fundo Globo Minas há também registros de prisões arbitrárias de estudantes, configurando este o segundo tema a ser abordado neste capítulo. As matérias mostram entrevistas com os alunos que foram presos (mas já em situação de liberdade) e também ações visando a libertação de uma estudante que ainda estava sob custódia do Estado. Neste conjunto, analisaremos um filme sobre a prisão de

um aluno da Escola de Engenharia, outro sobre a detenção de um secundarista do Colégio Tiradentes e também dois rolos com a repercussão do encarceramento arbitrário de uma aluna do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG.

Começaremos com o filme "Estudante engenharia preso" (JN), de 09 de agosto de 1978. A reportagem foi catalogada no setor de arquivo da Globo Minas com as seguintes informações:

Título

Polícia

Prende injustamente o estudante de engenharia

Sinopse

Cenas da escola de engenharia. Entrevista com colegas do estudante Wilson Vieira Cândido e com o próprio sobre a prisão efetuada pelo arrastão da PM.

O rolo completo possui 3 minutos e 53 segundos de duração. A primeira cena traz um plano médio do aluno Wilson Vieira Cândido (Imagem 270), estudante de engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais e personagem principal da matéria em questão. Os fatos se deram na manhã do mesmo dia em que foi gravada a telerreportagem. O estudante está olhando para a câmera, mas quando a repórter Vilma Fazito²⁹⁵ (fora de quadro) começa a falar, ele se direciona a ela.



Imagem 270 – O estudante de engenharia Wilson Vieira Cândido

Planos do material editado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme "Estudante engenharia preso" (09 de agosto de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

Atrás de Wilson há uma série de estudantes que observam a entrevista:

VF²⁹⁶: *Wilson, o que que aconteceu com você hoje de manhã?*

WVC: *Aconteceu o seguinte: eu estava chegando aqui pra aula, eu tinha aula, eu estava atrasado. Então eu estava já apressando o passo pra entrar*

²⁹⁵ A repórter foi identificada por ela mesma em entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 05 de outubro de 2018.

²⁹⁶ Indicaremos como VF as perguntas feitas pela repórter Vilma Fazito e como WVC as respostas do estudante Wilson Vieira Cândido.

pra sala. Aí veio os guardas, me seguraram pela mão. Eu, ahhhh, minha primeira reação foi um susto que eu tomei, eu soltei e falei... e pensei: "eu vou apressar o passo, preciso entrar na sala, entrar na escola aqui, né". Aí quando eu fiz isso eles gritaram um pro outro: "ô, segura esse aí que esse aí é perigoso". Aí veio um monte de guarda e me segurou. Eu falei: "meus documentos estão tudo aí". Eles não quiseram nem saber de documento. Como eles falaram... não adiantou eu falar que estava com os documentos, eu comecei a gritar: "chama o diretor da Escola" [a câmera se aproxima e faz um close no punho inchado do jovem (Imagem 271)] Foi aí que eles me algemaram a mão e me puseram deitado no chão, me empurrou de boca no chão, pra me tapar a boca e eu não conseguir falar.

Há um corte na imagem. Logo em seguida continua o depoimento do estudante, novamente em plano médio:

Eu fui pra delegacia lá na rua Guajajaras, cheguei lá eles me perguntaram... me encheram com um monte de... fizeram uma série de perguntas. Mas depois que o diretor chegou, aí o negócio mudou. Eu fui lá pra fazer exame no... na medicina... no Instituto Médico Legal. Lá eles examinaram aqui meu braço [o estudante olha para o punho] [inaudível] a boca que eu bati, também caí... me arrastaram no chão [O estudante passa a mão em sua boca e na sobrancelha esquerda].

VF: *O que que você acha disso?*

WVC: *Uai, isso é a total insegurança que a gente tem. A gente não tem segurança, tem insegurança. Eles dizem que eles tão pra segurar a população, mas eu acho que eles estão fazendo o contrário [a câmera dá um close no rosto do estudante]. A gente está cada vez mais inseguro.*

O relato de Wilson é a expressão do temor diante de uma polícia que agia (e ainda age) de forma despreparada, arbitrária e truculenta, de modo a deixar a população acuada e com poucas chances de defesa. Há um corte. O próximo plano mostra a repórter em quadro fazendo perguntas a um outro aluno da Escola (Imagem 272), conforme dado indicado na sinopse Globo. Vários jovens aparecem conversando ao fundo da imagem, na calçada da entrada do prédio da Escola de Engenharia na Avenida Santos Dumont, 174, Centro²⁹⁷. A pergunta que a repórter faz não é exibida neste trecho da reportagem, que vai direto para a resposta do estudante sem identificação: "*Eu cheguei aqui e tinha um rapaz sendo agredido por oito policiais, bateram nele, jogaram ele no chão, e algemaram e levaram ele no carro da PM*". A próxima cena traz uma nova sonora com outra aluna da Escola (Imagem 273), realizada no mesmo local das outras entrevistas, também com estudantes ao fundo. No início da sequência a repórter está parada, e, após alguns segundos, provavelmente depois de algum sinal feito pelo câmera (fora de quadro), ela começa a falar:

²⁹⁷ À época, parte das atividades da Escola de Engenharia da UFMG eram realizadas no Edifício Alcindo da Silva Vieira, localizado à Avenida Santos Dumont, 174, na região central de Belo Horizonte. Hoje o edifício abriga o Centro Cultural da UFMG. Havia também o Edifício Arthur Guimarães, à Rua Espírito Santo, 35, também no centro da cidade, e o Prédio Álvaro da Silveira, na Avenida do Contorno, 842, no mesmo quarteirão do edifício anterior. Ver HISTÓRICO.

VF: *Você acha que foram exigidos do Cândido outros documentos além da carteira de identidade?*

Aluna: *Bom, eu acho que foi. Nem todo estudante, a pequena maioria dos estudantes trabalha. Então não tem carteira... carteira profissional. E ainda, além de tudo a gente não tem aula num prédio só. Sempre a gente sai de um prédio pra outro. E é costume aqui na Escola, na UFMG, a gente estar num prédio e sair por exemplo pra ir no restaurante almoçar e não levar documento.*

A seguir há mais um trecho do depoimento do aluno sem identificação:

Aluno: *Eu não assisti o princípio da confusão. Eu cheguei aqui e ele já estava detido.*

VF: *Quais as providências que a Escola tomará agora?*

Aluno: *Já foi um diretor lá e tirou ele. E levaram ele pra fazer exame de corpo delicto.*

VF: *Foi preso?*

Aluno: *Foi preso e espancado.*

Esta sequência termina aos 2 minutos e 24 segundos de filme. Após esta sonora tem início uma série de cenas que repetem os mesmos entrevistados apresentados anteriormente, com outras falas. As transições entre um plano e outro são menos sutis, indicando que deste trecho em diante provavelmente está o material não selecionado para ir ao ar. A seguir há um plano de conjunto do lado de fora da Escola de Engenharia, onde estudantes reunidos conversam em pequenos grupos (Imagem 274).

Em seguida há uma imagem do brasão da Escola e depois mais uma cena dos alunos posicionados no passeio, do lado de fora do prédio.

Imagem 271 - Wilson Vieira Cândido mostra marcas e inchaço no punho que fora algemado



Imagem 272 - A repórter Vilma Fazito com um dos alunos entrevistados



Planos do material editado para a reportagem.

Imagem 273 - Aluna explica porque nem sempre os estudantes estão com documento de identificação



Plano do material editado para a reportagem.

Imagem 274 - Estudantes reunidos na calçada do lado de fora do prédio da Escola de Engenharia



Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Estudante engenharia preso" (09 de agosto de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

No próximo plano a câmera enquadra um manifesto escrito à mão. Em seguida, há um plano aproximado do documento, exibido por inteiro em uma panorâmica vertical. O plano tem duração de 8 segundos. O tempo é insuficiente para a leitura de todo o conteúdo, mas pelos fotogramas capturados durante a análise física do rolo (Imagens 275 e 276) conseguimos ter acesso à íntegra do texto, que foi escrito em um papel de tamanho A4 contendo o seguinte cabeçalho, em letras impressas: "DIRETÓRIO ACADÊMICO DOS ESTUDANTES DE ENGENHARIA DA UFMG / Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais".

Logo abaixo do cabeçalho está o texto manuscrito:

*Blitz prende e espanca estudante de Engenharia
Hoje, pela manhã o estudante Wilson Vieira Cândido, também funcionário da biblioteca, ao se dirigir do prédio de eng. elétrica p/ o Dpto de eletrônica, onde teria a próxima aula, foi violentamente agredido por policiais da P.M., sendo arrastado a socos e pontapés para dentro do camburão, que fazia blitz em frente à escola.*

São estas as ações da ditadura, estas são as "ABERTURAS" pregadas pela ditadura.

Enquanto estudantes não podemos ficar parados.

- exigimos soltura imediata do nosso companheiro.

- contra a repressão policial

- abaixo a ditadura

- pelas liberdades democráticas.

Todos à reunião no D.A. às 11:30.

Imagem 275 - Primeira parte do documento de protesto redigido pelo Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia

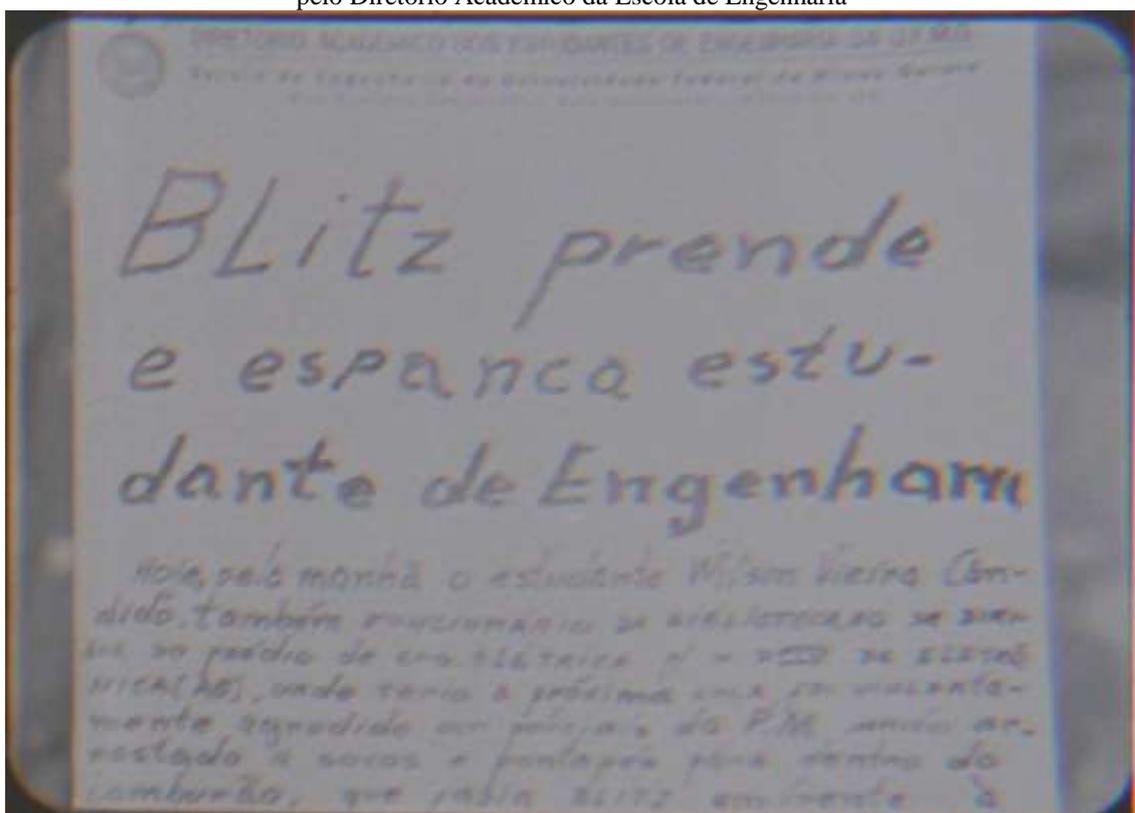
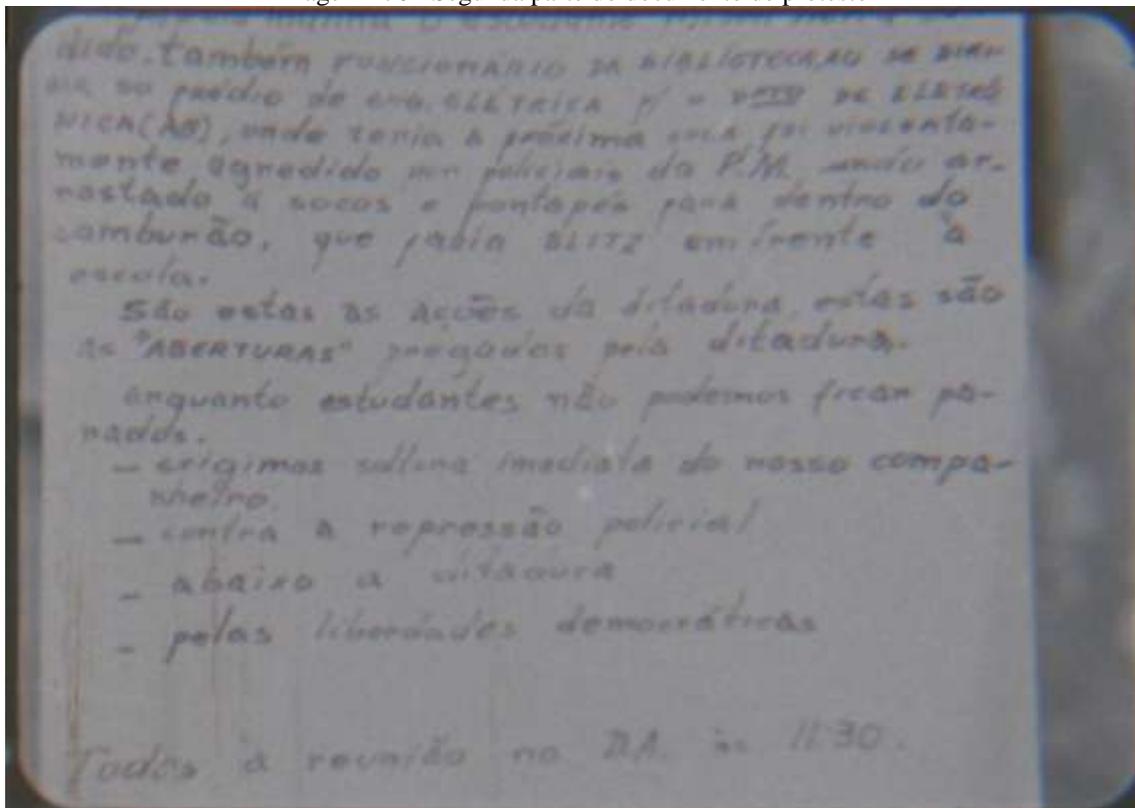


Imagem 276 - Segunda parte do documento de protesto



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Estudante engenharia preso" (09 de agosto de 1978).

FONTE: Acervo MIS BH.

Após a apresentação do manifesto, uma mão (provavelmente do cinegrafista) é colocada à frente da lente da câmera. Na cena seguinte, nova sequência com a aluna da escola que continua seu depoimento para a repórter: [...] *e, assim, esse impasse, se a gente não tem liberdade de ir de um lugar para o outro, não sei como é que pode ficar a situação dos estudantes. A não ser que cada estudante tenha seu guarda-costas né?! Então não dá.* Ela termina sua fala olhando para a câmera. Novamente a palma de uma mão é colocada à frente da lente.

A próxima sequência traz mais alguns momentos da entrevista com o estudante que fora preso. Há dois cortes mas a imagem permanece em Wilson, indicando possivelmente o ponto do rolo de onde foi retirado o trecho da entrevista utilizado na composição da matéria que foi ao ar. Após os cortes, a sonora com o aluno continua:

...depois de algemado, parou o carro aqui e me puseram dentro do carro, dentro... na parte de trás da RP²⁹⁸. E deram uma volta no quarteirão e pararam aqui de novo. Foi quando aí chegou um colega nosso, eu falei: chama o diretor aí depressa. [...] quando eu falei que tinha documentos, que não adiantou meu documento, me mandaram pra delegacia lá da Guajajaras. Eu falei: o que que vai acontecer comigo aqui dentro? O que que está acontecendo? Eu com a mão algemada pra trás. Falei que sou estudante que tem documento. O que que adiantou? Quer dizer, totalmente inseguro, o cidadão está totalmente inseguro.

Mais uma vez é exibida a palma de uma mão em frente à lente da câmera e o filme acaba.

O jornal **Estado de Minas** do dia 10 de agosto de 1978 traz uma matéria de mais de meia página sobre o episódio da prisão do aluno da Escola de Engenharia. A notícia aborda um encontro entre o estudante Wilson Vieira Cândido e o reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, Celso de Vasconcelos Pinheiro²⁹⁹, ocorrido na tarde do dia anterior. Na reunião, o aluno descreveu ao reitor as circunstâncias de sua prisão. O gestor da universidade se comprometeu a tomar providências, como o envio de um ofício ao governador Ozanam Coelho. As informações da reportagem impressa correspondem ao que foi registrado no filme da TV Globo Minas, acrescentando mais alguns detalhes, como no trecho reproduzido a seguir:

O estudante (Wilson Vieira Cândido) cursa o 4º ano de Engenharia Elétrica. Ele ficou mais de uma hora nas mãos da polícia e saiu do 2º Distrito Policial,

²⁹⁸ Rádio Patrulha.

²⁹⁹ Celso de Vasconcelos Pinheiro (Belo Horizonte/MG, 1931 - 2008) foi reitor da UFMG na gestão 1978-1982. Graduou-se pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais em 1954. Na década de 1960, foi conservador chefe do Museu de Arte de Belo Horizonte. Por duas vezes também ocupou o cargo de diretor da Escola de Arquitetura. Ver FALECE, 2008.

na rua Guajajaras, onde também foi espancado, devido à interferência do DA da Escola de Engenharia, do DCE e do diretor da Escola, professor José Carlos de Paula Freitas³⁰⁰.

O espancamento ao estudante foi na hora de maior movimento na avenida Santos Dumont, e centenas de pessoas pararam para assistir à violência da Polícia Militar, que iniciava, naquela hora, mais uma etapa da Operação Arrastão³⁰¹, ordenada pelo secretário de Segurança, coronel Amando [sic] Amaral³⁰². Desde o momento em que o estudante foi abordado pelos policiais, toda a cena de espancamento está gravada em um filme feito por cinegrafistas da Televisão Itacolomi. A TV passou o filme no Grande Jornal, na edição de 19h40m³⁰³.

Na matéria do **Estado de Minas**, o aluno ainda relata como foi a passagem pelo Departamento de Polícia:

- No 2º DP o que mais houve foram ameaças. Eles diziam que naquele lugar eu iria chorar, e que minha mãe não iria ouvir. As algemas estavam apertando cada vez mais. Pedia para que tirassem as algemas. As ameaças continuaram e eu apavorei realmente. Da maneira como contavam, ninguém iria saber que estava ali.

O filme "Estudante engenharia preso" (de 09 de agosto de 1978) possui características que refletem o contexto político da década de 1970. O projeto de distensão iniciado no governo Geisel sinalizava para uma abertura política que se concretizaria do ponto de vista formal em 1979, com o início da gestão de João Baptista Figueiredo. No entanto, o episódio da prisão é exemplo da resistência a esse processo de distensão por parte das alas mais radicais, sendo esta a denúncia do Diretório Acadêmico dos Estudantes de Engenharia da UFMG quando afirma no manifesto: "São estas as ações da ditadura, estas são as "ABERTURAS" pregadas pela ditadura".

A forma truculenta como a polícia tratou o aluno na rua e na delegacia sinalizam o modus operandi ainda em vigor: agressividade, ausência de diálogo e direito de defesa, e, sobretudo, o terror psicológico. Durante a ação na rua, o comando de um dos policiais quando grita "*ô, segura esse aí que esse aí é perigoso*" (conforme depoimento

³⁰⁰ José Carlos de Paula Figueira de Freitas (Belo Horizonte/MG, 1927 - 2004) foi vice-diretor da Escola de Engenharia da UFMG de janeiro/1975 a janeiro/1979. Foi eleito para o cargo na lista sêxtupla, sendo posteriormente nomeado pelo Presidente da República. Assumiu a função de diretor da Escola durante a vacância e substituições ao titular, que à época da reportagem era o professor Hélio Antonini. José Carlos de Paula Freitas formou-se em Engenharia Civil no ano de 1951. Prestou concurso para professor da Universidade Federal de Minas Gerais em 1970, aposentando-se do cargo em 1996. Ver HISTÓRICO.

³⁰¹ A matéria do jornal **Estado de Minas** informa que a Operação Arrastão foi a primeira medida de impacto criada pelo Secretário de Segurança Armando Amaral visando a redução do índice de criminalidade em Belo Horizonte. A reportagem também acrescenta que a operação contava com o apoio de entidades de classe e comerciantes da capital. Ver REITOR, 1978.

³⁰² À página 250 (v. 1) do Relatório Final da Comissão da Verdade em Minas Gerais o nome de Armando Amaral aparece na Lista de Agentes Públicos denunciados como torturadores (Anexo B). Armando Amaral foi secretário de Segurança Pública e coronel do Exército. Ver MINAS GERAIS, 2017, v.1, p. 250.

³⁰³ REITOR critica a violência policial. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 10 ago. 1978, p. 24.

de Wilson) é reflexo de tempos em que o governo via os estudantes como potenciais inimigos do regime, apenas pelo fato de serem acadêmicos, independente de seu envolvimento e posicionamento político. Há ainda um fator a ser considerado, pois Wilson é negro, o que provavelmente influenciou a ação da polícia sobre ele. O relato do aluno sobre o que lhe fora dito na delegacia ("*Eles diziam que naquele lugar eu iria chorar, e que minha mãe não iria ouvir*") denuncia o processo de tortura psicológica realizado pela polícia para extrair informações daqueles que se encontravam sob sua custódia.

O que há de novo naqueles anos finais da década de 1970 (e que é exemplificado por este filme de 1978) é exatamente o registro da ação da polícia por um meio de comunicação de massa. Talvez o maior sinal da "abertura" esteja mesmo na filmagem feita pela TV, que é o que difere esta ação da polícia da grande maioria das prisões realizadas nos anos de chumbo. A repercussão da prisão na imprensa de massa talvez tenha sido motivada pelo registro inicial da TV Itacolomi (presente no momento da ação), somado ao fato de que o episódio ocorreu à luz do dia, no centro de Belo Horizonte, diante do testemunho de centenas de alunos da Escola de Engenharia.

Embora a matéria da Globo Minas tenha feito a cobertura do acontecimento, ao excluir da reportagem editada o manifesto escrito pelo Diretório Acadêmico dos Estudantes de Engenharia da UFMG, opta-se por tirar aquela ação da polícia do contexto de repressão que vigorava como política de Estado no regime militar, dando a impressão de que aquela ocorrência era apenas um evento isolado.

A presença do registro da prisão arbitrária do estudante em telejornais e no jornal impresso sinalizava novos tempos, quando as ações abusivas do Estado e da polícia eram vistas e denunciadas com maior frequência, inclusive em veículos de massa. No entanto, como se percebe nos relatos do aluno agredido, as intimidações e truculência por parte da polícia ainda permaneciam (e permanecem) semelhantes aos de tempos mais autoritários do período militar.

As próximas duas reportagens mostram a repercussão de uma ação da polícia federal em Belo Horizonte que resultou na prisão de diversas pessoas, dentre elas uma estudante da Universidade Federal de Minas Gerais. O rolo "UFMG - Prisão de Estudantes"³⁰⁴ (JH), de 16 de março de 1979, possui 6 minutos e 20 segundos de

³⁰⁴ Embora haja o uso do plural ('estudantes'), nas reportagens foi identificada a prisão de uma estudante da UFMG.

duração, mas foi catalogado pelo setor de arquivo da Globo Minas com uma sinopse bem sucinta:

Reportagem sobre a prisão de estudantes e manifestação estudantil contra as arbitrariedades.

O rolo traz imagens de mobilizações realizadas por alunos da UFMG em virtude da prisão recente de uma estudante da universidade. Os eventos exibidos pela telerreportagem ocorreram no restaurante universitário (localizado no Campus Pampulha) em 15 de março de 1979, e também no auditório da Faculdade de Direito, no centro da cidade, ao anoitecer do mesmo dia. O trecho inicial editado e o material de arquivo do restante do rolo mesclam estes dois eventos. No entanto, pela observação dos diferentes locais e personagens, e com o auxílio de informações disponíveis em jornais da época, conseguimos identificar quais cenas se passam em cada local. Para caracterizar melhor o contexto que envolve os eventos registrados nesta reportagem, trataremos a seguir algumas informações obtidas nestes jornais.

O **Estado de Minas** do dia 16 de março de 1979 trouxe no canto inferior esquerdo de sua capa a seguinte chamada:

Confirmada prisão de sete em BH
 "O Departamento de Polícia Federal, através de sua Superintendência Regional, em Minas Gerais, instaurou o inquérito policial para apurar crimes capitulados na Lei de Segurança Nacional (Lei 6620, de 17-12-78) tendo até o presente momento, efetuado sete prisões em Minas Gerais, prisões estas que obedeceram a todos os requisitos legais. Maiores esclarecimentos serão fornecidos durante o andamento do inquérito policial. Belo Horizonte, 15 de março de 1979". Esta é a nota da Polícia Federal, distribuída ontem à imprensa, explicando as prisões efetuadas no Estado nos últimos dias. Entre os detidos se encontram os livreiros José Adão Pinto, Antônio Roberto Bertelli, Javet Monteiro e a estudante Maria de Fátima, presidente do Diretório Acadêmico do ICB, da Universidade Federal de Minas Gerais. (p. 20)

Chama a atenção que a nota feita pela Polícia Federal figure na capa do jornal, dando a ela um status de 'versão oficial' dos fatos.

Na página 20 do **Estado de Minas** há um maior detalhamento da matéria, que inclusive corresponde a diversas cenas que serão vistas na reportagem da Rede Globo Minas, especialmente as ações realizadas na Faculdade de Direito da UFMG:

Nem a chuva forte que caiu no final da tarde de ontem impediu que cerca de 400 pessoas, na maioria estudantes, participassem ontem à noite, no auditório da Faculdade de Direito da UFMG, da manifestação pelo Dia Nacional de Luto Em Repúdio À Posse do General Figueiredo e às sete prisões feitas nas últimas 48 horas em Belo Horizonte pela Polícia Federal.
 (...)

Aproximadamente 400 pessoas lotaram o auditório, entre elas estudantes, a presidenta do Movimento Feminino pela Anistia, Helena Greco, o presidente da seção mineira do Comitê Brasileiro pela Anistia, Alberto Duarte, e representantes da Sociedade Mineira de Sociologia, da Federação Mineira de Cine-Clubes e da Universidade Católica de Minas Gerais.

De pé, todos os presentes começaram a manifestação.

Ao contrário de manifestações anteriores, o policiamento não foi ostensivo, mas pelo menos oito carros do DOPS, Polícia Civil e até da Delegacia de Entorpecentes foram vistos estacionados nas ruas Goiás e Bahia e Avenida Álvares Cabral ou rondando o quarteirão da Faculdade de Direito.

Presente à manifestação, Helena Greco, presidente do Movimento Feminino pela Anistia / seção MG, disse que não tivera tempo de ver pela televisão a posse do general Figueiredo, em Brasília, porque "fiquei o dia inteiro tentando providências para libertar as pessoas presas". Helena Greco ressaltou o modo como as pessoas foram detidas - "o que ocorreu foram verdadeiros sequestros" - e classificou de "muito graves" estes acontecimentos, "porque, ao que sabemos, prisões também estão sendo feitas em outros Estados". Segundo ela, o advogado do MFPA e do DCE da UFMG impetrou habeas-corpus em favor de José Adão Pinto, Maria de Fátima de Oliveira e Antônio Bertelli, os únicos conhecidos dos sete presos oficialmente declarados pela Polícia Federal e que estão detidos no DOPS³⁰⁵.

O filme do dia 16 de março de 1979, que será detalhado a seguir, é um desdobramento da telerreportagem "Helena Greco - Prisões Estudantes", de 15 de março de 1979, apresentada no capítulo sobre os movimentos pela anistia³⁰⁶.

O rolo começa com imagens gerais do restaurante universitário, conhecido como 'setorial' ou 'bandejão'. As imagens provavelmente foram feitas na hora do almoço, pois ainda é dia e o local está repleto de alunos, tanto em filas quanto sentados às mesas. Na primeira cena é possível ouvir a voz de alguém que está fora de quadro e parece proferir um discurso, embora não seja possível entender o que é dito. Em seguida, um breve plano mostra alunos batendo repetidamente os talheres em seus pratos, como uma espécie de protesto, causando enorme barulho no restaurante. No terceiro plano tem início a entrevista com o estudante de medicina da UFMG Eduardo da Motta e Albuquerque (Imagem 277), à época membro da diretoria colegiada do Diretório Central dos Estudantes. A entrevista foi realizada do lado de fora do restaurante. Eduardo fala sobre as ações dos estudantes em protesto contra a prisão recente de três pessoas, entre elas uma aluna do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG (ICB): *Hoje o DA... o ICB entrou em greve cedo né, quer dizer, a gente saiu de lá, rodou o campus, passou no ICEX e convergiu aqui pro setorial fazendo uma manifestação contra a arbitrária prisão né, dessa companheira.*

³⁰⁵ MANIFESTAÇÃO transformada em vigília. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 mar. 1979, p. 20.

³⁰⁶ Cap. 2, p. 169-172.

No plano seguinte, a imagem volta para dentro do setorial, onde os alunos que batem os talheres nos pratos e bandejas gritam em coro: *Abaixo a repressão! Abaixo a repressão! Abaixo a repressão!* (Imagem 278).

Na sequência há o plano de um auditório lotado, onde todos os presentes estão em pé. Cada pessoa segura um papel e juntas leem um texto, um manifesto coletivo (Imagem 279). Não é possível distinguir o conteúdo do áudio. Esta primeira parte do filme termina aos 49 segundos de rolo.

Imagem 277 - O estudante Eduardo da Motta e Albuquerque durante entrevista do lado de fora do restaurante universitário, no Campus Pampulha

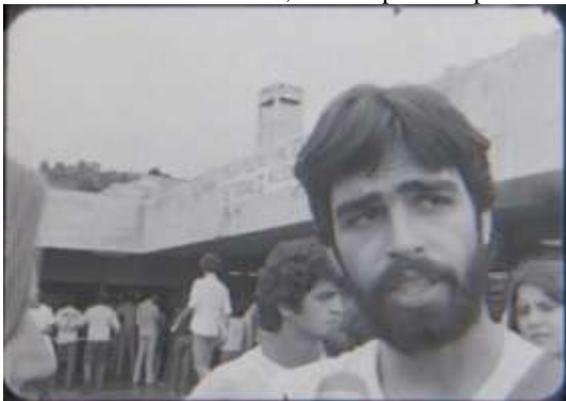


Imagem 278 - Alunos batem os talheres nos pratos e bandejas e gritam em coro: "*Abaixo a repressão!*"



Imagem 279 - Alunos leem manifesto durante assembleia no auditório da Faculdade de Direito da UFMG, no centro de Belo Horizonte.



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme
"UFMG - Prisão de Estudantes"
(16 de março de 1979).

FONTE: Acervo MIS BH.

A partir deste ponto tem início uma série de planos que repetem o que já foi visto, com transições mais aparentes e menor refinamento do material audiovisual. Presume-se assim que os primeiros 49 segundos sejam de material editado e levado ao ar, e o restante, material de arquivo.

A próxima sequência de imagens começa com um plano que dura 2 segundos e mostra 8 pessoas (homens e mulheres) sentados em carteiras dispostas sobre um palco. Parecem estar de frente a uma plateia, que não aparece em quadro. Tanto na frente do

palco quanto na parede ao fundo do grupo existem faixas com a frase: "ABAIXO A DITADURA" (Imagem 280).

Nas cenas seguintes são apresentadas novamente imagens do restaurante setorial. Há um breve plano de um estudante que discursa no local enquanto os alunos almoçam. Em seguida, mais momentos dos jovens batendo os talheres nos pratos e bandejas.

Na próxima sequência temos a imagem da repórter Vilma Fazito pela primeira vez. Ela está olhando para o entrevistado, o estudante Eduardo da Motta e Albuquerque, que está fora de quadro. Vê-se apenas uma intensa gesticulação do jovem enquanto fala: *Estamos nos manifestando contra o sequestro pelo DOPS...*

A repórter olha para o câmera (Imagem 281), que provavelmente sinaliza que a gravação começou. Ela então inicia a entrevista, interrompendo a fala anterior do aluno:

VF³⁰⁷: *Vocês estão se movim... vocês estão se movimentando hoje em torno de quê aqui no Campus?*

A câmera em primeiro plano vai da jornalista ao estudante.

EMA: *Bom, ontem foram... foi arbitrariamente presa, ou melhor, sequestrada pela polícia, uma companheira nossa, presidente do DA ICB, foi presa ontem à... ontem à noite [Há um corte na imagem. Em alguns momentos Eduardo responde olhando para a repórter. Em outros olha aleatoriamente para algum ponto atrás da jornalista ou do câmera, demonstrando pouca familiaridade com o ritual da entrevista para a TV, embora seja sempre assertivo e seguro quanto às respostas dadas]. [...] mais uma amostra do que que é que é essa tal de Abertura que o pessoal tá falando, né?! Quer dizer, hoje o Figueiredo toma posse falando em Abertura. No duro no duro a gente vê que nada mudou: continuam as prisões arbitrárias, continua o aparato repressivo, continua a apreensão de jornais, como o 'Em Tempo', continua censurando a imprensa, ou melhor, processando a imprensa por fazer denúncias, como o inquérito que está tendo sobre a 'Veja'³⁰⁸. A gente vê que a luta pela liberdade, a luta pela democracia não diminuiu nada, precisa de aumentar muito mais.*

VF: *Todas as escolas também deverão entrar em greve?*

EMA: *Hoje já tá tendo assembleia, tá tendo passagens em sala, tá tendo discussões em toda a universidade. Nós aqui não estamos sabendo da situação direito como é que tá. Entende, quer dizer, é provável que a coisa toda né, cresça mesmo. E hoje já vai haver, às 6 horas da tarde, na Escola de Direito, uma manifestação convocada pela Comissão Nacional Pró UNE, né?! Vai ser nacional, um dia de luta contra Figueiredo, um dia de luta contra a própria ditadura que nós vamos aproveitar, nós vamos intensificar o dia, tendo em vista essas arbitrárias prisões que estão havendo aí, prisões de companheiros nossos [a câmera desliza para a direita e mostra um aluno*

³⁰⁷ Indicaremos como VF as perguntas feitas pela repórter Vilma Fazito e como EMA as respostas do estudante Eduardo da Motta e Albuquerque.

³⁰⁸ Na edição da revista **Veja** de 21 de fevereiro de 1979 foi publicada a reportagem "Descendo aos Porões", na qual o jornalista Antônio Carlos Fon denunciava práticas de tortura empregadas durante os governos militares. O general Fernando Belfort Bethlem, então ministro do exército, considerou a matéria "ofensiva à imagem do Exército perante o povo" e processou a revista. Ver BETHLEM, 2009.

que observa a entrevista, e, ao fundo, a fila de estudantes que aguarda a entrada no restaurante universitário].

Imagem 280 - Homens e mulheres falam aos alunos presentes no auditório da Faculdade de Direito da UFMG, no centro de Belo Horizonte



Imagem 281 - A repórter Vilma Fazito aguarda sinalização do cinegrafista para dar início à entrevista



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "UFMG - Prisão de Estudantes" (16 de março de 1979).
FONTE: Acervo MIS BH.

As cenas de bastidores que compõem esta última sequência confirmam o caráter de sobras deste trecho do rolo. Na sonora do estudante Eduardo da Motta e Albuquerque escolhida para compor a reportagem editada há uma breve explicação de como se deu a manifestação dos alunos e por qual motivo ela aconteceu ('a prisão arbitrária de uma companheira'). Não há um maior detalhamento sobre o contexto em que teria ocorrido a prisão nem qual seria a motivação para a mesma.

Já na fala do estudante que foi preterida no corte final da reportagem, ele afirma que a colega havia sido 'sequestrada' pela polícia, em uma crítica evidente à forma como a prisão foi efetuada. Além disso, Eduardo contextualiza a prisão, relacionando o fato a outros atos arbitrários realizados pelo governo ou com sua anuência, como o aparato repressivo, a apreensão de jornais e a censura à imprensa. O membro do DCE critica ainda a perpetuação das arbitrariedades mesmo no contexto de abertura política, um compromisso do general Figueiredo, que naquela data tomava posse na presidência da República.

Após a entrevista, mais uma vez são exibidas imagens de dentro do bandejão. O aluno que discursa diz: *uma assembleia, aqui no restaurante...* O plano seguinte mostra os alunos batendo talheres nos pratos. Na próxima cena, os alunos almoçam tranquilamente, enquanto ao fundo se ouve o estudante que discursa. Ao final de sua exposição ele grita: *Abaixo a repressão!* Em seguida, um grande número de alunos no

restaurante passa a repetir a mesma frase, em coro. Há também jovens que continuam a almoçar normalmente, sem se manifestar.

A presença das cenas do bandejão em vários momentos do filme indica que o rolo original foi bastante manuseado durante o processo de edição. Normalmente as imagens gravadas no mesmo ambiente aparecem juntas no trecho de sobras da reportagem. O fato das imagens do restaurante universitário aparecerem em dois pontos distintos das sobras é indício de que algumas destas cenas provavelmente foram incluídas em um primeiro corte, mas excluídas na edição final da matéria.

O filme tem um trecho em branco que dura 6 segundos. Em seguida têm início imagens em outro espaço, já mostrado em um breve plano no início do rolo. Após consulta a uma reportagem do **Estado de Minas** do dia 16 de março de 1979³⁰⁹, confirmamos se tratar do auditório da Faculdade de Direito da UFMG. Localizado à Avenida João Pinheiro, 100, no centro de Belo Horizonte, neste local, na noite do dia 15 de março, ocorreu a manifestação indicada por Eduardo da Motta e Albuquerque durante a entrevista à repórter da Globo.

No auditório, um jovem posicionado no meio do palco faz um relato para a plateia, que está fora de quadro. Conforme identificação feita por Betinho Duarte, o homem é Paulo Barcala³¹⁰ (Imagem 282), à época aluno do curso de Comunicação Social da UFMG. A fala do estudante compõe-se de informes sobre a situação dos presos e as ações previstas visando a libertação dos mesmos. Barcala faz um relato sobre uma reunião que se dera na manhã daquele dia, quando estavam presentes os DCEs da UFMG e da PUC-MG, o Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, o Movimento Feminino pela Anistia, o Comitê Brasileiro pela Anistia e também professores representantes da Universidade Federal de Minas Gerais. Aborda também tentativas de obterem mais informações sobre os presos e a motivação para as prisões. O estudante comunica ainda sobre os pedidos de *habeas corpus* que haviam sido encaminhados em nome dos três presos sobre os quais se tinha conhecimento até aquele momento (José Adão, Bertelli e a Fatinha do ICB).

³⁰⁹ MANIFESTAÇÃO transformada em vigília. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 mar. 1979, p. 20.

³¹⁰ Paulo Barcala é jornalista formado em Comunicação Social pela UFMG (1976-1979). Desde 1996 é sócio-gerente da empresa ZAP Comunicação em Belo Horizonte. Em 2006 foi coordenador geral de comunicação da campanha eleitoral de Nilmário Miranda ao Governo de Minas, atuando também na campanha de Patrus Ananias para a Prefeitura de BH (2012) e de Dilma Roussef para a Presidência da República (2014). Ver PAULO, 2020.

Após este trecho dos informes há um corte. No plano seguinte a câmera faz uma panorâmica na plateia, movimentando-se da esquerda para a direita, cobrindo de uma lateral à outra do auditório. Todas as poltronas parecem ocupadas (Imagem 283).

Imagem 282 - Paulo Barcala (de óculos, no centro da imagem) faz um relato sobre as ações desenvolvidas a partir das recentes prisões. Do seu lado direito está a estudante de medicina Sandhi Barreto. Ao fundo, com a mão no queixo, vê-se Helena Greco, presidente do MFPA. Do seu lado esquerdo, Betinho Duarte, presidente do CBA/MG.



Imagem 283 - O auditório da Faculdade de Direito lotado durante a manifestação



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "UFMG - Prisão de Estudantes" (16 de março de 1979).

FONTE: Acervo MIS BH.

A sequência mostra a imagem do público, mas fora de quadro ainda é possível ouvir parte do discurso de Paulo Barcala. Neste momento do rolo ele informa sobre o encontro recente que tiveram com parlamentares, ocasião em que buscavam repercutir as prisões e obter apoio para a libertação dos presos. Segundo relato do aluno, caso não conseguissem informações sobre os presos ao longo daquele dia 15 de março de 1979, o

deputado Dalton Canabrava (MDB/MG) havia se disposto a denunciar as prisões na hora da posse do governador Francelino Pereira na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (que seria realizada naquele mesmo dia). Embora o arquivamento da matéria tenha sido feito com a data de 16 de março, os acontecimentos narrados confirmam que as filmagens foram realizadas no dia 15 de março de 1979.

Na sequência do filme a câmera volta ao palco e passa a exibir em primeiro plano uma jovem que está ao lado de Paulo Barcala. A mulher foi identificada por Betinho Duarte como Sandhi Maria Barreto³¹¹, à época estudante de medicina da UFMG. Ela realiza informes sobre os eventos apresentados na primeira parte da reportagem, que foram as ações realizadas no campus da UFMG, e, em especial, no restaurante setorial. Após a fala de Sandhi Barreto, há um corte e a plateia é exibida novamente. As pessoas estão de pé e juntas leem um manifesto. O som é ambiente, dificultando a identificação do conteúdo do áudio. Há alguns cortes e em um deles a câmera faz um primeiro plano das mãos de um jovem que segura o manifesto enquanto o lê. Após este trecho, o filme acaba.

Para quem assiste apenas a telerreportagem editada, a impressão que se tem é de uma ação isolada do movimento estudantil. As imagens e áudios selecionados não fazem uma contextualização do que envolve as prisões e o consequente protesto dos estudantes. Na matéria finalizada também não é possível perceber a articulação do movimento estudantil com outros movimentos, embora nas sobras da reportagem esta articulação esteja bem visível e presente.

Dos 30 aos 37 segundos de rolo há uma cena em que os alunos gritam em coro “*Abaixo a repressão!*” enquanto batem seus talheres nas mesas do restaurante universitário. Se conjugada a outras informações constantes no próprio rolo, esta cena teria grande impacto. No entanto, da forma descontextualizada como ela foi inserida no filme, acaba perdendo força.

A fala mais contundente do estudante Eduardo da Motta e Albuquerque, na qual ele relaciona as recentes prisões ao contexto político do país, não foi selecionada para

³¹¹ Sandhi Maria Barreto graduou-se em medicina pela UFMG (1975-1981). Possui mestrado e doutorado em Epidemiologia pela London School of Hygiene & Tropical Medicine (Inglaterra) e Pós Doutorado em Saúde Pública (2003) pelo Department of Chronic Diseases & Health Promotion, World Health Organization, Genebra (Suíça). Coordenou a Vigilância de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde entre 2003 e 2005. É professora titular do Departamento de Medicina Preventiva da UFMG, onde atua como docente desde 1999. Ver SANDHI, 2019.

compor a reportagem editada. Os planos do palco que mostram a frase "ABAIXO A DITADURA" também foram descartados na edição.

Um importante dado de contexto e que também ficou ausente da telerreportagem editada é a atuação de outros grupos de oposição ao governo militar junto ao movimento estudantil, como o Movimento Feminino pela Anistia e o Comitê Brasileiro pela Anistia. Helena Greco e Betinho Duarte, representantes destas duas entidades, estavam presentes no evento realizado no auditório da Faculdade de Direito, conforme pode ser visto nas sobras de imagem do rolo. A atuação conjunta também é reforçada durante o pronunciamento do estudante Paulo Barcala neste mesmo evento.

O registro apresentado nesta telerreportagem insere-se em um contexto de luta pelas liberdades democráticas, luta pela anistia, pelo fim das prisões arbitrárias e do aparato repressivo. Se considerado todo o conteúdo do rolo, este contexto está presente. Mas a edição da reportagem optou por deixar de fora informações relevantes que haviam sido obtidas pela equipe de rua, o que indica uma participação decisiva dos responsáveis pela edição do jornal na formatação do que seria levado ao ar.

O rolo "DOPS - Políticos visitam presos políticos" (JN), de 23 de março de 1979, traz novos fatos relacionados às prisões indicadas na matéria anterior. A ficha cadastrada pelo setor de arquivo da TV Globo Minas contém as seguintes informações sobre a telerreportagem:

Título
DOPS
Políticos visitam Fatinha e Nelson Chaves dos Santos
Sinopse
Som ambiente dos estudantes e políticos tentando visitar os presos políticos.
Entrevista com o deputado do MDB, do Rio, José Eudes.

Sete dias distanciam este filme da matéria anterior. Pela sinopse, percebe-se a inserção de mais um personagem na história, o preso político Nelson Chaves dos Santos. Quando a reportagem do dia 16 de março foi gravada, desconhecia-se o fato de que Nelson estava preso em Belo Horizonte. Nelson Chaves dos Santos havia sido preso em 1969 acusado de pertencer à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Em dezembro de 1970, o embaixador suíço Giovani Enrico Bucher foi sequestrado no Rio de Janeiro. Os autores do sequestro condicionaram sua soltura à libertação de 70 presos políticos. Após 40 dias de negociações, os 70 presos receberam asilo no Chile, entre eles Nelson. Banido, o militante retornou clandestinamente ao país em 1975. A pedido da Polícia Federal mineira, foi preso no dia 14 de março de 1979 na cidade do Rio de

Janeiro, sendo transferido no mesmo dia para o DOPS em Belo Horizonte. Beneficiado pela Lei da Anistia, foi libertado em São Paulo no dia 30 de agosto de 1979. O jornal **Estado de Minas** do dia 17 de março de 1979 relata que todas as prisões recentes em Belo Horizonte teriam sido efetuadas pela ligação dos presos a Nelson Chaves³¹².

No **Estado de Minas** do dia 24 de março de 1979, a reportagem "Deputados não conseguem visitar presos"³¹³ informa que os deputados estaduais Marcelo Caetano³¹⁴ e Cássio Gonçalves³¹⁵ (MG), o deputado estadual José Eudes (RJ) e o vereador carioca Antônio Carlos Carvalho³¹⁶, todos do "partido da Oposição", formaram uma comissão que foi ao DOPS na manhã do dia 23 de março, mas não conseguiram autorização para visitar e conversar com o preso Nelson Chaves dos Santos. A matéria informa ainda que os parlamentares do Rio de Janeiro estavam em Belo Horizonte em busca de notícias de Nelson.

Com duração de 04 minutos e 30 segundos, a telerreportagem do dia 23 de março mostra um encontro entre parlamentares e estudantes no qual são compartilhadas informações atualizadas dos presos políticos e de uma tentativa frustrada de visita aos mesmos no DOPS. Diferentemente do que a sinopse da Globo dá a entender, o rolo não mostra o momento da tentativa de visita aos presos políticos. O filme tem início com imagens da reunião entre alunos e políticos. Há três homens de terno, entre eles o vereador carioca Antônio Carlos Carvalho e os deputados estaduais Marcelo Caetano e José Eudes (Imagem 284). Entre os estudantes, há aproximadamente 15 jovens, sendo que um deles é o homem que falava ao microfone durante a assembleia registrada na

³¹² Ver BENEVIDES, 2006; OS ANISTIADOS, 1979; A POLÍCIA Federal confirma a prisão do banido Nelson. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 17 mar. 1979, p. 07.

³¹³ DEPUTADOS não conseguem visitar presos. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 mar. 1979, p. 07.

³¹⁴ Marcelo Caetano de Melo (Carmo do Paranaíba/MG, 1949 - Belo Horizonte/MG, 2015) foi deputado estadual de Minas Gerais pelo MDB durante a 9ª legislatura (1979 - 1983). Formou-se em Direito pela UFMG em 1971. Ver MORRE O EX, 2015.

³¹⁵ Cássio Gonçalves (Itaúna/MG, 1937 -) foi deputado estadual pelo MDB (1979-1983). Foi também deputado federal (1983-1987), já pelo PMDB. Em 1988 deixou o PMDB e foi para o PSDB, tornando-se membro suplente de sua executiva nacional. Formado em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Mineira de Direito da Universidade Católica de Minas Gerais (1960), tornou-se juiz do Trabalho da 3ª Região de Belo Horizonte em 1991, após prestar concurso público. Aposentou-se no ano 2000. Ver GONÇALVES, 2009.

³¹⁶ Antônio Carlos Nunes de Carvalho (Tonico) (Caxias/MA, ?? - Rio de Janeiro/RJ, 1993) foi vereador pelo MDB na primeira legislatura da Câmara Municipal do Rio de Janeiro (1977-1982). Tornou-se símbolo da resistência democrática, atuando em apoio aos sindicatos, associações, trabalhadores grevistas e estudantes. Também integrou a luta pela anistia. No dia 27 de agosto de 1980, uma bomba explodiu no gabinete do vereador. No momento da explosão ele estava a caminho da Câmara. Seu tio e assessor, José Ribamar de Freitas, então com 60 anos, ficou gravemente ferido. José Ribamar perdeu 80% da visão e teve o braço esquerdo amputado. Em carta enviada ao **Jornal do Brasil**, a Vanguarda de Caça aos Comunistas (VCC) assumiu o atentado. No mesmo dia, outras duas bombas explodiram na cidade do Rio de Janeiro: uma na redação carioca do jornal **Tribuna da Luta Operária** e outra na sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Ver ATENTADO À.

reportagem anterior, o estudante de Comunicação Social Paulo Barcala (Imagem 285). Antes do encontro apresentado pela matéria da TV Globo Minas, os parlamentares tentaram visitar os presos políticos no DOPS, sem sucesso, como vimos.

Imagem 284 - Parlamentares reunidos com estudantes relatam a situação dos presos. Da esquerda para a direita, de terno e sentados, o vereador Antônio Carlos Carvalho, o deputado Marcelo Caetano e, no canto direito da imagem, o deputado José Eudes.



Imagem 285 - Jovens ouvem atentamente os informes. No canto esquerdo da imagem, de óculos e cavanhaque, o estudante Paulo Barcala.



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "DOPS - Políticos visitam presos políticos" (23 de março de 1979).
FONTE: Acervo MIS BH.

Após alguns planos da reunião tem início a entrevista com o deputado José Eudes (Imagem 286):

Nós não tivemos acesso à visita, entretanto nós conseguimos vê-los à distância, a aparência que eles demonstravam era de uma boa aparência física, de... vamos dizer, uma certa tranquilidade intelectual, entretanto nós não conseguimos exercer o direito que era o direito da visita, a franquia a que nós tivéssemos acesso.

Na sequência da entrevista o filme volta a mostrar imagens da reunião com os estudantes.

O ambiente da reunião parece ser algum espaço dentro da universidade, provavelmente um local de encontro de estudantes, como a sede de um centro acadêmico, por exemplo. Durante a entrevista com o deputado José Eudes³¹⁷, percebe-se no plano de fundo uma parede com diversas frases escritas. Uma delas em defesa da "Anistia ampla e irrestrita". Há também a frase "Liberdade a quem trabalha", entre outros escritos que não é possível identificar. Um tabuleiro de dama atrás do repórter,

³¹⁷ Também no dia 23 de março de 1979, o deputado José Eudes participou de uma mesa de debates em um auditório neste mesmo local, conforme verificamos na reportagem "Anistia – Debate Faculdade de Direito", apresentada no capítulo anterior, p. 172-175.

elemento comum aos espaços de encontro de estudantes dentro da universidade, também ajuda a identificar o ambiente.

A partir dos 50 segundos de filme a transição entre os planos é composta por cortes menos refinados, aparentemente feitos durante a filmagem e não no processo de edição. Há também imagens de bastidores, como as que mostram o repórter Luiz Carlos³¹⁸ se preparando para dar início à entrevista (Imagem 287). Presume-se então que dos 50 segundos em diante seja material de arquivo não exibido pela TV.

O enquadramento da entrevista revela uma escolha interessante, pois o fundo não é neutro, visto que atrás do deputado José Eudes é possível ler as palavras ANISTIA, AMPLA e IRRESTRITA. No entanto, se a expressão está relativamente visível no plano aberto (Imagem 287), o mesmo não pode ser dito do plano fechado da entrevista, que corresponde exatamente ao trecho escolhido para ir ao ar (Imagem 286).

Imagem 286 - Deputado José Eudes dá detalhes sobre a tentativa de visita aos presos



Plano do material editado para a reportagem.

Imagem 287 – O repórter Luiz Carlos se prepara para entrevistar o deputado. Ao fundo, vê-se na parede manifestações a favor da Anistia.



Plano do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "DOPS - Políticos visitam presos políticos" (23 de março de 1979).
FONTE: Acervo MIS BH.

O repórter Luiz Carlos olha na direção da câmera. Alguns segundos depois, provavelmente após a sinalização do cinegrafista, ele dá início às perguntas:

LC³¹⁹: *Deputado, o que vocês constataram quanto à situação da Fátima e do Nelson nesta fase do inquérito?*

DJE: *Nós estivemos hoje de manhã na delegacia do DOPS, fomos recebidos pelo Dr. David Hazan³²⁰ e pelo delegado do DOPS da Polícia Federal e nós*

³¹⁸ O repórter foi identificado por Eduardo Simbalista em entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 06 de fevereiro de 2019.

³¹⁹ Indicaremos como LC a fala do repórter Luiz Carlos e DJE a resposta dada pelo deputado José Eudes durante a entrevista.

³²⁰ A seção Tomo II Volume 3 do Projeto "Brasil: Nunca Mais" intitulada "Os Funcionários" traz o nome de David Hazan à página 200, citado diversas vezes como Delegado e Chefe do DOPS em Belo

queríamos formalmente a visita aos dois detidos já que teria sido ultrapassado o prazo legal da legislação de Segurança Nacional pra quebra da incomunicabilidade, o que nos foi impossibilitado.

LC: [...] ³²¹ esse contato?

DJE: *A alegação é de que a quebra da incomunicabilidade formalmente já teria sido cumprida, o que de certa forma é verdade, quer dizer, advogados e os familiares os estão visitando. Entretanto, a outra alegação era de que ainda existia uma fase de interrogatório que não teria sido concluída, e que necessitaria então de mais algum espaço de tempo pra que ele comunicasse ao juiz auditor os procedimentos de praxe e que passasse a contar o tempo então a partir da [...] ilegalidade. Nós achamos que isso não guarda justeza, já que devemos considerar claramente que a pessoa é detida, e deveria contar o seu período de incomunicabilidade a partir do dia da detenção, e isso ocorreu ontem, às 18 horas, aproximadamente.*

Antes da próxima pergunta, há uma mudança de enquadramento. O câmera se posiciona atrás do repórter e faz um plano frontal do deputado. Neste novo enquadramento, não mais vemos a parede com os manifestos. A mudança parece indicar uma vontade de se constituir um fundo neutro para a entrevista, visto que no cenário da primeira parte da sonora há uma forte alusão à luta pela anistia. No entanto, nenhum trecho gravado neste fundo ‘neutro’ foi selecionado para ir ao ar. A entrevista continua:

LC: *E quanto à libertação dos dois detidos, quando ocorrerá?!*

DJE: *O encarregado do inquérito, ele foi evasivo em relação a essa questão. Ele disse que a Fatinha, por exemplo, ainda está sendo submetida aos interrogatórios de praxe, e que não vislumbrava a possibilidade de sua soltura ou que não vislumbrava a possibilidade do seu indiciamento, da formalização do inquérito acerca dela. E do Nelson, um pouco mais evasivo ainda, o que pra mim demonstra, provavelmente, que a libertação deles, pelo menos imediata, não está sendo cogitada pelas autoridades policiais.*

LC: *Considerando essa situação, que posições serão tomadas pela CBA e pelos políticos?*

DJE: *Nós entendemos o seguinte: nós achamos que o direito de manifestação de pensamento, que o direito amplo de se organizar politicamente deva existir pra todos os brasileiros. A minha posição pessoal enquanto parlamentar, e vou discutir com companheiros, outros parlamentares, e Comitês Brasileiros pela Anistia e quem luta pela defesa dos direitos humanos em nosso país deva ser a de uma luta pela libertação imediata dos dois presos, pra que eles possam em liberdade, se até for o caso, responder as possíveis imputações penais que lhes são pesadas, mas que sejam respondidas em liberdade, que lhes seja garantido o direito deles e do povo brasileiro, de se manifestar e de se organizar politicamente, da forma que achar e entender.*

Após esta última fala o repórter sinaliza o fim da entrevista e o cinegrafista volta a câmera para o chão. O filme acaba.

Horizonte nas décadas de 1960 e 1970. O site de notícias PLURAL (Curitiba) informa que David Hazan foi Delegado da Polícia Federal e chefe do DOPS. A página traz ainda a informação de que Hazan foi aluno de Dan Mitrione, agente da CIA que ensinou técnicas de tortura aos militares brasileiros. Ver ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1985; PALMAR, 2014.

³²¹ Indicaremos com colchetes os momentos em que há cortes durante a gravação da entrevista.

O trecho da entrevista com o deputado selecionado pela edição parece amenizar a situação dos presos nas dependências do DOPS, visto que foi escolhido exatamente o momento em que José Eudes relata que os presos estão com “boa aparência física” e “certa tranquilidade intelectual”. É como se a telerreportagem editada quisesse informar através do testemunho do deputado que, apesar de estarem sob custódia do DOPS, os presos estavam bem.

Questões delicadas como a demora na quebra da incomunicabilidade dos presos, a remota possibilidade de libertação dos detidos e a fala do deputado sobre liberdade de pensamento, o direito à organização política e a defesa dos direitos humanos acabaram ficando apenas para material de arquivo. São questões que estavam em pauta no cenário político do país naquele início do governo Figueiredo, mas que foram omitidas na edição final da reportagem.

Conforme informações colhidas em pesquisas no jornal **Estado de Minas**³²², a estudante Maria de Fátima Oliveira (Fatinha) foi solta pela Polícia Federal no dia 27 de março de 1979. A jovem foi acusada de tentar reorganizar o MR-8 e manter contato com o banido Nelson Chaves dos Santos, que vivia clandestinamente no país. De acordo com nota da Polícia Federal publicada no **Estado de Minas**, Fatinha também

frequentava um "aparelho", situado em Belo Horizonte, onde foi encontrada grande quantidade de publicações subversivas, entre elas: exemplares de "Conferência Nacional sobre a Política de Organização do MR-8", em dois volumes; texto datilografado sobre "A Teoria e Prática da Revolução"; vários números da revista "Brasil Socialista"; exemplares do jornal clandestino "Unidade Proletária"; livreto denominado "A atuação dos comunistas no Movimento Estudantil" e os impressos "Resoluções sobre o trabalho nos Sindicatos", "Guerra Popular, Caminho da Luta Armada no Brasil" e livros sobre o marxismo-leninismo³²³.

Na reportagem do jornal impresso do dia 03 de abril de 1979 Fatinha afirma ter "certeza de que as manifestações e a greve dos estudantes, o interesse do reitor da UFMG, o adiamento, pelo cientista Amilcar Viana, da entrega de seu título de professor emérito do ICB, assim como do Movimento Feminino pela Anistia e do Comitê Brasileiro pela Anistia contribuíram decisivamente para a melhoria" de suas condições dentro da prisão.

Exemplar da continuidade da ação repressiva do DOPS em Belo Horizonte é a reportagem "Militante do PMDB-UMES é preso pelo DOPS" (título atribuído). Este

³²² Ver ESTUDANTE nega qualquer ligação com MR-8 e diz que recebeu bom tratamento. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 abr. 1979, p. 07.

³²³ POLÍCIA FEDERAL explica as prisões de Nelson e Fatinha. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 mar. 1979, p. 07.

filme estava sem identificação quando foi manuseado pela primeira vez durante o processamento técnico no MIS BH. Mesmo após o visionamento do rolo na moviola, a equipe do Museu não conseguiu localizar o título original ou a data do filme, razão pela qual foi atribuído um título ao mesmo. No desenvolver desta tese fizemos nova pesquisa na base de fichas do Fundo Globo. A partir do cruzamento dos dados do filme com informações obtidas com Eduardo Palhares³²⁴ (o militante apontado no título), conseguimos localizar qual provavelmente³²⁵ seria o título original, a data e a sinopse da telerreportagem, conforme indicamos a seguir:

Título
 Polícia – Estudante sequestrado³²⁶.
 Sinopse
 Reportagem sobre o sequestro do estudante pela polícia no Bairro Floresta³²⁷.
 Não vieram dados.
 Data Filmagem
 31/10/1980

Com 3 minutos e 6 segundos de duração, o rolo consiste em uma entrevista realizada pela repórter Vilma Fazito com o estudante Carlos Eduardo da Silva Palhares, que na ocasião havia sido preso e agredido nas dependências do DOPS em Belo Horizonte. Eduardo é um jovem negro que veste uma camiseta do Colégio Tiradentes (Imagem 288), ligado à Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. Em entrevista³²⁸, Eduardo Palhares nos disse que utilizava o uniforme do colégio como uma ação de defesa, imaginando que o fato de ser aluno da instituição³²⁹ e filho de militar pudesse amenizar o tratamento que receberia durante as abordagens policiais e eventuais prisões.

Na mão direita o jovem segura um pequeno cartaz manuscrito e o mantém direcionado para a câmera da TV, com clara intenção de que o conteúdo do papel pudesse ser lido pelos telespectadores que teriam acesso à reportagem. No cartazete, a

³²⁴ Eduardo Palhares (Carlos Eduardo da Silva Palhares) (Ibirité/MG, 01 de junho de 1961 -) atuou no movimento estudantil secundarista na capital mineira na primeira metade da década de 1980. Foi presidente da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de Belo Horizonte (UMES BH) entre 1982 e 1983. Também foi presidente do departamento jovem do PMDB/MG. É servidor público em Imperatriz (MA) onde vive atualmente. Também integra a Executiva da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, seção Maranhão (CTB-MA). Filiado ao Partido Socialista Brasileiro, foi candidato a vereador em Imperatriz (MA) nas eleições de 2016 e 2020. As informações foram concedidas por Eduardo Palhares em entrevista a Marcella Furtado.

³²⁵ A confirmação precisa da data poderia ser feita acessando os jornais impressos locais da época. Tal acesso foi interrompido em virtude da pandemia de Covid-19 e do fechamento provisório da Biblioteca Pública Estadual que abriga a hemeroteca do **Estado de Minas**.

³²⁶ Não há indicação do telejornal onde a matéria teria sido exibida.

³²⁷ Eduardo nos contou que foi preso na Rua Sapucaí, que fica no Bairro Floresta, em Belo Horizonte.

³²⁸ Eduardo Palhares foi entrevistado por Marcella Furtado via Google Meet no dia 18 de março de 2021.

³²⁹ Enquanto foi aluno do Colégio Tiradentes, Eduardo nos conta que sentia-se cercado em sua atuação no movimento estudantil. Por este motivo transferiu-se para o Colégio Prisma (também em BH), quando passou a ter mais liberdade para participar do movimento estudantil secundarista.

divulgação de uma chapa concorrente às eleições da União Municipal dos Estudantes Secundaristas de Belo Horizonte: "VAMOS À LUTA! Eleições para UMES - 4, 5, 6 nov. VOTE VIRACÃO". O filme começa com a sonora do estudante:

EP³³⁰: *Fomos gritados pelo pessoal do bairro que não podia, então nós corremos, saímos. Depois nós fomos cercados numa rua próxima por dois carros, uma Brasília e um outro que eu não tô bem lembrado qual e veio atrás da gente um Puma, que... jogando o Puma por cima de mim, me atropelou, chegou a bater na minha perna pra me jogar no chão. E o soldado, o detetive que estava dentro da Brasília atirando atrás, mandando parar. Chegou a atirar e foi nessa hora que eu parei. Ele me jogou no chão, me pegou, me chutando e me dando soco.*

VF: *Você sabe o nome de alguma dessas pessoas que te prendeu?!*

EP: *Bom, um dos detetives eu sei como chama: detetive Marcílio, da Seccional Leste.*

Este trecho da entrevista está sem cortes e termina aos 44 segundos de filme. A partir deste ponto do rolo, acreditamos que seja material não aproveitado pela edição. A seguir há 6 segundos de filme em branco, e, na sequência, a repórter Vilma Fazito faz uma passagem para a câmera. Ela dá início à sua fala duas vezes, mas percebe que o cinegrafista ainda está ajustando o zoom. A jornalista então aguarda e na terceira tentativa consegue fazer a passagem por completo: *O estudante Carlos Eduardo da Silva Palhares e também presidente do PMDB Jovem foi preso nesta madrugada quando pichava muros na Avenida do Contorno.*

A repórter se vira para o estudante e dá início à entrevista:

VF: *Ô Eduardo, como é que foi?!*

EP: *Bom, nós tava [sic] pichando o muro, pra divulgando a chapa aí e as eleições que se realizarão agora nos dias 5 e 6 de novembro, com os dizeres 'Vote Viração para UMES' quando né [...]'*³³¹.

VF: *[...] do DOPS?*

EP: *Depois às 10 horas da manhã me levaram pro DOPS. Chegando no DOPS né, como o delegado lá me bateu, me deu tapa né. Na hora dos interrogatórios, ele tava me obrigando né a falar coisas pra pôr no relatório, falando que eu estava mentindo, que era pra mim falar a verdade. Me dando tapa, soco na barriga, tapa na cara né, me dando picadas de agulha no braço né, tudo marcado aqui'*³³². *E além, depois de assinar o depoimento, não queria deixar eu ler, me dando tapa, me batendo pra mim assinar o depoimento sem ler.*

VF: *Você acha que você foi preso somente por estar pichando o muro?*

EP: *Não, eu acho que não é. Eu acho que é uma coisa também bem mais política né. Justamente porque eu sou um cara que tô aí trabalhando, participo do movimento contra a carestia, participo aí do PMDB. Lá no bairro nós desenvolvemos juntos pra melhorar o meio de transporte, de água*

³³⁰ Indicaremos como VF as perguntas feitas pela repórter Vilma Fazito e como EP as respostas do estudante Eduardo Palhares.

³³¹ Deste ponto do filme provavelmente foi retirada a parte selecionada para ir ao ar.

³³² Neste momento a câmera faz um zoom e enquadra o braço do entrevistado, que aponta onde recebeu as agulhadas.

né?! Então eu não acho que só deve... é só por causa que a gente tava pichando muro. Acho que tem alguma coisa aí por trás disso.

VF: Você acha que essa prisão sua foi caracterizada como um sequestro?

EP: Eu acho que sim, sabe?! Eu acho que sim porque não tinha condição de ser uma coincidência né, deles estarem ali na hora, passar ali na hora. Eu acho que eles já estavam vigiando a gente, já estavam seguindo né. E...

VF: Os carros não eram da polícia não, né?!

EP: Não, não eram da polícia, eram chapa fria, uma Brasília chapa fria e o outro era um Volks né... um Volks branco, também chapa fria.

A entrevista termina. Há mais um plano detalhe do cartaz sobre as eleições da UMES e logo depois o filme acaba.

Imagem 288 - O estudante Eduardo Palhares relata agressões e intimidações sofridas no DOPS à repórter Vilma Fazito



Plano do material editado para a reportagem.

Fotograma extraído do filme "Polícia – Estudante sequestrado" (31 de outubro de 1980).

FONTE: Acervo MIS BH.

Analisando o rolo completo, é importante ressaltar a postura investigativa da jornalista Vilma Fazito. Ela busca pelo nome dos responsáveis pela prisão, pergunta como o estudante fora tratado no DOPS, especula sobre quais seriam os motivos para a perseguição ao jovem e compara a prisão a um sequestro dada a forma como foi conduzida, inclusive com o envolvimento de grupos paramilitares. No entanto, na edição da reportagem, o rico conteúdo levantado pela repórter foi resumido à descrição do momento da prisão e à indicação do nome de um responsável. São informações

importantes também, mas é perceptível que mais uma vez a edição tenha optado por amenizar a ocorrência, deixando de fora o relato sobre as agressões sofridas nas dependências do DOPS, a caracterização da prisão como sequestro e as razões que levaram à perseguição sofrida pelo jovem, que envolviam sua atuação política e também sua luta por melhores condições de vida em comunidades carentes.

No trecho editado para ir ao ar do filme "Estudante engenharia preso", de 09 de agosto de 1978, a truculência e arbitrariedade da polícia militar de Minas Gerais ficam evidentes nas entrevistas dos alunos que compõem a primeira parte do rolo. O close feito pelo cinegrafista no punho inchado do jovem também ajuda a evidenciar as agressões sofridas. Isso é significativo considerando que a reportagem teria sido exibida no Jornal Nacional, conforme sigla indicada junto ao título inserido no próprio rolo. Porém, o plano exibindo o manifesto escrito pelo DA da Escola de Engenharia, documento que faz críticas à ditadura e ao processo de abertura, aparece apenas na segunda parte do rolo, ficando de fora do corte final da matéria. As discrepâncias da chamada abertura política também ficaram evidentes no relato do jovem detido e agredido no DOPS em 1980, conforme visto na última telerreportagem apresentada. Neste registro, percebe-se como a perseguição política continuava mesmo nos anos finais do regime militar. No entanto, a reportagem editada parece mostrar apenas mais um relato do 'excesso' da polícia, quando na verdade o estudante foi almejado pelo que ele representava: busca pela participação democrática e luta contra as desigualdades sociais, além do fato de ser um jovem negro nessa frente de oposição.

Como vimos, no filme "UFMG - Prisão de Estudantes", de 16 de março de 1979, o trecho editado para ir ao ar traz um breve relato do representante do DCE UFMG sobre as ações do movimento estudantil em virtude da prisão arbitrária de uma aluna da universidade. Há imagens de estudantes batendo talheres e gritando "*Abaixo a repressão!*" dentro do restaurante universitário, e também de jovens lendo um manifesto no auditório da Faculdade de Direito. Ficaram de fora do corte final da telerreportagem os planos que mostram as faixas "Abaixo a Ditadura", assim como também foram deixadas para material de arquivo as falas mais contundentes do membro do DCE, como o trecho em que ele afirma que a aluna do ICB teria sido 'sequestrada pela polícia', criticando também o aparato repressivo, a censura à imprensa, o processo de abertura e o presidente Figueiredo, que tomava posse naquele mesmo dia.

Da reportagem "DOPS - Políticos visitam presos políticos", de 23 de março de 1979, o trecho do depoimento do deputado José Eudes selecionado para a matéria

editada é exatamente quando ele fala que embora não tenham conseguido visitar os presos, eles foram vistos de longe e aparentam estar bem fisicamente. Na entrevista não foram abordadas as motivações para as prisões, nem as circunstâncias em que elas ocorreram. A fala do deputado sobre o direito de manifestação de pensamento também ficou de fora.

3.3. O movimento estudantil secundarista em ação

Entraremos agora no último tema a ser abordado neste capítulo: registros telejornalísticos sobre a atuação do movimento estudantil secundarista em BH. Em relação a este assunto, há um episódio que se desdobrou em telerreportagens feitas entre o final de maio e o início de junho de 1980 envolvendo os alunos do Colégio Estadual Central (Colégio Estadual Governador Milton Campos), uma das maiores e mais reconhecidas escolas da rede pública de Belo Horizonte. Na publicação "Memórias de Resistência – lugares de repressão e de luta contra a Ditadura Militar de 1964 a 1985", o Colégio Estadual Central é lembrado como foco de resistência ao regime autoritário, "palco da estruturação do movimento estudantil secundarista de Belo Horizonte e um dos mais ativos formuladores das ações de protesto que ganharam as ruas da capital" (BELOTUR, 2014, p.31).

Em 22 de abril de 1980 havia sido deflagrada a segunda greve dos trabalhadores em educação do estado. A mobilização durou 17 dias. Os principais líderes do movimento foram presos no DOPS depois de uma semana de greve, entre eles o professor Luiz Fernando Carceroni³³³, que à época também era vice-presidente da União dos Trabalhadores do Ensino. No dia 03 de maio, os presos iniciaram uma greve de fome pela abertura de negociações com o governo, fim da repressão e atendimento às reivindicações dos trabalhadores. O governo do estado promoveu forte retaliação ao movimento, demitindo os contratados e suspendendo os efetivos por 15 dias. Cinco professores foram indiciados na Lei de Segurança Nacional, entre eles Carceroni³³⁴. As manifestações dos alunos do Colégio Estadual Central que serão mostradas nas próximas três telerreportagens são mobilizações de protesto pela demissão do professor

³³³ O professor e sindicalista Luiz Fernando Carceroni ([1948 - 2014]) foi um dos responsáveis pela criação da União dos Trabalhadores do Ensino (UTE) em Minas Gerais. Ver NOSSA, [2015].

³³⁴ UTE quer projeto com emenda de anistia. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 jun. 1980, p. 5.

Carceroni e pela suspensão do professor Ley Soares³³⁵ em virtude da adesão destes à greve.

O filme "Colégio Estadual Central - Greve Anistia" (JS), de 27 de maio de 1980, foi catalogado no setor de arquivo da TV Globo Minas com a seguinte sinopse:

Imagens da movimentação dos estudantes em passeata pelas ruas da cidade e em frente a secretaria de educação etc. Eles querem a volta dos professores punidos por causa da greve.

No dia 28 de maio de 1980 o jornal **Estado de Minas** publicou a reportagem "Secretário não aceita pressão de estudantes" relatando a manifestação dos alunos do Colégio Estadual Central no período da tarde do dia 27 de maio. Na ocasião os alunos não foram recebidos pelo secretário de educação Paulino Cícero de Vasconcelos³³⁶ e então saíram do prédio da Secretaria em passeata pelas ruas do centro da capital mineira. A reportagem impressa cita também a mobilização dos estudantes do turno da manhã que naquele mesmo dia 27 fizeram assembleia às 7h, na qual foi definido que não iriam à aula. Os estudantes do matutino partiram para a Secretaria de Educação, parando antes em frente ao Palácio dos Despachos, onde gritaram slogans pedindo a readmissão dos professores punidos por causa da greve³³⁷. Considerando a descrição feita pelo jornal impresso, junto aos detalhes colhidos durante a análise do filme do dia 27 de maio, concluímos que os eventos apresentados na reportagem da Globo correspondem às manifestações realizadas pelos estudantes no período da manhã.

Com 6 minutos e 37 segundos de duração, o rolo tem início com imagens dos alunos do Estadual Central em passeata chegando ao prédio da Secretaria de Educação (Imagens 289 e 290), que à época ocupava uma edificação histórica na Praça da Liberdade, onde também se localizavam outras secretarias de Estado e o Palácio da

³³⁵ Não foram localizadas informações sobre o professor.

³³⁶ Paulino Cícero de Vasconcelos (São Domingos da Prata/MG, 1937 -) bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito da UFMG em 1959. Durante o curso, foi tesoureiro do Centro Acadêmico Afonso Pena e também integrou a Juventude Trabalhista. Foi prefeito de São Domingos da Prata (1959-1963), eleito na sigla do Partido Social Democrático (PSD). Pelo Partido Social Progressista (PSP), elegeu-se deputado estadual em 1962. Com a instauração do bipartidarismo, filiou-se à Arena, partido pelo qual foi reeleito em 1966. Em 1970 elegeu-se deputado federal por Minas Gerais, sendo reconduzido pelo voto em 1974 e 1978. Em março de 1979 licenciou-se da Câmara para assumir a Secretaria de Educação de Minas Gerais no governo Francelino Pereira (1979-1983), cargo que ocupou até 1981. Com a extinção do bipartidarismo, filiou-se ao Partido Democrático Social (PDS), pelo qual foi reeleito deputado federal em 1982. Já na legenda do Partido da Frente Liberal (PFL), não conseguiu o senado em 1986. Pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), tornou-se novamente deputado federal em 1990. Em outubro de 1992, já no governo Itamar Franco, foi nomeado Ministro das Minas e Energia, cargo que ocupou até o fim de 1993. Ver CÍCERO, 2009.

³³⁷ Ver SECRETÁRIO não aceita pressão de estudantes. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 28 mai. 1980, p. 7.

Liberdade, sede do governo de Minas. Os jovens batem palmas e juntos entoam o grito: "*Queremos Carceroni!*". Em um mezanino sobre a entrada do edifício, pessoas observam a aproximação dos alunos (Imagem 291). Quando os estudantes chegam ao prédio, posicionam-se na escadaria da entrada e continuam a gritar: "*Carceroni! Carceroni! Carceroni!*". Pouco depois há um plano em que a câmera mostra os manifestantes de frente, quando ainda estavam a caminho da Secretaria, confirmando que este trecho da fita foi editado. Os estudantes gritam: "*Queremos estudar, não queremos bagunçar! Queremos estudar, não queremos bagunçar!*". A câmera está próxima e é possível ver de perto as feições dos manifestantes. A mobilização é feita por jovens estudantes secundaristas, aparentando ter entre 15 e 17 anos. Eles estão com o uniforme da escola. Alguns sorriem, têm o semblante leve. Outros aproveitam a presença da equipe da TV e se manifestam olhando diretamente para a câmera (Imagem 292). Há um plano de um pequeno grupo onde um aluno pode ser visto com um megafone na mão (Imagem 293). A edição deste trecho do filme é dinâmica e os planos são bem curtos.

Na sequência seguinte é possível ver de frente um grupo de alunos que caminha de mãos dadas (Imagem 294) no momento em que deixam o Prédio II do Colégio Estadual Central, na Rua Felipe dos Santos, 245, bairro de Lourdes. O gesto de união é muito simbólico e indica que os jovens provavelmente já tinham ciência da presença de uma viatura do DOPS estacionada na esquina, com agentes acompanhando de perto a concentração dos alunos em frente ao colégio. Na próxima cena, os estudantes são vistos ao fundo da imagem. Em primeiro plano está o carro do DOPS, estacionado na esquina da Rua Felipe dos Santos com Rua Rio de Janeiro (Imagem 295). Agentes que estão dentro do carro observam a movimentação dos alunos. A seguir, um plano feito ao nível do chão mostra de perto os passos dos manifestantes (Imagem 296). Repete-se mais uma vez o plano frontal do grupo de alunos no momento em que gritam "*Queremos estudar, não queremos bagunçar!*".

Imagem 289 - Ao fundo, a Secretaria de Educação no momento em que os alunos chegam ao prédio



Imagem 290 - Estudantes atravessam a rua e se posicionam na escadaria da entrada principal da Secretaria



Imagem 291 - A aproximação dos estudantes é observada por pessoas que estão no segundo andar do prédio



Imagem 292 - Alunos do Estadual Central entoam o grito "*Queremos estudar, não queremos bagunçar!*" a caminho da Secretaria. Alguns se manifestam diretamente para a câmera da TV.



Imagem 293 - Alunos se preparam com megafone para conduzir a manifestação



Imagem 294 - Estudantes estão de mãos dadas no momento da saída do Colégio Estadual Central rumo à Secretaria de Educação



Imagem 295 - Agentes do DOPS acompanham a concentração dos alunos na porta do colégio



Imagem 296 - Câmera posicionada junto ao chão captura a caminhada dos jovens durante a manifestação



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Colégio Estadual Central - Greve Anistia" (27 de maio de 1980).
FONTE: Acervo MIS BH.

Um plano feito a partir do alto da escadaria da Secretaria de Educação mostra o grupo de estudantes em frente ao prédio. Parte dos alunos está sentada no chão da rua. Outros que estão mais ao fundo permanecem de pé (Imagem 297). O grupo continua sua reivindicação: "*Queremos Carceroni! Queremos Carceroni!*". Os gritos são puxados por uma jovem que está no alto da escada, no mesmo nível onde a câmera se encontra neste momento do filme. O cinegrafista faz um movimento panorâmico para a direita e chega até um jovem que está de frente para a repórter da Globo (Imagem 298). A jornalista dá início à entrevista com o estudante, que parece ser um dos líderes da mobilização:

R³³⁸: [inaudível] *pretendem parar as aulas?*

E: *Não. A gente hoje parou as aulas mais como um sinal de protesto pela volta do professor Carceroni e Ley Soares, do Colégio Estadual. E também um sinal de protesto para a volta de todos os professores demitidos, pelas demissões ilegais. Eles estavam apenas brigando pelo que era nosso e deles também, por uma melhor condição de ensino, ou qualquer coisa assim.*

Durante toda a fala, o jovem olha para a repórter. Embora demonstre certa ansiedade e pouca familiaridade com o rito da entrevista, o estudante é enfático em sua resposta e consegue esclarecer as razões do protesto dos alunos naquele dia. O plano seguinte apresenta uma nova entrevista, agora com uma jovem (Imagem 299):

O professor não deve ser punido, porque se o Figueiredo, se... todas as [inaudível] estão onde que estão é porque elas dependeram de um professor. Então não é justo fazer isso com um professor, porque ele está querendo

³³⁸ Indicaremos como R a fala da repórter (não identificada neste filme) e E a resposta dada pelos estudantes durante a reportagem.

melhoria, fazer estudantes capacitados mesmo, pra poder um dia dirigir o Brasil.

A jovem é bastante afirmativa e sua resposta ganha tom de discurso. A entrevista termina em 1 minuto e 25 segundos. Deste ponto até 1 minuto e 35 segundos há um trecho em branco no rolo. A partir daí presume-se que o restante do filme seja material de arquivo não levado ao ar.

Imagem 297 - Alunos tomam a rua em frente à Secretaria de Educação



Imagem 298 - Aluno do Colégio Estadual Central explica a motivação do grupo



Imagem 299 - A jovem estudante defende a importância dos educadores para o país



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Colégio Estadual Central - Greve Anistia" (27 de maio de 1980).

FONTE: Acervo MIS BH.

A próxima sequência é um pouco confusa e parece ter sido filmada de improviso. A câmera está ligada em um local que aparenta ser o porta-malas do carro da equipe de reportagem. Há imagens de cases de equipamentos de filmagem e cabos. No início o plano está mudo, mas alguns segundos depois o som é ligado. A câmera é movida de forma trêmula até chegar a um grupo de aproximadamente 15 alunos que estão posicionados em linha no meio da via (na esquina das ruas Antônio Aleixo e Espírito Santo), dificultando a passagem dos carros. Cada aluno segura um papel à frente de seu rosto (Imagem 300), exibindo-o aos motoristas que precisam se desviar para seguir caminho.

No próximo plano, os estudantes caminham no meio de outra rua, na direção contrária aos carros. A seguir, há mais um trecho da sequência que foi utilizada na reportagem editada, na qual os alunos caminham e gritam: "*Queremos estudar, não queremos bagunçar!*". Um novo plano, diferente dos anteriores, mostra os alunos em uma rua próxima a um local aberto, como se fosse uma praça. É provavelmente o momento que precede a entrada dos estudantes na Praça da Liberdade, pela qual eles chegarão até a Secretaria de Educação. Os jovens gritam: "*O estudante unido, jamais será vencido! O estudante unido, jamais será vencido!*". No plano seguinte, nova posição de câmera mostra os alunos caminhando na rua em frente ao Palácio dos Despachos (Imagem 301), ao lado do Palácio da Liberdade. Alguns carros se desviam do grupo de estudantes, que agora é visto de frente, mas à distância.

Na sequência, os alunos são mostrados de lado durante a passeata. À medida que passam pela câmera, percebe-se que estão agrupados em filas. A cada fila, vê-se que estão de mãos dadas. Juntos cantam "*Quem sabe faz a hora, não espera acontecer*" (Imagem 302). Como se sabe, é um trecho da música "Pra Não Dizer que Não Falei das Flores" (Caminhando), composta em 1968 por Geraldo Vandré, que com ela concorreu ao III Festival Internacional da Canção, obtendo o segundo lugar. A composição se tornou um hino de resistência à ditadura militar. Sua execução e distribuição foram perseguidas pela censura³³⁹.

Na próxima cena, os jovens passam pelo Palácio da Liberdade (Imagem 303). A seguir, repete-se o momento em que os alunos chegam ao prédio da Secretaria de Educação. Desta sequência foi retirado o plano inicial da telerreportagem. No trecho aqui apresentado, o aluno que concede entrevista para a repórter da TV está à frente do

³³⁹ Ver 'CAMINHANDO, 2015-2017.

grupo, e à medida que se aproximam do prédio, o jovem faz um gesto com as mãos (Imagem 304) pedindo para que os outros estudantes aumentem o volume das palavras que vinham entoando: "*Queremos Carceroni! Queremos Carceroni!*".

Há mais um trecho do plano exibindo o alto do prédio da Secretaria de Educação, onde um grupo de aproximadamente 10 pessoas observa a aproximação dos manifestantes. Quando chegam ao edifício, os alunos permanecem de pé e batem palmas ao mesmo tempo em que gritam "*Carceroni! Carceroni! Carceroni! Carceroni!*". Alguns estudantes sobem a pequena escadaria e ficam de frente para o restante do grupo, puxando o coro (Imagem 305).

No plano seguinte, há mais um trecho da sequência das entrevistas. A repórter está fora de quadro e a câmera mostra a aluna entrevistada em primeiro plano:

R: *O Carceroni era professor de que matéria no Colégio Estadual?*

E: *De física.*

R: *Ele foi mandado embora?*

E: *Foi mandado embora porque ele se [sic] aderiu à greve querendo melhoramento pro ensino brasileiro.*

R: *Além dele foram outros também?*

E: *Do nosso colégio não, mas foram outros demitidos.*

R: *E essa manifestação aqui hoje é pra quê?*

E: *Essa manifestação é para que soltem Carceroni, para que soltem os outros professores que estão sendo punidos, porque eles foram punidos injustamente, porque eles estavam querendo melhorias pro estudante brasileiro.*

Imagem 300 - Grupo de alunos se posiciona no meio da rua e exhibe manifesto aos motoristas que passam por eles



Imagem 301 - Jovens em manifestação passam em frente ao Palácio dos Despachos



Imagem 302 - De mãos dadas os estudantes cantam a música de Geraldo Vandré



Imagem 303 - Os alunos passam pelo Palácio da Liberdade, sede do governo de Minas



Imagem 304 - Um dos líderes dos estudantes gesticula pedindo que os alunos aumentem o tom dos protestos na chegada ao prédio da Secretaria



Imagem 305 - Alguns alunos ficam no alto da escadaria e puxam o coro do grupo



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Colégio Estadual Central - Greve Anistia" (27 de maio de 1980).
FONTE: Acervo MIS BH.

Na próxima cena a câmera faz uma panorâmica lateral mostrando os alunos sentados na rua em frente à Secretaria de Educação. Eles movimentam os braços para o alto com os punhos cerrados enquanto gritam em coro: "*Abaixo a repressão! Abaixo a repressão! Abaixo a repressão!*" (Imagem 306).

A seguir, um novo trecho da sonora com o estudante:

E: [...] *de vida, que eles vivam miseravelmente mesmo.*

R: *Vocês tentaram algum contato com o secretário ou mesmo com o governador?*

E: *Com o governador os professores tentaram na greve até não poder mais. Eles negaram tudo. Tudo. Eles fingiam que não estavam... eles negaram tudo. E agora a gente tá aqui na Secretaria justamente pra tentar isso. Pra saber ao menos o porquê dessas punições com os professores. Ao menos qualquer coisa assim, sabe?!*

R: *Quando que eles foram mandados embora?*

E: *Ah isso na greve, o professor Carceroni, ele foi preso no DOPS. E ali ele fez a greve de fome...*

R: *Ele voltou às aulas?*³⁴⁰

E: *Ele deu um dia de aula. Ele deu um dia de aula e depois foi demitido. E assim, eles dizem que ele pode ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Nenhum colégio vai aceitar o professor Carceroni. E ele está passando por dificuldades.*

A entrevista termina.

O próximo plano do filme mostra um momento cronologicamente anterior, quando os estudantes ainda estavam na porta do Colégio, antes de seguirem em passeata até a Secretaria. Os alunos gritam em coro enquanto batem palmas: "*Queremos Carceroni! Queremos Carceroni!*" (Imagem 307). Eles estão em frente à entrada do Prédio II do Colégio Estadual Central, à Rua Felipe dos Santos. Do lado de dentro da escola, alguns alunos observam o grupo que está fora. A grande maioria dos jovens está sentada no meio da rua. Tem-se a impressão que estão fechando a via por completo, pois nenhum veículo é visto passando por ali.

A seguir é possível ver o carro do DOPS ao fundo da imagem, bem distante de onde o cinegrafista se encontra. O veículo está parado na Rua Rio de Janeiro, próximo ao Prédio I do Colégio Estadual Central.

No plano seguinte, o carro do DOPS aparece em movimento (Imagem 308) seguindo pela Rua Rio de Janeiro. Na próxima sequência, o veículo já está parado na esquina da Rua Rio de Janeiro com Rua Felipe dos Santos, onde se localiza a Unidade II do Colégio Estadual Central. É o quarteirão onde os alunos estão concentrados para iniciarem a passeata rumo ao prédio da Secretaria de Educação na Praça da Liberdade. O cinegrafista se aproxima. Os agentes que estão dentro do carro não reagem à chegada do câmera. Eles estão atentos a algo que se passa à direita do veículo (Imagem 309). O plano seguinte mostra os agentes do DOPS observando os estudantes. "*Oh o carro aí!*" - diz uma voz masculina fora de quadro.

Na próxima sequência, os secundaristas seguem de mãos dadas pela Rua Felipe dos Santos (Imagem 310), na mesma direção onde estava o carro do DOPS, que não aparece em quadro. Eles gritam em coro: "*Abaixo a repressão! Abaixo a repressão! Abaixo a repressão!*". Os primeiros do grupo passam pelo cinegrafista. Há mais alguns planos curtos e repetidos e o filme acaba.

³⁴⁰ A repórter emenda mais uma pergunta antes que o estudante concluísse a resposta anterior.

Imagem 306 - Movimentando os punhos cerrados para o alto, os alunos gritam "*Abaixo a repressão!*" em frente à Secretaria de Educação



Imagem 307 - Antes do início da passeata, os estudantes em coro conclamam "*Queremos Carceroni!*" em frente ao Prédio II do Colégio Estadual Central



Imagem 308 - Carro do DOPS se aproxima do local onde os estudantes estão concentrados



Imagem 309 - Agentes do DOPS observam de perto a mobilização dos alunos



Imagem 310 - No início da passeata os estudantes seguem de mãos dadas pela Rua Felipe dos Santos



Planos do material não aproveitado para a reportagem. Fotogramas extraídos do filme "*Colégio Estadual Central - Greve Anistia*" (27 de maio de 1980).

FONTE: Acervo MIS BH.

A partir das imagens feitas pela TV Globo Minas e das informações contidas no jornal **Estado de Minas** foi possível recuperar a cronologia dos acontecimentos naquela manhã do dia 27 de maio de 1980. Cruzando os dados, percebemos que os eventos ocorreram na seguinte ordem: os estudantes do Estadual Central primeiramente se reuniram na Rua Felipe dos Santos, em frente a uma das entradas da Unidade II do Colégio. Na esquina da Rua Rio de Janeiro com a Rua Felipe dos Santos, bem próximo ao local onde os alunos estavam concentrados, um carro do DOPS se posicionou para observar (e intimidar) a mobilização. Cientes desta vigilância, os jovens saíram de mãos dadas no início da passeata, mostrando união e resistência, e, de certa forma, dando uma resposta à presença dos agentes do DOPS no local. Os alunos seguiram em direção à Secretaria de Educação do Estado. No caminho, gritaram palavras de ordem. Em determinado momento, posicionaram-se juntos em linha segurando nas mãos um manifesto diante dos motoristas que passavam por uma das vias do percurso. Quando chegaram à Secretaria de Educação, ocuparam a escadaria frontal e a rua em frente à edificação. No local, o grupo manifestou-se verbalmente e os líderes do movimento concederam entrevistas à repórter da TV Globo Minas.

No rolo de filme analisado, desconsiderando o trecho editado da telerreportagem, onde a ordem dos planos foi naturalmente alterada, percebe-se que nas sobras de imagem aparecem primeiro as cenas do percurso da passeata, seguidas pela chegada à Secretaria. Só ao final vemos as imagens da concentração dos alunos na porta do Estadual Central e a saída destes rumo à Praça da Liberdade. A inversão cronológica provavelmente foi realizada durante o manuseio do filme no processo de edição.

A equipe responsável pela filmagem acompanhou a trajetória dos manifestantes desde o Colégio até a Secretaria. O cinegrafista registrou imagens do grupo em vários momentos da caminhada, possivelmente criando opções para a edição da matéria. Da mobilização dos alunos, a telerreportagem editada mostrou a chegada e manifestações na porta da Secretaria de Educação, e também alguns planos do percurso da passeata, especialmente quando os jovens gritam "Queremos estudar, não queremos bagunçar!". Aparecem ainda breves trechos da concentração e saída dos manifestantes em frente ao Colégio (com a inserção de um plano de 4 segundos de duração mostrando o carro do DOPS nas imediações do Estadual), além de entrevistas com dois alunos, nas quais eles explicam as razões da manifestação. Na fala da estudante, ela cita o nome do presidente

Figueiredo, quando lembra que todas as autoridades um dia receberam ensinamentos de um professor.

Analisando-se as sobras de imagem em comparação com o material editado, especificamente nas cenas que exibem os alunos em conjunto, percebe-se que foram selecionados planos que mostram os pontos de chegada e de partida dos jovens, como a saída dos estudantes de mãos dadas e a chegada dos mesmos à Secretaria de Educação. Do percurso foi selecionado um dos poucos planos que apresenta os alunos de frente e também uma tomada feita com a câmera junto ao chão mostrando os passos dos jovens caminhando e gritando "Queremos Carceroni!". A cena gravada de improviso com os alunos segurando um manifesto diante dos motoristas no meio da rua ficou com imagens muito tremidas, razão pela qual provavelmente não foi selecionada pela edição. No plano em que os jovens gritam "O estudante unido, jamais será vencido!", os alunos aparecem de costas. Na cena que registrou a passagem pelo Palácio dos Despachos, não há nenhuma palavra de ordem sendo proferida. Quando estão em frente ao Palácio da Liberdade, os estudantes gritam algo, mas o barulho dos veículos que trafegam entre eles e o local onde a câmera está posicionada sobressai ao protesto. Por essas características, provavelmente estes planos foram deixados de fora.

Quanto aos planos em que os alunos aparecem cantando "Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores" ou quando gritam "Abaixo a repressão!" na porta da Secretaria, tanto o áudio quanto as imagens estão bem audíveis e visíveis. Deixar estas sequências de fora foi provavelmente uma escolha editorial, tanto pelo simbolismo da música, quanto pelo sentido da frase "Abaixo a repressão!", relacionada diretamente ao contexto político do país. A mesma frase tornou-se ainda mais simbólica quando puxada pelos alunos no momento em que passavam pelo carro do DOPS, na saída do Colégio Estadual Central. Este plano também não foi selecionado para compor a reportagem editada.

Também ficaram fora da matéria finalizada as declarações dos alunos que tangenciavam a posição do governo em relação aos grevistas. Uma amostra disso é a fala da aluna relatando que o professor Carceroni havia sido demitido por ter aderido à greve, assim como ocorreu com professores de outros colégios. Outro exemplo é a sonora do rapaz quando informa que, por ter participado da greve, o professor foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, o que dificultaria sua reinserção em qualquer outra escola.

Percebe-se assim que há uma escolha editorial por noticiar a mobilização dos alunos mostrando a insatisfação dos mesmos em relação ao posicionamento do governo estadual quanto aos professores grevistas. No entanto, ao deixar de fora os gritos de "Abaixo a repressão!", assim como as denúncias sobre o motivo das demissões e o enquadramento dos professores na Lei de Segurança Nacional, a reportagem omite para o público detalhes que mostram a manutenção da repressão e das intimidações por parte do governo, apesar do processo de abertura política em curso.

Passemos então à análise de um filme localizado no acervo com desdobramentos em relação às manifestações do dia 27 de maio de 1980. No final da reportagem "Professores garantem que não influem na ação de estudantes"³⁴¹ há a informação de que a UMES (União Municipal dos Estudantes Secundaristas) comunicara que na tarde daquele dia 30 os alunos do Estadual Central fariam uma manifestação em frente à Secretaria de Educação "contra a suspensão [sic] de três colegas por 10 dias, por terem participado dos atos de apoio à volta do professor Luiz Fernando Carceroni à escola". Um filme da TV Globo do dia 31 de maio de 1980 aborda essa manifestação.

A telerreportagem "Colégio Estadual Central - Passeata" (JH), de 31 de maio de 1980, possui 2 minutos e 58 segundos de duração e foi catalogada no setor de arquivo da TV Globo Minas com a seguinte sinopse:

Imagens da passeata dos alunos do colégio est. central contra a punição dos colegas que participaram da passeata a favor dos professores demitidos por causa da greve.

O primeiro plano do filme traz a imagem de jovens carregando uma faixa na qual está escrito: "O estudante unido jamais será vencido". A câmera faz uma panorâmica para a esquerda e mostra outros estudantes que estão em frente à entrada do Prédio II do Colégio Estadual Central. Eles batem palmas e gritam em coro: "*Desce! Desce! Desce!*". É um chamado para os colegas que estão dentro da escola.

Aos 10 segundos tem início um novo plano em frente ao prédio da Secretaria de Educação. Esta sequência está sem som. Muitos alunos estão posicionados na escadaria. Eles gritam e gesticulam bastante (Imagem 311). Atrás deles há uma faixa em que está escrito "QUEREMOS A VOLTA DOS PROFESSORES". No mesmo plano a faixa é repentinamente puxada entre os jovens. A câmera acompanha um homem à paisana³⁴² que se afasta dos estudantes com uma outra faixa de pano enrolada nas mãos (esta

³⁴¹ Ver PROFESSORES garantem que não influem na ação de estudantes. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 30 mai. 1980, p. 8.

³⁴² Identificado como agente do DOPS pela fala da repórter ao fim do rolo.

primeira faixa provavelmente foi tomada antes do cinegrafista começar a filmar). Os alunos continuam gritando enquanto o homem segue no sentido oposto ao da Secretaria. No plano seguinte, um outro agente do DOPS com outra faixa enrolada nas mãos (Imagem 312) se aproxima de um Fiat 147 e joga o pano pela janela do carro. Nesta sequência o áudio retorna. Enquanto o homem caminha até o veículo, os estudantes (fora de quadro) gritam alto: "*Abaixo a repressão! Abaixo a repressão! Abaixo a repressão!*". O rolo está em 23 segundos. Pelas características das imagens e sons gravados a partir deste ponto, infere-se que o restante do filme seja composto por material não aproveitado pela edição.

Imagem 311 - Jovens posicionam-se na escadaria da entrada da Secretaria de Educação como já haviam feito alguns dias antes



Imagem 312 - Agentes do DOPS arrancam as faixas das mãos dos manifestantes na porta da Secretaria



Planos do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Colégio Estadual Central - Passeata" (31 de maio de 1980).
FONTE: Acervo MIS BH.

A seguir há um trecho de filme completamente escuro, mas no qual foi gravada a conversa entre uma mulher e um homem, provavelmente a repórter e o cinegrafista. Ela fala para ele: "[...] *naturalmente a pessoa não vai se perder* [...]". O homem parece dizer algo concordando com a fala da mulher.

Na próxima cena há um plano frontal dos estudantes chegando ao Colégio Estadual Central para convocar os demais alunos para a passeata. O grupo chega carregando diversas faixas (Imagem 313). Em uma delas é possível ler "O ESTUDANTE UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO". Em outra, "ABAIXO A REPRESSÃO - TODOS À MANIFESTAÇÃO". À medida que os alunos caminham, a câmera se move para trás. Fora de quadro, uma voz masculina orienta o cinegrafista: "*Vai andando, vai andando, vai andando... vai, vai, vai mais pra trás, vai rápido*". O câmera responde: "*Cuidado que eu tô mexendo muito*". A voz que orienta

provavelmente é do assistente de iluminação. O fato de conversarem durante a filmagem já revela a opção por não utilizar o som captado nesta sequência, mas apenas as imagens, provavelmente a servirem de cobertura para o texto da repórter ou do(a) apresentador(a) do jornal. Visualmente o número de alunos é menor do que no filme do dia 27 de maio. A seguir o câmera se coloca em uma das laterais da rua e faz um plano dos alunos passando com as faixas. Continuam as orientações ao cinegrafista: "[...] *pra pegar eles lá no fundo. Vai, vai... deixa eles passando, deixa eles passando, deixa eles passando. Pega lá atrás*". O cinegrafista se movimenta de acordo com as orientações recebidas e conduz a filmagem mostrando diversas faixas. "*Corta! Corta!*" o homem pede ao câmera. Há um corte.

"*Vai, está rodando*" diz uma voz masculina no início da próxima sequência, que agora mostra em primeiro plano o grupo de estudantes que está na rua com as faixas e, ao fundo, alunos que os observam a partir do interior do colégio (Imagem 314). Os que estão na rua gritam para os que estão dentro: "*Um, dois, três, precisamos de vocês! Um, dois, três, precisamos de vocês!*".

Há mais alguns planos das faixas (Imagens 315 e 316) e, em seguida, uma continuação da sequência em que os alunos que estão fora convocam os que estão no interior do colégio: "*Desce! Desce! Desce!*" (Imagem 317).

No plano a seguir, uma das faixas é mostrada em detalhe:

"NÃO SOMOS IRRESPONSÁVEIS
EXIGIMOS NOSSOS DIREITOS
UMES-BH" (Imagem 318)

A próxima cena mostra novamente uma das faixas apresentadas no início do filme (Imagem 319). É desta sequência que provavelmente foi retirada a primeira cena do rolo. Em seguida um plano aberto exhibe os estudantes caminhando em uma rua larga na direção contrária dos veículos (Imagem 320), identificada como sendo a via ao lado da Praça José Mendes Júnior, em frente ao Palácio dos Despachos. Eles carregam as faixas apresentadas anteriormente e a passeata segue rumo à Secretaria de Educação. Os alunos gritam um nome³⁴³ e aplaudem.

³⁴³ Não foi possível identificar o nome gritado pelos estudantes.

Imagem 313 - Alunos caminham com as faixas instantes antes de chegarem à porta do Estadual Central na Rua Felipe dos Santos



Imagem 314 - Em primeiro plano os alunos que puxam a manifestação. Ao fundo os colegas que os observam de dentro da escola.



Imagem 315 - "PAREM O COLÉGIO - NOSSOS COLEGAS FORAM PUNIDOS" diz uma das faixas



Imagem 316 - "O ESTUDANTE UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO" está escrito em outra



Este fotograma pertence ao trecho não editado da reportagem, mas o plano é semelhante ao que compõe a matéria editada.

Imagem 317 - O grupo que está fora convoca os alunos que estão na parte interna da escola: "Desce! Desce!"



Imagem 318 - "NÃO SOMOS IRRESPONSÁVEIS EXIGIMOS NOSSOS DIREITOS" diz a faixa assinada pela UMES-BH



Imagem 319 - "ABAIXO A REPRESSÃO -
 TODOS À MANIFESTAÇÃO"
 convoca a outra faixa



Imagem 320 - Alunos caminham em frente ao
 Palácio dos Despachos antes de chegarem ao
 prédio da Secretaria de Educação



Planos do material não aproveitado para a reportagem.
 Fotogramas extraídos do filme "Colégio Estadual Central - Passeata" (31 de maio de 1980).
 FONTE: Acervo MIS BH.

O próximo plano mostra a Secretaria de Educação ao fundo e alguns alunos que se aproximam do prédio. Ouve-se a mesma reivindicação que era feita na porta da escola: "*Um, dois, três, precisamos de vocês!*". No plano seguinte, o grupo já está quase em frente à Secretaria. Os jovens gritam em coro: "*O estudante unido jamais será vencido!*". Há um breve plano mostrando o alto do prédio, no qual aparece em detalhe o nome da instituição. A seguir os últimos alunos chegam ao local. Alguns se posicionam na escadaria e ficam de frente para a rua. Outros permanecem na via e ficam de frente para o prédio. Os alunos mantêm as faixas abertas e levantadas. Batem palmas e continuam o coro: "*O estudante unido jamais será vencido!*".

Em um novo plano, o cinegrafista dá um zoom e mostra um agente do DOPS que passa pelos jovens que estão na rua e chega até os estudantes que seguram uma faixa na escadaria. De repente ele puxa duas faixas das mãos dos alunos (Imagens 321 a 323). Em uma das faixas recolhidas estava escrito: "PAREM O COLÉGIO - NOSSOS COLEGAS FORAM PUNIDOS". Esta sequência está sem som, pois a gravação parece ter se iniciado de repente e provavelmente não houve tempo para ligar o microfone. Ainda assim, percebe-se que os jovens continuam as palavras de ordem que vinham gritando, mas não oferecem resistência ao gesto do homem que arranca as faixas. No próximo plano, quando é mostrado um segundo agente recolhendo outra faixa, o som já está ligado novamente. Os alunos gritam em coro: "*Abaixo a repressão! Abaixo a repressão! Abaixo a repressão!*". Destas duas últimas sequências foram retirados os planos que compõem a primeira parte do rolo, que seria a telerreportagem editada. Um terceiro agente coloca uma outra faixa dentro do Fiat 147. O carro não possui qualquer

tipo de identificação oficial. O cinegrafista mostra em detalhe a placa do veículo, que está registrado na cidade mineira de Mariana: GO 5951 (Imagem 324).

No plano seguinte, já sem nenhuma faixa em mãos, tanto os alunos da escadaria, quanto os alunos que estão na rua voltam-se na direção do carro dos agentes. Gritam alto e em coro enquanto batem palmas: "*ABAIXO A DITADURA! ABAIXO A DITADURA! ABAIXO A DITADURA! ABAIXO A DITADURA!*" (Imagem 325). A seguir há um plano fechado dos estudantes na escadaria. Eles movem os punhos para o alto enquanto gritam (Imagem 326): "*ABAIXO FIGUEIREDO, O ESTUDANTE NÃO TEM MEDO! ABAIXO FI...*". Há um corte na imagem.

Na sequência há um breve plano da repórter Gloria Metzker se preparando para gravar uma passagem. Ela pergunta para o câmera: "*Como é que faz hein...?!*" enquanto ajeita o cabelo. A seguir, um plano mais aberto continua exibindo os estudantes na escadaria do prédio da Secretaria de Educação. Fora de quadro ouve-se uma voz masculina que diz: "*Vai lá!*" A repórter (também *off screen*) começa a falar: "*Os estudantes passaram pela porta do Palácio dos Despachos e chegaram até a Secretaria de Educação onde não puderam entrar, porque a entrada estava vedada por policiais*". Em quadro um aluno no alto da escadaria gesticula bastante e conversa com os demais.

Há um corte e a próxima cena mostra a jornalista em primeiro plano. Ela faz um gesto com a mão esquerda, como se pedisse para alguém da equipe esperar. Há dois cortes rápidos, mas a sequência permanece na repórter, que grava nova passagem. Atrás dela há um grupo de estudantes sentados no chão e outros na escadaria da entrada do prédio da Secretaria. Ela começa a falar: "*Apesar das faixas terem sido tomadas por policiais do DOPS, os estudantes manifestaram a intenção de permanecer na porta da Secretaria de Educação até serem recebidos*". O filme termina.

Dos quase 3 minutos de duração do rolo, a telerreportagem editada corresponde apenas aos primeiros 23 segundos de filme, provavelmente exibidos como uma nota coberta. Além de uma breve cena na porta do Estadual Central, a matéria finalizada mostra também policiais à paisana carregando faixas de pano enquanto são ouvidos os gritos de "Abaixo a repressão!". A inclusão desta última cena é significativa, embora outros momentos importantes tenham sido excluídos da edição final.

Imagem 321 - Agente do DOPS se aproxima dos estudantes que estão com as faixas...



Imagem 322 - ...e arranca de uma só vez duas faixas das mãos dos jovens...



Imagem 323 - ...enrola os tecidos e sai. O gesto é repetido por outros dois agentes.



Imagem 324 - Placa do carro onde os agentes do DOPS deixaram as faixas arrancadas das mãos dos manifestantes



Imagem 325 - Assim que os agentes do DOPS recolheram as faixas, os estudantes começaram a gritar em coro: "ABAIXO A DITADURA!"



Imagem 326 - A seguir, manifestaram-se em relação ao presidente: "ABAIXO FIGUEIREDO, O ESTUDANTE NÃO TEM MEDO!"



Planos do material não aproveitado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Colégio Estadual Central - Passeata" (31 de maio de 1980).
FONTE: Acervo MIS BH.

A manifestação registrada pela TV Globo era uma tentativa de reverter a desmobilização do corpo estudantil causada pelo afastamento de alunos que haviam participado dos protestos alguns dias antes. O conteúdo das faixas reforçava este intuito,

junto a frases que objetivavam mostrar a seriedade do movimento ("NÃO SOMOS IRRESPONSÁVEIS / EXIGIMOS NOSSOS DIREITOS"). Como a circulação de carros e ônibus em frente à Secretaria de Educação era muito intensa, as faixas acabavam sendo um importante meio de comunicar à sociedade o posicionamento e as demandas dos estudantes. Talvez por isso elas tenham sido o principal alvo dos agentes à paisana do DOPS. Eles arrancaram todas as faixas que os estudantes haviam levado para a Secretaria. Embora a reportagem editada tenha mostrado parte desta ação, o momento mais simbólico não foi incluído na edição, quando o agente estupidamente arranca as faixas das mãos dos jovens. Também ficaram para arquivo os gritos de "ABAIXO A DITADURA!", a manifestação crítica ao presidente Figueiredo, a passagem da repórter informando que as faixas haviam sido tomadas por policiais do DOPS e a identificação do carro. A telerreportagem editada parece amenizar a repressão sofrida pelos estudantes, além de excluir as cenas que vinculavam as retaliações sofridas ao aparato repressivo de Estado montado pelo regime militar.

O último filme desta seção localizado no acervo do MIS BH é o rolo "Colégio Estadual Central - Passeata alunos" (JH), de 04 de junho de 1980, com 51 segundos de duração. A sinopse cadastrada pelo setor de arquivo da Globo Minas traz as seguintes informações: "Cenas do movimento dos estudantes pela volta dos alunos suspensos".

O rolo é composto apenas por gravações com som ambiente. Não há entrevistas ou sonoras. A telerreportagem tem início com imagens externas do prédio da Secretaria de Educação, onde um grupo de estudantes está reunido. Eles ocupam a escadaria, a calçada em frente ao prédio e mais um pequeno trecho da rua. É um grupo ainda menor do que aquele visto no filme anterior. Desta vez os jovens não carregam faixas.

O segundo plano mostra três homens que observam a movimentação (Imagem 327). Na cena seguinte é possível ver que estes homens acompanham os alunos de perto, pois estão próximos à calçada da Secretaria (Imagem 328). Do outro lado da rua, mais alguns homens parecem monitorar a manifestação. É provável que todos fossem agentes do DOPS.

Na sequência um aluno discursa do alto da escadaria e em alguns momentos consulta um papel em sua mão esquerda (Imagem 329). No plano seguinte, o grupo se manifesta em coro: "ABAIXO A REPRESSÃO! ABAIXO A REPRESSÃO!" (Imagem 330). Esta primeira parte do filme termina aos 19 segundos e é provavelmente o trecho que foi editado para ir ao ar. A partir daí repetem-se as cenas da escadaria, dos homens que observam de perto e daqueles que estão do outro lado da rua (Imagem 331), além de

mais um trecho dos estudantes em coro. O filme acaba. Entre as sobras de imagem deste rolo, não há nada que seja muito diferente dos trechos selecionados para a telerreportagem editada.

Pela análise das três reportagens sobre as manifestações dos alunos do Estadual Central percebe-se como a presença da polícia e as punições impostas pelo próprio Colégio - que suspendeu os alunos que estavam à frente dos protestos - acabaram por desmobilizar o movimento, que visivelmente teve menor adesão de alunos a cada filme apresentado.

Há contradições que ficam evidentes nos filmes. As manifestações dos estudantes entraram na pauta dos telejornais da Rede Globo Minas, o que já revela uma escolha editorial, assim como o fato das três reportagens mostrarem a presença (e atuação) dos agentes do DOPS durante os protestos. Mas, embora a Globo Minas tenha abordado ações e personagens do regime, entre a opção pelo que seria levado ao ar e o que ficaria de fora, a emissora evitou incluir nas matérias trechos com críticas mais evidentes à ditadura, o que é exemplificado pelo fato de não haver na edição final das telerreportagens algumas das expressões mais contundentes ditas pelos alunos.

Imagem 327 - Homens observam os estudantes na porta da Secretaria



Imagem 328 - À esquerda da imagem vê-se que os homens que monitoram a manifestação estão bem perto dos alunos



Planos do material editado para a reportagem.

Imagem 329 - No alto da escadaria jovem faz discurso aos demais estudantes



Plano do material editado para a reportagem.

Imagem 331 - Homens também observam a manifestação a partir do outro lado da rua



Este fotograma pertence ao trecho não editado da reportagem, mas o plano é semelhante ao que compõe a matéria editada.

Imagem 330 - Em frente à Secretaria de Educação o grupo se manifesta em coro: "*ABAIXO A REPRESSÃO!*"



Plano do material editado para a reportagem.

Fotogramas extraídos do filme "Colégio Estadual Central - Passeata alunos" (04 de junho de 1980).
 FONTE: Acervo MIS BH.

Ao longo deste capítulo, observamos uma sensível mudança tanto na cobertura feita pelas equipes de reportagem, quanto no trabalho de edição das matérias. No filme de 1975 ("Bomba no DCE UFMG"), a equipe de reportagem não explora a fundo nem o assunto do debate (os contratos de risco), nem as possíveis motivações para o atentado, talvez em uma ação de autocensura, de modo a evitar que se gastasse película com um conteúdo que sabiam que não seria aproveitado. É uma possibilidade. De 1975 a 1978,

ano da segunda reportagem do capítulo, muita coisa havia mudado no cenário político do país e isso também é refletido na produção das telerreportagens. Como afirma Marcos Napolitano:

A agenda de transição iniciada em 1977 se reafirma em 1978, seguida da indicação oficial de João Figueiredo para Presidência. Ou seja, a partir de então, já com a pressão das ruas e do próprio sistema político (nesta ordem), é que a abertura se transforma em um projeto de transição democrática, ainda que de longo prazo (2014, p. 234).

O volume de matérias que mostram o movimento estudantil frente ao regime a partir de 1978 é muito maior do que o que fora localizado em relação aos anos anteriores. Nas reportagens de 1978 até 1980 há vários momentos em que percebemos uma postura mais exploratória tanto dos cinegrafistas quanto dos repórteres.

No filme "DCE - Bomba explode" (19 de abril de 1978), o câmera registrou de forma muito clara a faixa na qual o DCE levantava suspeitas sobre quem seriam os responsáveis pela explosão de uma bomba em sua sede no dia anterior. Filmagem da mesma natureza foi realizada com o manifesto escrito pelo DA da Engenharia na reportagem "Estudante engenharia preso" (09 de agosto de 1978). O cinegrafista da TV também gravou todas as faixas-protesto dos alunos do Estadual Central na manifestação do dia 31 de maio de 1980, as mesmas faixas que também foram filmadas sendo arrancadas das mãos dos estudantes com truculência pelos agentes do DOPS. O câmera também teve a sensibilidade de registrar o gesto simbólico dos estudantes secundaristas ao caminharem de mãos dadas diante do carro do DOPS em maio de 1980. Da mesma forma gravou os jovens entoando um dos hinos da resistência ao regime, a canção "Pra Não Dizer que Não Falei das Flores", além dos registros dos protestos verbais dos alunos, com palavras de ordem que em alguns momentos criticavam diretamente o regime militar e o general Figueiredo. Alguns repórteres também apresentavam uma postura mais crítica e questionadora. Exemplo disso é a jornalista Vilma Fazito, com destaque para a reportagem "Polícia – Estudante sequestrado" (31 de outubro de 1980), quando ela direciona suas perguntas de modo a conseguir do estudante Eduardo Palhares respostas que escancaravam a manutenção do aparato repressivo do Estado. Na passagem da matéria "Colégio Estadual Central - Passeata" (31 de maio de 1980), a repórter Gloria Metzker também faz uma denúncia quando informa que as faixas dos estudantes foram "tomadas por policiais do DOPS". No entanto, pouquíssimos momentos das cenas relatadas nas últimas linhas foram selecionados para ir ao ar, em uma clara demonstração de como o contexto político vivido nas ruas era formatado pela

edição de jornalismo da TV Globo Minas ao filtrar o que chegaria nos lares dos telespectadores.

Muitos filmes apresentados neste capítulo mostram que as equipes de reportagem faziam um trabalho bem exploratório. Analisando os rolos por completo, consegue-se apreender nos registros do Fundo Globo Minas diversos acontecimentos que mostravam de um lado a luta contra o regime militar e de outro a continuidade do sistema repressivo. No entanto, quanto o material filmado passava pela montagem, essas tensões eram amenizadas, ou mesmo suprimidas, conforme indicamos ao longo do capítulo ao analisarmos o que foi selecionado e o que ficou de fora após a edição. Havia uma programação de se noticiar fatos de naturezas diversas, mas percebe-se também uma clara tentativa de minimizar a relação entre estes acontecimentos e o contexto político daquele momento. A capacidade crítica das matérias editadas estava em diálogo com o processo de abertura do país, exatamente nos moldes como o governo desejava: lenta, gradual e segura.

Considerações finais

O trabalho realizado ao longo desta pesquisa assemelha-se à montagem de um grande quebra-cabeça que se tenta formar mesmo sabendo da ausência de peças importantes. A partir da hipótese delineada no decorrer desta investigação, as peças disponíveis iam se encaixando. Em alguns momentos, novas peças substituíram vazios, mas também demandaram mudanças em peças que já acreditávamos estar no lugar certo. Conforme aponta Marcos Napolitano no artigo "O golpe de Estado (1964) no Brasil visto por um cinejornal soviético":

Uma das dificuldades do material telejornalístico e cinejornalístico é que muitas fontes estão preservadas fora do contexto original de edição dentro de um telejornal ou cinejornal, o que implica em um trabalho quase arqueológico de recomposição do contexto comunicativo original. A plasticidade das imagens, ainda que documentais, faz com que sua leitura ou reapropriação fora do contexto de produção e veiculação originais ganhem novos contornos de sentido, muitas vezes contrário ao seu sentido originalmente pretendido pelo produtor (2020, p. 40).

Mesmo com todas as dificuldades inerentes ao nosso objeto de pesquisa, acreditamos ter chegado ao ponto mais próximo do que imaginávamos ser a formação original deste quebra-cabeça. Pode ser que amanhã surjam peças que hoje julgamos desaparecidas e que talvez venham a modificar a conformação deste quebra-cabeça. Mas o que deixamos montado até aqui apresenta indícios muito coerentes e que poderão servir ao encaixe de outros quebra-cabeças.

O acervo do Fundo Globo no MIS BH é extremante rico e diverso, abrindo inúmeras possibilidades para futuras pesquisas. Por exemplo, a partir da indicação do dia e do telejornal no qual um determinado conjunto de reportagens teria sido exibido, é possível fazer um esboço do espelho de uma edição dos noticiários da época. Este é um recorte interessante para compreender dia a dia como os acontecimentos da região eram organizados pela TV Globo Minas na composição de seus programas informativos. Um outro caminho seria uma pesquisa centrada na atuação dos repórteres, que, em muitos casos, faziam um trabalho bastante exploratório e que nem sempre era aproveitado na montagem final das telerreportagens. Mesmo nos temas que abordamos ao longo desta tese, há várias perspectivas a serem desenvolvidas. E outras possibilidades vão surgir à medida em que o Museu da Imagem e do Som de BH avançar no processamento deste acervo, especialmente nas reportagens do período 1968-1973, ainda muito pouco trabalhadas dentro da instituição.

Durante esta pesquisa realizamos um exercício constante com nosso olhar. Buscamos enxergar o que era reiterado e o que velado em cada plano, em cada cena, em cada sequência. Identificar o que era ou não editado. Perceber os segundos a mais (ou a menos) de uma tomada que foi montada, apreender as falas suprimidas, recuperar as imagens descartadas. Em alguns momentos ficou mais evidente o que se quis mostrar e o que se quis abafar. Em outros, a diferença entre o que se revelou e o que se ocultou foi muito sutil. E são detalhes que podem diferenciar uma narrativa conciliadora de uma narrativa reveladora das fragilidades do regime.

Tínhamos como um de nossos objetivos tirar esses filmes do silêncio, revelar personagens, situações do cotidiano de Belo Horizonte naquele período e entender quais memórias foram produzidas a partir das escolhas feitas pela equipe de produção jornalística da Rede Globo Minas à época.

Na cobertura dos rituais do poder, especialmente as visitas de Médici e Geisel, a recepção 'calorosa' montada na capital mineira ganhou eco na cobertura da TV Globo Minas. Já o registro das celebrações dos 'aniversários da revolução', pelo próprio fato de existirem, evidenciam a legitimidade que a emissora dera ao golpe de 1964.

Ao cobrir as ações dos movimentos pela anistia e do movimento estudantil, a TV Globo Minas optou pelo registro do factual. As telerreportagens editadas a partir destas coberturas dificilmente expuseram as fragilidades do regime militar, escolhendo quase sempre o caminho da conciliação. As imagens e sonoras mais contundentes foram excluídas da versão final da maior parte das matérias editadas que apresentamos nos capítulos 2 e 3.

Os rituais do poder (em sua quase totalidade) tiveram espaço no principal telejornal da Rede Globo, o *Jornal Nacional*. As reportagens sobre eventos e personagens que de alguma forma tensionavam o regime militar foram veiculadas (em sua maioria) nos noticiários nacionais fora do horário nobre (*Jornal Hoje*, *Jornalismo Eletrônico* e *Jornal da Globo*) ou no telejornal local (*Jornal das Sete*).

De todos os rolos analisados nesta pesquisa, a matéria editada com maior duração é a que registrou a visita do general Médici ("Presidente Médici inaugura Plano Nacional de Água Potável em BH", de 21 de agosto de 1973), finalizada com 3 minutos e 30 segundos. A visita de Geisel ("Geisel", de 17 de fevereiro de 1976) ficou com 2 minutos e 38 segundos de reportagem editada, enquanto a presença do ainda candidato João Baptista Figueiredo na capital mineira ganhou edição de 44 segundos em um filme e 1 minuto e 17 segundos em outro (respectivamente "João Batista de Figueiredo -

Chegada e faixas Convenção" e "João Batista de Figueiredo - Visita Ozanan [sic]", ambos de 20 de julho de 1978). Das 12 (doze) reportagens do capítulo 1, 8 (oito) foram ao ar, sendo 6 (seis) no *Jornal Nacional* e uma outra no *Jornal Hoje*. Não há indicação do telejornal onde a cobertura da visita de Médici teria sido veiculada. Mas é muito provável que esta matéria tenha sido exibida também no JN. Independentemente deste dado, as reportagens relacionadas aos rituais do poder foram as que proporcionalmente tiveram mais espaço no principal telejornal da emissora.

Entre as matérias editadas sobre os movimentos pela anistia, a duração variou de 13 segundos (provavelmente uma nota coberta) a 2 minutos e 14 segundos. Dos 22 filmes analisados no capítulo, 19 foram ao ar, sendo que 12 reportagens ficaram com menos de 1 minuto após a edição. No *Jornal Nacional* foram exibidas apenas 4 (quatro) matérias, com as seguintes durações (em segundos): 13, 39, 52 e 63.

Do capítulo sobre a cobertura do movimento estudantil, 9 (nove) das 10 (dez) reportagens analisadas foram exibidas, sendo 3 (três) no *Jornal Nacional*. Os registros editados variaram de 19 segundos a 1 minuto e 25 segundos de duração, com exceção para uma única reportagem mais duradoura e que foi ao ar no JN: a matéria "Estudante engenharia preso" (de 09 de agosto de 1978) ficou com 2 minutos e 24 segundos após a edição.

Ao longo da análise percebemos que, quando editadas, as telerreportagens sobre os movimentos de oposição ao regime deixaram de fora informações importantes sobre o contexto dos eventos, talvez os pontos mais significativos do evidente dissenso sociopolítico do país naquele momento, apesar da busca do consenso forçado por parte do governo.

Analisando o conteúdo integral dos rolos, que é todo o material produzido durante o trabalho de rua, percebe-se muitas vezes que as equipes de reportagem buscavam cobrir as várias nuances dos acontecimentos retratados, inclusive aquelas que revelavam as fragilidades do regime. No entanto, quando este material chegava até os editores, estes (na grande maioria das vezes) atuavam defendendo os interesses da empresa jornalística acima do interesse público: os registros feitos pelas equipes de reportagem eram 'formatados' de modo a diminuir as tensões entre o regime e aqueles que lhe faziam oposição.

Sem os espelhos dos telejornais exibidos em mãos, sempre haverá uma dúvida sobre quais dessas matérias foram efetivamente ao ar. Sem os scripts também perdemos a possibilidade de entender como essas telerreportagens foram interpretadas e inseridas

nos noticiários. Porém, após a verificação do conjunto de imagens de cada rolo, perceber o que foi selecionado e o que foi preterido pela edição já nos fornece um importante indício do que os responsáveis pelo jornalismo da Globo Minas queriam mostrar e o que eles escolheram ocultar.

São escolhas editoriais como essas que revelam a posição assumida pela Rede Globo durante a ditadura militar, ora em apoio ao regime, ora 'neutra'. Forjando uma posição imparcial, com uma pretensa produção 'isenta' da notícia, acabaram por contribuir com a naturalização do estado de exceção.

A narrativa construída nas telerreportagens da Rede Globo Minas analisadas ao longo desta pesquisa confirma uma posição de alinhamento da emissora com os governos do período militar e a fuga do embate direto com o regime. Mesmo após a revogação dos atos institucionais e complementares no final de 1978 (com a aprovação da Emenda Constitucional nº11³⁴⁴), a emissora mantinha a subserviência assumida desde sua inauguração, conforme indicado no material produzido pela própria Globo a propósito de sua atuação no período:

Apesar das medidas liberalizantes, a abertura era, como o próprio presidente Geisel definira, lenta e gradual. A censura continuava atuando, principalmente em relação aos meios eletrônicos. Por isso, quase não havia comentário político no telejornalismo. O noticiário se limitava ao factual, sobretudo quando se tratava de assuntos delicados, que envolviam episódios de tortura (PROJETO MEMÓRIA, 2004, p. 76).

Nos capítulos 2 e 3 identificamos em praticamente todas as telerreportagens o noticiário limitado ao chamado factual. Os textos dos scripts certamente nos ajudariam a entender melhor como as narrativas das matérias eram conduzidas. Os espelhos também ajudariam a compreender o lugar das reportagens nos telejornais e por conseguinte sua efetiva dimensão política no contexto do regime militar. Não obstante essa ausência, a análise das imagens e dos sons selecionados e também dos 'silêncios' contidos nas sobras (aqui expostas publicamente pela primeira vez) mostram que a opção da emissora pela não contextualização político-social das tensões inerentes ao regime militar também foi reproduzida em sua sucursal mineira. O que remanesceu do discurso telejornalístico da TV Globo Minas nos dá indícios da formulação narrativa da emissora a respeito do cotidiano em Belo Horizonte nos anos 1970 e início dos anos 1980.

Ainda se defendendo das críticas recebidas pelas coberturas parciais dos eventos no final da década de 1970 (especialmente as greves do ABC), a Globo tenta se

³⁴⁴ BRASIL, 1978.

justificar, conforme palavras do próprio Armando Nogueira, diretor de jornalismo da emissora de 1966 a 1990:

"A gente nunca podia perder de vista o fato de que a televisão era uma concessão de serviço público a título precário. A qualquer momento, podiam nos tirar. E isso era um elemento de pressão que eles usavam muito em determinadas situações. Roberto Marinho contornava umas, mas outras eram muito difíceis de contornar. Para a oposição, que vivia lutando contra o regime de opressão, era insuportável o ponto de vista da Rede Globo" (PROJETO MEMÓRIA, 2004, p. 81).

Seria ingênuo acreditar que a posição da Globo visava somente manter a emissora no ar. É óbvio também que vários fatores contribuíram para a perpetuação do regime militar. O apoio velado da grande imprensa é apenas um deles. Mas a popularização da TV como veículo de comunicação nos anos 1960, somada ao sucessivo crescimento da audiência da Rede Globo desde o final daquela década fizeram da emissora da família Marinho a maior potência no ramo das telecomunicações no país. A partir de 1969, com o início das transmissões via satélite, o alcance de boa parte do território nacional e das mais variadas camadas sociais, há de se convir que a Rede Globo tornou-se uma importante formadora de opinião.

No artigo "A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969", Rodrigo Patto Sá Motta analisa representações publicadas em seis jornais do eixo Rio-São Paulo, entre eles *O Globo*, pertencente ao mesmo grupo do qual faz parte a Rede Globo (incluindo aí a sucursal mineira). Na conclusão do artigo, Rodrigo Patto faz uma importante análise sobre a grande imprensa no período, com conclusões que podem ser estendidas à emissora abordada ao longo desta pesquisa:

se é verdade que a imprensa não apoiou integralmente o projeto ditatorial, salvo nos primeiros meses após o Golpe, também não lhe fez oposição frontal, nem se dispôs a enfrentar o regime, exceto *Última Hora* e *Correio da Manhã*. Os grandes jornais, na maioria, se acomodaram à situação política, comportamento, aliás, comum na nossa cultura política. Em linhas gerais, os grandes diários compactuaram com o regime e se adaptaram à situação autoritária, notadamente quando o quadro econômico da primeira metade dos anos 1970 gerou nova fonte de legitimidade para a ditadura. Com isso, a imprensa contribuiu indiretamente para a continuidade do regime militar, embora alguns de seus veículos pefiram, hoje, cultivar outro tipo de memória sobre o período (2013, p.85).

É fundamental lembrar que esta postura apoiadora/omissa da TV Globo (e aqui especificamente a TV Globo Minas) não é algo que está limitado a um período específico da História. Ao minimizar as tensões existentes no período militar, contribuiu-se para a criação de um imaginário menos nocivo do estado de exceção vivenciado entre

1964 e 1985. Quando este pensamento conciliador vigora em uma parte numerosa da sociedade, cria-se espaço para fabulações a respeito do que foram aqueles anos. A ocultação de fatos no passado dá margem para que eles sejam vistos no presente como invencionices ou exageros na construção da memória daquele momento, dado que tem impacto direto na recuperação deste período na contemporaneidade. A forma como os eventos foram tratados pela grande imprensa à época dialoga diretamente com o cenário sociopolítico do país hoje. A construção de um futuro menos nebuloso passa pelo processo de se revisitar o passado e trazer à tona registros 'esquecidos' pela narrativa telejornalística do período.

Referências

70 SÃO libertados no último sequestro. In: MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **70 são libertados no último sequestro.** 2015-2017. Disponível em: <memorialdademocracia.com.br/card/70-sao-libertados-no-ultimo-sequestro>. Acesso em: 14 nov. 2020.

80 ANOS de lutas e conquistas. **Revista 80 anos** - Uma História Forjada na Luta. Sindicato dos Metalúrgicos de BH/Contagem e Região, p. 50-51 e p. 78, ago. 2014. Disponível em: <pt.calameo.com/read/00378612089bd64bf680d>. Acesso em: 15 jun. 2020.

90 ANOS - **Estado de Minas.** In: ESTADO de Minas. **90 anos - Estado de Minas.** 2018. Disponível em: <em.com.br/90-anos/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

90 MILHÕES em ação pra frente Brasil. In: MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **90 milhões em ação pra frente Brasil.** 2015-2017. Disponível em: <memorialdademocracia.com.br/card/90-milhoes-em-acao-para-frente-brasil>. Acesso em: 03 jun. 2020.

91 TORTURADORES. In: O TEMPO. **91 torturadores.** 29 mar. 2014. Disponível em: <otempo.com.br/hotsites/50-anos-do-golpe/91-torturadores-1.815513>. Acesso em: 18 nov. 2020.

ABI-ACKEL, Ibrahim – Verbete. In: CPDOC FGV. **Abi-Ackel, Ibrahim – Verbete.** 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ibrahim-abi-ackel>. Acesso em: 02 dez. 2020.

ABREU, Karen C. K. **Script:** a organização da produção audiovisual no telejornalismo. Disponível em: <bocc.ubi.pt/pag/bocc-kraemer-jornalismo.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ACERVO DO professor Alfredo Jefferson relacionado ao DCE da PUC-Rio - jf0014_041. In: **Núcleo de Memória da PUC-Rio.** 2013. Disponível em: <nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/acervo/jf0014/041>. Acesso em: 15 jan. 2021.

ACERVO MIS BH. Fundo Globo Minas. Telerreportagens produzidas em película 16mm no estado de Minas Gerais entre 1968 e 1983. Disponível para consulta local.

ACERVO O GLOBO. Site com acesso à versão digital de todas as páginas e matérias do Jornal **O Globo** desde sua primeira edição, em 29 de julho de 1925. 1996-2020. Disponível em: <acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

ACERVO VIRTUAL reúne documentos históricos da Anistia. In: MINISTÉRIO da Justiça e Segurança Pública. **Acervo Virtual reúne documentos históricos da Anistia.** Brasília, 06 nov. 2015. Disponível em: <justica.gov.br/news/acervo-virtual-reune-documentos-historicos-da-anistia>. Acesso em: 30 nov. 2018.

ADEMAR Guerra. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2015. Disponível em: <enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349389/ademar-guerra>. Acesso em: 05 set. 2018. Verbete da Enciclopédia.

A EMOÇÃO e os agradecimentos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 fev. 1976, p. 3.

AFONSO Henriques Borges Ferreira - Currículo Lattes. In: LATTES CNPQ. **Afonso Henriques Borges Ferreira - Currículo Lattes**. 2018. Disponível em: <buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4781782H9>. Acesso em: 01 dez. 2018.

ANTÔNIO Francisco Blankendaal - Biografia. In: EDITORA Paulinas. **Antônio Francisco Blankendaal - Biografia**. Disponível em: <paulinas.org.br/editora/?system=autores_ilustradores&action=detalhes&autor=012335>. Acesso em: 01 dez. 2018.

A POLÍCIA Federal confirma a prisão do banido Nelson. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 17 mar. 1979. p.7.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Projeto "**Brasil: Nunca Mais**". TOMO II. Volume 3. Os Funcionários. 1985. Disponível em: <dhnet.org.br/w3/bnm/tomo_ii_vol_3_os_funcionarios.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2020.

ARRAIS, Miguel - Verbete. In: CPDOC FGV. **Arrais, Miguel - Verbetes**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/miguel-arrais-dealencar>. Acesso em: 18 nov. 2020.

ATENTADO À Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. In: CARTOGRAFIAS da Ditadura. **Atentado à Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro**. 2015. Disponível em: <http://www.cartografiasdaditadura.org.br/files/2015/01/Publicacao_atentado_Camara_Vereadores.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ATENTADO AO jornal **Em Tempo**. In: COVEMG. **Atentado ao jornal Em Tempo**. Disponível em: <comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/1015>. Acesso em: 01 dez. 2018.

AUDIENCIA Publica Censura_4 - ULTIMA VERSAO. In: COMISSÃO da Verdade de Minas Gerais. **Audiência Publica Censura_4 - ULTIMA VERSAO** (transcrição de depoimento). Disponível em: <comissaodaverdade.mg.gov.br/bitstream/handle/123456789/471/Audiencia%20Publica%20Censura_4%20-%20ULTIMA%20VERSAO.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso em: 21 abr. 2021.

AUTRAN, Arthur. Paulo Emílio e a constituição das bases da pesquisa histórica sobre cinema no Brasil. **REVISTA USP**, São Paulo, n.60, p. 114-121, dezembro/fevereiro 2003-2004. Disponível em: <periodicos.usp.br/revusp/article/download/13309/15127>. Acesso em: 12 fev. 2019.

BANIDOS mineiros retornam. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 04 abr. 1979. p.8.

BARRETO, Anna Flávia Arruda Lanna. **Movimento feminino pela anistia: a esperança do retorno à democracia**. Curitiba: CRV, 2011. 186 p.

BELCHIOR, Fátima. Contratos foram criados por Geisel em 75. **Gazeta Mercantil**, 30 abr./ 02 mai. 1988. p. 6. Disponível em:

<www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/107747/1988_01%20a%2005%20de%20Maio_%20042f.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 14. jan. 2021.

BELO Horizonte é o segundo município brasileiro que mais criou empregos este ano. **Diário Oficial do Município (DOM)**, Ano XXVI, Edição nº 3076, 19 abr. 2008. Disponível em: <portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=974751>. Acesso em: 05 dez. 2018.

BELOTUR. **Memórias de Resistência** – lugares de repressão e de luta contra a Ditadura Militar de 1964 a 1985. Empresa Municipal de Turismo de BH (Belotur). Belo Horizonte. 31 mar. 2014. Disponível em: <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/sites/belo Horizonte.pbh.gov.br/files/guia_memoria.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2017.

BENEVIDES, Sílvio César Oliveira. **Na contramão do poder: juventude e movimento estudantil**. São Paulo: Anablume, 2006.

BERNARDINO, Genésio - Verbete. In: CPDOC FGV. **Bernardino, Genésio - Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/genesio-bernardino-de-sousa>. Acesso em: 12 fev. 2019.

BETHLEM, Fernando Belfort - Verbete. In: CPDOC FGV. **Bethlem, Fernando Belfort - Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bethlem-fernando-belfort>. Acesso em: 21 jan. 2020.

BLOG do Evandro - Sobre o Autor. In: BLOG do Evandro Nascimento. 2010. Disponível em: <blogdoevandronascimento.blogspot.com/>. Acesso em: 19 set. 2018.

BOMBA perdida no Parque Municipal explode na mão de um trabalhador. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 07 jun. 1977, p. 22.

BONIFÁCIO, José (MG) – Verbete. In: CPDOC FGV. **Bonifácio, José (MG) – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-bonifacio-lafayette-de-andrada>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BRASIL. **Ato Institucional nº 3**. Fixa datas para as eleições de 1966, dispõe sobre as eleições indiretas e nomeação de Prefeitos das Capitais dos Estados e dá outras providências. Planalto, Brasília, 05 fev. 1966. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-03-66.htm>. Acesso em: 04 dez. 2020.

BRASIL. **Ato Institucional nº 5**. O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. Planalto, Brasília, 13 dez. 1968. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm>. Acesso em: 04 dez. 2020.

BRASIL. **Decreto de 8 de junho de 1964**. Cassação de mandato e suspensão dos direitos políticos do Senador Juscelino Kubitschek de Oliveira. Diário Oficial da União - Seção 1 - 8/6/1964, Página 4828 (Publicação Original). Disponível em:

<www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_sn/1960-1969/decreto-36446-8-junho-1964-547902-publicacaooriginal-62799-pe.html>. Acesso em: 01 mai. 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 228**. Reformula a organização da representação estudantil e dá outras providências. Planalto, Brasília, 28 fev. 1967. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0228.htm>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 898**. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e dá outras providências. Planalto, Brasília, 29 set. 1969. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del0898.htm>. Acesso em: 02 fev. 2019.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 7.474**. Concede anistia. Rio de Janeiro, 18 abr. 1945. Diário Oficial da União - Seção 1 - 19/4/1945, Página 7076 (Publicação Original). Disponível em: <www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-7474-18-abril-1945-452115-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 03 fev. 2018.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 11**, de 13 de outubro de 1978. Altera dispositivos da Constituição Federal. Congresso, Brasília, 1978. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc_anterior1988/emc11-78.htm>. Acesso em: 27 jan. 2021.

BRASIL HOJE. N.198. In: FILMOGRAFIA Brasileira. **BRASIL HOJE. N.198**. Disponível em: <<http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=035351&format=detailed.pft#1>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 6.683**, de 28 de agosto de 1979. Concede anistia e dá outras providências. Planalto, Brasília, 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm>. Acesso em: 30 set. 2018.

BRASIL: NUNCA MAIS. Acervo digitalizado da mais ampla pesquisa realizada pela sociedade civil sobre a tortura política no Brasil. 2016. Disponível em: <<http://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

BROSSARD, Paulo – Verbete. In: CPDOC FGV. **Brossard, Paulo – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/paulo-brossard-de-sousa-pinto>. Acesso em: 30 jun. 2020.

CAMARGOS, Daniel. Torturado recebe pedido público de perdão. **Estado de Minas**. 25 mai. 2013. Disponível em: <em.com.br/app/noticia/politica/2013/05/25/interna_politica,394677/torturado-recebe-pedido-publico-de-perdao.shtml>. Acesso em: 13 dez. 2018.

'CAMINHANDO e cantando...'. In: MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **'Caminhando e cantando...'**. 2015-2017. Disponível em: <memorialdademocracia.com.br/card/caminhando-e-cantando>. Acesso em: 17 jan. 2021.

CAMPOS, Maurício – Verbete. In: CPDOC FGV. **CAMPOS, Maurício – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mauricio-de-freitas-teixeira-campos>. Acesso em: 02 dez. 2020.

CANABRAVA, Dalton - Verbete. In: CPDOC FGV. **Canabrava, Dalton - Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/canabrava-dalton>. Acesso em: 15 set. 2018.

CANDIDATO admite dar anistia com reservas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 jul. 1978, p. 6.

CARDEAL Serafim Fernandes de Araújo – Arcebispo Emérito. In: ARQUIDIOCESE de Belo Horizonte. **Cardeal Serafim Fernandes de Araújo – Arcebispo Emérito**. Disponível em: <<http://arquidiocesebh.org.br/arquidiocese/organizacao/governo/cardeal-serafim-fernandes-de-araujo-arcebispo-emerito/>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

CARDOSO, Lucileide Costa. Os discursos de celebração da ‘Revolução de 1964’. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, nº 62, p. 117-140, 2011. Disponível em: <scielo.br/j/rbh/a/Yk9r3yXBVzsMw5XxSRKSjZv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2021.

CASTANHEIRA, Yara. Anos 70 - Não foi tempo perdido. In: UFMG. [2003 ou 2004]. Disponível em: <www.ufmg.br/liberdade/naofoitempoperdido.htm>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CASTRO, Daniel. Paranaibense Nelson Chaves morre em São Paulo aos 68 anos. **Jornal Tribuna Livre Online**. 18 mar. 2014. Disponível em: <jornaltribunalivre.com/~jorna820/acervodigital/noticia/34099/paranaibense-nelson-chaves-morre-em-sao-paulo-aos-68-anos/>. Acesso em: 14 nov. 2020

CASTRO NETTO, David Antônio de. “**Nossos comerciais por favor!**”: ditadura militar e propaganda no Brasil. 2018. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2018. Disponível em: <acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/56009/R%20-%20T%20-%20DAVID%20ANTONIO%20DE%20CASTRO%20NETTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 abr. 2021.

CAVALCANTI, Costa – Verbete. In: CPDOC FGV. **Cavalcanti, Costa – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-costa-cavalcanti>. Acesso em: 29 jun. 2020.

CENTELHA foi a chapa que venceu no DCE. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 set. 1978, p. 6.

CHACEL, Cristina. **SEU AMIGO ESTEVE AQUI**: a história do desaparecido político Carlos Alberto de Freitas, assassinado na Casa da Morte. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 207 p.

CHAVES, Aureliano - Verbete. In: CPDOC FGV. **Chaves, Aureliano – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-aureliano-chaves-de-mendonca>. Acesso em: 01 dez. 2018.

CÍCERO, Paulino - Verbete. In: CPDOC FGV. **Cícero, Paulino - Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/paulino-cicero-devasconcelos>. Acesso em: 17 jan. 2021.

COELHO, Ozanan - Verbete. In: CPDOC FGV. **Coelho, Ozanan – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/levindo-ozanan-coelho>. Acesso em: 01 dez. 2020.

COMISSÃO MUNICIPAL DA VERDADE (Juiz de Fora). **Memórias da repressão**: relatório da Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora. Juiz de Fora: MAMM, 2016. 274 p. Disponível em: <juizdefora-oabmg.org.br/pdf/ebook.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2018.

COMITÊ Brasileiro pela Anistia - Verbete. In: CPDOC FGV. **Comitê Brasileiro pela Anistia - Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comite-brasileiro-pela-anistia-cba>. Acesso em: 29 set. 2018.

CONCENTRAÇÃO na Praça Sete. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 05 jan. 1979. p.5.

CONFERENCIAS. In: ONU mulheres. Disponível em: <onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

CONFIRMADA prisão de sete em BH. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 mar. 1979, capa.

CONGRESSO Nacional pela Anistia - Carta Convocatória. In: COMISSÃO DA VERDADE - PUC/SP. **Congresso Nacional pela Anistia - Carta Convocatória**. 1978. Disponível em: <pucsp.br/comissaodaverdade/downloads/anistia/convocatoria-do-congresso-deops50z130005002.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.

CONTRATOS de risco não encontraram petróleo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 jun. 1995. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/6/08/brasil/28.html#:~:text=Em%209%20de%20outubro%20de,com%20a%20Petrobr%C3%A1s%20nessas%20%C3%A1reas>. Acesso em: 14. jan. 2021.

COSTA, Heloisa S. M.; COSTA, Geraldo M. . Ouro Branco/Açominas: um último capítulo da história da produção do espaço para a indústria?. In: VII Encontro Nacional da ANPUR, 1997, Recife. **Anais do VII Encontro Nacional da ANPUR**. Recife: ANPUR/UFPe, 1997. Disponível em: <periodicos.ufmg.br/index.php/revistageonomos/article/view/11471/8209>. Acesso em: 10 dez. 2020.

COSTA, Raymundo; TORRES, Sérgio. Desmoralização foi prática da ditadura contra adversários. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 out. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2410200424.htm>>. Acesso em 07 jan. 2018.

CRAV - Cadastro de Fichas. Base de dados para acesso às informações das fichas catalográficas das telerreportagens do Fundo Globo Minas. 2013. Disponível em: <web.pbh/crav/> (disponível na intranet da Prefeitura de Belo Horizonte). Acesso entre os anos 2015 e 2021.

DALTON Canabrava - Biografia. In: CÂMARA dos Deputados. **Dalton Canabrava - Biografia**. Disponível em: <camara.leg.br/deputados/139175/biografia>. Acesso em: 30 jul. 2021.

DANCIN' Days. In: MEMÓRIA GLOBO. **Dancin' Days**. 2021. Disponível em: <memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/dancin-days/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Helena Greco: humanismo intransigente. In: XI ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL. Memória, Democracia e Justiça, 2012, Rio de Janeiro. **Anais**. Disponível em: <encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1337281896_ARQUIVO_DonaHelenaGrego2.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2018.

DELLAMORE, Carolina. Resistência operária e ditadura militar - a atuação dos metalúrgicos na Cidade Industrial de Contagem/MG. In: XI Encontro Regional Sudeste de História Oral Dimensões do público: Comunidades de sentido e narrativas políticas, 2015, Niterói - RJ. **Anais Eletrônicos do XI Encontro Regional Sudeste de História Oral**. Niterói - RJ: ABHO e UFF, 2015. v. 1. p. 1-15. Disponível em: <sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1435629220_ARQUIVO_CarolinaDellamore-Resistenciaoperariaeditaduramilitar.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2020.

DEPUTADO pede ao governador fim das bombas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 20 abr. 1978. p. 5.

DEPUTADOS não conseguem visitar presos. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 mar. 1979, p. 07.

DIRETORIA. In: HOSPITAL Universitário Ciências Médicas de Minas Gerais. **Diretoria**. 2018. Disponível em: <hucm.org.br/o-hospital/diretoria/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

DUARTE, Betinho. Atentados Terroristas em Belo Horizonte (1977 a 1995). **Dossiê do Terror**. 2009. Disponível em: <http://betinhoduarte.blogspot.com.br/2009/11/dossie-sobre-atentados-terroristas-em.html>. Acesso em: 15 ago. 2017.

DUARTE, Betinho.; MORAIS, Aloísio; ANGELO, Durval.; CÉSAR, Emanuel de Oliveira; MIRANDA, Fernando; LOPES, Geraldo Elísio Machado.; VIANA, Gilney; GREGO, Heloísa; MARX, Ivan Cláudio; RABÊLO, José Mar. **Estamos vivos. A volta será pior: o DNA do terrorismo de direita em Minas**. 2 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: [s.n.], 2015. 511 p.

EDIVAL Nunes da Silva Cajá - Item. In: COMISSÃO ESTADUAL DA MEMÓRIA E VERDADE DOM HELDER CÂMARA (PE). **Edival Nunes da Silva Cajá - Item**. Recife: Comissão da Verdade, 2012. Disponível em: <comissaodaverdade.pe.gov.br/index.php/edival-nunes-da-silva-caja-pdf>. Acesso em: 01 dez. 2018.

EDUARDO da Motta e Albuquerque - Currículo Lattes. In: LATTES CNPQ. **Eduardo da Motta e Albuquerque - Currículo Lattes**. 2018. Disponível em: <buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4798668U4>. Acesso em: 15 dez. 2018.

EDUARDO Simbalista – Perfil. In: MEMÓRIA GLOBO. **Eduardo Simbalista – Perfil**. 2002. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/eduardo-simbalista/>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

ENTREVISTAS HISTÓRICAS. Proibidos de usar gravador, repórteres da *Folha* provocaram ira de Figueiredo com entrevista. **Folha**, São Paulo, 12 fev. 2020. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2020/02/como-o-brasileiro-pode-votar-bem-se-ele-nao-conhece-nocoos-de-higiene-questionou-figueiredo-ha-42-anos.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ESTUDANTE nega qualquer ligação com MR-8 e diz que recebeu bom tratamento. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 abr. 1979, p. 07.

ESTUDANTES debatem o petróleo. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 31 out. 1975, p. 5.

EUDES, José - Verbete. In: CPDOC FGV. **Eudes, Jose - Verbetes**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eudes-jose>. Acesso em: 13 dez. 2018.

FALECE Celso de Vasconcelos Pinheiro, ex-reitor da UFMG. In: UFMG. **Falece Celso de Vasconcelos Pinheiro, ex-reitor da UFMG**. 13 jan. 2008. Disponível em: <ufmg.br/online/arquivos/007560.shtml>. Acesso em: 21 jan. 2020.

FALECIMENTO de Frei Antônio Francisco Blankendaal. In: ARQUIDIOCESE de Belo Horizonte. **Falecimento de Frei Antônio Francisco Blankendaal**. 2015. Disponível em: <http://regiaorenses.arquidiocesebh.org.br/noticias.php?id_noticia=134>. Acesso em: 01 dez. 2018.

FAUSTO Reynaldo Alves de Brito - Currículo Lattes. In: LATTES CNPQ. **Fausto Reynaldo Alves de Brito - Currículo Lattes**. 2018. Disponível em: <buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4727271U9>. Acesso em: 01 dez. 2018.

FAZITO Comunicação – Empresa. In: FAZITO Comunicação. **Fazito Comunicação – Empresa**. Disponível em: <www.fazitocomunicacao.com.br/empresa.php>. Acesso em: 15 dez. 2018.

FELIX, Fernanda. Conheça os Jargões Jornalísticos mais utilizados na Profissão. In: **Academia do Jornalista**. 2016. Disponível em: <academiadojornalista.com.br/producao-de-texto-jornalistico/conheca-os-jargoes-jornalisticos/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

FIGUEIREDO, João Batista – Verbete. In: CPDOC FGV. **Figueiredo, João Batista – Verbetes**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-batista-de-oliveira-figueiredo>. Acesso em: 21 jan. 2020.

FIGUEIREDO: O mundo deve ouvir o choro dos que têm fome. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 jul. 1978, p. 6.

FIGUEIREDO reafirma a abertura e critica profetas da desgraça. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 abr. 1980, p. 4.

FIGUEIREDO toma posse hoje às 10h. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 15 mar. 1979. Capa.

FLAVIA Inês Schilling. In: Memórias da Ditadura. **Flavia Inês Schilling**. Disponível em: <memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/flavia-ines-schilling/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

FONTANA, Mário. Magalhães Pinto, o mineiro que sonhou com a Presidência, mas não levou. **Estado de Minas**, 07 mar. 2020. Disponível em: <em.com.br/app/colunistas/mario-fontana/2020/03/07/interna_mario_fontana,1126763/magalhaes-pinto-o-mineiro-que-sonhou-com-a-presidencia-mas-nao-levou.shtml>. Acesso em: 30 abr. 2021.

FRANCELINO assume hoje governo de Minas Gerais. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 15 mar. 1979. Capa.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **USIMINAS, 25 anos**. Depoimento: Luiz Verano. Belo Horizonte, 1987. 32 p. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=52585&codU>. Acesso em: 29 jun. 2020.

FURTADO, Marcella. O Movimento Feminino pela Anistia em reportagens da Rede Globo Minas. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 46, n. 51, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2019.147851. Disponível em: <revistas.usp.br/significacao/article/view/147851>. Acesso em: 15 fev. 2019.

GABINETE do Ministro - Portarias de 24 de agosto de 2010. **Diário Oficial da União (DOU)**, Seção 1, p. 32, 25 ago. 2010. Disponível em: <jusbrasil.com.br/diarios/8036794/pg-32-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-25-08-2010>. Acesso em: 05 dez. 2018.

GALERIA. In: COMISSÃO da Verdade da PUC-SP. Disponível em: <www4.pucsp.br/comissaodaverdade/galeria/>. Acesso em: 30 nov. 2018.

GEISEL diz que não há luta de classes no Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 fev. 1976, p. 3.

GEISEL, Ernesto – Verbete. In: CPDOC FGV. **Geisel, Ernesto – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/geisel-ernesto>. Acesso em: 29 jun. 2020.

GEISEL pede a trabalhadores ajuda contra inflação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

GENIVAL Tourinho - Biografia. In: Câmara dos Deputados. **Genival Tourinho - Biografia**. Disponível em: <www.camara.leg.br/deputados/131769/biografia>. Acesso em: 15 dez. 2018.

GOMES, Itania Maria Mota. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da ditadura militar. **Revista FAMECOS**, v.17, n.2, p.5-14, 2010. Disponível em: <doi.org/10.15448/1980-3729.2010.2.7537>. Acesso em: 16 mai. 2021.

GONÇALVES, Cássio - Verbete. In: CPDOC FGV. **Gonçalves, Cássio - Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/goncalves-cassio>. Acesso em: 19 jan. 2020.

GRECO, Heloisa Amélia. **Dimensões fundacionais da luta pela anistia**. 2003. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. 559 p. Disponível em:<repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VGRO-5SKS2D/1/tese.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2018.

GUIMARÃES, Elian; SOUTO, Isabella. Morre Dídimo Paiva, referência no jornalismo mineiro. **Estado de Minas**. 09 mar. 2019. Disponível em: <em.com.br/app/noticia/gerais/2019/03/09/interna_gerais,1036524/morre-didimo-paiva-referencia-no-jornalismo-mineiro.shtml>. Acesso em: 18 nov. 2020.

HISTÓRIA DA OAB/MG. In: OAB/MG. **História da OAB/MG**. Disponível em: <www.oabmg.org.br/institucional/home/historiadaoabmg>. Acesso em: 15 dez. 2018.

HISTÓRICO - Escola de Engenharia. In: ESCOLA de Engenharia UFMG. **Histórico - Escola de Engenharia**. Disponível em: <eng.ufmg.br/portal/aescola/historico/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

IMPORTÂNCIA dos convênios assinados. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 fev. 1976, p. 3.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2001. 206 p.

JOÃO Batista Mares Guia - Sobre. In: JOÃO Batista Mares Guia. **João Batista Mares Guia - Sobre**. 2018. Disponível em: <joaobatistamaresguia.com.br/sobre/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

JOÃO Goulart. In: CPDOC FGV. **João Goulart**. 2020. Disponível em: <cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/joao_goulart>. Acesso em: 01 dez. 2020.

JORNAL DA GLOBO. In: MEMÓRIA GLOBO. **Jornal da Globo**. 2021. Disponível em: <memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-da-globo/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

JORNAL DAS SETE. In: MEMÓRIA GLOBO. **Jornal das Sete**. 2021. Disponível em: <memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-das-sete/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

JORNAL EM TEMPO comemora 30 anos. In: CARTA Maior. **Jornal Em Tempo comemora 30 anos**. 08 ago. 2008. Disponível em: <cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Jornal-Em-Tempo-comemora-30-anos-/4/14099>. Acesso em: 06 fev. 2019.

JORNAL HOJE. In: MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Hoje**. 2021. Disponível em: <memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-hoje/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

JORNAL NACIONAL. In: MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**. 2021. Disponível em: <memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

JORNALISMO ELETRÔNICO. In: MEMÓRIA GLOBO. **Jornalismo Eletrônico**. 2021. Disponível em: <memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornalismo-eletronico/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

JOSÉ Luiz Coelho Netto – Entrevista. In: CPDOC FGV. **José Luiz Coelho Netto – Entrevista**. 1993. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-tematica/jose-luiz-coelho-netto>. Acesso em: 30 jun. 2020.

LEANDRO, Anita. MONTAGEM E HISTÓRIA. Uma arqueologia das imagens da repressão. **Compós**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. 2015. Disponível em: <compos.org.br/biblioteca/artigo_com-autoria_compos-2015-3443f24d-7f10-4aaf-857c-1441b53a7204_2837.pdf>. Acesso em: 13 out. 2015.

_____. Os acervos da ditadura na mesa de montagem. **Logos 45** (Rio de Janeiro. Online), v. 23, p. 103-116, 2016. Disponível em: <e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/27512/20175>. Acesso em: 14 fev. 2017

LEGISLATURAS - vereadores (1947-2016). In: CÂMARA Municipal de Belo Horizonte. Disponível em: <cmbh.mg.gov.br/sites/default/files/anexos/legislaturas_vereadores_1947_2016.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

LEONEL Brizola. In: CPDOC FGV. **Leonel Brizola**. 2020. Disponível em: <cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/leonel_brizola>. Acesso em: 18 nov. 2020.

LISTA dos 377 agentes do Estado apontados como responsáveis por crimes durante a ditadura militar. In: DOCUMENTOS Revelados. **Lista dos 377 agentes do Estado apontados como responsáveis por crimes durante a ditadura militar**. 31 mai. 2015. Disponível em: <documentosrevelados.com.br/geral/lista-dos-377-agentes-do-estado-apontados-como-responsaveis-por-crimes-durante-a-ditadura-militar/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

LUÍS Carlos Prestes. In: CPDOC FGV. **Luís Carlos Prestes**. 2020. Disponível em: <cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/luis_carlos_prestes>. Acesso em: 18 nov. 2020.

MAGALHÃES Pinto. In: CPDOC FGV. **Magalhães Pinto**. 2020. Disponível em: <cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/magalhaes_pinto>. Acesso em: 02 dez. 2020.

MAGALHÃES: visita refletirá no pleito. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 fev. 1976, p. 3.

MAIA, Tatyana de Amaral. As "comemorações cívicas" do 1º de maio nos cinejornais da Agência Nacional na ditadura militar (1964-1979). **Revista TransVersos**, [S.l.], n. 9, p. 280-299, abr. 2017. ISSN 2179-7528. Disponível em: <https://www.e-

publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/27939>. Acesso em: 08 dez. 2020. doi: <https://doi.org/10.12957/transversos.2017.27939>.

MAIS duas bombas explodem na cidade. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 20 abr. 1978. p. 5.

MANIFESTAÇÃO de cem mil pessoas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 fev. 1976, p. 3.

MANIFESTAÇÃO transformada em vigília. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 mar. 1979, p. 20.

MARCHEZAN, Nelson – Verbete. In: CPDOC FGV. **Marchezan, Nelson – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marchezan-nelson>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MARIA Dalce Ricas. In: NÚCLEO de História Oral da FAFICH. **Maria Dalce Ricas**. 2011. Disponível em: <www.fafich.ufmg.br/historiaoral/index.php/por/Acervo-de-entrevistas/Historia-dos-Ambientalistas-Mineiros/Maria-Dalce-Ricas>. Acesso em: 15 dez. 2018.

MÉDICI, Emílio Garrastazu – Verbete. In: CPDOC FGV. **Médici, Emílio Garrastazu – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/medici-emilio-garrastazu>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MESQUITA, Yuri. **Jardim de asfalto: água, meio ambiente, canalização e as políticas públicas de saneamento básico em Belo Horizonte, 1948-1973**. 2013. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9Z5LHV/1/mestrado_yuri_mesquita.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

MGTV. In: MEMÓRIA GLOBO. **MGTV**. 2021. Disponível em: <memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/mgtv/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MINAS GERAIS. Governo do Estado. **Comissão da Verdade em Minas Gerais [recurso eletrônico]: Relatório** / Governo do Estado. Belo Horizonte: COVEMG, 2017. Disponível em: <comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/2736>. Acesso em: 12 jan. 2018.

MINAS GERAIS. Governo do Estado. **Comissão da Verdade em Minas Gerais [recurso eletrônico]: Relatório** / Governo do Estado. Belo Horizonte: COVEMG, 2017. v. 1. 341 p. Disponível em: <comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/2736>. Acesso em: 12 jan. 2018.

MINAS GERAIS. Governo do Estado. **Comissão da Verdade em Minas Gerais [recurso eletrônico]: Relatório** / Governo do Estado. Belo Horizonte: COVEMG, 2017. v. 3. 276 p. Disponível em: <comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/2736>. Acesso em: 12 jan. 2018.

MINAS GERAIS. Governo do Estado. **Comissão da Verdade em Minas Gerais [recurso eletrônico]: Relatório** / Governo do Estado. Belo Horizonte: COVEMG, 2017. v. 4. 336 p. Disponível em: <comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/2736>. Acesso em: 12 jan. 2018.

MINAS ressalta o esforço para humanizar o desenvolvimento. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º abr. 1975, p. 7.

MONIZ Bandeira: A teoria e a práxis se realimentam mutuamente e se corrigem - Entrevista. In: **CULT**. Moniz Bandeira: A teoria e a práxis se realimentam mutuamente e se corrigem - Entrevista. Disponível em: <revistacult.uol.com.br/home/entrevista-moniz-bandeira/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MONTEIRO, Euler Bentes – Verbete. In: CPDOC FGV. **Monteiro, Euler Bentes – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/monteiro-euler-bentes>. Acesso em: 30 jun. 2020.

MONTORO, Franco – Verbete. In: CPDOC FGV. **Montoro, Franco – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/andre-franco-montoro>. Acesso em: 24 jun. 2020.

MORAES, Thiago. Como fazer o espelho de um telejornal. In: **Casa dos Focas**. 18 jan. 2016. Disponível em: <casadosfocas.com.br/como-fazer-o-espelho-de-um-telejornal/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena et al. (Org.). **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. São Paulo: Alameda, 2007. p. 39-64.

MORICI, Carlos. **Yves: a tirania do bem**. São Paulo: Globo, 2006. 205 p.

MORRE AOS 69 anos o jornalista Fernando Vannucci. In: GE. **Morre aos 69 anos o jornalista Fernando Vannucci**. 24 nov. 2020. Disponível em: <globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/morre-aos-69-anos-o-jornalista-fernando-vannucci.ghtml>. Acesso em: 25 jun. 2021.

MORRE Eduardo Cisalpino, reitor da gestão 1974-1978. In: UFMG. **Morre Eduardo Cisalpino, reitor da gestão 1974-1978**. 23 dez. 2017. Disponível em: <ufmg.br/comunicacao/noticias/morre-o-ex-reitor-eduardo-cisalpino>. Acesso em: 06 nov. 2019.

MORRE EX-presidente da Assembleia João Ferraz. In: ALMG. **Morre ex-presidente da Assembleia João Ferraz**. 27 out. 2010. Disponível em: <www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2010/10/Not_813241.html>. Acesso em: 01 dez. 2020.

MORRE O EX-deputado Marcelo Caetano de Melo. **Estado de Minas**. 02 jun. 2015. Disponível em: <em.com.br/app/noticia/politica/2015/06/02/interna_politica,654101/morre-o-ex-deputado-marcelo-caetano-de-melo.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MOTA, Thaís. BH foi a capital dos atentados terroristas durante a ditadura e a redemocratização. In: **Minas Livre** - Liberdade e Informação. Belo Horizonte. 2014. Disponível em: <minaslivre.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=1264#.V5MumfkrKUk>. Acesso em: 20 jul. 2016.

MOTTA, Marly. **Pacote de Abril**. In: CPDOC FGV. 2020. Disponível em: <cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/PacoteAbril>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A Ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa (1964-69). **Topoi** (Rio de Janeiro), v. 14, p. 62-85, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v14n26/1518-3319-topoi-14-26-00062>. Acesso em: 20 dez. 2020.

_____. **As universidades e o regime militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOVIMENTO pela Anistia se reúne. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 22 out. 1977. p. 7.

MOVIMENTOS de Bairro. In: MEMÓRIAS da Ditadura. **Movimentos de Bairro**. Disponível em: <memoriasdaditadura.org.br/movimentos-de-bairro/>. Acesso em: 18 abr. 2021.

MULHERES abrem luta pela anistia. In: MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **Mulheres abrem luta pela anistia**. 2015-2017. Disponível em: <memorialdademocracia.com.br/card/mulheres-abrem-luta-pela-anistia>. Acesso em: 30 nov. 2018.

MULLER, Angélica. **A resistência do movimento estudantil brasileiro contra o regime ditatorial e o retorno da UNE à cena pública (1969-1979)**. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e Centre d'Histoire Sociale du XXème Siècle de l'Université de Paris 1 - Panthéon Sorbonne. São Paulo, Paris, 2010. Disponível em: <teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06102010-161921/en.php>. Acesso em: 17 jan. 2021.

_____. "Você me prende vivo, eu escapo morto": a comemoração da morte de estudantes na resistência contra o regime militar. **Revista Brasileira de História** (Online), v. 31, p. 167-184, 2011. Disponível em: <doi.org/10.1590/S0102-01882011000100009>. Acesso em: 14 jan. 2021.

MUSEU da Imagem e do Som revive a história da TV Itacolomi em nova exposição. In: PBH. **Museu da Imagem e do Som revive a história da TV Itacolomi em nova exposição**. 04 dez. 2018. Disponível em: <prefeitura.pbh.gov.br/noticias/museu-da-imagem-e-do-som-revive-historia-da-tv-itacolomi-em-nova-exposicao>. Acesso em: 21 jan. 2020.

NA MADRUGADA, bombas explodem na Igreja e na casa do advogado. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 14 set. 1978. p.7.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. 365 p.

_____. O golpe de Estado (1964) no Brasil visto por um cinejornal soviético. **Fotocinema. Revista Científica de Cine y Fotografía**, n. 20, p. 29-54, 29 jan. 2020. Disponível em: <doi.org/10.24310/Fotocinema.2020.v0i20.7590>. Acesso em: 19 jan. 2021.

_____. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). **Estudos Ibero-Americanos**, v. 43, n. 2, p. 346-366, 5 jun. 2017. Disponível em: <doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.24766>. Acesso em: 18 abr. 2021.

NO ALMOÇO no Sesc, listas de reivindicações. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 3.

NOSSA História. In: Sind-UTE/MG. **Nossa História**. [2015. Disponível em: <sindutemg.org.br/institucional/nossa-historia/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

NOTA de falecimento: Iramaya Benjamin, do Comitê da Anistia. In: OAB - Rio de Janeiro. **Nota de falecimento: Iramaya Benjamin, do Comitê da Anistia**. 20 jun. 2012. Disponível em: <oab-rj.jusbrasil.com.br/noticias/3156537/nota-de-falecimento-iramaya-benjamin-do-comite-da-anistia>. Acesso em: 30 set. 2018.

OLIVEIRA, Ana Maria Rodrigues de. **Helena Greco, eu te batizo: anistia**. Belo Horizonte: [s. n.], c1983. 67 p.

OLIVEIRA, Guilherme. Há 40 anos, Lei Falcão reduzia campanha eleitoral na TV a 'lista de chamada'. **Agência Senado**. 30 set. 2016. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/09/30/ha-40-anos-lei-falcao-reduzia-campanha-eleitoral-na-tv-a-lista-de-chamada>. Acesso em: 28 jun. 2018.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. Movimento dos “trabalhadores favelados” e o Morro do Querosene: uma análise do trabalho de narrativa de Vicente Gonçalves sobre as décadas de 1950 e 1960. In: **Revista Mosaico**, v. 5, nº 8, 2014, p. 26-45. Disponível em: bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/download/62829/61946. Acesso em: 07 fev. 2019.

ORDEM do Dia Alusiva ao 31 de Março de 1964. In: MINISTÉRIO da Defesa. **Ordem do Dia Alusiva ao 31 de Março de 1964**. 30 mar. 2020. Disponível em: <www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/ultimas-noticias/ordem-do-dia-alusiva-ao-31-de-marco-de-1965>. Acesso em: 02 dez. 2020.

OS ANISTIADOS já estão livres. In: **Banco de Dados Folha**. Os anistiados já estão livres. 31 ago. 1979. Disponível em: <almanaque.folha.uol.com.br/brasil_31ago1979.htm>. Acesso em: 20 jan. 2020.

PACHECO, Rondon – Verbete. In: CPDOC FGV. **Pacheco, Rondon – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pacheco-rondon>. Acesso em: 29 jun. 2020.

PAGANINE, Joseana. Há 40 anos, ditadura impunha Pacote de Abril e adiava abertura política. In: **Agência Senado**. 31 mar. 2017. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/03/31/ha-40-anos-ditadura-impunha-pacote-de-abril-e-adiava-abertura-politica>. Acesso em: 30 abr. 2021.

PALMAR, Aluizio. Lista dos 377 agentes do estado apontados como responsáveis por crimes durante a ditadura militar. In: **PLURAL**. 30 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.plural.jor.br/documentosrevelados/geral/lista-dos-377-agentes-do-estado-apontados-como-responsaveis-por-crimes-durante-a-ditadura-militar/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

PATRIARCA queria ser presidente. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 mar. 1996. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/07/brasil/18.html>. Acesso em: 30 abr. 2021.

PAULA, Adriana das Graças de. Pensar a democracia: o Movimento Feminino pela Anistia, as Mães da Praça de Maio e os intelectuais. In: XI Encontro Internacional da ANPHLAC, 2014, Niterói. **Anais**. Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Adriana%20de%20Paula.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2018.

PAULO Barcala. In: LINKEDIN. **Paulo Barcala**. 2020. Disponível em: <br.linkedin.com/in/paulo-barcala-2993baa>. Acesso em: 21 jan. 2020.

PEREIRA, Francelino – Verbete. In: CPDOC FGV. **Pereira, Francelino – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francelino-pereira-dos-santos>. Acesso em: 29 jun. 2020.

PETRÓ, Cleber Monticelli. **O exílio, os exilados e banidos nos debates sobre a anistia de 1979, a partir do jornal Folha de São Paulo**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170387/001052655.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 nov. 2020.

PIMENTEL, Guilherme Costa. Cultura política comunista em Montes Claros - reflexões e apontamentos. In: **Temporalidades** – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 24, v. 9, n. 2, p. 32-48, mai./ago. 2017. Disponível em: <periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5762/pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

POLÍCIA acaba com manifestação em BH. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 06 jan. 1979. p.7.

POLÍCIA FEDERAL explica as prisões de Nelson e Fatinha. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 mar. 1979, p. 07.

POLICIAIS impediram reunião estudantil. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 05 jun. 1977. Capa, p. 1.

PRESIDENTE Geisel abre a II Olimpíada Global. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 mai. 1977, p. 23.

PRESIDENTE inaugura sistema do rio das Velhas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 ago. 1973, p. 3.

PRIETO, Arnaldo – Verbete. In: CPDOC FGV. **Prieto, Arnaldo – Verbete**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/arnaldo-da-costa-prieto>. Acesso em: 29 jun. 2020.

PROFESSORES garantem que não influem na ação de estudantes. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 30 mai. 1980, p. 8.

PROJETO MEMÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004. 406 p.

REFERÊNCIA na ciência política, Moniz Bandeira morre aos 81 anos. In: **CARTA CAPITAL**. Referência na ciência política, Moniz Bandeira morre aos 81 anos. 10 nov. 2017. Disponível em: <cartacapital.com.br/politica/morre-aos-83-anos-o-cientista-politico-moniz-bandeira/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

REIS, Palhares Moreira. Eleições diretas e indiretas no Brasil. In: **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, a. 34, n. 136, p. 115-130, out./dez. 1997. Disponível em: <www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/298/r136-11.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso em: 04 dez. 2020.

REITOR critica a violência policial. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 10 ago. 1978, p. 24.

RELATÓRIO da Comissão de Propaganda e Divulgação do Movimento Feminino pela Anistia (RJ). In: DOCUMENTOS Brasil Nunca Mais. **Relatório da Comissão de Propaganda e Divulgação do Movimento Feminino pela Anistia (RJ)**. [1979. Disponível em: <docvirt.com/docreader.net/docbnm/82229>. Acesso em: 30 nov. 2018.

RESGATE do Acervo Audiovisual Jornalístico da TV Tupi. In: CINEMATECA BRASILEIRA. **Resgate do Acervo Audiovisual Jornalístico da TV Tupi**. Disponível em: <bases.cinemateca.gov.br/local/file/tupi.html>. Acesso em: 11 abr. 2021.

REZENDE, Maria José de. A lógica autoritária do regime militar e os cálculos para controlar a democratização: a análise do jurista Raymundo Faoro sobre o processo político brasileiro. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 5, p. 167-192, jul. 2011. Disponível em: <scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 mai. 2021.

RUTH(a) Escobar (Personalidades). In: MEMÓRIAS da Ditadura. **Ruth Escobar (Personalidades)**. Disponível em: <memoriasdaditadura.org.br/personalidades/ruth-escobar/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

RUTH(b) Escobar (Ex-Parlamentar) - Biografia. In: ALSP. **Ruth Escobar (Ex-Parlamentar) - Biografia**. Disponível em: <al.sp.gov.br/deputado/?matricula=300147>. Acesso em: 18 nov. 2020.

SACRAMENTO, Igor Pinto. **Depois da revolução, a televisão** - Cineastas de esquerda no jornalismo televisivo dos anos 1970. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de

Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?dissertacao=9>. Acesso em: 16 mai. 2021.

SALLES, José Bento Teixeira de. **Oswaldo Pierucetti**: vocação para servir. [Araguari]: [Instituto Oswaldo Pierucetti], [2011?]. 198 p. Disponível em: <[dspace.almg.gov.br/handle/11037/4766](https://space.almg.gov.br/handle/11037/4766)>. Acesso em: 29 jun. 2020.

SAMIRA Zaidan - Currículo Lattes. In: LATTES CNPQ. **Samira Zaidan - Currículo Lattes**. 2020. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7583757578863205>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SANDHI Maria Barreto. In: ESCAVADOR. **Sandhi Maria Barreto**. 2019. Disponível em: <escavador.com/sobre/5322414/sandhi-maria-barreto>. Acesso: 10 dez. 2019.

SECRETÁRIO não aceita pressão de estudantes. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 28 mai. 1980, p. 7.

SEGUNDO ATAQUE a semanário em vinte dias. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19 ago. 1978, p.11.

SEGUNDO ATENTADO ao jornal Em Tempo. In: COVEMG. **Segundo atentado ao jornal Em Tempo**. Disponível em: <comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/1016>. Acesso em: 01 dez. 2018.

SEM PROBLEMAS, o ato público contra terror. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 25 ago. 1978, p. 5.

SETE bombas explodiram as urnas dos estudantes. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 02 set. 1978, p. 6.

SILVA, Camila Gonçalves. Contra o ‘inimigo interno’ a favor do Governo Militar: Imprensa e Censura em Montes Claros/MG (1964-1985). In: **Em Tempo de Histórias** - Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília PPG-HIS, Brasília, n°. 18, p. 79-99, jan./jul. 2011. ISSN 1517-1108. Disponível em: <periodicos.unb.br/index.php/emtempo/article/view/19891>. Acesso em: 19 jan. 2019.

SILVA, COSTA E – VERBETE. In: CPDOC FGV. **Silva, Costa e – Verbetes**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/artur-da-costa-e-silva>. Acesso em: 02 dez. 2020.

SILVA, Eumano. Exclusivo: em nove anos, o Brasil teve 263 atentados. Veja lista. In: **Metrópoles**. 06 jan. 2020. Disponível em: <metropoles.com/brasil/politica-brasil/exclusivo-em-nove-anos-brasil-teve-263-atentados-veja-lista>. Acesso em: 18 nov. 2020.

SILVA, GOLBERI DO COUTO E - VERBETE. In: CPDOC FGV. **Silva, Golberi do Couto e – Verbetes**. 2009. Disponível em: <fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/silva-golberi-do-couto-e>. Acesso em: 15 mai. 2021.

SOUZA, Mayara Paiva de. O que não devia ser esquecido: a anistia no período de redemocratização do Brasil (1945-46). In: II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação

em História UFG/UCG, 2009, Goiânia. **Anais.** Disponível em: <pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_MayaraPaiv.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2018.

SUMÁRIO DO BNM 117. In: BRASIL: Nunca Mais digital. **Sumário do BNM 117.** 2014 - 2018. Disponível em: <bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/200/117.html>. Acesso em: 13 dez. 2018.

SUMÁRIO DO BNM 626. In: BRASIL: Nunca Mais digital. **Sumário do BNM 626.** 2014 - 2018. Disponível em: <bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/700/626.html>. Acesso em: 13 dez. 2018.

TERCEIRO atentado ao jornal Em Tempo. In: COVEMG. **Terceiro atentado ao jornal Em Tempo.** Disponível em: <comissaodaverdade.mg.gov.br/handle/123456789/1027>. Acesso em: 01 dez. 2018.

THEREZINHA Zerbini. In: MEMÓRIAS da Ditadura. **Therezinha Zerbini.** Disponível em: <memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/therezinha-zerbini/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

TILBURG, João Luís van. Fabricação de cenas em telenovelas. In: **ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 30, p. 133-144, jan./jun. 2015. Disponível em: <revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu%2030%20pp%20133%20a%20144.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

UMA INICIATIVA histórica. In: BRASIL: Nunca Mais digital. **Uma iniciativa histórica.** 2016. Disponível em: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/>. Acesso em: 30 set. 2018.

UNIVERSITÁRIOS votam hoje na nova diretoria. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 1º set. 1978, p. 10.

UTE quer projeto com emenda de anistia. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 jun. 1980, p. 5.

VARGAS, Mariluci Cardoso de. O Movimento Feminino pela Anistia como partida para a redemocratização brasileira. In: IX Encontro Estadual de História. Associação Nacional de História. Seção Rio Grande do Sul - ANPUH-RS, 2008, Porto Alegre. **Anais.** Disponível em: <eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212369464_ARQUIVO_trabalhocompletoanpuh.pdf >. Acesso em: 30 nov. 2018.

VICE-PRESIDENTE da Associação Mineira de Psiquiatria recebe título de cidadão honorário de Belo Horizonte. In: ASSOCIAÇÃO Mineira de Psiquiatria. **Vice-Presidente da Associação Mineira de Psiquiatria recebe título de cidadão honorário de Belo Horizonte.** 12 mar. 2018. Disponível em: <ampmg.org.br/comunicacao/noticias/vice-presidente-da-associação-mineira-de-psiquiatria-recebe-titulo-de-cidadao-honorario-de-belo-horizonte>. Acesso em: 15 dez. 2018.

WESTIN, Ricardo. Há 40 anos, Lei da Anistia preparou caminho para fim da ditadura. **Agência Senado.** 05 ago. 2019. Disponível em:

<www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-40-anos-lei-de-anistia-preparou-caminho-para-fim-da-ditadura>. Acesso em: 17 nov. 2020.

Z AidAN, Samira. A luta continua! **Boletim UFMG**, Belo Horizonte, ano 30, nº 1431, 25 mar. 2004. Disponível em: <ufmg.br/boletim/bol1431/segunda.shtml>. Acesso em: 06 nov. 2019.

ANEXO A - Filmes do Fundo Globo Minas utilizados na pesquisa
(relacionados por capítulo e em ordem de aparição)

Capítulo 1. Os rituais do poder na capital mineira

"Aniversário da Revolução" (JH), de 31 de março de 1975 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 5 min 06 s.

"Aniversário da Revolução" (JN), de 31 de março de 1976 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 3 min 41 s.

"Presidente Médici inaugura Plano Nacional de Água Potável em BH" (título atribuído), de 21 de agosto de 1973 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som óptico de área variável (AV), 9 min 58 s.

"Geisel" (JN), de 17 de fevereiro de 1976 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 4 min 43 s.

"Aureliano convoca povo para visita de Geisel" (JN), de 13 de fevereiro de 1976 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 3 min 33 s.

"Luiz Verano e Geisel" (JN), de 17 de fevereiro de 1976 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 2 min.

"Dia do Trabalho - 77 - Chegada de Geisel - Aeroporto" (NE), de 02 de maio de 1977 - rolo de película 16mm, positivo, colorido, som magnético, 11 min 28 s.

"Geisel - Dia do Trabalho 1977" (NE), de 02 de maio de 1977 - rolo de película 16mm, positivo, colorido, som magnético, 11 min 28 s.

"Dia do trabalho 77 - Embarque presidente Geisel - Avião" (NE), de 02 de maio de 1977 - rolo de película 16mm, positivo, colorido, som magnético, 1 min 51 s.

"João Batista [sic] de Figueiredo - Chegada e faixas Convenção" (JN), de 20 de julho de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 5 min 11 s.

"João Batista de Figueiredo - Visita Ozanan [sic]" (JN), de 20 de julho de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 4 min 02 s.

"Comitiva de Figueiredo - Imagens" (NE), de 21 de abril de 1980 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético³⁴⁵, 2 min 07 s.

Capítulo 2. Movimentos pela Anistia em Belo Horizonte: Ações e Reações

"Exposição Presos Políticos" (JN), de 22 de outubro de 1977 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 5 min 06 s.

³⁴⁵ Mesmo nos rolos em que não há som gravado, a pista de som magnético está presente.

"Movimento Anistia – Entrevista" (NE), de 31 de janeiro de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 3 min 22 s.

"Anistia de 45 – Reunião e bomba" (JH), de 19 de abril de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 5 min 11 s.

"Movimento feminino anistia – Desmentido" (JH), de 12 de maio de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 5 min 12 s.

"Maria Greco – Helena", de 16 de junho de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 1 min 41 s.

"Polícia – Bomba no Carlos Prates" (JN), de 13 de setembro de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 3 min 48 s.

"Movimento Feminista pela Anistia – Assembleia" (JH), de 27 de outubro de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 3 min.

"Movimento feminino pela anistia – Avenida Afonso Pena – Pancadaria" (NE), de 05 de janeiro de 1979 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 1 min 46 s.

"Movimento brasileiro p/ anistia" (NE), de 05 de janeiro de 1979 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 1 min 16 s.

"Helena Greco – Prisões Estudantes" (JN), 15 de março de 1979 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 2 min 22 s.

"Anistia – Debate Faculdade de Direito" (JH), de 23 de março de 1979 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 5 min 50 s.

"Teatro – Revista do Henfil – Homenagem Mov. Fem. Anistia" (JH), de 02 de abril de 1979 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 2 min 11 s.

"Exilados Mineiros – Retorno" (JS), de 04 de abril de 1979 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 5 min 57 s.

"Movimento feminino pela anistia – Ato público com ex presos políticos" (JH), de 19 de abril de 1979 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 8 min 18 s.

"Movimento Fem. p/ Anistia – Torturas médico" (JH), de 28 de abril de 1979 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 7 min 22 s.

"Jean Paul – Torturador Absolvido" (JS), de 23 de agosto de 1980 - rolo de película 16mm, positivo, colorido, som magnético, 50 s.

"Jornal Em Tempo Bombardeado" (JN), de 18 de agosto de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 4 min 12 s.

"Jornal Em Tempo - Manifestação na Câmara" (JE), de 24 de agosto de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 9 min 17 s.

"Bancas de jornal sofrem atentados" (título atribuído), "Incêndio banca de revista. Atentado de direita" (JS) (título original), de 16 de julho de 1980 - rolo de película 16mm, positivo, colorido, som magnético, 6 min 47 s.

"Atentado a banca de revistas - Comissão" (JH), de 25 de julho de 1980 - rolo de película 16mm, positivo, colorido, som magnético, 5 min 07 s.

"Apreensão de Jornais da Esquerda" (título atribuído), "Polícia - Repressão à imprensa alternativa" (título original), de 04 de agosto de 1980 - rolo de película 16mm, positivo, colorido, som magnético, 4 min 25 s.

"Povo contra a Ditadura" (título atribuído), "Ato público contra o terror" (JG) (título original), de 29 de agosto de 1980 - rolo de película 16mm, positivo, colorido, som magnético, 2 min 44 s.

Capítulo 3. O movimento estudantil e o autoritarismo do regime militar pela ótica da Globo Minas

"Bomba no DCE UFMG" (JH), de 1º de novembro de 1975 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 4 min 18 s.

"DCE - Bomba explode" (NE), de 19 de abril de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 2 min 16 s.

"Bomba explode no D.A - Federal" (JN), de 1º de setembro de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 1 min 50 s.

"Estudante engenharia preso" (JN), de 09 de agosto de 1978 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 3 min 53 s.

"UFMG - Prisão de Estudantes " (JH), de 16 de março de 1979 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 6 min 20 s.

"DOPS - Políticos visitam presos políticos" (JN), de 23 de março de 1979 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 4 min 30 s.

"Militante do PMDB-UMES é preso pelo DOPS" (título atribuído), "Polícia – Estudante sequestrado" (título original), de 31 de outubro de 1980 - rolo de película 16mm, positivo, colorido, som magnético, 3 min 06 s.

"Colégio Estadual Central - Greve Anistia" (JS), de 27 de maio de 1980 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 6 min 37 s.

"Colégio Estadual Central - Passeata" (JH), de 31 de maio de 1980 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 2 min 58 s.

"Colégio Estadual Central - Passeata alunos" (JH), de 04 de junho de 1980 - rolo de película 16mm, negativo, preto e branco, som magnético, 51 s.

ANEXO B - Entrevistas realizadas durante o desenvolvimento da tese

Funcionários da TV Globo Minas nas décadas de 1970 e 1980

Cláudio Ramos – funcionário do *Arquivo e Pesquisa* da Globo Minas de 1977 a 1996 (ver biografia p. 15). Entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 26 de fevereiro de 2019 (entrevista presencial gravada em áudio e vídeo).

Eduardo Simbalista – editor regional de jornalismo da Globo Minas de maio de 1978 a janeiro de 1981 (ver biografia p. 32). Entrevista realizada por Marcella Furtado e recebida por e-mail nos dias 05 e 06 de fevereiro de 2019.

Vilma Fazito – repórter da TV Globo Minas de 1977 a 1986 (ver biografia p. 13). Entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 05 de outubro de 2018 (entrevista presencial gravada em áudio).

Pessoas ligadas aos movimentos pela anistia

Betinho Duarte – presidente do Comitê Brasileiro Pela Anistia/Seção MG e diretor da sucursal mineira do jornal **Em Tempo** (ver biografia p. 130). Entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 11 de dezembro de 2018 (entrevista presencial gravada em áudio e vídeo).

Magda Neves – integrante do Movimento Feminino pela Anistia em Minas Gerais (ver biografia p. 129). Entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 12 de fevereiro de 2019 (entrevista presencial gravada em áudio e vídeo).

Pessoas ligadas ao movimento estudantil em BH nas décadas de 1970 e 1980

Eduardo da Motta e Albuquerque – membro da diretoria colegiada do DCE-UFMG (1978-1979) (ver biografia p. 174). Entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 23 de dezembro de 2020 (entrevista via Google Meet, gravada em áudio e vídeo).

Eduardo Palhares – atuante no movimento estudantil secundarista em BH no final da década de 1970 e primeira metade da década de 1980 (ver biografia p. 276). Entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 18 de março de 2021 (entrevista via Google Meet, gravada em áudio e vídeo).

Samira Zaidan – presidente do DCE UFMG na gestão 1975-1976 (ver biografia p. 236). Entrevista realizada por Marcella Furtado no dia 22 de dezembro de 2020 (entrevista via Google Meet, gravada em áudio e vídeo).

ANEXO C - Informações localizadas na base digital de fichas Globo sobre telerreportagens com o tema 'aniversário da revolução'

Título	Data	Sinopse
Neto, Antonio Cúrcio	28/03/1969	O coronel Antônio Cúrcio Neto, do Estado Maior da I.D. 4 - fala sobre as comemorações, do quinto aniversário da Revolução.
Tavares, Aurélio Lyra	02/04/1969	Cenas da homenagem das Forças Armadas, ao Presidente da República, Marechal Arthur da Costa e Silva, pelo transcurso do quinto aniversário da revolução. Cenas de solenidade no Clube de Forças Armadas em Brasília: 1ª - Chegada do Presidente da República. 2ª - Fala do ministro do Exército, general Aurélio Lyra Tavares. 3ª - Personalidades presentes. 4ª - Diversos aspectos da homenagem.
Revolução. Aniversário.	31/03/1971	Cenas mostrando cerimônias de hasteamento da bandeira Nacional, e entrega de bandeiras pela guarda governamental por ocasião do 7º aniversário da revolução.
Revolução Missa	31/03/1971	Cenas mostrando missa realizada por ocasião do 7º aniversário da revolução.
Inps Convenio	31/03/1971	Cenas mostrando o encontro programado pela superintendência regional do Inps, para comemorar o 7º aniversário da revolução, por ocasião da assinatura de convênios com sindicatos mineiros.
FAEMG ³⁴⁶	23/03/1972	Cenas mostrando aspectos de reunião comemorativa ao aniversário da Revolução 31 de Março, aparecendo vários oradores, na sede da Faemg.
Selos	24/03/1972	Cenas mostrando aspectos dos selos comemorativos da revolução de 64, que são retratos dos presidentes Médice [sic], Costa e Silva e Castelo Branco.
Ferreira, Celso Sergio	22/02/1973	Cenas mostrando aspectos do coronel Celso Sergio Ferreira, presidindo reunião sobre os preparativos das festividades para aniversário da revolução.
Pacheco, Rondon	30/03/1973	Cenas mostrando aspectos do governador Rondon Pacheco, presidindo solenidades de aniversário da revolução, no quartel do 12 R.I.
Neto, Luiz Nunes	31/03/1973	Cenas mostrando aspectos do coronel Luiz Nunes Neto, recebendo homenagens especiais por ocasião do aniversário da revolução no Betran ³⁴⁷ .
Dez anos de revolução. 12 -RI.	29/03/1974	Cenas mostrando aspectos da comemoração dos 10 anos da Revolução de 31 de Março, no Quartel do 12 - RI, em BH.
Revolução 31 de Março	31/03/1974	Cenas mostrando aspectos de solenidades comemorativas ao aniversário da Revolução de 31 de Março, na Praça da Liberdade.
Revolução. 14º aniversário. JN	31/03/1978	Cenas das comemorações do aniversário da revolução e entrevista com o governador Aureliano Chaves.

Fonte: CRAV - Cadastro de Fichas.

³⁴⁶ Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais.

³⁴⁷ Batalhão de Trânsito.